

**NOVAS ABORDAGENS EM
LINGUÍSTICA CONTRASTIVA.
DA TEORIA À APLICAÇÃO**

FICHA TÉCNICA

RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro – Letras

N.º 11 (II. série) 2022

Revista Anual

Sítio na www: <https://proa.ua.pt/index.php/rual>

Logótipo da RUA-L: Ana Salomé Santos

DIREÇÃO

Ana Maria Pinhão Ramalheira (Diretora)

Reinaldo Silva Nuno Rosmaninho

CONSELHO CIENTÍFICO / ARBITRAGEM

Abdelilah Suisse	Ana Belén Cao Míguez
Ana M. M. Santos	Ana Margarida Ramos
Ana Maria Ramalheira	Ana Rita de Sousa Aguiar Carrilho
André Graça	Aníbal Bragança
Anthony Barker	António Barreira Moreno
António Manuel Andrade	António Manuel Ferreira
Camilo Cavalcante	Carlos Morais
Cláudia Sousa Pereira	David Callahan
David Damrosch	Eugénio Lisboa
Filipe Martins	Flamarion Maués
Francisco José Fidalgo Enriquez	George Monteiro
Gillian Owen Moreira	Henrique Pereira
Isabel Cristina Rodrigues	João da Costa Domingues
João de Mancelos	João Luís Lisboa
João Manuel Torrão	Jóao Paulo Martins Silvestre
José Bértolo	José Duarte
José Ignacio Vázquez Diéguez	Katrin Herget
Luís Machado de Abreu	Maria Aline Salgueiro Ferreira
Maria Cristina Carrington	Maria Eugénia Pereira
Maria Fernanda Brasete	María José Corvo Sánchez
María Luisa Aznar Juan	Maria Manuel Baptista
Maria Manuela Gouveia Delille	Maria Manuela Tavares Ribeiro
Maria Teresa Cortez	Maria Teresa Roberto
Noemí Pérez Pérez	Nuno Rosmaninho
Onésimo Teotónio Pereira	Otilia Pires Martins
Paulo Alexandre Pereira	Ran Mai
Reinaldo Silva	Rolf Kemmler
Rosa Lúcia Coimbra	Sérgio Branco
Telmo Verdelho	Teresa Alegre
Wang Suoying	

CAPA

Design: Lusoimpress

EDIÇÃO | ADMINISTRAÇÃO | CONTACTOS

UA Editora – Universidade de Aveiro

Departamento de Línguas e Culturas (DLC)

Campus Universitário de Santiago – 3810-193 Aveiro

Telef.: (+351) 234 370 358 | Fax: (+351) 234 370 940

E-mail: dlc-rual@ua.pt – amram@ua.pt

PAGINAÇÃO Pedro Bandeira

IMPRESSÃO Lusoimpress – Artes Gráficas, S.A.

TIRAGEM 50 Exemplares

DEPÓSITO LEGAL 85031/94

ISSN 0870-1547 | **E-ISSN** 2183-4695

A RUA-L adota a licença Creative Commons BY 4.0.

A RUA-L está indexada no RCAAP e no OpenAIRE e está em processo de indexação nas seguintes bases de dados:

DOAJ, ERIHPLUS, LatIndex, SCOPUS, SHERPA/RoMEO e Web of Science

Aceitam-se permutas | Exchanges are accepted

RUA-L
Revista da Universidade de Aveiro – Letras
N.º 11 (II. série) 2022

NOVAS ABORDAGENS EM LINGUÍSTICA CONTRASTIVA. DA TEORIA À APLICAÇÃO

Coordenação de
Francisco José Fidalgo Enríquez

Departamento de Línguas e Culturas
Aveiro
2022

NOTAS DA DIREÇÃO:

1. Foi deixado ao critério dos autores a adoção, ou não, do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.
2. A rubrica «Departamento de Línguas e Culturas: Provas Académicas e Atividades Culturais» foi coordenada pela diretora da revista.

Índice

- 9 Introdução: Novas abordagens em Linguística Contrastiva. Da teoria à aplicação

Artigos

- 15 El futuro de subjuntivo en las oraciones condicionales introducidas por *si*: un área de dificultad para lusófonos aprendientes de ELE, JOAN RODRÍGUEZ SAPIÑA
- 35 Percepciones sobre la primera ola de la pandemia de COVID-19 en Portugal y España. Una aproximación al léxico disponible de universitarios portugueses, MIRTA FERNÁNDEZ DOS SANTOS
- 61 Análise contrastiva das expressões binominais em *corpora* anotados portugueses e franceses, FERNANDO MARTINHO
- 87 A atribuição de valores de género nominal em produções orais de aprendentes tardios de português como língua não materna, TÂNIA SANTOS FERREIRA
- 107 Análisis de interlengua de los marcadores discursivos empleados por aprendientes angloparlantes de Español como lengua extranjera, GLORIA TOLEDO VEGA, FRANCISCO QUILODRÁN PEREDO E EDSON PIZARRO VELÁSQUEZ
- 127 Os Riscos e as Ações na Pandemia de Covid-19: Uma Análise Contrastiva das notícias Portuguesas e Chinesas sob a Análise dos *Frames*, SI CHEN
- 145 Creencias de los estudiantes portugueses de español sobre la pronunciación y su aprendizaje, MARÍA LUISA AZNAR JUAN
- 165 Análise de atenuadores discursivos em artigos científicos da área médica – um estudo contrastivo alemão-português, KATRIN HERGET E TERESA ALEGRE

Recensões / Textos de Apresentação

- 195 Andrei Platônov (2021), *Tchevengur*
201 Maria Estela Guedes, *Conversas com Federico García Lorca*
207 Edmar Monteiro Filho (2012), *O acorde insensível de Deus*
211 Silas Corrêa Leite (2021), *A Coisa: muito além do coração selvagem da vida*
215 Adelto Gonçalves (2021), *Bocage, o perfil perdido*
219 Whisner Fraga (2022), *Usufruto de demônios*

Apontamentos Literários

- 225 Réplica Itinerante, ANA M. M. SANTOS
231 O príncipe mais que perfeito | Contos de mal dizer: o cão, ISABEL CRISTINA PIRES
241 A rapariga que lia para os mortos, JOÃO DE MANELOS
247 Amor | Destino | Vida | Solidão | Saudade | Tristeza | Fome, LUÍS AGUIAR
251 Movimentos sufocados | Março esparso | Raízes traídas, MARIA FRATERNA
255 Brev(E)idade | Namib | Redesenhar o verso | As mãos de quem ama | Não sou afluente desse rio | Também morri no Cunene, REGINA CORREIA

Departamento de Línguas e Culturas: Provas Académicas e Atividades Culturais | 2022

- 263 Provas académicas
269 Congressos, Colóquios e Ciclos de Conferências
273 Conferências, Aulas Abertas, Reuniões Científicas, *Workshops*, Simpósios, Seminários, Palestras, Jornadas, Exposições, Ações de formação, Apresentações de livros e Sessões de divulgação

Introdução

Novas abordagens em Linguística Contrastiva. Da teoria à aplicação

A Linguística Contrastiva recebe este nome na década de 1940, embora a sua génese possa ser associada aos estudos comparatistas do século XIX. Estes anos são de vital importância porque foi aí que a Linguística Contrastiva (LC) ganhou aceitação como método de análise empírica útil para o ensino de línguas, ligado primigenamente a teorias linguísticas estruturalistas. Esta primeira formulação focava-se nomeadamente na elaboração de descrições detalhadas de um aspeto gramatical específico em duas línguas distintas, com base em obras gramaticais de referência, a fim de as comparar e deduzir as conclusões adequadas.

Os trabalhos de Fries (1945), *Teaching and learning English as a foreign language*, e de Lado (1957), *Linguistics across cultures*, são considerados os pilares fundacionais da Linguística Contrastiva, também conhecida, inicialmente, como Análise Contrastiva (AC) devido à sua filiação didática. Esta primeira conceção teórica defendia como elementos capitais da sua análise: a predição de erros resultantes do contraste linguístico, o estudo da transferência linguística e a supressão das interferências linguísticas.

Esta primária conceção (hipótese forte) foi progressivamente abandonada devido à sua falta de fiabilidade científica e foi substituída por outras hipóteses (injustamente chamadas “fracas” devido a uma tradução inadequada) que evitam o apriorismo científico quanto ao erro e estudam a transferência linguística sem juízos linguísticos preestabelecidos sobre a transferência positiva e negativa.

Em virtude desta reformulação exegética da Linguística Contrastiva podemos falar de duas conceções gerais: A Linguística Contrastiva Teórica, ligada aos pressupostos da Linguística Comparativa na medida em que procura indagar sobre a realização de uma determinada categoria universal numa ou varias línguas, e a Linguística Contrastiva Aplicada, que partilha com a teórica a procura da realização de determinadas categorias universais em diferentes línguas, mas acrescenta ainda a necessidade de identificação de áreas de dificuldade interlinguística para serem aplicadas a diferentes disciplinas linguísticas como o Ensino de Línguas Estrangeiras, a Tradução ou diversas disciplinas linguísticas como a Análise do Discurso, a Linguística de Corpus, a Pragmática,

a Pragmalinguística, a Semântica, a Sintaxe, a Sociolinguística, a Morfologia e a Fonética e Fonologia.

Nos últimos anos do século passado e nos primeiros anos do século presente, temos assistido a um renascimento dos estudos de Linguística Contrastiva, alargando e extravasando os seus campos de estudos e aplicação habituais: o Ensino de Línguas Estrangeiras, principalmente a nível fonético/fonológico e morfossintático, e a Tradução para outras áreas afins, como podemos comprovar no presente volume.

Sem menoscar nem descurar os estudos teóricos em Linguística Contrastiva, as novas vias hermenêuticas nesta disciplina caminham para uma vocação aplicada que lhe permita ser uma ferramenta auxiliar essencial para melhorar a aprendizagem de Segundas Línguas e a formação científica para a Tradução a través de abordagens diversas com base em outras disciplinas linguísticas.

Os trabalhos reunidos no presente volume 11 (série II) da revista RUA-L constituem uma notável amostra diversificada da atividade investigativa das novas abordagens em Linguística Contrastiva com auxílio a outras subdisciplinas, podendo encontrar textos que empregam como línguas de trabalho: Espanhol/Português, Português/Francês, Português/Inglês-Espanhol, Espanhol/Inglês, Chinês/Português e Alemão/Português.

Os artigos aqui apresentados, embora de natureza diversa, partilham uma sólida reflexão teórica e uma abordagem interlinguística aplicada, desde diferentes matérias linguísticas tais como a Morfologia e a Morfossintaxe, a Disponibilidade Léxica, a Pragmática, a Análise do Discurso, a Semântica e a Fonética e Fonologia.

O primeiro artigo, da autoria de Joan Sapiña, aborda o emprego do futuro de conjuntivo nas orações condicionais introduzidas por ‘se’ em Português Europeu o as dificuldades que produz em aprendentes de ELE da variedade europeia, analisando as diferenças e semelhanças entre ambas as línguas.

O seguinte trabalho de Mirta Fernández Dos Santos tem igualmente como objeto de trabalho aprendentes universitários portugueses de ELE e pretende analisar a perceção da incidência e da gestão da primeira vaga da pandemia no léxico disponível no universo de estudantes mencionado de acordo com os lemas ‘COVID-19 e Espanha’ e ‘COVID-19 e Portugal’.

Ainda na área temática do “Covid 19”, de indubitável atualidade, Si Chen realiza um estudo sobre os *frames* de Risco e de Ação em textos jornalísticos em português e chinês retirados do acervo *on-line* das maiores agências noticiosas de Portugal e da China, a agência Lusa e a agência *Xinhua*, partindo de dois *corpora* elaborados pela estudiosa e com recurso ao *software AntConc*.

O artigo de Fernando Martinho, fundamentado em *corpora* do Português e do Francês europeus, realiza uma análise contrastiva de um conjunto de vocábulos destas línguas, incluídos por defeito na classe dos nomes, mas interpretados, em contextos específicos, como adjetivos.

Com incidência no nível morfológico e sustentado no *Corpus* Oral de Português L2 – Coimbra (COraLCo), o trabalho de Tânia Ferreira propõe um estudo sobre os desvios de atribuição de género e de concordância nominal nas produções dos aprendentes de Português como Língua Não Materna nativos de inglês e espanhol.

Os artigos de Gloria Toledo, Francisco Quilodrán e Edson Pizarro e de María Luisa Aznar estudam diferentes aspetos relacionados com a interlíngua de aprendentes de ELE. No primeiro caso, é analisado o emprego dos marcadores discursivos por aprendentes anglófonos. No segundo estudo, conforme um estudo de caso, são avaliadas as perceções e crenças de um grupo de universitários portugueses de ELE sobre a pronúncia.

Por fim, o trabalho de Katrin Herget e Teresa Alegre foca-se na análise do discurso científico em artigos científicos da área da medicina, tendo por objetivo a comparação do recurso a atenuadores discursivos (*hedges*) em alemão e em português.

Julgamos que o seguinte volume apresenta um conjunto de trabalhos diversos e multifacetados unidos pelo fio condutor da aplicabilidade que caracteriza os últimos estudos em Linguística Contrastiva. Esperamos que este número consiga dar visibilidade às novas investigações realizadas em Linguística Contrastiva e possa contribuir para consolidação e crescimento destas novas linhas exegéticas.

Francisco José Fidalgo Enríquez



El futuro de subjuntivo en las oraciones condicionales introducidas por *si*: un área de dificultad para lusófonos aprendientes de ELE

The future subjunctive in conditional sentences introduced by *si*: an area of difficulty for Lusophone learners of SFL

JOAN RODRÍGUEZ SAPIÑA*

PALABRAS CLAVE: ELE, Interlengua, Lingüística contrastiva, Futuro de subjuntivo, Oraciones condicionales.

PALAVRAS-CHAVE: ELE, Interlíngua, Linguística contrastiva, Futuro de conjuntivo, Orações condicionais.

KEYWORDS: SFL, Interlanguage, Contrastive linguistic, Future subjunctive, Conditional sentences.

1. Introducción

El presente trabajo sigue los presupuestos de la lingüística contrastiva aplicada al aprendizaje de segundas lenguas (ASL). Por ese motivo, tomando como idiomas de contraste el portugués y el español, ambos en sus variedades europeas, se pretende trazar las líneas generales de un análisis capaz de determinar si el futuro de subjuntivo, un tiempo verbal que goza de vitalidad en la lengua lusa frente al claro desuso en el español, supone un área de dificultad para lusófonos aprendientes de Español Lengua Extranjera (ELE). Asimismo, este artículo acota o delimita su objeto de estudio únicamente a las oraciones condicionales introducidas por el nexos *se/si*, ya que este contexto sintáctico específico reúne una serie de características propias que lo diferencian de otros contextos sintácticos donde es posible el uso del futuro de subjuntivo en la lengua portuguesa, como las oraciones subordinadas adjetivas o de relativo. Por tanto, tiene como objetivo formular de forma general los valores del futuro de subjuntivo en portugués, contrastando las similitudes y diferencias que se dan entre ambas lenguas en el contexto sintáctico objeto de este artículo: las oraciones condicionales introducidas por *si/se*.

* Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Centro de Estudos de Letras.

Por consiguiente, nuestro trabajo expone sucintamente las principales teorías y fundamentos que definen, en primer lugar, los valores y el uso del futuro de subjuntivo en portugués y, en segundo lugar, en ambas lenguas, las oraciones condicionales, su tipología y organización de los tiempos y modos verbales con el nexos *si/se*, con especial deferencia al futuro de subjuntivo. En otras palabras, recogemos diferentes abordajes teóricos, que reflejan una amplia diversidad de planteamientos para intentar establecer una noción mínima sobre los aspectos anteriormente referidos y, por cuestiones de espacio y objetivo, somos conscientes de que no serán referidas todas las obras, gramáticas y teorías que analizan estos dos elementos en ambas lenguas. A nuestro juicio, dar cuenta de esa cuestión sería digna, por sí misma, de una investigación doctoral. En ese sentido y con el afán de evitar, por un lado, la selección de ejemplos de usos “perfectos” para confirmar algunos planteamientos, como en ocasiones se incurre en ciertos estudios, y, por otro lado, con el objetivo de evitar disquisiciones excesivamente sesudas mediante ejemplos con múltiples lecturas, hemos prescindido en gran medida de proporcionar ejemplos de oraciones condicionales adecuadas a cada planteamiento y preferimos remitir a quien nos lee a los originales y a las referencias bibliográficas para proseguir y ahondar en esa cuestión.

Una vez descritos brevemente los dos elementos gramaticales de este Análisis Contrastivo (AC) y tras constatar que este contexto sintáctico y el uso del futuro de subjuntivo pueden constituir un área de dificultad para aprendientes lusófonos de ELE, traemos a este artículo una enumeración y reflexión sobre la evidencia empírica hallada en torno a este asunto. De esta manera se procura comprobar si dicha área de dificultad diagnosticada por el AC supone, efectivamente, una fuente de errores/dificultades/retos en el aprendizaje. En otras palabras, traemos a colación otros estudios relacionados con el Análisis de Errores (AE) en aprendientes lusófonos, gracias a los cuales comprobamos si en la Interlengua (IL) se puede rastrear dicha dificultad y, especialmente, qué fenómenos genera en la IL de los aprendientes, dado que, como veremos más adelante (cf. *infra* 4. Área de dificultad: estudios de la IL) no se trata de una dificultad que se manifieste de forma mecánica y sistemática en la transferencia del futuro de subjuntivo, propio de su Lengua Materna (L1).

2. El Futuro de subjuntivo

En la lengua española el futuro de subjuntivo y su progresivo desuso ha sido objeto de estudio por diferentes investigadores (Ridruejo, 1990; Camus,

1990; Eberenz, 1990; Herrero Ruiz de Loizaga, 2006; Sáez Rivera, 2008; Fidalgo Enríquez, 2011) y por ese motivo nos limitaremos a advertir que actualmente en todas las áreas lingüísticas del español solo pervive en el lenguaje jurídico, administrativo o en fórmulas muy concretas donde permanece fosilizado, como por ejemplo, en algunas estructuras reduplicativas (*sea como fuere*) (RAE y ASALE, 2009, p. 459). Por el contrario, en la lengua portuguesa el futuro de subjuntivo goza de una gran vitalidad (Comrie y Holmback, 1984; Vázquez Diéguez, 2015), es más, algunos investigadores apuntan que es posible destacar que este tiempo verbal del subjuntivo aún tenga una mayor vitalidad en la variedad de Brasil (Comrie y Holmback, 1984; Becker, 2010) o en la lengua hablada, frente a la lengua culta/literaria (Comrie y Holmback, 1984, p. 217). Sin embargo, dado que nuestro estudio se centra en las variedades europeas de ambas lenguas, no daremos una atención específica a dichas diferencias, sino que nos centraremos en otras particularidades y aspectos de este tiempo verbal que son necesarios referir.

En primer lugar, el futuro de subjuntivo en ambas lenguas románicas se forma sobre la base del *perfectum*, por ese motivo, solo los verbos irregulares de esta raíz van a diferenciarse morfológicamente del infinitivo flexionado (Mota, 2013, p. 2965). Esta cuestión puede generar cierta ambigüedad y confusión y podría ser el motivo por el que determinados hablantes, especialmente del portugués brasileño, confunden dichas formas y, en consecuencia, se registran casos de infinitivo flexionado en vez del futuro de subjuntivo ante determinadas locuciones que exigen este último tiempo verbal. Estos casos podrían deberse a una confusión por parte de los hablantes, es decir, se trataría entonces de un vulgarismo, como acertadamente señala Fidalgo Enríquez (2011, pp. 363-365). Asimismo, también ocurre esta situación con el *futuro composto de conjuntivo*, formado por el verbo auxiliar *ter* en futuro de subjuntivo seguido del participio del verbo principal (Cunha y Cintra, 1983, p. 275).

En segundo lugar, tradicionalmente se ha señalado que el futuro de subjuntivo expresa un tiempo posterior al momento de la enunciación y, así pues, se selecciona cuando en la oración principal el verbo está flexionado en presente, futuro o imperativo (Oliveira, 2013, p. 541), mientras que el futuro de subjuntivo compuesto, aunque puede situarse tanto en un tiempo posterior al momento de la enunciación como en un momento pasado, en cualquier caso, según Oliveira (2013, p. 542) “assegura uma leitura de situação concluída”. Sin embargo, esta cuestión resulta discutible puesto que “las formas compuestas son formas anteriores a otro punto temporal, que no tiene que ser ni siquiera

pasado, pero no tienen contenido aspectual y no son, por tanto, perfectivas” (Fidalgo Enríquez, 2011, p. 358).

Ahora bien, el valor modo-temporal que expresa el futuro de subjuntivo está en buena medida condicionado por el contexto sintáctico en el que se encuentra (adverbial temporal, condicional, modal o una oración adjetiva o de relativo) ya que, en ocasiones, el futuro de subjuntivo portugués puede alternar con el presente de subjuntivo, sin que eso implique un cambio significativo en el valor del modo-temporal que expresa y, por el contrario, en otras oraciones o ante determinados nexos el futuro de subjuntivo no puede alternar con el presente de subjuntivo, sino que lo hace con otros tiempos verbales de indicativo. Esta doble posibilidad de alternancia del futuro de subjuntivo dependiendo del contexto sintáctico nos obliga a indicar la siguiente característica crucial de este tiempo verbal.

En tercer lugar, la selección del futuro de subjuntivo está fuertemente restringida a limitados tipos de oraciones y, concretamente, ante nexos o conjunciones muy específicos. Así pues, este tiempo verbal no puede aparecer en oraciones completivas, siendo posible únicamente su uso en algunos tipos concretos de oraciones adjetivas y adverbiales (Moody, 1975, p. 511; Comrie y Holmback, 1984, p. 216; Oliveira, 2013, p. 541) y ante determinados nexos (Vázquez Diéguez, 2015). Aun cuando no existe un total consenso en la delimitación del futuro de subjuntivo en algunos nexos, sí lo hay en apuntar dos cuestiones trascendentales, como bien señala Fidalgo Enríquez (2011), pues, por un lado, existe una serie de nexos o conjunciones subordinantes donde el futuro de subjuntivo es obligatorio para expresar la futuridad (*quando*), otros donde puede alternar con el presente de subjuntivo (*logo quelsempre que*) y otros donde su presencia es censurada por la norma gramatical. Por otro lado, el hecho de que su selección y su oposición con otros tiempos verbales del subjuntivo no sea lineal ni funcional en todos los contextos sintácticos nos lleva a concluir que los valores modales, si existen¹, se circunscriben a una serie de

¹ Fidalgo Enríquez (2011, p. 374) cuestiona que exista un valor modal y advierte, en referencia al futuro de subjuntivo:

[...] un tiempo verbal que posee una distribución defectiva y que, sobre todo, depende sintácticamente de ciertas conjunciones difícilmente tendrá un contenido modal propio. Dudamos mucho que una forma como el futuro de conjuntivo en portugués pueda tener, por ejemplo, un contenido modal SUBJ 1 que lo diferencie del SUBJ 0 en virtud de la posesión de un rasgo modal funcional +incierto combinable con el de subjuntivo (SUBJ). Para que exista un rasgo funcional que distinga a dos formas tiene que haber dos formas y el futuro de conjuntivo se utiliza en determinados contextos como única forma y en

limitados contextos sintácticos. En ese sentido, Marques (2010, p. 560) descarta que exista una oposición en el valor temporal entre el presente y el futuro de subjuntivo e indica que la diferencia estriba en su valor modal, ya que ambos tiempos “apontam para possibilidades em aberto no contexto de enunciação [...]”; o futuro do conjuntivo distingue-se do presente do conjuntivo por apontar para as situações possíveis que são apresentadas como partes de situações maiores”. Por consiguiente, el presente de subjuntivo no puede ser seleccionado y alternar con el futuro de subjuntivo en oraciones subordinadas adjetivas con cuantificadores universales o precisamente en algunos de los principales nexos, sobre todo temporales, donde abunda la selección del futuro de subjuntivo (*quando, enquanto, assim que*², *se*).

3. Las Oraciones condicionales

Las oraciones de este tipo están compuestas de dos elementos o partes claramente diferenciados: una prótasis, también llamada antecedente o condicionante, y una apódosis, consecuente o condicionado (Ahern, 2008, p. 69). Así pues, la oración subordinada expresa la condición para que lo manifestado en la principal pueda ser asumido como verdad u ocurrir y en ambas lenguas cuenta con numerosos nexos y locuciones que expresan la “condición” como, en español: *si, a condición de que, bajo condición de que, siempre y cuando, en el caso de que, en el supuesto de que, con tal de que* y otras muchas (Borrego Nieto et al., 1986; Porto Dapena, 1991; RAE y ASALE, 2009). En la lengua lusa también son numerosos los nexos que pueden dar pie a una oración adverbial condicional: *se, desde que, caso, no caso de (que), se por ventura, a + infinitivo flexionado, contanto que, com a condição de (que)* (Becker, 2010, p. 190; Vázquez Diéguez, 2015). A pesar de esta diversidad de locuciones, en ambas lenguas el

otros ni siquiera se emplea. Si en unos contextos es una forma que excluye a otras y en otros es excluida difícilmente puede ser una forma con valor funcional. Incluso en aquellos contextos en los que se usan el futuro de conjuntivo y el presente no tienen por qué tener valores diferenciados y funcionales. Pueden ser perfectamente variantes contextuales (serían fonéticamente alófonos), como lo son el imperfecto de indicativo y el condicional, tanto en portugués como en castellano (20), con valor IND 0 cuando expresan posterioridad a punto anterior al ME.

² Nótese que no existe consenso sobre la posibilidad de alternancia de presente/futuro de subjuntivo ante determinados nexos, especialmente temporales.

nexo prototípico es *si/se*, siendo el único donde es posible la alternancia de indicativo/subjuntivo, mientras que en el resto de las locuciones condicionales la selección del subjuntivo es obligatoria. Asimismo, en ambas lenguas es precisamente ese nexo prototípico el que mayores desafíos causa para establecer categorías o tipos de condicionales, así como su correspondencia con los tiempos y modos verbales.

3.1. Tipos de condicionales

Una cuestión todavía por discernir y que no genera consenso entre lingüistas es la propia taxonomía de las oraciones condicionales y, a su vez, dirimir si en dicha tipología todos los nexos pueden incluirse o si, por el contrario, el nexo *se/si* sigue un patrón diferente. No obstante, dado que nuestro trabajo no pretende entrar en esas disquisiciones, referimos brevemente que existen especialistas tanto en español (Montolío, 1999; Rodríguez Rosique³, 2008) como lusos (Marques, 1995; Brito, 2003; Lobo, 2013) que realizan una división tripartita de las oraciones condicionales, siguiendo en líneas generales este esquema: i) reales/ necesarias/ factuales; ii) eventuales/ contingentes/ hipotéticas/ potenciales y; iii) irreales/ contrafactuales. Esta división tendría, a grandes rasgos, una mayor correspondencia en relación al modo y tiempo verbal en la lengua portuguesa que en la española, precisamente porque la vitalidad del futuro de subjuntivo supone, según estos autores, la realización de la oración condicional hipotética de forma prototípica mediante este tiempo verbal, si bien es cierto que la casuística de uso de los tiempos y modos es tan heterogénea que prácticamente en todas las obras consultadas esta cuestión es de las más complicadas de establecer.

Ahora bien, aun cuando la división tripartita ha sido la tradicional y predominante en las gramáticas de ambas lenguas, en el ámbito hispánico hay cierta tendencia a una división binaria fundamentada por el funcionamiento de los tiempos y modos verbales en la prótasis, en esa línea podríamos incluir los planteamientos de condición posible y de condición imposible de Porto Dapena (1991) o la división entre reales e irreales de Veiga y Louzao (2006). Es más, la *Nueva Gramática de la Lengua Española* de la RAE y ASALE (2009,

³ Esta autora plantea una división de las oraciones condicionales diferente: de contenido, epistémicas e ilocutivas.

p. 911) si bien mantiene la división tripartita señala que el “período real” y “el período potencial” comparten características, entre ellas, la ambigüedad en la referencia a un momento presente, actual o prospectivo, ya que solo a través del contexto se consigue recuperar si la prótasis designa una situación actual o futura.

Otras propuestas interesantes en relación a la tipología de la oración condicional es la de Ferrari (2000), ya que reformula la división ternaria para la lengua portuguesa, aduciendo que los tres tipos son, en realidad, no factuales, es decir, existe una posición epistémica neutra/negativa por parte del hablante, incluso en las tradicionalmente llamadas como condicionales reales o, al menos, esa posición es como se pretende presentar el enunciado por parte del locutor, aun cuando por el contexto extralingüístico se sabe que esto no es así. Este planteamiento se asemeja en alguna medida a lo formulado para la lengua española por Gili Gaya (1973, p. 319), si bien mediante otros fundamentos teóricos y otra terminología en la que no ahondaremos en este trabajo. Ferrari (2000), además, concluye que el grado de factualidad en una oración condicional viene marcado por factores contextuales o, en palabras de otro importante lingüista hispano, la factualidad y la contrafactualidad “tiene más a ver con la realidad a que se alude que con la estructuración lingüística propiamente dicha” (Porto Dapena, 1991, p. 222).

3.2. Los valores del futuro de subjuntivo en la oración condicional portuguesa

La dificultad en establecer y delimitar claramente los tipos de oraciones condicionales nos conduce a ser prudentes a la hora de fijar los usos y funciones que el futuro de subjuntivo portugués adquiere en la oración condicional. No obstante, consideramos de enorme valor los estudios realizados por Marques (2001, 2010) en este sentido. Así pues, este lingüista plantea que este tiempo verbal solo es posible en un contexto que deje en abierto la posibilidad de que el antecedente sea verdadero, siendo, dicha posibilidad, indicada por el contexto lingüístico o discursivo previo o bien en el contexto extralingüístico se deben reunir las condiciones necesarias para que la proposición condicional pueda ser verdadera (Marques, 2001, p. 331). Por el contrario, el pretérito imperfecto de subjuntivo no requiere que esas condiciones se den y, en consecuencia, puede introducir una proposición nueva en el discurso, ignorando el mundo real en su interpretación.

Otro aspecto importante que Marques (2001, p. 332) destaca es que el futuro de subjuntivo permite la presencia de diferentes tiempos verbales (frases: 1, 2, y 5) que expresan tanto anterioridad como posterioridad al momento de la enunciación, mientras que el pretérito imperfecto es más restrictivo en este sentido y solo permite el condicional (frases: 3 y 6) y la interpretación de dichas oraciones o bien incurre en una lectura contrafactual o, necesariamente, en que dicha proposición es menos probable, especialmente cuando comparada con una oración semejante pero formulada con presente o futuro de subjuntivo (frases: 5 y 6) (Marques, 2010, p. 558).

- (1) Se a Ana tiver acabado o trabalho, o Paulo deu-lhe os apontamentos. (Marques, 2000, p. 332)
- (2) Se a Ana entregar o trabalho amanhã, iremos ao cinema. (*ibid.*, p. 322)
- (3) Se a Ana entregasse o trabalho amanhã, *iremos/iríamos ao cinema. (*ibid.*, p. 322)
- (4) Se a Ana tivesse acabado o trabalho, o Paulo *deu-lhe/ tinha-lhe dado os apontamentos. (*ibid.*, p. 322)
- (5) Se ele estiver doente, já está em casa. (Marques, 2010, p. 558)
- (6) Se ele estivesse doente, já estaria em casa. (*ibid.*, p. 558)

Sobre el uso del futuro de subjuntivo en las oraciones condicionales, resulta muy interesante consultar el extenso estudio doctoral realizado por Gryner (1990), ya que revela que determinados factores propician el uso de este tiempo verbal, poniendo de relieve la importancia de aspectos pragmáticos, muy en línea con lo propuesto también por Hirata (2001, p. 1) y en consonancia con lo que ocurre con las oraciones concesivas españolas temáticas o polémicas (RAE y ASALE, 2009, p. 388). Así pues, entre los factores que favorecen el uso del futuro de subjuntivo se encuentran: i) una estrategia discursiva argumentativa, es decir, la intención del hablante por referir esa proposición como algo irrelevante o para refutarla (Gryner, 1990, p. 269); ii) la no aserción con la proposición condicional y su no compromiso, es decir, el “afastamento dos fatos da linha principal do discurso” (*ibid.*, p. 286); iii) los contextos que la autora define como impersonales⁴, donde no hay un sujeto o cuando lo hay, este no es humano y/o no está determinado (*ibid.*, p. 301); iv) la presencia del

⁴ No se refiere únicamente a las oraciones prototípicamente impersonales, sino a una amplia variedad de estructuras.

futuro en la apódosis parece estar correlacionada positivamente con el futuro de subjuntivo en la oración condicional, al menos en mayor medida que con el resto de tiempos verbales (*ibid.*, p. 324); v) cuando la prótasis está pospuesta hay cierta preferencia por el futuro de subjuntivo (*ibid.*, p. 364) y; vi) el no compromiso del locutor con lo enunciado, ni en lo relativo a su veracidad ni si ha sido “experimentado” por el locutor (*ibid.*, p. 391).

En definitiva, como señalado por diversos autores con relación a la vitalidad del futuro de subjuntivo en portugués, este tiempo verbal dota a dicho idioma de una mayor complejidad, sobre todo, cuando se trata de expresar hipótesis sobre el futuro (Ilari, 2013). Así pues, este rasgo de la lengua portuguesa supone una diferencia significativa con respecto al español y puede conllevar que el portugués pueda expresar matices temporales más sutiles (Santos, 1999, p. 260), así como semánticos o modales⁵, en la medida en que, por un lado, la expresión de condiciones reales puede formularse también con dicho tiempo verbal (Aparecida Duarte, 2005, p. 79) y las hipotéticas pueden realizarse mediante el futuro de subjuntivo y el pretérito imperfecto (Marques, 2001, 2010). Sin embargo, advertimos que el uso de determinados tiempos verbales, como el presente de indicativo, no obliga a realizar una lectura real/factual de la oración condicional, ya que hay numerosos casos de lo contrario (Porto Dapena, 1991, p. 224; Marques, 2017, p. 613).

Para finalizar, aun cuando consideramos que es muy posible que existan matices modales o semánticos en el uso del futuro de subjuntivo en este contexto sintáctico en la lengua portuguesa, nos sumamos a la advertencia de Fidalgo Enríquez (2011, p. 417) sobre la falta de estudios sistemáticos que aporten suficientes datos (sincrónicos y diacrónicos) para determinar si dicho tiempo verbal en la oración condicional introducida por *se* tiene valores temporales, modales o aspectuales propios o si, como parece decantarse este autor:

[...] para que exista una diferencia funcional, sea temporal, sea modal o sea aspectual, tiene que existir un contexto idéntico donde una forma se distinga de la otra por un rasgo y comparte el resto, no parece ser el caso de las condicionales con *futuro de conjuntivo* [...]” (*ibid.*, p. 417).

⁵ Aun cuando la autora solo se refiera explícitamente a los matices temporales, de su argumentación y de sus planteamientos se puede deducir que también ofrece una mayor expresión de matices semánticos y modales.

4. Área de dificultad: Estudios de la IL

Una vez expuestas de forma sucinta las diferencias en las oraciones condicionales introducidas por *si/se* y la posibilidad de seleccionar el futuro de subjuntivo en la lengua portuguesa, consideramos que queda claro que el uso de este tiempo verbal comporta ligeros matices en los valores modales y semánticos en comparación con el resto de los tiempos verbales de la lengua lusa y, en consecuencia, constatamos dos cuestiones muy relevantes. Por un lado, la distribución de los tiempos verbales y su empleo en ambas lenguas siguen patrones ligeramente diferentes, especialmente por la no presencia del futuro de subjuntivo en el español y, por otro lado, esta diferencia, acotada en nuestro trabajo al contexto sintáctico específico objeto de análisis, constituye una zona de dificultad en el aprendizaje por parte de lusófonos aprendientes de ELE.

A pesar de que los estudios contrastivos entre ambas lenguas pueden dilucidar y ayudar a comprender fenómenos que se producen en el aprendizaje, no queremos limitar este artículo a una simple confirmación de que las oraciones condicionales introducidas por el nexos *si/se* constituyen un área de dificultad en el aprendizaje únicamente sirviéndonos de estos. Por el contrario, seguidamente se reflexiona en torno a diferentes producciones de aprendientes lusófonos recogidas en trabajos e investigaciones muy diversas. En otras palabras, este artículo viene a constatar que numerosos estudios de diferente índole subrayan que el futuro de subjuntivo en general constituye una de las dificultades de los aprendientes lusófonos de ELE (Neta, 2000; Benedetti, 2002; Fidalgo Enríquez, 2011; Ricciardi, 2015; Colla, 2016).

Es digno de atención que la ya referida coincidencia morfológica del futuro de subjuntivo (cf. *supra* 2. El futuro de subjuntivo) y del infinitivo flexionado cuando se trata de verbos regulares no solo puede suponer una dificultad para los aprendientes, sino también para quienes investigan, ya que hay tesis doctorales donde estas producciones de los aprendientes no se codifican como futuro de subjuntivo sino como infinitivos cuando aparecen con la conjunción *cuando* (Arias Méndez, 2011; Campillos Llanos, 2012). Este tipo de ‘lapsus’ nos lleva a pensar que probablemente otras producciones de los aprendientes bajo la oración condicional *si + futuro de subjuntivo*, siempre y cuando no tomen la raíz del *perfectum*, habrán sido codificadas también como usos de formas no personales (el infinitivo), por lo que sería necesario desentrañar todo el corpus de dichas investigaciones para averiguar si esta etiquetación o codificación errónea ha invisibilizado el tiempo verbal que aquí nos ocupa.

Aun cuando es posible que se haya producido de forma no deliberada una ocultación de este tiempo verbal en algunos corpus, cabe subrayar que otros estudios obvian el futuro de subjuntivo como fuente de error sistemático en la IL de aprendientes lusófonos de ELE al señalar que si no fuese por la oración infinitiva y el infinitivo flexionado prácticamente no habría errores en relación con el uso del modo subjuntivo (Torijano Pérez, 2014, pp. 35-36).

A pesar de lo mencionado anteriormente, consideramos que existe alguna evidencia empírica, aunque no sistemática y sistematizada, de que este contexto sintáctico específico conlleva una dificultad de aprendizaje, si bien la mayoría de los estudios que ahondan en esta cuestión sean más “teóricos” y lo aborden desde el AC. Así pues, los AE de aprendientes lusófonos de ELE parecen no prestar una gran atención a este tiempo verbal, sino a otros elementos, o al tratarse de AE generales de la IL queda, en el mejor de los casos, subsumido en un breve apartado relacionado con los problemas verbales y, a su vez, la relativa poca frecuencia de uso del futuro de subjuntivo en comparación con otros tiempos verbales como el presente de indicativo o los tiempos de pasado opaca una realidad: se trata de un área que causa una desestabilización en la IL. Así pues, no nos extraña que incluso tesis doctorales (Junior Silva, 2010) que analizan la producción escrita de lusófonos (variedad brasileña) aprendientes de ELE de nivel intermedio/superior⁶ no referan en ningún momento el futuro de subjuntivo. Aun cuando en dicha tesis se le dedica un breve apartado a los errores verbales de los tiempos de futuro y de las formas no personales, no se menciona ni el futuro de subjuntivo ni el infinitivo, donde podría haber sido etiquetado el futuro de subjuntivo, como ya hemos visto que de forma equivocada ocurre en otros estudios similares.

La falta de trabajos empíricos que comprueben si la selección del futuro de subjuntivo es un error sistemático en la IL y, específicamente, si supone una transferencia significativa de la L1 o un elemento gramatical que genera errores y dificultades en determinados contextos sintácticos, como en las oraciones condicionales introducidas por *se*/*si*, implica la imposibilidad de confirmar los planteamientos de los anteriores estudios de AC referidos. Por consiguiente, deducimos que al menos en buena parte de estas investigaciones subyace una interpretación mecánica o conductista del AC, donde se asume que cualquier elemento o área diagnosticada como una diferencia constituye, inmediatamente, una zona de dificultad en el aprendizaje, aun cuando esa premisa ya está fuerte-

⁶ Así se refiere en dicha tesis doctoral, donde no se especifica a qué niveles del Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas (MCERL) corresponde.

mente rebatida, pues es uno de presupuestos teóricos que llevó a la crisis del AC en la década de los setenta y ochenta (Baralo, 2016, p. 375). En ese sentido, la confirmación de que un contexto sintáctico o un elemento gramatical supone una zona de dificultad está íntimamente ligada a la observación de las producciones escritas y orales de los aprendientes y a las estrategias que despliegan ante el reto de reestructurar un modo subjuntivo que cuenta con un tiempo verbal menos en la Lengua Extranjera o Segunda Lengua (LE/L2), un desafío nada desdeñable para aprendientes cuando tenemos en consideración que el futuro de subjuntivo se caracteriza por estar muy “anclado” a determinados contextos sintácticos (y nexos).

Una vez expuesta la limitada investigación empírica en esta materia, pensamos que nuestra tesis (Sapiña, 2021) puede arrojar luz sobre diferentes aspectos. En primer lugar, según los datos derivados del corpus oral y escrito manejado en dicho trabajo, casi dos tercios de los informantes en algún momento del estudio longitudinal realiza la transferencia del futuro de subjuntivo (*ibid.*, p. 494), especialmente en la oralidad, por lo que se trata de un elemento bastante transversal a toda la muestra y a todo tipo de aprendiente lusófono (variedad europea). En segundo lugar, el análisis por contextos sintácticos claramente concluye que la oración condicional introducida por *se/si* es la gran puerta de entrada de la transferencia del futuro de subjuntivo en la IL de los informantes, ya que, por ejemplo, en la oralidad tres cuartas partes de su uso se concentra en oraciones condicionales introducidas por esta conjunción, mientras que el resto de los contextos sintácticos (oraciones adjetivas y adverbiales temporales, de modo o concesivas) apenas suponen una cuarta parte (*ibid.*, p. 493). En tercer lugar, en dicha investigación queda patente que el diseño de los instrumentos de recopilación de corpus es un factor determinante en los resultados del AE y se comprueba que el futuro de subjuntivo abunda mucho más en el corpus oral y escrito, frente a las actividades gramaticales estructurales de completar espacios en blanco. En este tipo de ejercicios, contrariamente, se observa una bajísima presencia en términos relativos del futuro de subjuntivo y una elevada selección del presente de subjuntivo (*ibid.*, pp. 507-508), es decir, hay una clara reestructuración en la IL del alumnado mediante diferentes estrategias.

En relación a este último punto, consideramos que el hecho de que el futuro de subjuntivo y, específicamente la oración condicional, hayan sido infravalorados u opacados en los estudios de AE como importantes fuentes de errores, sobre todo frente a dificultades que se manifiestan con mayor frecuencia y/o desde niveles iniciales como, por ejemplo, los errores en el artículo, los ortográficos, los falsos amigos, la configuración de los tiempos de pasado

del indicativo u otros, ha invisibilizado dos fenómenos importantes y dignos de atención por docentes e investigadores. Por un lado, el importante volumen de transferencia del futuro de subjuntivo a través de la oración condicional introducida por *se/si*, como ya habíamos mencionado anteriormente (Sapiña, 2021) y, por otro lado, una reestructuración de los usos y valores del modo subjuntivo en la IL del alumnado, mediante el empleo del presente de subjuntivo como tiempo verbal adecuado también en este contexto sintáctico, muy probablemente por analogía con lo que ocurre en otros contextos sintácticos. Esta analogía muy probablemente se produzca en mayor medida en las actividades de índole gramatical por la mayor atención a la forma por parte del aprendiente y, en consecuencia, es donde el alumnado desarrolla estrategias que prestan un mayor interés a la pulcritud gramatical frente a las estrategias comunicativas y a la mayor espontaneidad del corpus oral.

Estas dos estrategias de los aprendientes para reestructurar los tiempos/modos verbales adecuados en este tipo de oración condicional pueden rastrearse en otros estudios, si bien es cierto que el futuro de subjuntivo no suele ser detectado y/o codificado correctamente. Así pues, contamos con la tesis de Feliciano (2019, p. 159), donde se registra, por ejemplo, tanto la transferencia, entendida como una estrategia activa del aprendiente y no como una mera mecánica de calco de la L1 (frase 7), como la reestructuración en la IL con el uso del presente de subjuntivo en cualquier contexto de uso del futuro de subjuntivo de la L1 (frase 8):

(7) se yo *hacer con que lo sea. (*ibid.*, p. 159, ejemplo 13)

(8) [...] se la situación *vuelva a ocurrir [...]. (*ibid.*, p. 159, ejemplo 17).

En estos dos ejemplos se comprueba cómo la transferencia del futuro de subjuntivo no tiene por qué ser el calco de la forma en la L1, es decir, la transferencia no es un fenómeno mecánico y monolítico de la L1 a la L2 (Kohn, 1986, p. 32), sino que se trata de una selección activa de datos donde «los aprendices tienen que tomar decisiones sobre si van a transferir o no y, de ser el caso, sobre qué van a transferir» (Durão, 2007, p. 37). Por ese motivo, entendemos que en (7) difícilmente un aprendiente lusófono podría usar *hicire*, aunque sí *fizer*. No obstante, esa última forma muy probablemente es percibida como muy distante de la L2 o errónea y, en consecuencia, este aprendiente opta por no tomar la forma del *perfectum* sino usar la morfología del infinitivo, como ocurre con los verbos regulares en el futuro de subjuntivo. Este ejemplo no puede analizarse como una simple simplificación, valga la redundancia, ajena a la L1 y a pesar de que en este caso específico puedan concurrir más de una causa en

la producción de dicho error, no se puede desdeñar la posibilidad de que sea, como es a nuestro juicio, una transferencia de la L1, entendida como una estrategia, no como un fenómeno mecánico. En (8) nos hallamos ante un claro caso de reestructuración, donde el aprendiente ha asimilado que el futuro de subjuntivo de su L1 no debe usarse y opta por seguir el patrón de lo que ocurre en buena medida en el resto de las oraciones con este tiempo verbal: el empleo del presente de subjuntivo de la L2 absorbe los usos del futuro de subjuntivo portugués.

Tras citar algunos estudios empíricos y la falta de estos en lo concerniente al futuro de subjuntivo en las oraciones condicionales introducidas por *si/se*, nos gustaría señalar otro camino que nos queda todavía por andar a quienes nos dedicamos a la docencia y/o la investigación en el ASL próximas como es el español/portugués: aprovechar la existencia de numerosos corpus de aprendientes de ELE que distinguen a los informantes según su L1, dado que disponen de datos suficientes para la realización de estudios sistemáticos. De hecho, a modo de breve ejemplo de todo un recorrido y/o línea que podría arrojar luz y, especialmente, datos cuantitativos sobre qué ocurre en la IL de lusófonos aprendientes de ELE es usar el corpus CAES⁷ para comprobar si ante el nexo *se/si* se registran dichos fenómenos. Así pues, si optamos por restringir la búsqueda de elementos gramaticales a “si”⁸ y en informantes de L1 portugués (sin seleccionar la nacionalidad para incluir aprendientes de las diferentes variedades del portugués) comprobamos rápidamente que tanto el (9) como el (10) son una transferencia del futuro de subjuntivo:

(9) si no conseguir solucionar esa cuestión por esta via (Corpus CAES, ejemplo 16)

(10) Yo podría pasar solo dos días contigo si tu estuvier com mucha cosa que hacer (Corpus CAES, ejemplo 21).

⁷ Para acceder al Corpus de Aprendices de Español, puede consultarse la página web <https://galvan.usc.es/caes>.

⁸ Al incluir como elemento gramatical de búsqueda “si”, no desaparecen todos los ejemplos, muy frecuentes de uso de “si” sin ser un nexo condicional como, por ejemplo “a sí mismo” y, además, es posible que numerosos informantes hayan escrito “se” como nexo condicional por la transferencia de la L1. Por tanto, el hecho de que aparezcan ejemplos de futuro de subjuntivo tan rápidamente nos hace intuir que una investigación exhaustiva daría unos resultados interesantes al respecto.

5. Consideraciones finales

En el presente trabajo se constata, por un lado, las diferencias/semejanzas relacionadas con el futuro de subjuntivo y en la configuración de las oraciones condicionales con *si/se*. En consecuencia, se comprueba que este contexto sintáctico específico puede constituir un área de dificultad para aprendientes lusófonos de ELE y, por tanto, generar retos y desafíos para el alumnado, que se manifiestan en dos fenómenos importantes en su IL: la transferencia del futuro de subjuntivo de su L1 y la reestructuración de los tiempos verbales del modo subjuntivo mediante el empleo del presente de subjuntivo. Este último fenómeno probablemente derive de la aplicación en la IL de una analogía por la que este tiempo verbal asume los contextos sintácticos y usos que el futuro de subjuntivo dispone en su L1, como ocurre en otros tipos de oraciones que no hemos analizado en este trabajo.

Asimismo, comprobamos que estos dos fenómenos que se producen como consecuencia de la dificultad que supone este contexto sintáctico en conjunción con el futuro de subjuntivo no se manifiestan en toda la IL de la misma forma ni con la misma magnitud. No obstante, concluimos que es necesario profundizar en la elaboración de estudios empíricos que comprueben estos planteamientos y en nuevos abordajes que hagan hincapié en comprender si el futuro de subjuntivo, en todos los contextos sintácticos en que es posible su selección en la lengua lusa, supone un área de dificultad, dado que numerosos estudios de AE obvian o apenas dedican espacio a este tiempo verbal y tampoco analizan pormenorizadamente las oraciones condicionales en la IL.

En definitiva, recomendamos que los planteamientos teóricos y la evidencia empírica que hemos expuesto en el presente trabajo sirvan como sustento en el quehacer pedagógico de docentes de ELE para aprendientes lusófonos, así como en la futura creación de material didáctico y en la investigación relacionada con el contraste de las dos lenguas objeto de nuestro estudio y en la dilucidación de qué dificultades específicas manifiestan los aprendientes lusófonos de ELE.

Referencias bibliográficas

- AHERN, A. (2008). *El subjuntivo: contextos y efectos*. Editorial Arco/Libros.
- APARECIDA DUARTE, C. (2005). *Diferencias de usos gramaticales entre el español y el portugués*. Editorial Edinumen.

- ARIAS MÉNDEZ, G. (2011). Análisis de errores y sus implicaciones didácticas: las dificultades de aprendizaje presentes en la interlengua de estudiantes portugueses de ele (b1). [Tesis de doctorado, Universidad de Salamanca]. URL: <https://www.educacionyfp.gob.es/mc/redele/biblioteca-virtual/numerosanteriores/2013/memorias-master/guadalupe-arias.html>
- BARALO, M. (2016). La interlengua del hablante no nativo. En I. Santos Gargallo y J. Sánchez Lobato (Dirs.), *Vademécum para la formación de profesores: enseñar español como segunda lengua (L2) / lengua extranjera (LE)*, (1.^a ed., vol. 1, pp. 369-390). Madrid: Editorial SGEL.
- BECKER, M. (2010). Mood in Portuguese. En B. Rothstein y R. Thieroff (eds.), *Moods in the Languages of Europe* (pp. 179-197). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- BENEDETTI, A. M. (2002). El portugués y el español frente a frente: aspectos fonético-fonológicos y morfosintácticos. *Carabela*, (50), 147-171.
- BORREGO NIETO, J., PRIETO DE LOS MOZOS, E. J. y GÓMEZ ASENCIO, J. J. (1986). *El subjuntivo: valores y usos*. Editorial SGEL.
- BRITO, A. M. (2003). Subordinação adverbial. En Mateus, M. H. et al. (eds.), *Gramática de Português Europeu* (5.^a ed., pp. 695-728). Lisboa: Editorial Caminho.
- CAMPILLOS LLANOS, L. (2012). *La expresión oral en español lengua extranjera: interlengua y análisis de errores basado en corpus*. [Tesis doctoral, Universidad Autónoma de Madrid]. URL: <http://hdl.handle.net/10486/660336>
- CAMUS BERGARECHE, B. (1990). El futuro de subjuntivo en español. En I. Bosque (coord.), *Indicativo y subjuntivo* (pp. 410-427). Barcelona: Editorial Taurus.
- COLLA, G. C. S. (2016). *La enseñanza del español a lusohablantes (Portugal, Brasil, Mozambique). Estudio contrastivo, análisis de errores y propuesta didáctica*. [Tesis doctoral, Universidad Complutense de Madrid]. URL: <https://eprints.ucm.es/id/eprint/39998/>
- COMRIE, B. y HOLMBACK, H. (1984). The future subjunctive in Portuguese: A problem in semantic theory. *Lingua*, 63(3-4), 213-253. URL: [https://doi.org/10.1016/0024-3841\(84\)90034-2](https://doi.org/10.1016/0024-3841(84)90034-2)
- CUNHA, C. y CINTRA, L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições J. Sá da Costa.
- DURÃO, A.B.A.B. (2007). *La interlengua*. Editorial Arco/Libros.
- EBERENZ, R. (1990). Sea como fuere: en torno a la historia del futuro de subjuntivo español. En I. Bosque (coord.), *Indicativo y subjuntivo* (pp. 383-409). Barcelona: Editorial Taurus.

- FELICIANO, M. C. P. (2019). *Análisis de errores en la interlengua de aprendices brasileños de español*. [Tesis doctoral, Universidade da Coruña]. URL: <http://hdl.handle.net/2183/24468>
- FERRARI, L. V. (2000). Os parâmetros básicos da condicionalidade na visão cognitivista, *Revista Veredas*, (4)1, 21-30. URL: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25328>
- FIDALGO ENRÍQUEZ, F. J. (2011). *La expresión de la futuridad en portugués y su contraste con el español. Tiempos verbales “futuros” y formas perifrásticas*. [Tesis doctoral, Universidad de Salamanca]. URL: <http://hdl.handle.net/10366/110664>
- GILI GAYA, S. (1973). *Curso superior de sintaxis española*. Vox.
- GRYNER, H. (1990). *A Variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais do português*. [Tesis de doctorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. URL: <http://hdl.handle.net/11422/6121>
- HERRERO RUIZ DE LOIZAGA, F. J. (2006). Cronología y usos del futuro de subjuntivo. En M. Villayandre Llamazares (ed.), *Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística* (pp. 940-956). León: Universidad de León.
- HIRATA-VALE, F. B. M. (2001). Orações condicionais: contínuo semântico-pragmático. *Estudos linguísticos Marília*, 30, 1-7. URL: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/GEL_XXX/ART95.pdf
- ILARI, R. (2013). O português no contexto das línguas românicas. En E. B. P. Raposo et al. (eds.), *Gramática do português* (vol. 1, pp. 49-66). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- JÚNIOR SILVA, P. A. (2010). *Análisis de errores: estudio de las estructuras verbales y discursivas en el aprendizaje del español- le por parte de alumnos brasileños (producción escrita)*. [Tesis de doctorado, Universidad de Salamanca]. URL: <http://hdl.handle.net/10366/76568>
- KOHN, K. (1986). The análisis of transfer. En E. Kellerman y M. Sharwood Smith (eds.), *Crosslinguistic influence in second language acquisition and performance* (pp. 21-34). Oxford: Pergamon Press.
- LOBO, M. (2013). Subordinação adverbial. En E. B. P. Raposo et al. (eds.), *Gramática do português* (vol. 2, pp. 1981-2056). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MARQUES, R. (1995). *Sobre o valor dos modos conjuntivo e indicativo em português*. [Tesis de máster, Universidade de Lisboa]. URL: https://www.clul.ulisboa.pt/files/rui_marques/Sobre_os_valores_dos_modos_conjuntivo_e_indicativo_em_portugus.pdf

- MARQUES, R. (2001). O Modo em Condicionais Contrafactuais e Hipotéticas. En *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 325-335). Lisboa: APL.
- MARQUES, R. (2010). Sobre a semântica dos tempos do conjuntivo. En A. M. Brito et al. (orgs.), *XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados* (pp. 549-565). Lisboa: APL.
- MARQUES, R. (2017). O modo conjuntivo. En A. M. Martins y E. Carrilho (orgs.), *Manual de Linguística Portuguesa* (pp. 610-635). De Gruyter. URL: <https://doi.org/10.1515/9783110368840-025>
- MOODY, R. (1975). A Semantic Organization of the Portuguese Subjunctive. *Hispania*, 58(3), 502-517. URL: <https://doi.org/10.2307/339638>
- MONTOLÍO, E. (1999). Las construcciones condicionales. En I. Bosque y V. Demonte (eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (vol. 3, pp. 3643-3737). Madrid: Espasa Calpe.
- MOTA, M. A. C. (2013). Morfologia do verbo. En E. B. P. Raposo et al. (eds.), *Gramática do português* (vol. 3, pp. 2933-3028). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- NETA, N. F. A. (2000). Aprender español es fácil porque hablo portugués. *Cuadernos Cervantes de la lengua española*, 6(29), 46-56.
- OLIVEIRA, F. (2013). Tempo Verbal. En E. B. P. Raposo et al. (eds.), *Gramática do português* (vol. 1, pp. 509-556). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PORTO DAPENA, J. A. (1991). *Del indicativo al subjuntivo: valores y usos de los modos del verbo*. Editorial Arco/Libros.
- RAE y ASALE (2009). *Nueva Gramática de la Lengua Española*. Editorial Espasa.
- RODRÍGUEZ ROSIQUE, S. (2008). Pragmática y Gramática: condicionales concesivas en español. En G. Wotjak, J. J. Batista Rodríguez y D. García Padrón (eds.), *Studien Zur Romanischen Sprachwissenschaft Und Interkulturellen Kommunikation* (vol. 47). Frankfurt am Main: Peter Lang.
- RICCIARDI, N. (2015). *La presencia del error en la clase de español L.E. en estudiantes brasileños: Algunos análisis*. URL: <http://hdl.handle.net/2133/6518>
- RIDRUEJO, E. (1990). ¿Cambios iterado en el subjuntivo español? En I. Bosque (coord.), *Indicativo y subjuntivo* (pp. 361-382). Barcelona: Editorial Taurus.
- SÁEZ RIVERA, D. M. (2008). *La lengua de las gramáticas y métodos de español como lengua extranjera en Europa (1640-1726)*. [Tesis doctoral, Universidad Complutense de Madrid]. URL: <https://eprints.ucm.es/7813/>
- SAPIÑA, J. (2021). Análisis Contrastivo y de Errores del subjuntivo en alumnado lusófono aprendiente de Español Lengua Extranjera. [Tesis de doctorado,

Universidad Complutense de Madrid]. URL: <https://eprints.ucm.es/id/eprint/69390>

TORIJANO PÉREZ, J. A. (2014). El análisis de errores de estudiantes lusófonos sobre los verbos españoles (I): presente y futuro. *Revista Española de Lingüística*, 1(44), 145-178.

VÁZQUEZ DIÉGUEZ, I. (2015). El futuro de subjuntivo: uso en español y portugués. *Revista À Beira*, 10, 147-167. URL: <http://hdl.handle.net/10400.6/6911>

VEIGA, A. y LOUZAO, M. M. (2006). *El modo verbal en cláusulas condicionales, causales, consecutivas, concesivas, finales y adverbiales de lugar, tiempo y modo*. Ediciones Universidad de Salamanca.

TÍTULO: O futuro de conjuntivo nas orações condicionais introduzidas por si; uma área de dificuldade para lusófonos aprendentes de ELE

RESUMO: O futuro do conjuntivo português goza de uma grande vitalidade, em contraste com o seu desuso na língua espanhola. A análise da sua utilização nas orações condicionais introduzidas por *se/si* mostra como o sistema de tempos/modos verbais é organizado segundo critérios semelhantes, mas não idênticos, nas duas línguas. As diferenças verificadas neste trabalho pela Análise Contrastiva constituem a área de dificuldade na aprendizagem de ELE para lusofalantes, sendo que essas dificuldades são evidenciadas não só pela transferência do futuro de conjuntivo através de calcos ou formas híbridas/criativas, mas também por uma reestruturação dos tempos/modos verbais deste contexto sintático na interlíngua dos discentes, como é possível comprovar nos estudos referidos neste trabalho. Portanto, pretende-se, por um lado, estabelecer linhas teóricas que sustentem a análise linguística deste contexto sintático e, por outro lado, sublinhar a necessidade de aprofundar a investigação empírica sobre como acontece a aprendizagem e quais as dificuldades específicas que os aprendentes lusófonos de ELE manifestam no seu percurso académico.

TITLE: The future subjunctive in conditional sentences introduced by si: an area of difficulty for Lusophone learners of SFL

ABSTRACT: The portuguese future subjunctive possesses a great vitality, in contrast to its disuse in the Spanish language. The analysis of its use in conditional clauses introduced by *se/si* shows how the system of verb tenses/modes is organized according to similar, but not identical, criteria in both languages. The differences verified in this work by the Contrastive Analysis constitute the area of difficulty in SFS learning for Portuguese speakers, and these difficulties are evidenced not only by the transfer of the future subjunctive through calcs or hybrid/creative forms, but also by a restructuring of verb tenses/modes of this syntactic context in the students' interlanguage, as can be seen in the studies referred to in this work. Therefore, it is intended, on the one hand, to establish theoretical lines that support the linguistic analysis of this syntactic context and, on the other hand, to underline the need to deepen the empirical research on how learning happens and what are the specific difficulties that Lusophone SFS learners manifest in their academic path.

Percepciones sobre la primera ola de la pandemia de COVID-19 en Portugal y España. Una aproximación al léxico disponible de universitarios portugueses

Perceptions about the first wave of the COVID-19 pandemic in Portugal and Spain. An approach to the available lexicon of Portuguese university students

MIRTA FERNÁNDEZ DOS SANTOS*

PALABRAS CLAVE: COVID-19, Primera ola, Léxico disponible, España, Portugal, Dimensión sociocultural.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19, Primeira vaga, Léxico disponível, Espanha, Portugal, Dimensão sociocultural.

KEYWORDS: COVID-19, First wave, Lexical availability, Spain, Portugal, Sociocultural dimension, perceptions.

Introducción

A comienzos del 2020, la COVID-19 entró en nuestras vidas y desde entonces se ha convertido en una realidad insoslayable que, aparte de provocar incontables estragos en ámbitos como la economía o la cultura, ha alterado significativamente nuestra forma de vida: rutina, higiene, estudios, trabajo, forma de relacionarnos socialmente, tiempo de permanencia frente a las pantallas, etc. Se ha convertido, además de en nuestro principal tema de conversación, en el tema central de los medios de comunicación que nos informan diariamente sobre la evolución de la pandemia desde múltiples perspectivas. Como apunta Corral (2020, p. 1242), “el confinamiento ha disparado las audiencias y el consumo de contenidos hasta niveles históricos”, lo que ha hecho que la televisión, la prensa, la radio y las redes sociales se hayan convertido en grandes

* Investigadora integrada do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”). Colaboradora do CLUP (Centro de Linguística da Universidade do Porto).

protagonistas de esta crisis. Al estar constantemente expuestos a la información sobre el impacto del nuevo coronavirus, los ciudadanos hemos construido nuestra propia imagen en relación con la incidencia, la gestión y los efectos de la pandemia en España y en otros países.

Por otra parte, la irrupción de la pandemia de COVID-19 ha modificado –en parte también debido a la influencia ejercida por los medios de comunicación– la forma en la que nos comunicamos, pues nos ha hecho activar vocablos o expresiones que estaban adormecidos en nuestro léxico –*pandemia* o *confinamiento*– y, a la vez, ha dado lugar al surgimiento de neologismos como *cuarentena* o *covidota*, entre otros (Pons Rodríguez, 2020).

A este respecto señala Rodríguez-Ponga (2020) que las palabras que teníamos no sirven para describir la actual coyuntura pandémica. De acuerdo con su cómputo, el “nuevo lenguaje covídico”¹ incluye en español más de cien términos:

Los emisores de los mensajes [...] han procedido a incorporar neologismos prestados del inglés (*covid*), a popularizar palabras que estaban limitadas al lenguaje científico (*coronavirus*) o jurídico (*confinamiento*), a dar nuevos contenidos a palabras ya existentes (*test*, *aforo*), a generalizar siglas como nombres comunes (*epi*, *erte*) y a acuñar otros neologismos que utilizan los procedimientos habituales de derivación por sufijación (*covídico*, *coronavírico*), composición (*coronacrisis*) e incluso composición y sufijación a la vez (*sologripista*) (Rodríguez, 2020, p. 198).

En una nota difundida por la agencia EFE el 7 de mayo de 2020, que se recoge en la página web de *Fundéu*, Darío Villanueva, exdirector de la Real Academia Española, recordaba que la lengua, como reflejo de la evolución de la sociedad, “la hacemos los hablantes” y, a propósito de la situación actual, matizaba que “no es que haya un nuevo lenguaje, sino que se ha producido un uso más intensivo de determinadas palabras” (Rodríguez-Ponga, 2020, s.p.). Sí coinciden Rodríguez-Ponga y Villanueva en la cuestión de la eclosión de neologismos, en cuya difusión los medios de comunicación y las redes sociales han desempeñado un papel fundamental, traspasando fronteras.

En un pleno virtual presidido por los reyes de España y celebrado el 30 de abril de 2020, los académicos de la RAE dieron a conocer las palabras más utilizadas por los usuarios de la lengua española desde la aparición de la pandemia, “con el objeto de completar las definiciones de aquellas que ya están

¹ Término acuñado por el autor.

en los diccionarios” o de estudiar la posible incorporación de aquellas que todavía no están incluidas (Medina, 2020, s.p.). Así, entre las palabras ya existentes, de acuerdo con los académicos, las más utilizadas en plena primera ola fueron *pandemia*, *mascarilla*, *confinar*, *confinamiento*, *morgue* y *estado de alarma*. Los nuevos términos más usados en aquellos meses fueron: *coronavirus*, *coronavírico*, *COVID-19*, *cuarentenar*, *cuarentenear*, *encuarentar*, *desescalar*, *desescalada* y *desconfinamiento*.

Con relación al futuro que tendrán estas creaciones léxicas, no se puede prever en estos momentos su alcance a medio y largo plazo. Seguramente algunas de ellas desaparecerán de nuestro vocabulario cuando la pandemia sea erradicada y otras, en cambio, como pronostican los miembros de la RAE, pasarán a formar parte de la lengua española².

En las páginas que siguen presentamos, en primer lugar, los objetivos de nuestra pesquisa, relacionados, por un lado, con el impacto del nuevo lenguaje covídico en el léxico disponible de un grupo de estudiantes portugueses de ELE y, por otro, con la influencia de dicho lenguaje en la construcción de su percepción sobre la gestión de la primera ola de la pandemia en Portugal y en España; después damos a conocer el soporte teórico de esta investigación, que toma como referencia, en primer lugar, una serie de artículos publicados recientemente sobre los efectos de la pandemia de la COVID-19 en el uso de la lengua española, en segundo lugar, los estudios de disponibilidad léxica y, por último, atendiendo al carácter sociocultural de los centros de interés propuestos en nuestro estudio, algunas investigaciones sobre las implicaciones culturales del léxico; más adelante describimos someramente el proceso seguido para la obtención de la información y exponemos nuestras hipótesis de partida; a continuación presentamos los datos más relevantes en su vertiente cuantitativa y cualitativa; seguidamente, confirmamos o refutamos nuestras hipótesis de partida y, al final del artículo esbozamos algunas conclusiones derivadas del análisis de los datos obtenidos.

² De hecho, el día 24 de noviembre de 2020 la RAE, en la presentación de las novedades del *Diccionario de la Lengua Española* (en su actualización 23.4), anunciaba la incorporación de palabras vinculadas a la actual crisis sanitaria como *coronavirus*, *COVID* y *desconfinar*. Asimismo, como resultado de la actualización del *Diccionario histórico de la lengua española*, presentada el día 13 de abril de 2021 por el director de la RAE, se han añadido a esta obra palabras como *coronavirus* y *covid* y los correspondientes derivados *coronaplauzo*, *covidiota*, *autocovid*, *covidianidad* y *covidoma*, entre otras.

1. Propósitos de nuestra investigación

Atendiendo al nuevo paradigma lingüístico, al regresar a las clases presenciales en el mes de septiembre de 2020, nos pareció que podía ser científicamente relevante estudiar qué términos del nuevo lenguaje covídico habían permeado más en el vocabulario de nuestros estudiantes portugueses de ELE³, es decir, qué términos se activaban con más frecuencia en su lexicón mental al indicárseles el tema de comunicación COVID-19. Por otro lado, teniendo en cuenta que somos también docentes de cultura española y que los medios de comunicación portugueses (especialmente las televisiones), además de detallar la coyuntura coronavírica en Portugal, difunden con mucha frecuencia datos sobre la situación pandémica en España, pensamos que sería interesante averiguar, a partir del léxico seleccionado por los informantes, su percepción sobre la incidencia y la gestión de la enfermedad en ambos países, una imagen que, como hemos mencionado, construyen fundamentalmente a partir de la información divulgada por los medios y de algunos datos que les transmitimos los docentes en las clases de cultura española. A fin de obtener estos datos propusimos a nuestros informantes los centros de interés “COVID-19 y España” y “COVID-19 y Portugal”, con el objetivo de recabar sobre todo información de tipo sociocultural.

Para la obtención de los datos aplicamos a los estudiantes pruebas psicolingüísticas de disponibilidad léxica, pues la metodología de esta disciplina se adapta perfectamente a los datos que queríamos obtener, al activar en su lexicón mental, por asociación, vocablos relacionados con los temas o centros de interés sugeridos.

2. Soporte teórico

2.1. El concepto de léxico disponible y la investigación sobre disponibilidad léxica

Se conoce como léxico disponible el vocabulario susceptible de actualizarse en el discurso en función del tema del que se habla o se escribe. Reúne, por tanto,

³ Todos los informantes son estudiantes de 2.º curso de licenciatura en la Facultad de Letras de la Universidad de Oporto y cursan las asignaturas de Cultura Española Contemporánea, Historia de la Cultura Española y/o Lingüística Española.

las voces cuya frecuencia de aparición en los textos es escasa en general, pues, al estar condicionada por el asunto o asuntos tratados, estas palabras pueden incluso permanecer totalmente ausentes. Sin embargo, se trata de un léxico de gran importancia, que, unido al léxico frecuente, constituye el léxico fundamental de una lengua. La metodología seguida para recoger el léxico disponible de una lengua expone a las personas que actúan como informantes a una prueba asociativa de carácter psicolingüístico: partiendo de la activación de un tema determinado, que sea del interés de la investigación, se pide que aporten, generalmente por escrito, tantas palabras como se les ocurran, en el orden en que se activen en su cerebro, durante un tiempo limitado (normalmente dos minutos).

Como es sabido, el léxico disponible del español fue objeto de estudio de una serie de investigaciones coordinadas dentro del macroyecto impulsado por López Morales, el Proyecto Panhispánico de Disponibilidad Léxica (López Morales, 1995). A lo largo de la década final del siglo pasado y en los primeros años del siglo XXI se han venido reuniendo listados en diferentes lugares de España y América, tras una rigurosa selección de grupos de informantes y recogida de datos, con el objeto de constituir un léxico disponible de referencia para el español como lengua nativa. Algunos estudios de léxico disponible destacados en el ámbito del español como lengua materna son los de López Morales (1973), Cañizal Arévalo (1987), Echeverría y Valencia (1999), Carcedo González (2001), Saine Camargo (2008), López Meirama (2008), Dalurzo y González (2010), Prado Aragonés, Galloso Camacho y Conceição (2010), Prado Aragonés y Galloso Camacho (2015), Pérez Jiménez (2016), Jiménez Berrio (2019) y Terrádez Gurrea (2019).

Pero, además de un camino firme para conseguir este objetivo, lo que mostraron los estudios iniciales sobre léxico disponible en español es el enorme potencial que encierra la metodología. Desde que se llevaron a cabo los primeros trabajos a lo largo de las décadas pasadas, en este siglo XXI se ha aplicado, en ocasiones con adaptaciones más o menos significativas, para finalidades muy diversas. En ocasiones las características de los informantes han determinado las adaptaciones, pues los estudios se han centrado en diversos niveles –primaria, secundaria, bachillerato, universidad–, o bien en el Español como Lengua nativa (EL1), como Segunda Lengua (EL2) o como Lengua Extranjera (ELE) (Carcedo González, 2000; Samper Padilla y Samper Hernández, 2006; dos Santos Fernández, 2014; Mas Álvarez y Santos Palmou, 2014a, 2014b, 2017).

La proliferación de investigaciones de alcance heterogéneo ha sido de tal amplitud que no resulta siquiera viable proponer una selección bibliográfica

representativa en este artículo. Por una parte, la recogida del léxico se lleva a cabo mediante un procedimiento sencillo, para el que no se requieren recursos especiales, y es fácil implementarla en los centros educativos dentro del horario lectivo, como hemos hecho en este trabajo. Así pues, las investigaciones que explotan el recurso del léxico disponible se han multiplicado y han asumido la forma de trabajos de fin de grado, trabajos de fin de máster y tesis doctorales, entre otros. Para que podamos hacernos una idea aproximada, hemos recurrido a la relación de trabajos recogidos en *Dialnet*, la mayor base de datos bibliográfica de artículos científicos hispanos en internet, mantenida por la Universidad de La Rioja, a partir de una búsqueda de documentos que respondan al sintagma *disponibilidad léxica*. A fecha de hoy la búsqueda⁴ arroja un resultado de 453 documentos, que se distribuyen como se muestra en la Figura 1:

Tipo de documento	Número de documentos
Artículo de revista	262
Capítulo de libro	104
Tesis	63
Libro	28

Figura 1: Distribución de las investigaciones sobre disponibilidad léxica (Dialnet).

Es indudable, pues, que la abundante información que aportan los listados de léxico disponible los convierte en excelentes candidatos para llevar a cabo análisis pormenorizados de carácter cuantitativo y cualitativo sobre un gran abanico de aspectos referidos al vocabulario, tanto en el ámbito del estudio de lenguas maternas como de lenguas extranjeras.

2.2. Sobre las implicaciones culturales del léxico y su importancia en la enseñanza de lenguas extranjeras

En el ámbito de ELE cada vez son más frecuentes los estudios que, basándose en la metodología de la disponibilidad léxica, buscan extraer del vocabulario seleccionado por los estudiantes información sociocultural, partiendo del presupuesto de que lengua y cultura no son compartimentos

⁴ Búsqueda realizada el día 31 de mayo de 2022.

estancos y de que existe entre el léxico y la cultura una estrecha relación de complementariedad, como defiende Galisson (1991) *apud* Fernández Montoro (2014, p. 17):

Las palabras, en tanto que receptáculos preconstruidos, [...] son lugares de penetración privilegiados para ciertos contenidos de cultura que se depositan allí y terminan por adherirse y, de este modo, agregan otra dimensión a la dimensión semántica ordinaria de los signos (Galisson, 1991, p. 119).

Este lingüista incluso acuñó el término *lexicultura* para enfatizar el vínculo intrínseco que existe entre ambos componentes de la competencia comunicativa, e insiste en que no se deberían separar artificialmente, pues el acceso a la cultura compartida se realiza fundamentalmente a través del léxico. Por consiguiente, Galisson pone de relieve la dimensión cultural y pragmática del léxico y recomienda su consideración en el proceso de enseñanza-aprendizaje de lenguas.

En ese sentido, son varios los trabajos de investigación que, en el contexto de la enseñanza de ELE, se han centrado en el estudio genérico de las relaciones entre lengua y cultura (López García, 2000; di Franco, 2006; La Paz, 2016) o en el análisis específico de la confluencia entre el léxico y la cultura (Romero Gualda, 1991, 1996; López García y Morales Cabezas, 2013; Fernández Montoro, 2014, 2015).

En lo que respecta al terreno concreto del léxico disponible, Herreros Marcilla (2015) analiza los centros de carácter cultural en los estudios de disponibilidad léxica, mientras que Palapadini y Agustín Llach (2019) estudian la disponibilidad léxica como medida de diferencias culturales en el vocabulario de aprendices griegos de ELE y estudiantes nativos. Por su parte, Rodríguez Menduiña (2006), Gamazo Carretero (2014) o Sifrar Kalan (2020) investigan el impacto de los estereotipos sobre España y los españoles en la disponibilidad léxica de informantes estadounidenses, portugueses y eslovenos, respectivamente.

Basándonos en estas investigaciones previas, en nuestro estudio, como ya hemos apuntado, hemos aplicado encuestas de disponibilidad léxica a los informantes con el propósito de recabar información lingüística (determinar qué palabras se activan con más frecuencia en su lexicón mental cuando se les indica el tema de comunicación COVID-19) y sociocultural (averiguar su percepción de la incidencia y gestión de la pandemia en los dos países ibéricos, partiendo del análisis de sus respuestas a los centros de interés “COVID-19 y España” y “COVID-19 y Portugal”).

Tal y como afirma Fernández Montoro (2014, p. 18), “las unidades léxicas ni se almacenan ni se recuperan aisladamente, sino que están vinculadas unas

a otras”. Este vínculo responde a diferentes tipos de asociaciones, entre ellas las culturales. Asimismo, estas conexiones sufren constantes actualizaciones, lo que da lugar a la reestructuración continua de los esquemas previos, que, a su vez, provoca cambios constantes en el uso del léxico:

En cada momento de la vida del idioma hay palabras que entran en circulación, palabras que están en “rodaje”, palabras que se ponen de moda, palabras que cambian de forma, palabras que cambian de contenido, palabras que caen en desuso y que acaban por ser olvidadas. La vitalidad de las voces es muy diversa [...] (Seco, 1991, p. 225).

En suma, nuestra investigación relaciona la disponibilidad léxica con un tema de actualidad –la COVID-19 y sus efectos– para estudiar de qué forma la situación pandémica (una nueva realidad sociocultural) ha afectado al uso que nuestros informantes hacen del léxico (un componente lingüístico).

3. Nuestro estudio

3.1. Informantes y metodología

Los datos para nuestra investigación fueron recogidos entre el 14 y el 30 de septiembre de 2020 en la Facultad de Letras de la Universidad de Oporto, en concreto en las clases de Cultura Española Contemporánea, Historia de la Cultura Española y Lingüística Española⁵. La muestra de nuestro estudio está constituida por 30 estudiantes, con edades comprendidas entre los 18 y los 25 años –18 mujeres y 12 hombres–, que tienen el portugués europeo como lengua materna y cursan diferentes licenciaturas en Letras ofertadas por la Facultad de Letras de la Universidad de Oporto que incluyen la variante de español

⁵ La idea inicial era recoger todos los datos en las clases de Cultura Española Contemporánea, atendiendo a la actualidad de los centros de interés propuestos. Sin embargo, en estos dos cursos lectivos tan atípicos se ha puesto en marcha la implementación de un sistema de clases mixto (presenciales y simultáneamente retransmitidas por videoconferencia) que, en la práctica, se ha traducido en la asistencia de un menor número de estudiantes a las clases presenciales. De ahí que haya sido necesario ampliar la aplicación de las encuestas en otros grupos en los que también impartimos docencia y que no hayamos podido recoger un número superior de datos, como pretendíamos inicialmente.

(Licenciatura en Lenguas, Literaturas y Culturas, Licenciatura en Lenguas Aplicadas o Licenciatura en Lenguas y Relaciones Internacionales).

En relación con la metodología, cabe señalar, en primer lugar, que todos los informantes cumplieron las encuestas en español, como les fue solicitado, pese a que, al ser la pandemia de COVID-19 una realidad tan reciente en el momento en el que recogimos los datos, todavía no habíamos abordado en las clases de ELE este vocabulario específico. Por este motivo se filtraron en las encuestas algunos vocablos utilizados en portugués, como por ejemplo *lay off*, que en español equivale a ERTE.

No obstante, no dimos gran importancia a estas interferencias porque, como ya hemos indicado en apartados anteriores de este artículo, con esta investigación no perseguíamos medir el conocimiento lingüístico en español de nuestros informantes sobre la COVID-19, sino que pretendíamos averiguar qué vocablos se activaban con más frecuencia en su lexicón mental cuando se les indicaba este centro de interés asociado a los países España y Portugal, con el propósito de reconstruir, a partir de los vocablos recuperados, su percepción colectiva sobre la incidencia y la gestión de la pandemia en ambos países.

El siguiente paso de nuestra investigación consistió en la aplicación de las encuestas de disponibilidad léxica. Para ello seguimos la metodología propuesta por el Proyecto Panhispánico de Disponibilidad Léxica para la recogida de datos (López Morales, 1995): en primer lugar, repartimos a cada informante dos folios en blanco grapados⁶; después, verbalizamos el primer centro de interés (“COVID-19 y España”) y les dimos 2 minutos para que apuntaran todas las palabras o expresiones que se les iban ocurriendo sobre ese tema en el reverso del primer folio; a continuación, procedimos de igual modo en relación con el centro de interés “COVID-19 y Portugal”, indicándoles que debían registrar sus respuestas en el anverso del segundo folio; por último, recogimos todas las encuestas.

Posteriormente, a fin de identificar a los informantes, atribuimos un número secuencial a cada encuesta y, tras fijar nuestras hipótesis de partida, establecimos los criterios de edición y lematización, siguiendo mayoritariamente los sugeridos por Samper Padilla (1998) y Samper Hernández (2002), por su aplicabilidad a nuestro estudio⁷. A continuación, informatizamos los datos a través del

⁶ En el anverso del primer folio los estudiantes debían seleccionar su género y la licenciatura en Letras que estaban cursando y anotar su edad y su lengua materna.

⁷ Cabe señalar, no obstante, que, contrariamente a lo que es habitual en los estudios clásicos de disponibilidad léxica, al lematizar los datos hemos considerado válidos sintagmas

programa *Dispolex*, con el propósito de extraer los índices cuantitativos de esta investigación para cada uno de los centros de interés propuestos (total de casos o palabras, total de casos diferentes o vocablos, media de palabras por informante e índice de cohesión) y con miras a averiguar cuáles eran las unidades léxicas más disponibles para nuestros informantes, a través del cálculo del índice de disponibilidad, la frecuencia relativa y el porcentaje de aparición de dichas unidades léxicas.

Por último, llevamos a cabo un análisis comparativo de los resultados obtenidos, a fin de recabar información sociocultural relevante en relación con los dos centros de interés propuestos (“COVID-19 y España” y “COVID-19 y Portugal”).

3.2. Hipótesis de partida

Tras aplicar las encuestas y antes de procesar los datos, basándonos en nuestro conocimiento del contexto sociocultural objeto de estudio, en la praxis de la disponibilidad léxica en el ámbito de ELE (Carcedo, 2000; Samper Hernández, 2002) y en recomendaciones metodológicas y epistemológicas (Pájaro Huertas, 2002), planteamos las hipótesis de nuestra investigación, que son las siguientes:

- H1. Las palabras *pandemia*, *mascarillas* y *confinamiento* serán las más utilizadas por los informantes.
- H2. Los informantes casi no seleccionarán neologismos relacionados con la COVID-19.
- H3. En el centro de interés “COVID-19 y Portugal”, los informantes coincidirán bastante en la selección de términos relacionados con su realidad inmediata de jóvenes universitarios.
- H4. En el centro de interés “COVID-19 y España” uno de los vocablos más frecuentes será *muertels*.
- H5. Prevalecerá la selección de vocabulario semánticamente negativo en ambos centros de interés.

mucho más amplios que la mera “palabra”, como “cambio brusco de la normalidad” o “falta de recursos humanos”. Entendemos que la inclusión de estas unidades léxicas pluriverbales se justifica por el carácter sociocultural de los centros de interés trabajados y por su aparición esporádica, que apenas afecta al índice de disponibilidad de nuestro estudio.

En relación con H1, ya hemos mencionado en el apartado introductorio de este artículo que, de acuerdo con la RAE, las palabras *pandemia*, *mascarilla* y *confinamiento* fueron efectivamente de las más buscadas por los usuarios hispanohablantes durante la primera ola de la enfermedad (Medina 2020, s/p). Por su parte, según un reportaje televisado por *Rádio Televisão Portuguesa* (RTP) el día 12 de septiembre de 2020⁸, estos términos figuraban también entre los más usados por los portugueses a fecha de emisión del reportaje. De modo que con el planteamiento de esta primera hipótesis queríamos comprobar si, en efecto, estos términos eran los más repetidos por nuestros informantes.

En cuanto a la expectativa de H2, se debe, por un lado, a nuestra percepción de que la pandemia no parece haber tenido en la lengua portuguesa el mismo efecto potenciador en lo que respecta a la eclosión de neologismos que el que ha tenido y sigue teniendo en la lengua española. Por otra parte, consideramos bastante improbable que nuestros informantes estuvieran familiarizados con los neologismos que se han creado en español a raíz del surgimiento de la pandemia (*covidiota*, *balconazis*, *cuarenpena*, etc.), dado que dichos neologismos son coloquiales, un registro que nuestros estudiantes no dominan.

Respecto a H3, consideramos lógico anticipar que, siendo todos los informantes jóvenes y universitarios, estas circunstancias comunes se reflejarían de alguna manera en su selección léxica al indicárseles los centros de interés objeto de esta investigación, puesto que tanto los hábitos de los jóvenes como la actividad universitaria se han visto directamente afectados por la pandemia.

La motivación de H4 está directamente relacionada con la imagen colectiva que existe en Portugal con relación a los efectos de la primera ola de la pandemia en España, efectos noticiados a diario por los medios de comunicación portugueses, especialmente por las cadenas de televisión. Frente a la relativa escasa mortalidad resultante de la primera ola de la enfermedad en Portugal, los medios portugueses insistían una y otra vez en la alta tasa de mortalidad que la COVID-19 estaba provocando en el país vecino. De ahí que hayamos vaticinado el estrecho vínculo entre el centro de interés “COVID-19 y España” y el vocablo *muerte*.

Finalmente, H5 está directamente relacionada con la idea, muy extendida, de que la pandemia de COVID-19 nos ha cambiado a todos la vida para peor. Por consiguiente, consideramos bastante plausible la activación de un vocabulario semánticamente negativo, con base en los centros de interés propuestos.

⁸ Colaço y Castro (2020).

3.3. Presentación y discusión de resultados cuantitativos

Los principales resultados cuantitativos de nuestra investigación se recogen en la siguiente tabla (Figura 2):

	COVID-19 y España	COVID-19 y Portugal
Palabras totales	332	398
Palabras diferentes (vocablos)	175	216
Media de palabras por informante	11,07	13,27
Índice de cohesión	0,06	0,06

Figura 2: Datos cuantitativos generales (*Dispolex*).

Observamos que el total de casos –y, consecuentemente, también la media de palabras aportadas por informante– es superior en el centro de interés “COVID-19 y Portugal”, lo que no sorprende: siendo todos los informantes portugueses, es normal que hayan activado más vocabulario relacionado con la incidencia de la pandemia en su país, dado que es una realidad con la que están más familiarizados.

Cabe señalar, asimismo, que tanto el número de palabras totales como la media de palabras o expresiones activadas por informante son bastante elevados, teniendo en cuenta que, a fecha de recogida de los datos, se trataba de un ámbito temático bastante novedoso. Por otra parte, el promedio de palabras aportado en ambos centros de interés cobra una mayor relevancia al tratarse de informantes extranjeros, puesto que, de acuerdo con Samper Hernández (2002), la media de palabras recuperadas por informantes nativos suele rondar las 20 unidades léxicas.

Por su parte, el total de vocablos utilizados y el índice de cohesión apuntan a una alta dispersión del vocabulario en ambos centros de interés, un dato llamativo, pues, al tratarse de un tema de comunicación reciente y bastante reiterativo en términos de selección léxica, supusimos *a priori* que habría más coincidencia y que esta se reflejaría en la disponibilidad léxica de los estudiantes. Para tratar de explicar este resultado aparentemente anómalo, complementamos el análisis cuantitativo de los datos con el análisis cualitativo de los vocablos activados y llegamos a la conclusión de que el motivo de esta elevada dispersión léxica es el carácter subjetivo de las respuestas de los informantes, que reflejan fundamentalmente los efectos de la pandemia no en el ámbito colectivo, sino en su ámbito personal: sentimientos, emociones, estados de ánimo, etc.

Por último, en virtud de lo anteriormente expuesto, el total de palabras repetidas por diferentes informantes es inferior al esperado, dado el bajo índice de cohesión, lo que hace que las coincidencias sean más reveladoras, como veremos en el siguiente apartado.

3.4. Presentación y discusión de resultados cualitativos

En las siguientes tablas (Figuras 3 y 4) presentamos las veinte unidades léxicas más disponibles para nuestros informantes en ambos centros de interés, con la indicación de los respectivos índices de disponibilidad, frecuencia relativa y porcentaje de aparición en las encuestas:

COVID 19 y España				
N.º	Unidad léxica	Disponibilidad	Frecuencia relativa	% Aparición
1	Muerte/s	0,61217	6,024%	66,667%
2	Mascarilla/s	0,34828	3,916%	43,333%
3	Cierre de fronteras	0,26603	3,614%	40,000%
4	Miedo	0,20555	2,711%	30,000%
5	Virus	0,19549	2,108%	23,333%
6	Pandemia	0,18214	2,108%	23,333%
7	Clases a distancia	0,15857	2,410%	26,667%
8	Alcohol en gel	0,15448	2,410%	26,667%
9	Vacuna/s	0,15375	2,410%	26,667%
10	Madrid	0,13437	1,506%	16,667%
11	Cuarentena	0,13303	1,506%	16,667%
12	Aislamiento	0,12467	2,108%	23,333%
13	Distanciamiento social	0,12364	1,807%	20,000%
14	Confinamiento	0,10485	1,506%	16,667%
15	Crisis	0,09918	1,506%	16,667%
16	Infectados	0,09911	1,506%	16,667%
17	Pánico	0,09826	1,205%	13,333%
18	Gobierno	0,09165	1,205%	13,333%
19	Desempleo	0,09065	1,205%	13,333%
20	Hospital/es	0,08699	1,506%	16,667%

Figura 3: Unidades léxicas más disponibles en el centro de interés “COVID-19 y España” (*Dispolex*).

COVID 19 y Portugal				
N.º	Unidad léxica	Disponibilidad	Frecuencia relativa	% Aparición
1	Mascarilla/s	0,43677	4,786%	63,333%
2	Alcohol en gel	0,34321	3,778%	50,000%
3	Cuarentena	0,26983	2,519%	33,333%
4	Muerte/s	0,26620	3,023%	40,000%
5	Virus	0,20423	2,267%	30,000%
6	Pandemia	0,19766	2,015%	26,667%
7	Distanciamiento social	0,18580	2,267%	30,000%
8	Clases a distancia	0,17669	2,267%	30,000%
9	Aislamiento	0,16160	1,511%	20,000%
10	Confinamiento	0,14360	1,511%	20,000%
11	Estado de alarma	0,12791	1,511%	20,000%
12	Hospital/es	0,12696	1,259%	16,667%
13	Desempleo	0,11942	1,763%	23,333%
14	Vacuna/s	0,11290	1,511%	20,000%
15	ERTE	0,10607	1,259%	16,667%
16	Crisis	0,09104	1,008%	13,333%
17	Miedo	0,08816	1,008%	13,333%
18	Incertidumbre	0,07960	1,259%	16,667%
19	Enfermedad	0,07769	0,756%	10,000%
20	Residencias de ancianos	0,07014	1,008%	13,333%

Figura 4: Unidades léxicas más disponibles en el centro de interés “COVID-19 y Portugal” (*Dispolex*).

Confrontando el contenido de las dos tablas, advertimos que hay quince unidades léxicas coincidentes entre las más disponibles en los dos centros de interés, aunque con distinto número de casos (*muertels*, *mascarilla/s*, *virus*, *hospital/es*, *vacuna/s*, *miedo*, *crisis*, *clases a distancia*, *cuarentena*, *pandemia*, *distanciamiento social*, *aislamiento*, *confinamiento*, *alcohol en gel* y *desempleo*), y diez divergentes. Las cinco que solo se han actualizado en el centro de interés “COVID-19 y España” son: *cierre de fronteras*, *Madrid*, *Gobierno*, *pánico* e *infectados*; y las cinco que surgen solo asociadas al centro de interés “COVID-19 y Portugal” son: *estado de alarma*, *ERTE*, *incertidumbre*, *enfermedad* y *residencias de ancianos*.

En la lista de palabras coincidentes destacamos los términos relacionados con las medidas de higienización tomadas para evitar la propagación del virus (*mascarilla/s* y *alcohol en gel*), con la tipología de la enfermedad (*virus*, *pandemia*) y las consecuencias directas de su elevado grado de contagio (*aislamiento*, *confinamiento*, *distanciamiento social*, *clases a distancia*, *cuarentena*, *muerte*), con sentimientos surgidos a raíz de la situación pandémica (*miedo*), con la esperanza de resolución (*vacuna/s*) y con las consecuencias económicas de la coyuntura sanitaria (*crisis*, *desempleo*).

Entre las palabras que los informantes han relacionado solo con el centro de interés “COVID-19 y España”, sobresalen *cierre de fronteras*, *Madrid* y *Gobierno*. En cuanto a la primera, son varios los informantes que han hecho referencia al cierre de fronteras entre Portugal y España para contener la pandemia, una demanda de parte de la ciudadanía portuguesa al poco de surgir la primera ola de la enfermedad, cuando el número de contagios en España era muy superior al que había en el país vecino. Además de ser un tema abordado por los medios de comunicación portugueses, en aquel periodo se difundieron varias peticiones a través de las redes sociales que insistían en la necesidad del cierre de fronteras. Por su parte, la significativa prevalencia del topónimo *Madrid* se explica también por la influencia de los medios portugueses que, al informar sobre la incidencia y efectos de la pandemia en España suelen referirse solo a la situación de Madrid y de Cataluña⁹, obviando lo que sucede en las restantes Comunidades Autónomas. Además, como sabemos, Madrid fue la región de España más castigada por la pandemia durante la primera ola, lo que explicaría también el índice de disponibilidad de esta palabra. Con relación al vocablo *infectados* como uno de los que los informantes asocian exclusivamente a España, es muy probable que su activación en el lexicón mental del alumnado encuestado se deba también al alto número de contagios registrado en el país durante la primera ola, en comparación con lo ocurrido en Portugal. Esa divergencia hizo que la situación pandémica en España en los primeros meses se percibiera como estando fuera de control, una imagen de crisis que se transmitió internacionalmente a través de radios, televisiones, prensa, redes sociales, etc.

Finalmente, de las palabras que los informantes han asociado solo al centro de interés “COVID-19 y Portugal”, destacan *ERTE*, *estado de alarma* y *residencias de ancianos*. El primer vocablo hace referencia directa a una de las principales consecuencias económicas de la crisis pandémica en el país: muchas

⁹ De hecho, estos son los únicos topónimos españoles que los informantes han activado en el centro de interés “COVID-19 y España”.

empresas, con el apoyo del Gobierno portugués, recurrieron masivamente a los expedientes de regulación temporal de empleo como una medida para evitar despidos, lo que afectó a muchos núcleos familiares. Si bien ocurrió lo mismo en España, los informantes han relacionado dicha coyuntura solo con Portugal, lo que puede significar que desconocen las consecuencias económicas de la pandemia en España, porque no se han enfatizado a través de los medios de comunicación. Por otra parte, los informantes en el centro de interés “COVID-19 y Portugal” mencionan varias veces la unidad léxica *estado de alarma*. Consideramos que la activación de este vocablo se relaciona directamente con lo novedoso de la aplicación de esta medida excepcional en el país y con el hecho de que, en el momento en que se recogieron los datos para esta investigación, dicha medida estaba en vigor. Con relación al vocablo *residencias de ancianos*, consideramos que su actualización también tiene que ver con el contexto nacional, ya que, durante la primera ola, la enfermedad golpeó con fuerza a las personas mayores, especialmente a aquellas que vivían en residencias de ancianos. Asimismo, el alto índice de mortalidad de este colectivo se noticiaba de forma recurrente a través de los medios de comunicación.

Además de los datos que acabamos de exponer e interpretar, el análisis cualitativo del contenido de las encuestas cumplimentadas por nuestros informantes ha arrojado otros resultados interesantes desde el punto de vista sociocultural, que presentamos y analizamos sucintamente a continuación.

En primer lugar, en relación con el uso de topónimos, ya hemos apuntado que en el centro de interés “COVID-19 y España” los informantes han hecho referencia apenas a Madrid y a Cataluña. Por su parte, en el centro de interés “COVID-19 y Portugal” han mencionado las principales ciudades del país, Lisboa y Porto, y también la localidad de Ovar, una pequeña ciudad del distrito de Aveiro que fue la primera en verse afectada por el cierre perimetral en Portugal en el mes de marzo de 2020, debido al elevado número de casos confirmados de COVID-19.

Respecto a los antropónimos, en el centro de interés “COVID-19 y España” no han activado ninguno, mientras que en el centro de interés “COVID-19 y Portugal” han aludido a António Costa, primer ministro de Portugal, a Marta Temido, ministra de Sanidad, y a Graça Freitas, que era la directora general de Sanidad y una de las personas que informaba a diario sobre los casos registrados en el país. Se trata, por lo tanto, de uno de los rostros más conocidos de la gestión de la pandemia en Portugal.

A propósito de festividades, tampoco activaron ningún vocablo en el centro de interés relacionado con España; sin embargo, en lo referente a Portugal

mencionan la Semana Santa y la fiesta del Avante. Cabe señalar que durante la Semana Santa de 2020 se prohibieron en Portugal los desplazamientos entre concejos, por lo que muchas familias no pudieron reunirse. A su vez, la celebración del Avante (la fiesta anual del Partido Comunista Portugués), que tuvo lugar en septiembre de 2020, abrió un gran debate en la opinión pública portuguesa, dado que en aquel momento todas las festividades estaban prohibidas por decreto gubernamental.

Con relación a las menciones concretas a la cultura y a los deportes en general, varios informantes hicieron referencia en ambos centros de interés a la crisis cultural como uno de los efectos de la pandemia, crisis que se tradujo, por ejemplo, en la *cancelación de conciertos* o en la asistencia a partidos de *fútbol sin público*, actividades de ocio habituales entre los jóvenes. En el centro de interés “COVID-19 y Portugal” uno de los informantes incluso activó la oración *no vende bebidas alcohólicas a partir de las 20h*, haciendo alusión a una de las medidas que se tomó en el país para evitar la concentración de jóvenes en el espacio público.

En cuanto a la mención de entidades u organismos, hay bastante coincidencia en ambos centros de interés, por ejemplo, en términos como *Gobierno* o *Servicio Nacional de Salud*. Asimismo, los informantes activaron mucho vocabulario relacionado con el sistema sanitario y con su saturación, especialmente en el centro de interés “COVID-19 y Portugal”.

No obstante, pese a la importancia de los medios de comunicación en la difusión de información sobre la evolución de la pandemia en Portugal y en el mundo, los informantes casi no hicieron referencia a ellos en sus respuestas: en el centro de interés relacionado con España, tan solo encontramos el vocablo genérico *noticias* y en cuanto a Portugal, los términos antagónicos *información* y *desinformación*.

En lo concerniente al uso de neologismos, los informantes no activaron ninguno en el centro de interés “COVID-19 y España” y, respecto a Portugal, solo hicieron referencia a *corona* (un vocablo de registro coloquial para referirse al virus) y *nueva normalidad*.

En cuanto al sentido del vocabulario activado, el léxico semánticamente negativo es muy frecuente en las encuestas, con una incidencia algo superior en el centro de interés “COVID-19 y España”, en el que se han recogido vocablos como *irresponsabilidad*, *mala suerte*, *fracaso*, *soledad*, *rabia*, *gravedad* y *depresión*. Por su parte, en el centro de interés relacionado con Portugal han mencionado términos como *estancamiento*, *recesión*, *ansiedad*, *pérdida* y expresiones como *subestimación del problema*, *cambio brusco de la normalidad*, *falta de recursos humanos* y *comportamiento liviano*.

Sin embargo, cabe señalar que en las encuestas también hay un porcentaje significativo de vocabulario semánticamente positivo, sobre todo en el centro de interés “COVID-19 y Portugal”. En ese sentido, los informantes han activado palabras que hacen referencia a sentimientos y actitudes nobles como *solidaridad*, *altruismo*, *comunidad*, *sentido del sacrificio* y *unión*, entre otros.

En definitiva, tal y como preveíamos, las respuestas de los informantes han aportado información sociocultural relevante en lo que respecta a su percepción sobre la incidencia y la gestión de la primera ola de la pandemia tanto en España como en Portugal.

3.5. Confirmación o refutación de hipótesis

Vaticinábamos en H1 que los vocablos *pandemia*, *mascarilla/s* y *confinamiento* serían los más utilizados por los informantes. Sin embargo, los resultados indican que solamente *mascarilla/s* se encuentra entre los cinco vocablos más usados en ambos centros de interés, de modo que esta hipótesis se ha cumplido parcialmente.

En relación con el uso de neologismos, tal y como conjeturábamos en H2, hemos confirmado que los informantes casi no han incluido ninguno en sus respuestas (a excepción de un registro de *corona* y otro de *nueva normalidad*, ambos en el centro de interés “COVID-19 y Portugal”).

Respecto a H3, confirmamos que, en efecto, existe bastante coincidencia entre los informantes en la activación de términos relacionados con su realidad inmediata de jóvenes universitarios, sobre todo por lo que se refiere al nuevo sistema de clases (*a distancia*) y a hábitos culturales y de ocio que ha alterado la pandemia (cancelación de conciertos, espectáculos deportivos sin público, restricción de acceso a bebidas alcohólicas a partir de una determinada hora, etc.).

En lo que atañe a H4, también se ha cumplido nuestro vaticinio: el vocablo *muerte/s* no solo es de los más disponibles en el centro de interés “COVID-19 y España”, sino que es el más disponible, con un índice de disponibilidad superior a 0,6.

Por último, en lo concerniente a H5, la hipótesis en la cual predecíamos una mayor activación de vocabulario semánticamente negativo en ambos centros de interés, también se confirma: el léxico de sentido negativo supera con creces al de sentido positivo en las respuestas de los informantes.

Conclusiones

Al concebir esta investigación nos propusimos, por un lado, medir y analizar el impacto de la pandemia de COVID-19 en el léxico disponible de un grupo de estudiantes portugueses de ELE; por otro lado, perseguíamos también el objetivo de averiguar, a partir del vocabulario activado, la percepción de nuestros informantes respecto a la incidencia y gestión de la primera ola de la pandemia en los dos países ibéricos, previa indicación de los centros de interés “COVID-19 y España” y “COVID-19 y Portugal”. Para lograr nuestro propósito, recurrimos a artículos de reciente publicación que abordan los efectos de la pandemia de coronavirus en la lengua española (Pons, 2020; Rodríguez-Ponga, 2020) y nos servimos de la metodología de la disponibilidad léxica para la recogida de los datos, siguiendo el postulado de estudios previos realizados en el ámbito de ELE (Carcedo González, 2000 y 2001; Samper Hernández y Samper Padilla, 2006; Mas Álvarez y Santos Palmou, 2017). Asimismo, nos basamos en investigaciones anteriores que han aplicado la metodología de la disponibilidad léxica para la obtención de información de tipo cultural (Rodríguez Mendiña, 2006; Gamazo Carretero, 2014; Palapadini y Agustín Llach, 2019; Sifrar Kalan, 2020).

Los principales datos cuantitativos arrojados por nuestra investigación indican que los informantes activaron más unidades léxicas en el centro de interés “COVID-19 y Portugal” (398 frente a 332) y que existe una gran dispersión de vocabulario en ambos ámbitos temáticos (apuntaron 175 unidades léxicas diferentes en el centro de interés “COVID-19 y España” y 216 en el centro de interés “COVID-19 y Portugal” y el índice de cohesión en los dos centros de interés es de solo 0,06), lo que da cuenta del alto nivel de subjetividad vertido en las respuestas. Esta elevada dispersión de vocabulario hace que las pocas coincidencias sean más significativas.

En ese sentido, las unidades léxicas más disponibles en el centro de interés relacionado con España son: *muerte/s*, *mascarilla/s*, *cierre de fronteras*, *miedo* y *virus*. En cuanto al centro de interés relacionado con Portugal, las unidades léxicas más disponibles son, por orden: *mascarilla/s*, *alcohol en gel*, *cuarentena*, *muerte/s* y *virus*.

Asimismo, a través del análisis de los datos cualitativos hemos podido confirmar que los informantes aportan información de tipo sociocultural en sus respuestas, lo que nos ha permitido construir su percepción colectiva respecto a la incidencia, la gestión y los efectos de la pandemia en España y en Portugal.

Así, la imagen que los informantes tienen sobre la coyuntura de la primera ola pandémica en ambos países es similar en lo que atañe a la aplicación de

medidas de higienización, a la saturación del sistema sanitario, a los efectos devastadores del virus en todas las áreas (especialmente en la económica y la cultural) y al cambio del modelo de enseñanza (de presencial a virtual). Sin embargo, dicha imagen difiere ligeramente en cuanto al índice de mortalidad (que apuntan como más alto en España) y en cuanto a los sentimientos positivos que ha despertado el virus en la comunidad (que consideran que son más numerosos y variados en Portugal).

Por último, cabe señalar que, pese al bombardeo informativo al que son sometidos a diario en relación con la pandemia y su evolución, los informantes apenas han hecho referencia a los medios de comunicación en sus respuestas.

En suma, si bien somos conscientes de que los cambios lingüísticos requieren tiempo para su verificación y estudio y se necesita una evolución temporal mayor para arrojar conclusiones definitivas, hemos podido demostrar con este trabajo que la pandemia de COVID-19 ha tenido cierto impacto en el léxico disponible de nuestros informantes y, por otra parte, los vocablos que han activado en sus respuestas han aportado información sociocultural relevante que nos ha permitido inferir cómo percibieron la coyuntura pandémica en España y en Portugal durante la primera ola de la enfermedad. En cualquier caso, esta investigación se plantea solo como una aportación embrionaria al tema de la influencia de la COVID-19 en el idioma español que pueda servir para ulteriores comparaciones e investigaciones.

Referencias bibliográficas

- CAÑIZAL ARÉVALO, A. (1987). *Disponibilidad léxica en escolares de primaria terminada. Análisis de seis centros de interés*. [Tesis inédita. Universidad Nacional Autónoma de México].
- CARCEDO GONZÁLEZ, A. (2000). *Disponibilidad léxica en español como lengua extranjera: el caso del finlandés (estudio de nivel preuniversitario y cotejo con tres fases de adquisición)*. Universidad de Turku, Publicaciones del Departamento de Lengua Española.
- CARCEDO GONZÁLEZ, A. (2001). *Léxico disponible de Asturias*. Universidad de Turku, Publicaciones del Departamento de Lengua Española.
- CIOCCIO, D. (15 de julio de 2020). *Coronavirus: qué pasará con las palabras y expresiones que trajo la pandemia*. La Nación. URL: <https://www.lanacion.com.ar/sociedad/coronavirus-que-pasara-palabras-expresiones-trajo-pandemia-nid2392899>

- COLAÇO, G. y CASTRO, M. (12 de septiembre de 2020). *Como a COVID-19 altera a linguagem de todos os dias*. Rádio Televisão Portuguesa. URL: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/como-a-covid-19-altera-a-linguagem-de-todos-os-dias_v1258588
- CORRAL HERNÁNDEZ, D. (2020). La huella del coronavirus en los medios de comunicación. *Boletín IEEE*, (18), 1242-1254. URL: http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_opinion/2020/DIEEEE074_2020DAVCOR_medios.pdf
- DALURZO, M. J. y GONZÁLEZ, L. A. (2010). Disponibilidad léxica en Córdoba, Argentina. En M. Viramonte (coord.). *Salud y aprendizajes lingüísticos. Complejidades en la enseñanza de la lengua* (tomo II, pp. 279-344). Córdoba (Argentina): Editorial Comunicarte.
- DI FRANCO, C. (2006). La relación lengua-cultura en el aprendizaje de ELE por parte de los italianófonos. En A. Álvarez, L. Barrientos, M. Braña et al. (eds.). *La competencia pragmática y la enseñanza del español como lengua extranjera* (pp. 279-288). Oviedo: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Oviedo.
- DOS SANTOS FERNÁNDEZ, M. (2014). Disponibilidad léxica en alumnos de español lengua extranjera del Distrito de Oporto (Portugal). En E. Tobar y M. E. Mañas (eds.). *El español como lengua extranjera en Portugal: retos de la enseñanza de lenguas cercanas* (pp. 92-104). Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.
- ECHEVERRÍA, M. y VALENCIA, A. (1999). *Disponibilidad léxica en estudiantes chilenos*. Universidad de Chile / Universidad de la Concepción.
- FERNÁNDEZ MONTORO, D. (2014): Implicaciones culturales del léxico. *Tonos digital. Revista de estudios filológicos*, (27), 1-36. URL: <https://digitum.um.es/digitum/bitstream/10201/40383/1/Implicaciones%20culturales%20del%20l%3%a9xico.pdf>
- FERNÁNDEZ MONTORO, D. (2015). *Enseñar cultura a través del léxico. Una combinación para favorecer el aprendizaje en el aula de ELE*. [Tesis doctoral, Universidad de Granada]. URL: <https://digibug.ugr.es/handle/10481/40373>
- GALISSON, R. (1991). *De la langue à la culture par les mots*. CLE Internacional.
- GAMAZO CARRETERO, E. (2014). Estereotipos en el léxico disponible de universitarios portugueses. En E. Tobar y M. E. Mañas (eds.). *El español como lengua extranjera en Portugal: retos de la enseñanza de lenguas cercanas* (pp. 28-41). Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.
- HERREROS MARCILLA, M. (2015). Los centros de carácter cultural en los estudios de disponibilidad léxica: análisis y nueva propuesta. En D. Izquierdo Alegría

- y M. Casado Velarde (coords.). *Lenguas, lenguaje y lingüística. Contribuciones desde la Lingüística General* (pp. 279-290). Pamplona: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra.
- JIMÉNEZ BERRIO, F. (2019). *Estudio sociolingüístico del léxico disponible de escolares navarros*. EUNSA.
- LA PAZ BARBARICH, E. (2016). Lengua y cultura en la clase de ELE. Desarrollo de propuestas didácticas desde un marco comunicativo actual. En P. Molina (coord.). *Actas de las VIII Jornadas de Formación para Profesores de Español en Chipre* (pp. 28-39). Nicosia: Centro de Lenguas de la Universidad de Chipre.
- LÓPEZ GARCÍA, M. P. (2000). *Relaciones lengua-cultura en la didáctica del español como lengua extranjera: implicaciones pedagógicas* [Tesis doctoral, Universidad de Granada]. URL: <https://digibug.ugr.es/handle/10481/28918>
- LÓPEZ GARCÍA, M. P. y MORALES CABEZAS, J. (2013). La lexicultura: una experiencia dentro y fuera del aula en el aprendizaje de ELE. *Revista Nebrija de Lingüística Aplicada a la Enseñanza de Lenguas*, (13), 670-682.
- LÓPEZ MEIRAMA, B. (2008). *Léxico disponible en el español de Galicia*. Universidad de Santiago de Compostela.
- LÓPEZ MORALES, H. (1973). *Disponibilidad léxica de los escolares de San Juan*. MS.
- LÓPEZ MORALES, H. (1995). Los estudios de disponibilidad léxica: pasado y presente. *Boletín de Filología de la Universidad de Chile*, (35), 245-259.
- MAS ÁLVAREZ, I. y SANTOS PALMOU, X. (2014a). Disponibilidad léxica y contacto del español con otras lenguas. Algunas adaptaciones metodológicas. En J. M. Santos Rovira (ed.). *Fronteras y diálogos. El español y otras lenguas* (pp. 25-38). Lugo: Axac.
- MAS ÁLVAREZ, I. y SANTOS PALMOU, X. (2014b). Avances y retos en la aplicación de la metodología de los estudios sobre disponibilidad léxica a la enseñanza de ELE. En M. C. Ainciburu (ed.). *Actas del II Congreso Internacional Nebrija en Lingüística Aplicada a Enseñanza de Lenguas* (pp. 391-403). Madrid: Universidad Nebrija.
- MAS ÁLVAREZ, I. y SANTOS PALMOU, X. (2017). Léxico disponible en el alumnado de español en la enseñanza superior en Oporto: propuestas para su análisis. En M. C. Fernández López, M. Martí Sánchez y A. M. Ruiz Martínez (eds.). *Investigaciones actuales en Lingüística. Vol. VI: Aplicaciones de la Lingüística* (pp. 93-111). Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá.
- MEDINA, M. (4 de mayo de 2020). *¿Qué palabras han sido las más usadas en la crisis del coronavirus? La RAE te lo cuenta*. El Confidencial. URL: <http://www.>

- elconfidencial.com/cultura/2020-05-04/rae-palabras-coronavirus-pleno-virtual_2578640/
- PÁJARO HUERTAS, D. (2002). La formulación de hipótesis. *Cinta de Moebio: Revista Electrónica de Epistemología de Ciencias Sociales*, (15), 373-388.
- PALAPANIDI, K. y AGUSTÍN LLACH, M. P. (2018). La disponibilidad léxica como medida de diferencias culturales en el vocabulario de aprendices griegos de ELE y hablantes nativos. En M. Bargalló, E. Forgas y A. Nomdedeu (eds.). *Léxico y cultura en LE/L2: corpus y diccionarios. Actas del XXVIII Congreso Internacional de ASELE* (pp. 569-578). Tarragona: Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera.
- PÉREZ JIMÉNEZ, E. (2016). *El léxico disponible de los estudiantes preuniversitarios en La Rioja* [Tesis doctoral, Universidad de La Rioja]. URL: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=48492>
- PONS RODRÍGUEZ, L. (8 de abril de 2020). “Covidiota”, “balconazis”, “cuarenpena”... los neologismos que nos ha traído la pandemia. El País. URL: https://verne.elpais.com/verne/2020/04/07/articulo/1586246728_179666.html?id_externo_rsoc=TW_CC
- PRADO ARAGONÉS, J. y GALLOSO CAMACHO, M. V. (2015). *El léxico disponible de Extremadura y comparación con el de Andalucía*. Universidad de Huelva.
- PRADO ARAGONÉS, J., GALLOSO CAMACHO, M. V. y CONCEIÇÃO, M. C. (2010). *La disponibilidad léxica en situación de contacto de lenguas en las zonas limítrofes de Andalucía y Extremadura (España) y Algarve y Alentejo (Portugal)*. Universidad de Huelva.
- RODRÍGUEZ MENDUIÑA, P. (2006). *Estereotipos culturales sobre España en aprendices estadounidenses de ELE* [Trabajo de Fin de Máster, Universidad de Salamanca]. URL: <https://www.educacionyfp.gob.es/dam/jcr:cbf03924-2e4c-44c8-b1c1-326acc197d62/2006-bv-06-10pompeyorodriguez-pdf.pdf>
- RODRÍGUEZ, J. C. (7 de mayo de 2020). *Darío Villanueva ve “fundamental” adaptar el diccionario a la nueva realidad*. Fundéu RAE. URL: <https://www.fundeu.es/noticia/dario-villanueva-ve-fundamental-adaptar-el-diccionario-a-la-nueva-realidad/>
- RODRÍGUEZ-PONGA, R. (2020). El nacimiento de un nuevo vocabulario: consecuencias lingüísticas de la pandemia. En M. Kazmierczak, M. T. Signes y C. Carreira Zafra (eds.). *Pandemia y resiliencia: aportaciones académicas en tiempos de crisis* (pp. 197-249). Pamplona: EUNSA.
- ROMERO GUALDA, M. V. (1991). Enseñanza del vocabulario e interacción cultural. En S. Montesa y A. Garrido (eds.). *El español como lengua extranjera: de la teoría al aula. Actas del III Congreso Internacional de ASELE* (pp. 179-

- 188). Málaga: Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera.
- ROMERO GUALDA, M. V. (1996). La enseñanza del vocabulario: tópicos culturales. En Á. Celis y J. R. Heredia (coords.). *Lengua y cultura en la enseñanza del español a extranjeros. Actas del VII Congreso Internacional de ASELE* (pp. 389-396). Almagro: Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera.
- SAINE CAMARGO, A. M. (2008). *El léxico disponible de los estudiantes de la escuela media bonaerense: aspectos metodológicos y sociolingüísticos* [Tesis doctoral, Universidad Nacional de Educación a Distancia]. URL: <http://e-spacio.uned.es/fez/view/tesisuned:Filologia-Amsaine>
- SAMPER PADILLA, J. A. y SAMPER HERNÁNDEZ, M. (2006). Aportaciones recientes de los estudios de disponibilidad léxica. *Lynx. Panorámica de Estudios Lingüísticos*, (5), 5-95.
- SECO, M. (1991). *Gramática esencial del español. Introducción al estudio de la lengua*. Espasa Calpe.
- SIFRAR KALAN, M. (2020). Estereotipos culturales sobre España en estudiantes universitarios extranjeros: el caso de los Erasmus eslovenos. *Ogigia: Revista electrónica de estudios hispánicos*, (27), 213-234. URL: <https://doi.org/10.24197/ogigia.27.2020.213-234>
- TERRÁDEZ GURREA, M. (2019). La disponibilidad léxica de los estudiantes de secundaria de Valencia. *EntreLenguas*, (5), (1), 253-265

Sitografía

- Dialnet plus*. Versión avanzada de Dialnet. Base de datos de contenidos científicos hispanos. Fundación Dialnet/Universidad de La Rioja. URL: <https://dialnet.unirioja.es> [17.04.2021]
- RAE (2020): Presentación de la actualización 23.4 del *Diccionario de la lengua española*, en su versión en línea. URL: <https://www.rae.es/noticia/la-rae-presenta-las-novedades-del-diccionario-de-la-lengua-espanola-dle-en-su-actualizacion> [26.11.2020]
- RAE (2020): Presentación de las novedades del *Diccionario histórico de la lengua española*, en su versión en línea. URL: <https://www.rae.es/noticia/la-rae-impulsa-el-diccionario-historico-de-la-lengua-espanola-con-una-red-panhispanica-de> [17.04.2021]

TÍTULO: Percepciones sobre la primera ola de la pandemia de COVID-19 en Portugal y España. Una aproximación al léxico disponible de universitarios portugueses

RESUMEN: Desde que irrumpió en nuestras vidas hace algo más de dos años, el nuevo coronavirus ha transformado por completo nuestra realidad. Los idiomas tampoco han resultado inmunes a los efectos de la pandemia, al tratarse de componentes vivos y dinámicos de las sociedades (Cioccio, 2020). Así, el término COVID-19, que hasta hace poco era inexistente en español y en otras lenguas, se ha convertido en omnipresente y ha dado origen a nuevos vocablos (Pons, 2020; Rodríguez-Ponga, 2020).

Por consiguiente, atendiendo a la innegable influencia de la enfermedad en nuestro discurso diario actual, en este artículo ofrecemos los resultados de una investigación que indaga acerca de la impronta de los centros de interés “COVID-19 y España” y “COVID-19 y Portugal” en el léxico disponible de un grupo de estudiantes universitarios que tienen el portugués como lengua materna y son, además, estudiantes de ELE (N=30), a fin de averiguar, a partir de dicha selección léxica, cuál es su percepción sobre la incidencia y la gestión de la primera ola de la pandemia en ambos países ibéricos. Para la obtención de los datos hemos aplicado pruebas psicolingüísticas de disponibilidad léxica, según la metodología propuesta en el Proyecto Panhispánico de Disponibilidad Léxica.

TITLE: Perceptions about the first wave of the COVID-19 pandemic in Portugal and Spain. An approach to the available lexicon of Portuguese university students

ABSTRACT: Since it broke, the new coronavirus has completely transformed our lives. Languages have not been immune to the effects of the pandemic either, as they are living and dynamic components of societies (Cioccio, 2020). Thus, the term COVID-19, which until recently was non-existent in Spanish and other languages, has become ubiquitous and has given rise to new words directly related to this pandemic (Pons, 2020; Rodríguez-Ponga, 2020).

Therefore, considering the undeniable influence of the disease in our current daily discourse, in this article we offer the results of an investigation through which we inquired about the impact of the word prompts “COVID-19 and Spain” and “COVID-19 and Portugal” in the updated lexicon of a group of university students who have Portuguese as their mother tongue and are also SFL students (N=30). With this, we aim to find out, from the lexical selection, what their perception of the incidence and management of the first wave of the pandemic in both countries are. To obtain the data, we applied psycholinguistic tests of lexical availability, following the methodology proposed in the Pan-Hispanic Project of Lexical Availability.

Análise contrastiva das expressões binominais em *corpora* anotados portugueses e franceses

Contrastive analysis of compound expressions in Portuguese and French annotated *corpora*

FERNANDO MARTINHO*

PALAVRAS-CHAVE: Sintaxe, Léxico, Modificadores, Adjetivos, Compostos, Semântica intensional.

KEYWORDS: Syntax, Lexicon, Adjectival modifiers, Attributive adjectives, Compounds, Intensional semantics.

Introdução

O estudo do léxico revela que existe por vezes conflito entre a natureza e a função de alguns itens lexicais. O presente trabalho contrastivo, baseado em dados da linguística de corpus, propõe-se refletir sobre um conjunto de termos das línguas portuguesa e francesa, incluídos por defeito na classe dos nomes, mas interpretados, em contextos específicos, como adjetivos. No caso da língua portuguesa, retomamos aqui parte dos dados extraídos do corpus informatizado *CETEM Público*¹. No caso da língua francesa, propomos tratar dados extraídos do corpus *frWaC*² e cruzá-los com os dados do português.

Na sua qualidade de modificadores, os adjetivos atributivos são classicamente vistos como unidades lexicais superficialmente adjacentes ao núcleo lexical

* Universidade de Aveiro. Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC).

¹ <http://www.linguateca.pt/cetempublico/>. O CETEM Público (Corpus de Extratos de Textos Eletrónicos MCT/Público) é um corpus de aproximadamente 180 milhões de palavras em português europeu, codificado com IMS Open CWB e criado pelo projeto Processamento computacional do português (projeto que deu origem à Linguateca) após a assinatura de um protocolo entre o Ministério da Ciência e da Tecnologia (MCT) português e o jornal público em abril de 2000.

² <https://bellatrix.sslmit.unibo.it/noske/public/#dashboard?corpname=frwac1>. *FrWaC* é um corpus de 1,613 mil milhões de *token* (1,278 mil milhões de palavras) construído a partir da Web, limitando o rastear ao domínio .fr e usando palavras de média frequência do *Le Monde Diplomatique* e listas básicas de vocabulário francês como entradas. O corpus foi marcado por POS e lematizado com *TreeTagger*.

N, partilhando com o mesmo os seus traços flexionais. No entanto, nas línguas referidas, o estudo dos *corpora* citados permite identificar casos de modificação nominal, que implicam, da mesma forma, adjacência entre dois N, não estando, contudo, o primeiro (N1) e o segundo (N2) necessariamente ligados por complementação sintática, relações argumentais ou aposição. Nesta configuração particular, veremos que N2 pode ser interpretado como modificador de N1. O presente estudo refere-se, em concreto, a um subconjunto de sequências N1N2 à margem dos processos clássicos de composição (que, por sua vez, têm uma frequência de corpus muito elevada), o qual corresponde, como será defendido, a uma estrutura modificada em que N2 é um adjetivo. Concretamente, nestas expressões binomiais modificadas, N2 corresponde a um adjetivo intensional com função relacional ou superlativa.

1. Binominais e compostos

Apresentamos, para começar, os *corpora* referidos e algumas concordâncias extraídas, e retomamos depois algumas análises relevantes sobre expressões binomiais.

1.1. *Corpus* de trabalho

Os exemplos em (1.) correspondem a expressões binomiais N1N2 resultando de concordâncias extraídas aleatoriamente da base de dados CETEM³:

(1.) Expressões binominais N1N2 em Português (*ortografia original*)
projecto-piloto, contrato-promessa, contrato-programa, projecto-lei, medida-padrão, clube-satélite, estado-membro, episódio-chave, palavra-chave, ministro-presidente, posto-chave, versão-base, emissor pirata, equipa sensação, estado-fantoches, lei-quadro, trabalhador-estudante,

³ Dados extraídos com base na sintaxe de pesquisa [pos="N"][pos="N], em que “pos” é a instrução de “posição” e “N” a categoria “nome”. Note-se que o corpus CETEM contém um número considerável de N1N2 hifenizados. Acesso: <https://www.linguatca.pt/CETEMPUBLICO/>

O corpus em (2.) ilustra, em francês, o mesmo tipo de sequências N1N2, aleatoriamente selecionadas. Cada uma corresponde a uma expressão binominal e resulta de concordâncias extraídas via *CQL*⁴ do corpus *FrWaC*⁵ uma vez depuradas de falsos positivos⁶:

(2.) Expressões binominais N1N2 em Francês⁷:

image système, performance record, responsable communication, pièce moto, service achat, technologie objet, coloration métier, prix monstre, gris acier, effet lumeau, mots clés, assurance moto, édition papier, association relais,

1.2. Modelos teóricos

No campo da morfossintaxe e do estudo lexical das composições, em particular nas línguas românicas, vários autores abordaram as estruturas adjacentes do tipo N1N2 e procuraram opô-las a construções envolvendo outras categorias lexicais contíguas (como NA ou VN). Assim, é geralmente assumido que as sequências N1N2 se distinguem dos casos de aposição, não estando N1 e N2 separados por vírgula ou pausa, dos casos de predicação, pois não existe entre N1 e N2 nenhuma cópula, e também dos casos de complementação, pois nenhuma preposição ou conjunção é inserida entre N1 e N2. Em contrapartida, a adjacência entre os termos aponta para mecanismos de composição ou de

⁴ O *Corpus Query Language* (CQL) é um código especial de consulta usado no *Sketch Engine* (<http://www.sketchengine.eu/>) para procurar padrões gramaticais ou lexicais complexos ou para usar critérios de pesquisa que não podem ser definidos usando a interface padrão do utilizador. A expressão regular principal do CQL, utilizada para esta consulta de corpus, foi: [tag="NOM"][tag="NOM"]

⁵ O corpus estava aqui restrito ao subconjunto *FrWac Small* (uma variante de mil milhões de palavras). O acesso à página principal é: <https://bellatrix.sslmit.unibo.it/noske/public/#dashboard?corpname=frwac1>

⁶ A consulta inicial do CQL devolveu cerca de 459 000 concordâncias em 22 000 páginas! Embora a opção *Sentence View* tenha ajudado pela primeira vez na filtragem de operações, decidimos extrair dados de apenas uma em cada dez páginas (implicando cerca de 2 000 páginas), o que resultou em 40 000 concordâncias. A filtragem referida foi aplicada a estas concordâncias posteriores.

⁷ Em francês, um número muito reduzido de binominais usa hífen entre N1 e N2, casos de: “*ministre-candidat, achat-vente*”, etc. Note-se, ainda, que estas sequências podem, para além do hífen, ser também transcritas com aspas ou maiúscula (no caso de nomes próprios).

modificação sintática ou morfológica. Neste último caso, têm sido propostas designações como ‘substantivo adjetivado’ (Béchade, 1986 apud Noailly, 1990) ou ‘nome adjetivo’ (Martinho, 2007), para denotar estas estruturas indecisas que, na verdade, carecem de classificação e de apelação rigorosas⁸.

1.2.1. Composição e modificação

A definição dos compostos e a distinção entre composição e modificação é uma questão recorrente, abordada tanto no âmbito da gramática normativa como dentro de diversos quadros teóricos (Bartning 1976, Warren 1984, Vogel e Comrie 2000, Olsen 2001, Booij 2007).

Em termos de norma gramatical, o composto N1N2 tem sido considerado uma construção depreciativa, por referência à classificação léxico-semântica herdada da gramática tradicional, cuja distinção aristotélica entre o “nome substantivo”, que denota as substâncias e “nome adjetivo”, que denota as qualidades, continua historicamente vincada⁹. Logo, a tradição gramatical francesa, por exemplo, Grevisse e Goosse (1961), defende que a função de modificador atributivo – ou “*epithète*”¹⁰ – pertence em exclusivo ao adjetivo, pelo que sequências como “*roman fleuve*” são compostas de nomes substantivos. Barbaud (1971, p. 102) argumenta que um “*composé binominal*” associando dois nomes justapostos, como “*centre ville*”, deve na verdade ser pensado como uma expressão N1(*de*)N2 em que o segundo pode ser considerado um complemento dativo ou genitivo, depois de elipse da preposição intermédia “*de*”. Considerando “marginais” estas composições, Barbaud reconhece, contudo, que, nas construções N1N2, ditas de “*complémentation directe*”, a supressão de “*de*” é cada vez mais usada na língua moderna¹¹. De igual modo, relativamente à norma gramatical do português, Cunha e Cintra (1984) encaram também como casos de “composição por justaposição” sequências de dois substantivos como “*escola-modelo*” ou “*porco-espinho*”, sendo N1 “*o elemento determinado, que contém a*

⁸ Sobre uma proposta de distinção entre “nomes adjetivos” e “adjetivos nomes” (Martinho, 2007).

⁹ Cunha e Cintra (1984, p. 203) referem a “duvidosa vernaculidade” dos substantivos usados como adjetivos de cor (“*verde-garrafa*”)

¹⁰ Da mesma forma, a função predicativa do adjetivo é qualificada de “*attribut*” (atributo).

¹¹ Barbaud (1971, p. 76). Na mesma perspetiva, Rohrer (1967 apud Noailly, 1990) considera agramaticais as construções N1N2.

ideia geral” e N2 “*o determinante, que encerra a noção particular*”¹² (1984, p. 107).

No âmbito da análise linguística do português, as sequências N1N2 têm sido pensadas em termos de composição morfológica ou sintática (ou ambas)¹³. Assim, Villalva (2003, p. 980) refere globalmente os “compostos morfossintáticos”, os quais incluem em particular a estrutura N1N2 e remetem para duas grandes categorias: (i) as *estruturas de adjunção*, como “bomba-relógio”, que correspondem a uma expressão nominal “de núcleo inicial” constituída por dois N, sendo N2 um “modificador nominal” (habitualmente) não flexionado; e (ii) as estruturas de conjunção, como “surdo-mudo”, cujo núcleo não pode ser isolado e N2 pode flexionar. Rio-Torto (2013, p. 21) distingue (i) os compostos por coordenação, como “porco-espinho”, que permitem uma denotação por intersecção entre os dois N; e (ii) os compostos por subordinação, como “turma-piloto”, que não implicam uma denotação interseccional e se baseiam numa relação “Determinado-Determinante”, na qual o elemento determinante (N2) é um substantivo¹⁴. Para esta autora, os “nomes em aposição” N1N2 correspondem a um tipo específico de composição em que se destacam duas constantes. Por um lado, a construção N1N2 é um composto de natureza morfológica ou morfossintática e pode ser declinada, em função dos casos, em coordenativa (“trabalhador-estudante”), subordinativa (“salva-vidas”) ou atributiva (“palavra-chave”). Por outro lado, em compostos atributivos, N2 funciona como um modificador de N1, embora a sua flexão seja inconstante.

Relativamente ao francês, Noailly (1990) defende a proposta segundo a qual N2 seria um adjetivo. Longe de ser marginal, este uso inesperado do nome é amplamente registado no francês contemporâneo, onde compete – com sucesso crescente – com as estruturas de modificação adjetival clássicas. Noailly distingue nos “*substantifs épithètes*” dois tipos de interpretações. Destaca, em primeiro lugar, a “qualificação”, função habitualmente desempenhada por um adjetivo qualificativo e eventualmente por um nome comum. Por seu lado, a função de “*identificação*” está associada a um nome (comum ou próprio) ou

¹² Os autores observam, acerca do exemplo “*mãe-pátria*”, que a ordem *Determinante-Determinado* (N2N1) também pode existir em português.

¹³ Nessa perspetiva, as eventuais relações gramaticais entre N1 e N2 não seriam exclusivas do composto, mas presumivelmente comuns às construções sintáticas em geral.

¹⁴ (Rio-Torto, 2013, pp. 21-23)

a um adjetivo relacional¹⁵. Vejamos exemplos de *qualificação* e *identificação* em (3.) e (4.):

- (3.) a. Un livre événement
b. Une émission phare

- (4.) a. Un plateau repas
b. Un chèque vacances

Para Noailly (1990, p. 38), N2 é “qualificativo” a partir do momento em que N1N2 pode ser parafraseado por “um N1 que é um N2», isto é, em que N2 equivale a uma relativa restritiva. Assim, um “*livre-événement*” é “um livro (N1) que é um acontecimento (N2)”¹⁶ (Noailly, 1990, p. 36). A autora postula também uma equivalência relativa entre sequências N1N2 modificadas, como “*film-scandale*” e sequências NA clássicas, como “*film scandaleux*”: em ambos os casos, o referente (N1) é modificado por meio de um “*qualificativo*”; a paráfrase proposta permite alternar entre um nome, que aceita então um artigo (o que comprova a sua natureza nominal – “um filme que é *um* escândalo”), e um adjetivo derivado via sufixação (o que comprova a sua natureza adjetival – “um filme que é *escandaloso*”¹⁷). Quanto a N2 de “identificação”, a autora focaliza-se em casos como “*un problème cheveux*”, “*les sœurs courage*”, para invocar constantes subjacentes, entre as quais a ausência de concordância entre N1 e N2, que afasta N2 dos adjetivos, a ausência sistemática de hifenização (ao contrário dos N1N2 de “qualificação”), a ausência de grau ou sufixo em N2 e, por último, a incompatibilidade de N2 com uma eventual posição predicativa¹⁸.

A análise linguística das estruturas N1N2 pode ser alargada a outras línguas. Numa perspetiva próxima, Montermini (2006) propõe, em italiano, que os “compostos” N1N2 resultam de uma fusão entre dois nomes numa relação de *modificação*. O autor sugere que N1N2 deve ser interpretado como *hipónimo*

¹⁵ Havendo complementação, estas sequências podem também ser parafraseadas por meio de uma construção preposicional ou relativa, como por exemplo: “*le facteur risque*” / “*le facteur qui est un risque*” (Noailly, p. 146).

¹⁶ A autora critica Grevisse e Goosse (1961), que confundem, segundo ela, “*qualificação*” e “*coordenação*”.

¹⁷ Este critério é claramente fragilizado por casos como o N1N2 “*prix monstres*”, que apenas pode ser parafraseado em “*des prix qui sont monstres*” (*Idem*, p. 39).

¹⁸ Exemplo de N1N2 agramatical: “*un plateau très repas*”. Estas restrições levam a autora, crucialmente, a afastar N2 dos adjetivos qualificativos e a aproximá-lo dos adjetivos relacionais. Para uma proposta de análise de N2 como adjetivo relacional, cf. Martinho (2013).

de N1, pelo que adianta, à semelhança de Noailly (1990), uma paráfrase restritiva de N1N2: “um N1 que é ao mesmo tempo um N2”, apresentando a favor dessa análise exemplos como “*viaggio premio, pausa pranzo, angolo cottura*”¹⁹. Dressler (2006), numa tentativa de apurar a definição dos “*compounds*” em inglês, sugere que, se é difícil atribuir-lhes um formato consensual, em contrapartida a sua semântica parece ser facilmente mapeada. O autor focaliza-se na análise extensional dos compostos, mais precisamente nas suas propriedades prototípicas, e no facto de os mesmos serem constituídos de palavras básicas não derivadas “*free forms*”, excluindo afixos, clíticos, preposições²⁰. Analisando a produtividade morfológica dos “*compound nouns*”, o autor nota a sua tendência em se comportarem como estruturas endocêntricas de núcleo final, ou seja, do tipo *Determinante-Determinado*²¹, como “*miracle cure*” ou “*high-school*”. Por último, o autor refere que os compostos são ilhas anafóricas (“*anaphoric islands*”), ou seja, a sua estrutura interna é opaca a operações sintáticas: assim, em “*truck driver*”, o N2 “*truck*” não é acessível a leituras referenciais, como o atesta a agramaticalidade da frase seguinte (em que o referente de “*them*” seria “*truck*”): * “*Truck drivers fill them up*”.

Em síntese, com base nos modelos anteriores, podemos associar a natureza e a estrutura dos compostos a algumas constantes: (i) os mesmos integram sistematicamente duas ocorrências da categoria lexical N; (ii) N1 e N2 verificam entre si uma relação linguística implícita (isto é, não formal) em que N2 determina e N1 é determinado; (iii) a estrutura resultante (nas línguas Românicas) é um hipónimo de N1 e pertence à categoria lexical de N1. Uma das questões em aberto consiste em determinar a natureza da relação linguística verificada entre N1 e N2, a qual pode ser de tipo sintático, morfológico e/ou semântico.

1.2.2. Composicionalidade

Um princípio relevante que caracteriza o conhecimento linguístico implícito de um falante (em particular o seu “*léxico mental*”²²), e que é solicitado em particular no processamento destas sequências lexicais ambíguas, é o princípio

¹⁹ Lit.: “viagem prenda, pausa almoço, ângulo cozedura” Montermini (2006, p. 2).

²⁰ Como seria o caso, por exemplo, de “*biblio-therapy*” (Dressler, 2006, p. 25).

²¹ Neste caso, em inglês.

²² Libben e Jarema (2006).

de composicionalidade²³. Em estruturas lexicais complexas, Veloso e Martins (2011) apontam para que “a computação do significado” se baseia nesse “princípio, que permite calcular (e torna predizível) o significado partilhado por toda a palavra através da identificação, em separado, do significado de cada *um* dos seus constituintes básicos” (Veloso e Martins, 2011, p. 50). Os autores retomam a definição de Villalva (2008), formulada nos seguintes termos²⁴: “Composicionalidade é um princípio estabelecido para a semântica, segundo o qual o significado de um todo é uma função do significado das partes” (Villalva, 2008, p. 22).

Este princípio aplica-se precisamente no caso das sequências N1N2, na medida em que a interpretação de expressões como “equipa sensação” ou “*bilan langage*” procede do significado de N1, mas também da relação de modificação estabelecida entre N1 e N2²⁵. O critério de composicionalidade permite, pois, estabelecer uma distinção pertinente e objetiva entre os binominais modificados N1N2, de baixo valor composicional, e os casos de composição (não modificada), de interpretação marcadamente composicional²⁶. Assim, segundo Veloso e Martins²⁷ o Princípio de Composicionalidade contribui, pelo menos em parte, para a explicação de numerosos casos de inovação lexical na língua, facilitando a entrada de palavras como [as EBM] no léxico português” (2011, p. 563).

Embora estes autores classifiquem globalmente os N1N2 como compostos, hesitam sobre os critérios de aplicação dos mecanismos de composição e o grau de composicionalidade. Um dos testes aplicáveis aponta para a morfologia interna de N1N2, visto que a flexão de N2, nestas estruturas, parece ser bastante

²³ O conceito remonta, segundo Veloso e Martins (2011), a Frege (1892).

²⁴ A autora alarga o conceito de composicionalidade também à morfologia.

²⁵ Sequências como “equipa sensação” ou “*bilan langage*” destacam-se também pelo facto de constituírem exemplos de sobregeração, ou seja, não estão ainda dicionarizadas. Como tal, a elevada produtividade destas expressões seria explicada à luz do princípio de composicionalidade (Veloso e Martins, 2011, p. 562).

²⁶ Observe-se, contudo, que parte dos compostos (por exemplo predicções do tipo “tira-nódoas”, etc.) equivalem a expressões não-composicionais, próximas de estruturas lexicalizadas.

²⁷ Os autores dão o exemplo de “governo sombra” e referem que se trata de “neologismos relativamente recentes que combinam palavras ou unidades morfológicas pré-existentes e disponíveis no léxico partilhado por um número supostamente substancial de falantes” (Veloso e Martins, 2011, p. 563).

inconsistente²⁸. Assim, se N2 mantém sempre o seu *gênero* (independentemente de N1), como em “a turma piloto” ou “*la mère courage*”, N2 pode ter ou não o número de N1 (“as turmas piloto”, “*les responsables clés*”). A composicionalidade da interpretação é um critério a considerar na medida em que a denotação de um composto não composicional não é transparente, ou seja, a interpretação implica uma dissociação referencial entre N1 e N2 – uma “turma piloto” é uma “turma”, mas não é um “piloto” –, o que não é o caso dos compostos composicionais (um “trabalhador estudante” é ao mesmo tempo um “estudante” e um “trabalhador”). Devido à sua inclinação para a lexicalização, as expressões N1N2 modificadas não são, pois, transparentes em termos composicionais²⁹. Nessa mesma perspetiva, Dressler (2006) explica que o significado de “*high school*”, por exemplo, é obviamente composicional e, portanto, transparente, mas o cognato “*high-school*” é opaco (logo, não composicional). Ainda assim, nota o autor, “*high-school*” pode ser considerado razoavelmente transparente, porque, se o significado de “*school*” é de facto extensional, a motivação semântica de “*high*” também parece clara. Podemos, pois, definir o significado de N1N2 como sendo um subconjunto do conjunto de significados construídos com base na combinação dos significados de N1 e N2, estando, contudo, a natureza nominal ou adjetival de N2 na origem de subconjuntos distintos.

Os modelos aqui sumariamente apresentados, que tentam atribuir uma classificação consistente a itens lexicais inconstantes, levantam certamente diversas questões sobre a sua aplicabilidade, em especial pela sua hesitação entre remeter explicações para o léxico, a morfologia ou a sintaxe, e pelo número consequente de exceções às regras projetadas³⁰. Esta questão tipológica e terminológica pode ser no entanto, como vamos ver, reduzida à proposta seguinte: as sequências N1N2 aqui consideradas não são nem lexicais nem

²⁸ Existe algum consenso sobre o facto de, nos N1N2 modificados, N2 ser flexionado. Contudo, como mostram os exemplos extraídos dos *corpora*, em muitos casos apenas N1 flexiona. Cf. Villoing (2012) ou Rio-Torto (2013).

²⁹ Acerca dos processos de lexicalização, Villalva (2008) adianta: “Quanto à lexicalização, trata-se de um processo de perda da composicionalidade, que actua de forma aleatória e imprevisível, sempre que pelo menos um dos constituintes morfológicos sofreu alterações semânticas ou formais ou é desconhecido para os falantes. A lexicalização pode, pois, afectar a interpretação da palavra, a sua forma, as suas propriedades gramaticais ou uma conjugação destes factores” (Villalva, 2008, p. 23).

³⁰ Outra questão é que estes estudos juntam dados e interpretações muito diferentes e, em última análise, dão pouquíssima atenção às sequências N1N2 propriamente ditas, privilegiando tipos de sequências mais frequentes (VN, AN...).

morfológicas, mas sintáticas. Nesta perspectiva, defendemos que um N2 inserido de forma não forçada (isto é, não lexicalizada) ao contacto de um N1 desprovido de função temática corresponde a um modificador.³¹ Propomos, assim, que uma expressão como “*visite éclair*” (visita relâmpago), ao contrário, por exemplo, de “*ministre-candidat*”, não é um composto, mas uma *expressão binominal modificada* (EBM), opaca e de natureza não-composicional, que, em termos sintáticos, corresponde a um SN de núcleo N1 e adjunto sintático N2; na estrutura interna deste SN, N2 equivale semântica e sintaticamente a um modificador adjetival.

2. Expressões binominais

As expressões N1N2 ilustram uma característica pertinente na descrição da norma gramatical e do conhecimento lexical – a da indefinição das fronteiras entre nomes e adjetivos –, bem como representam uma fonte óbvia de enriquecimento lexical e criação neológica, o que provavelmente explica que sejam hoje tão comuns, pois permitem uma extensão do léxico “de baixo custo”, isto é, com base em operações simples preexistentes (Libben, 2006). De forma geral, estas expressões, pelo facto de contornarem as estruturas de complementação ou predicação regulares, procuram desenvolver uma estratégia de comunicação distinta das construções sintáticas habituais, pelo que a sua existência poderá eventualmente ser motivada por imperativos específicos da comunicação humana³². Além disso, como observam Guevarra e Scalise (2009, p. 101), as expressões binominais não deixam de estar associadas, em termos tipológicos, a contextos não composicionais como as lexicalizações, colocações e idiomatismos, logo, estas estruturas destacam-se, da mesma forma, por comprimirem ou compactarem mais eficazmente o significante linguístico, reduzindo a uma simples estrutura N1N2 as informações a comunicar. Crucialmente, essa compressão dos dados é tornada possível pelo recurso à metaforização: processos

³¹ Na verdade, com base nos *corpora* referidos, veremos que as expressões N1N2 correspondem de forma maioritária a um conjunto de estruturas heterogêneas que não se relacionam com expressões modificadas. Nestes *corpora*, os binominais modificados representam uma pequena percentagem (15-20%) nas concordâncias de resposta às instruções [tag=“NOM”] [tag=“NOM”] ou [pos=“N”][pos=“N”].

³² Comrie (2003) e a relação que estabelece entre imperativos de comunicação e universais da linguagem.

de motivação metafórica permitem, nestas estruturas, a flexibilidade necessária para estabelecer relações de modificação entre N1 e N2 (Guevarra e Scalise, 2009, p. 104). Casos como “código fonte” ou “*prix monstre*” são expressões representativas dessa capacidade: tais sequências, bastante comuns nas línguas de referência, parecem corresponder a um mecanismo lexical que consiste em denotar referentes específicos por meio de significantes compactos.

Concretamente, a adjacência entre dois nomes numa relação de modificação identifica um referente mais específico, baseado em relações de hiponímia/hiperonímia, caracterizando, assim, a forma como o léxico reflete a especificidade de algumas áreas do saber³³. Assim as publicações científicas em inglês contêm, como salienta Fabre (1996), um número crescente de “*compound nouns*”, sendo muitos deles terminológicos (“*noun phrase, light year, city transportation, earth life, milk disease*”...). Além destes glossários, tem sido, no caso das línguas Românicas, nas redes sociais e na imprensa que esta tendência se tem desenvolvido com maior visibilidade. A partir de casos N1N2 extraídos dos corpora CETEM e FrWaC, vamos propor uma distinção entre “expressões binomiais compostas”, largamente maioritárias nestes corpora, e “expressões binomiais modificadas”, sequências comparativamente raras que são o objeto específico desta análise contrastiva³⁴.

2.1. Expressões binomiais compostas

Expressões binomiais compostas (EBC) implicam que, para além de N1, N2 é também um nome substantivo com capacidade referencial e, portanto, que se trata de casos de composição na perspetiva inicialmente descrita. Tanto em Português como em Francês, as EBC são interseccionais, como se ilustra em (7.): nestes casos, a adjacência entre os dois N equivale, por intersecção, a uma nova expressão referencial, de interpretação composicional, a considerar no plano semântico como um hipónimo de N1 e de N2.

³³ Cruse (2006) define da seguinte forma a noção de especificidade: “the property which distinguishes a hyponym from a hyperonym: the hyponym is more specific, the hyperonym more general. The hyponym gives more detailed information and denotes a narrower category. Thus, dog is more specific than animal, scarlet than red, and sprint than run” (2006, p. 167).

³⁴ Não atribuiremos nenhum valor específico à ortografia francesa ou portuguesa, já que, dada a novidade e origem dos dados, a mesma é bastante inconsistente.

(5.) a. EBC em Português (fonte: CETEMPúblico)

trabalhador-estudante, saco-cama, ministro-presidente, cidade-dormitório, cardeal-patriarca, actor-encenador, emissor-receptor, sobrinho-neto, juiz-conselheiro, artesão-empresário, casa-museu, cirurgião-dentista

b. EBC em Francês (fonte: FrWaC)

achat vente, bar tabac, camarade cheminot, chambres studios, citoyens membres, foire exposition, député-maire, ministre-président, chirurgien-dentiste

Resultando de uma situação de intersecção denotativa, os casos em (7.) devem aceitar diferentes testes morfológicos (como o plural em (8.)), mas recusar testes sintáticos como a inversão N2N1 em (9.):

(6.) EBC interseccionais: flexão plural

- a. trabalhadores-estudantes, juízes-conselheiros
- b. chirurgiens-dentistes, auteurs-compositeurs

(7.) EBC interseccionais: inversão N2N1

- a. cão pastor / *? pastor cão
- b. ministre-président / *? président-ministre

2.2. Expressões binomiais modificadas

Uma relação de modificação pode, mais raramente, juntar N1N2, resultando, neste caso, em expressões binominais modificadas (EBM). As mesmas implicam, portanto, que N2 é não-referencial e que estamos perante casos de modificação adjetival na perspetiva anteriormente descrita. As EBM aparentam, de facto, basear-se numa relação nome-adjetivo, ao contrário das EBC, e, como tal, devem ser distinguidas dos casos de denotação interseccional ou de composição, como os apresentados em (7.). Observemos em (10.) listas alargadas de EBM, retiradas dos *corpora* referidos³⁵:

(8.) a. EBM em Português – N1N2 (fonte: CETEM)

projecto-piloto, medida-padrão, clube-satélite, zona-tampão, retrato-robot, linha mestra, zona sul, país irmão, andar modelo, zona centro, cinema paixão, déficit recorde,

³⁵ Ortografia original.

tecnologia laser, império fantasma, emissor pirata, código fonte, negócio-base, valor-guia, desporto-rei, região-piloto, frase-chave, ano recorde, rali-maratona, prova vedeta, astro-rei, cidade-berço, cidade martírio, factor novidade, homem orquestra, cidade património, fator risco, grupo piloto, programa candidato, torre montanha, músico anfitrião, efeito porto, organização fantoche, data limite, fator tempo, papéis vedetas, circuito satélite, pai herói, linhas mestras, elementos chave, questões base, lado lâmina, discos piratas, equipa maravilha.

b. EBM em Francês – N1N2 (fonte: FrWaC)

valeur seuil, taux limites, solutions internet, soirée spectacle, soirée cinéma, projets phares, puissance-crête, patrons voyous, partenariat pionnier, paradoxe clef, organisations sœurs, organes clés, objets tendance, niveau bac, niveau lycée, modules noyau, monde cauchemar, facteur temps, facteurs clés, exemple type, entreprises clientes, épouse modèle, effet plumeau, effet prix, effets lumière, effets troupeaux, écart type, démarche qualité, critères limites, roman fleuve, espace jeune, code source, candidat mystère, cellules souches, mot valise, chalutiers pirates, cheminées fantaisie, clause passerelle, bilan langage, bijoux fantaisie, avantages nature, astronomie passion, association relais, année charnière, âme sœur, albums cultes, affluence record, activités nature, actions carbone.

3. Modificação intensional

Do ponto de vista semântico, as EBM baseiam-se em processos denotativos situados, como vimos, nos limites da norma gramatical, em que N2 deriva frequentemente de um processo metafórico ou metonímico (como “*phare*” em “*measure-phare*” ou “estufa” em “efeito estufa”), para qualificar o hiperónimo N1³⁶. Nestas expressões, N2 passa por um processo de “atenuação”, que isola ou extrai um dos seus traços semânticos e o habilita a modificar N1³⁷. Assim, em “*measure-phare*” (lit. “medida farol”), o N2 “*phare*”, despojado de

³⁶ Nesse sentido, N2 é “específico” do hipónimo. É necessário conferir Cruse (2006) sobre as relações entre semântica lexical e especificidade.

³⁷ Jarema (2006, p. 47) fala de “transparência semântica” nos casos em que, num dado contexto, determinadas representações conceptuais de N2 são (des)activadas no composto, levando, assim, a distinguir entre compostos “transparentes” (em que N2 dispõe de todas as suas representações) e compostos “opacos” (em que apenas determinada representação semântica está disponível). Nas EBM, a relação de modificação é por defeito opaca.

valor referencial, destaca um dos atributos específicos do referente de N1, a sua visibilidade ou a sua ‘centralidade’. Da mesma forma, na expressão referencial “*fille canon*” (“uma brasa”, lit. “rapariga canhão”), a extensão de “*fille*” é especificada pelo N2 “*canon*”, que, privado de extensão, atua como modificador metafórico de N1. A possível ausência do modificador N2 não afeta, por isso, a denotação do hiperónimo N1: um N1N2 é um N1 – “um programa modelo é um programa”.

De forma a reforçar o grau de transparência³⁸ sugerido acima, a dicotomia ‘fregiana’ *extensão / intensão*, retomada por Carnap (1947) pode ser também evocada³⁹. Segundo Carnap “we take as the extension of a predicator the class of those individuals to which it applies and, as its intension, the property which it expresses” e acrescenta que “the extension of an individual expression is the individual to which it refers; its intension is a concept of a new kind expressed by it, which we call an individual concept” (1947, p. 1). Da mesma forma, Paiva Raposo (2013) refere, relativamente à oposição *intensão/extensão*:

“O significado de uma palavra (ou mais geralmente de uma expressão linguística) pode ser decomposto em pelo menos duas dimensões diferentes. Por um lado, um conjunto de propriedades que definem o conceito expresso pela palavra; por outro lado, a classe de entidades do mundo que satisfazem essas propriedades e para a qual remete o conceito expresso pela palavra” (Paiva Raposo, 2013, p. 187).

Assim, a semântica referencial de N1N2 implica consenso extensional sobre a “classe de entidades do mundo” identificadas por N1 e consenso intensional sobre “o conjunto de propriedades que definem” N1. Na interpretação de uma EBM, N1 é, de facto, em termos extensionais e intensionais um termo portador de referência e sentido, mas N2 remete apenas para a atribuição ao referente de propriedades consensuais. Nesse sentido, N2 pode ser interpretado com um *estereótipo*, cuja *imagem mental* se reduz a atributos relacionais e alegóricos – eventualmente apreciativos ou depreciativos. Como veremos no ponto seguinte, com base no glossário N2 identificado nos *corpora*, a interpretação de N2 nas EBM é intensional, isto é, nos termos de Paiva Raposo (2013), reduz-se a “propriedades que definem o conceito”, tendo N2 perdido a dimensão referencial relativa a “*entidades do mundo*”, dando assim legitimidade

³⁸ “Less lexicalization means more transparency, more lexicalization more opacity. More transparency implies more motivation of the compound via its members” (Dressler, 2006, p. 40).

³⁹ Frege (1892). Sobre propostas de aplicação à descrição gramatical, cf. Paiva Raposo (2013).

a uma leitura figurada (Paiva Raposo, 2013, p. 187). O uso de *modificadores intensionais*⁴⁰ N2 resulta estruturalmente de uma situação de adjacência superficial entre N1 e N2, em que N2 modifica a intensão de N1, dando assim origem a uma expressão derivada original. As EBM correspondem, pois, a expressões denotativas em que N2 funciona como modificador e N1 como expressão referencial. Alguns N1N2, como “*effet tunnel*” ou “*palavra-chave*”, adquirem estabilidade suficiente para se tornarem novas entidades lexicais, ao lado de compostos já consagrados como “*chien-loup*” ou “cão lobo”.

A geração de EBM é na sua maioria fortuita, ou seja, estas estruturas são forjadas de acordo com as necessidades inerentes a uma determinada enunciação: as EBM correspondem a formas lexicalmente frágeis, que proliferam provavelmente com base na transferência dos “*compound nouns*”, mas causando (ao contrário do Inglês) algum impacto pela substituição inesperada de um adjetivo por um nome modificador. Por serem expressões instáveis e acidentais, verificam uma interpretação não-composicional, baseada numa relação de modificação metafórica improvisada. Claramente, não resultam, ao contrário das EBC, de uma operação de justaposição ou concatenação. Uma vez institucionalizada, a EBM torna-se um item lexical familiar e recorrente, disseminado em vários tipos de contextos e usos, como por exemplo a linguagem administrativa, técnica, social, jornalística, etc., sendo que todos estes domínios manifestam especial atração pela compacidade, elegância e simplicidade destas estruturas lexicais inovadoras (“*démarche qualité, niveau bac, remède miracle* – fator tempo, conflito-fantasma, desporto-rei, país irmão”). Nestas estruturas modificadas, N1 é claramente o constituinte central, uma vez que atribui as suas propriedades semânticas, sintáticas e morfológicas relevantes a toda a estrutura N1N2 ou, por outras palavras, N1N2 herda as propriedades básicas (incluindo a referencialidade) do núcleo N1. Assim, um “conflito-fantasma” é um tipo de “conflito”, com o qual partilha as características sintáticas e semânticas (é um substantivo de género masculino), enquanto o N2 “fantasma” é um modificador que atribui a N1 uma interpretação marcadamente figurada.

Resultando de estruturas de modificação, as EBM correspondem assim, do ponto de vista formal, à projeção de um SN de núcleo lexical inicial N1, e resultam de princípios estruturais em que N2 um adjunto pós-nominal.

⁴⁰ “In modificative or attributive type the constituents are not linked by a dependency relationship: the non-head modifies and delimits the intension of the head or specifies an attribute of the head’s body. The parts of the compound are linked by a modifier-modified or a modified-modifier relation” (Rio-Torto, 2013, p. 23).

A descrição destes N1N2 parte, portanto, do pressuposto de que são estruturas sintáticas derivadas com base nas categorias lexicais N e A. Uma vez que N2 não é um adjetivo canónico, mas sim um “nome adjetivado”, podemos considerar que carece de categorização específica e poderá ser temporariamente referido como um modificador intensional⁴¹. Por outro lado, os *corpora* revelam que estes termos constituem, nas línguas referidas, um *glossário* fechado que convém contrastar.

4. Análise contrastiva do glossário N2

Do ponto de vista dos *corpora*, conclui-se que um determinado conjunto de *modificadores intensionais* é selecionado sistematicamente como N2 nas EBM. Vejamos em (12.) um glossário de N2 representativos do português e do francês, respetivamente:

(9.) a. N2 em Português (*fonte: CETEM*)

base, modelo, tipo, padrão, limite, mestre, piloto, chave, líder, pirata, fantasma, relâmpago, mãe, satélite, vedeta, maratona, maravilha, fantoche...

b. N2 em Francês (*fonte: FrWaC*)

modèle, type, limite, maître, pilote, clé, leader, pirate, fantôme, éclair, mère, satellite, vedette, record, marathon, merveille, source, relais, plafond, plancher, homme, femme, maison, robot, culte, frère, sœur, souche, source...

4.1. Traços léxico-semânticos de N2

Embora seja manifesta a relativa falta de diversidade lexical do glossário bilingue apresentado em (9.), é possível identificar, mesmo assim, determinados traços léxico-semânticos comuns às duas línguas. Assim, no caso do francês,

⁴¹ Claramente, N2 não subscreve alguns dos principais critérios formais relativos à definição da categoria adjetival. A título de exemplo, N2 não aceita projeções funcionais adjetivais como QP (Quantifier Phrase) ou DegP (Degree Phrase):

* “pai muito herói” / * “soirée très cinema”

* déficit mais recorde” / * “monde plus cauchemar »

Além disso, como vimos, N2 aceita marginalmente a categoria funcional AgrAP (*Agreement Phrase*). Sobre as projeções funcionais internas do Sintagma Adjetival e a sintaxe do adjetivo em geral (Martinho, 2007, p. 357).

alguns N2 tendem para uma função de natureza télica (envolvendo uma finalidade) que consiste em verificar em N1 a existência de propriedades, qualidades ou modelos (“*modèle, type, source, souche, mère...*”), eventualmente com base em processos figurados ou analógicos (“*pirate, maison, frère, robot, fantôme...*”). Contudo, N2 desempenha também uma função de natureza quantificadora que consiste em associar N1 a avaliação superlativa – ou até leitura hiperbólica (“*vedette, clé, maître, limite, marathon ...*”) ou a graus de medição não discreta (“*plafond, base, plancher ...*”). Da mesma forma, em português, encontramos N2 relacionando N1 com modelos e normas (“*modelo, padrão, tipo*”) e com aproximações analógicas baseadas em metáforas (“*pirata, robô*”), mas também N2 associando N1 a termos de comparação superlativos e a unidades de medição (“*chave, mestre, base, satélite, limite*”). Propomos que o glossário N2 seja, por isso, dividido em dois tipos semanticamente complementares: os *N2 relacionais* são ancorados em processos normativos de similitude e analogia entre N1 e N2 (ex: “cinema paixão, organização fantoche, equipa maravilha, – *bijoux fantaisie, monde cauchemar, astronomie passion*”). Os *N2 superlativos*, por seu lado, procedem de relações de medição e quantificação de N1 por N2 (ex: “linha mestra, prova vedeta, elementos-chave – *taux limites, écart type, organes clés*”).

A distinção anterior entre *N2 relacionais* e *N2 superlativos* permite estabelecer alguns paralelos pertinentes. Assim, embora não seja generalizável, é fácil verificar a existência, no léxico, de casos de adjetivos cognatos derivados dos *N2 relacionais*, como se ilustra em (13.). Inversamente, salvo raras exceções, não se verifica a existência no léxico de cognatos dos *N2 superlativos*, como é o caso de “*vedette, clé, maître, limite, marathon – mestre, chave, limite, recorde.*”.

(10.) Cognatos de N2 relacional

a. *mère / maternel, fantôme / fantomatique, cauchemar / cauchemardesque*

b. *base / básico, património / patrimonial, herói / heroico, paixão / apaixonante*

A dissimetria anterior levanta duas questões distintas: (i) como se explica que, quando existe, o cognato adjetival não seja diretamente selecionado por N1? (ii) como justificar em termos de adjetivos cognatos, a dissimetria lexical entre *N2 relacionais* e *N2 superlativos*? No primeiro caso, a preferência acentuada das EBM por um N2 em detrimento de um cognato, como por exemplo no par “*maison mère*” / “*maison maternelle*”, leva-nos a concluir que N2 desempenha funções que um modificador adjetival não poderia desempenhar, sendo provavelmente a principal o facto de o *N2 relacional*, na sua qualidade de nome, permitir estabelecer com N1 relações de natureza metafórica ou analógica, fora

de alcance de um adjetivo. Assim, em “*maison mère*” (lit. “*casa mãe*”), “*mère*” predica uma relação de filiação específica entre o referente de N1 e N2, ao passo que, em “*maison maternelle*”, essa relação ficaria afetada pelo conjunto de significados e conotações associados ao adjetivo “*maternelle*”⁴². Podemos concluir, com base em Rio-Torto (2013), que são os traços “*predicativos*” de N2 que acabam por reforçar a coesão global e a singularidade das EBM⁴³.

Relativamente à dissimetria lexical referida (não existem cognatos de N2 *superlativos*), tal se deve provavelmente ao facto de estes N2 equivalerem a termos de quantificação, sendo os mesmos, como se disse, baseados em relações de comparação ou avaliação superlativa de N1 por N2. Nesse contexto, os N2 (“*vedette, clé, maître, limite, marathon – mestre, vedeta, chave, limite, recorde...*”) são interpretados como unidades de referência e equivalem a expressões de medição.

4.2. Análise estatística de N2

Os N2 em (9.) são, previsivelmente, de frequência muito desigual. Nos exemplos (11.a.b.) a seguir, o glossário N2 em Português e Francês é ordenado com base em frequências superiores a 10 concordâncias, por ordem decrescente. Além da frequência total das concordâncias N2, estas tabelas indicam também a frequência do lema plural de N2 e a percentagem de ocorrências totais⁴⁴:

⁴² Como mostram exemplos como “*plat maison*” e “comida caseira”, este paralelo não é, contudo, constante de uma língua para a outra.

⁴³ Rio-Torto (2013, p. 32) associa N2 explicitamente ao estatuto de “predicador”. Sobre o paralelo entre N2 e adjetivos relacionais cognatos (Martinho, 2013).

⁴⁴ A percentagem é relativa a N1 no plural exclusivamente. Assim, por exemplo, o N2 português “base” aparece no plural em 6 casos num total de 614 N1 no plural; da mesma forma, o N2 francês “*client*” aparece com o lema plural 742 vezes num total de 1599 N1 no plural.

(11.) a. Frequência (>10) dos N₂ em Português (fonte: CETEM)

N2	Freq. total	Freq. plural	Freq. total	Freq. plural
base	1514	6	mãe	249 5
recorde	1315	55	relâmpago	156 2
limite	1108	45	vedeta	108 38
tipo	1108	0	padrão	105 1
chave	626	26	mestre	73 4
líder	452	65	fantochê	72 15
piloto	425	23	síntese	59 0
fantasma	376	82	maratona	26 0
modelo	365	10	maravilha	13 0
satélite	331	79	TOTAL	8777 613 (7%)
pirata	296	157		

(11.) b. Frequência (>10) dos N₂ em Francês (fonte: FrWaC)

N2	Freq. total	Freq. plural	Freq. total	Freq. plural
clé	2381	6	maître	118 28
client	1999	742	fantôme	105 21
type	1528	83	plafond	97 27
limite	1323	0	éclair	94 6
source	527	96	plancher	91 20
record	434	1	pirate	86 31
clef ⁴⁵	385	0	vedette	69 14
mère	383	57	roi	66 5
candidat	275	117	passion	64 2
centre	2676	20	robot	45 10
pilote	254	130	canon	35 10
modèle	211	21	reine	28 1
culte	199	56	martyr	23 6
leader	195	0	fleuve	18 1
satellite	161	9	marathon	13 0
lumière	124	25	TOTAL	11716 1558 (13,5%)

⁴⁵ Variante gráfica de “clé”.

Os exemplos seguintes, por seu lado, fornecem dados específicos sobre a frequência comparada de N2 nas duas línguas com base nos cinco N2 mais frequentes em (12.), e os cinco N2 mais raros em (13.):

(12.) N2 frequentes

Francês – 8135 (62%)	Português – 5671 (65%)
clé	base
client	recorde
type	limite
limite	tipo
source	chave

(13.) N2 raros

Francês – 117 (1%)	Português – 243 (3%)
canon	mestre
reine	fantoches
martyr	síntese
fleuve	maratona
marathon	maravilha

De notar, em primeiro lugar, que os cinco N2 mais frequentes representam 62% de todos os casos em francês e 65% em português, pelo que constituem o glossário essencial dos modificadores intensionais nas EBM. Quanto aos cinco menos frequentes, estão presentes em, respetivamente, 1% e 3% das concordâncias, o que os torna, na prática, irrelevantes e pontuais neste glossário. Do ponto de vista semântico, os exemplos anteriores mostram que os modificadores intensionais mais frequentes são, nas duas línguas, os N2 relacionais, ou seja, os N2 relativos a propriedades, modelos, regras e padrões consensuais. Os menos frequentes, por seu lado, correspondem aos *N2 superlativos*, isto é, a unidades de avaliação e ênfase (“*fleuve, reine, canon, marathon/maratona, mestre*”) e termos de comparação superlativos (“*clé/chave*”). Dominam, pois, neste glossário, os termos de interpretação relacional, cujo valor normativo e classificador é diretamente solicitado quando funcionam como N2: a ontologia de N2 incide predominantemente sobre normas e modelos (“*clé, type / chave*”) e acessoriamente sobre avaliação quantitativa específica (“*marathon/maratona, mestre*”). Uma conclusão óbvia deste contraste é que, em ambas as línguas, as EBM se alimentam em prioridade de *N2 relacionais*, os quais representam, como se observou, dois terços das concordâncias totais.

4.3. Análise morfológica

Do ponto de vista das lematizações, nota-se, no caso do francês, uma relação óbvia entre os *N2 relacionais* e a distribuição do lema plural. Assim, os *N2* com plural mais frequentes são “*clients, pilotes, candidats, sources, types*” (1168 concordâncias), termos relacionados com tipologia de géneros e propriedades. Inversamente, a frequência do lema plural para os *N2 superlativos* é baixa (“*reines, fleuves, satellites, passions, rois*” – 18 concordâncias) ou até nula (“*marathon*”) em francês. No caso do português, contudo, os *N2* com lema plural mais frequentes são precisamente os *N2 superlativos*, como “*recordes, limites líderes*” (493 concordâncias). Inversamente, a frequência do lema plural para os *N2 relacionais* é baixa (“*bases, mães, padrões*” – 12 concordâncias) ou até nula (“*tipo*”) em português. A distribuição anterior é resumida⁴⁶ em (14.):

(14.) Distribuição do lema plural por tipos de *N2*

	N2 francês		N2 português	
	relacional	superlativo	relacional	superlativo
N1 plural	<i>plural</i>	<i>singular</i>	<i>singular</i>	<i>plural</i>

Em resumo, não existe, em termos contrastivos, nenhuma diferença semântica significativa relativamente ao glossário *N2* incluído nas EBM extraídas dos corpora de trabalho. Na verdade, pode facilmente concluir-se que se trata de um recurso expressivo perfeitamente produtivo nas duas línguas, quer com *N2 relacionais* quer com *N2 superlativos*. Existe, contudo, uma diferença morfológica apreciável relativamente ao glossário *N2*, pois o francês tende a pluralizar os *N2 relacionais* ao passo que o português pluraliza em prioridade os *N2 superlativos*. Claramente, os *N2* parecem dissociar nas duas línguas o tipo semântico e a variação morfológica. Outra das conclusões a extrair do contraste destes dados é que a frequência do lema plural é globalmente baixa e desigual – é duas vezes mais frequente em Francês (13,5%). De facto, apenas 7% de *N2* aparecem no plural em português, o que, de alguma forma, confirma a observação de Villalva (2003), segundo a qual os “*modificadores nominais*” não flexionam nesta língua⁴⁷.

⁴⁶ Existem, no entanto, neste quadro, exceções significativas, em que *N2 relacionais* são de frequência elevada, mas de plural raro ou nulo. É o caso de “*clé*” e “*limite*” em francês, e de “*base*” e “*tipo*” em português.

⁴⁷ Sobre a importância e o valor dos padrões de concordância entre *N1* e *N2* (Rio-Torto, 2013).

5. Síntese

Em suma, é possível sugerir que, devido à sua reinterpretação relacional ou superlativa, os N2 parecem ter perdido a sua capacidade referencial, agindo claramente como modificadores intensionais de N1. Não se trata de entidades referenciais que, por intersecção, complementam a denotação de N1 (caso dos compostos), mas de um processo em que N2 manifesta propriedades reprodutíveis de modificador. É claro que, se a existência de N2 como “*pirate, limite, fantôme, type / recorde, chave, piloto...*” (com propriedades modificadoras indiscutíveis) não sofre contestação, por outro lado, o facto de existirem no mesmo conjunto (neste caso nos *corpora*) exemplos de N2 como “*fantaisie, fleuve, nature, tendance / património, rádio, montanha, martírio...*”, parece mais surpreendente. No entanto, estes últimos aparentam obedecer ao mesmo princípio de transparência (ou opacidade) composicional: perderam a sua capacidade referencial e atuam como modificadores, atribuindo ao referente de N1 (hiperónimo) uma leitura específica. Assim, poder-se-ia parafrasear, por exemplo, a EBM “*roman fleuve*” (lit. “romance rio” – *romance interminável*) como: “*um romance tão extenso quanto um rio*”, em que “*fleuve*” é, pois, um N2 *superlativo*. Da mesma forma, a EBM “*cidade martírio*” pode ser parafraseada como “*uma cidade que sofre as dores de um mártir*”, em que o N2 “*martírio*” seria *relacional*.

Por outro lado, pode prever-se que o processo aqui analisado não está de forma alguma esgotado no glossário identificado: seria possível, ao contrário daquilo que acontece com compostos, produzir novas EBM, resultando em combinações abertas, como as que destacamos⁴⁸ a seguir em (15.):

(15.) EBM – N1N2 não atestados nos *corpora*

- a. clube modelo, livro fonte, condenação exemplo
- b. bataille phare, livre clé, discours continent

A possibilidade de combinar livremente N1 com uma gama reduzida de N2 determina assim uma classe aberta de EBM, cuja notação ortográfica algo flexível reforça a relativa autonomia dos elementos combinados. Ao contrário dos compostos binominais inicialmente expostos em (7.), os casos em (10.) – também as EBM virtuais em (15.) – correspondem a estruturas de modificação

⁴⁸ Da mesma forma, é pertinente observar que eventuais EBM mais recentes - ou até novas - serão facilmente identificadas e processadas por qualquer falante nativo, o que confirma tratar-se de um processo criativo potencialmente capaz de sobregeração de combinações em número elevado.

originais, marginalmente lexicalizadas. Estas observações reforçam a nossa proposta de considerar N2 como o equivalente de um adjetivo. Em termos de estrutura interna do SN, N2 ocupa a posição adnominal típica de um modificador adjetival, ou seja, uma posição adjunta interna⁴⁹.

6. Conclusão

A existência de sequências EBM do tipo “equipa maravilha” ou “*candidat mystère*”, em que N2 é um objeto lexical e sintático ambíguo, levanta questões sobre a forma como tal item lexical seria categorizado. As EBM põem efetivamente em causa a informação lexical segundo a qual N2 é um item [+N] [-V], ou seja, uma categoria por natureza incompatível com a função de modificador. Como vimos, N2 manifesta, contudo, propriedades estruturais e semânticas que correspondem aos modificadores. A existência deste tipo de itens híbridos, meio-substantivos meio-adjetivos, representa certamente um desafio para a gramática e sugere a necessidade de repensar as categorias lexicais. Em todo o caso, tentámos demonstrar, numa perspetiva contrastiva, que algumas sequências endocêntricas N1N2 em Português e Francês são na verdade estruturas modificadas, onde N2 é um “*nome adjetivo*”, como ilustram “modelo” e “*bélier*” em “uma criança modelo” ou “*une voiture bélier*”. Nas construções binominais modificadas, considerámos, com base no estudo contrastivo das concordâncias extraídas dos corpora CETEM e FrWAC, que N2 partilha, tanto em português como em francês, a sintaxe, a semântica e (acessorariamente) a morfologia das categorias adjetivais. Além disso, observámos que, neste tipo de relação de modificação baseada em processos metafóricos comuns às línguas românicas, os N2 equivalem a modificadores relacionais ou superlativos.

Referências bibliográficas

BARBAUD, P. (1971). L’ambiguïté structurale du composé binominal. *Cahiers de Linguistique*, 1, 71-88.

⁴⁹ O estudo das projeções funcionais de N1 e N2 nas EBM é uma área de investigação potencialmente promissora (Rio-Torto, 2013; Martinho, 2019).

- BISETTO, A. e SCALISE S. (2005). The classification of compounds. *Lingue e Linguaggio*, IV (2), 319-32.
- BOOIJ, G. (2005). *The Grammar of words. An Introduction to linguistic morphology*. Oxford University Press.
- BREKLE, H. (1984). Ad hoc compounds in contemporary German: Pragmatic-Semantic reflections. *DRLAV*, 31, 97-106.
- CARNAP, R. (1947). *Meaning and Necessity. A Study in Semantics and Modal Logic*. The University of Chicago Press.
- COMRIE, B. (2003). On Explaining Language Universals. In M. Tomasello. (ed.), *The New Psychology of Language* (vol. II, pp. 195-209). Mahwah, N.J: Lawrence Erlbaum Associates.
- DRESSLER, W. (2006). Compound types. In G. Libben and G. Jarema (eds.), *The Representation and Processing of Compound Words* (pp. 23-41). Oxford: Oxford University Press.
- FABRE, C. (1996). *Interprétation automatique des séquences binominales en anglais et en français. Application à la recherche d'informations*. [Doctoral dissertation, Université de Rennes].
- FREGE, G. (1892). Sense and Reference. *The Philosophical Review*, 57(3), 209-230.
- GREVISSE, M. & GOOSSE, A. (1961). *Le Bon Usage*. Editions Duculot.
- GUEVARRA, E. & SCALISE, S. (2009). Searching for Universals in Compounding. In S. Scalise, E. Magni & A. Bisetto (eds.), *Universals of Language Today* (pp. 101-128). Amsterdam: Springer.
- JAREMA, G. (2006). Compound Representation and Processing: A cross-language perspective. In G. Libben & G. Jarema (eds.), *The Representation and Processing of Compound Words* (pp. 45-69). Oxford: Oxford University Press.
- LIBBEN, G. (2006). Why study compound processing? An overview of the issues. In G. Libben e G. Jarema (eds.), *The Representation and Processing of Compound Words* (pp. 1-21). Oxford: Oxford University Press.
- LIBBEN, G. & JAREMA, G. (2006). *The Representation and Processing of Compound Words*. Oxford University Press.
- LINGUATECA (2008). *CETEMPUBLICO*. URL: <http://www.linguateca.pt/cetempublico/>
- MARTINHO, F. (2007). *Sintaxe e semântica dos adjetivos graduáveis em português*. [Tese de doutoramento, Universidade de Aveiro].
- MARTINHO, F. (2013). Noms épithètes dans les expressions binominales. *LINGÜÍSTICA, Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, vol 8, 39-67.

- MARTINHO, F. (2019). The internal syntax of adjectival quantification in romance, *LINGUÍSTICA, Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. Vol. 14, 69-98.
- MONTERMINI, F. (2008). *La Composition en italien dans un cadre de morphologie lexicématique*. Artois Presses Université, 161-187.
- NOAILLY, M. (1990). *Le substantif épithète*. PUF.
- PAIVA RAPOSO, E., BACELAR DO NASCIMENTO, M.F., MOTA, M.A.C., SEGURA, L. e MENDES, A. (2013). *Gramática do Português* (vol. I), Fundação Calouste Gulbenkian.
- RIO-TORTO, G.M. (1998). *Morfologia Derivacional. Teoria e Aplicação ao português*. Porto Editora.
- RIO-TORTO, G.M. (2013). Nouns in apposition: Portuguese data. *LINGUÍSTICA, Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. Vol. 8, 17-38.
- ROHRER, C. (1967). *Die Wortzusammensetzung in modernen französisch* [Doctoral dissertation, Universität Tübingen].
- VELOSO, J. & MARTINS, A.M. (2011), Etimologia não é morfologia: produtividade e composicionalidade na formação e processamento dos “compostos morfológicos” do português. In *Atas do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 558-573. Porto: ENAPEL
- VILLALVA, A. (2003). Formação de palavras: composição, In M. H. Mateus, A.-M. Brito, I. Duarte, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário e A. Villalva. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 969-983). Lisboa: Caminho.
- VILLALVA, A. (2008). *Morfologia do Português*. Universidade Aberta.
- VILLOING, F. (2012). French compounds. *Probus*, 24 (1), 29-60.
- UNIVERSITÁ DI BOLOGNA. (2008). *The CoLiTec corpora. FrWac Small*. URL: <https://bellatrix.sslmit.unibo.it/noske/public/#dashboard?corpname=frwac1>

TÍTULO: Análise contrastiva das expressões binominais em corpora anotados portugueses e franceses

RESUMO: Os adjetivos são modificadores atributivos e integram o sintagma nominal (SN) como adjuntos do núcleo N, compartilhando com este, nas línguas Românicas, as suas características flexionais. Alguns modelos de composição, no entanto, admitem um SN com dois nomes adjacentes, numa configuração que aparenta também ser de modificação. Partindo de propostas anteriores (Noailly 1990, Villalva 2003, Dressler 2006), a nossa análise implica que as sequências endocêntricas N1N2 em português e francês são, na verdade, estruturas modificadas, onde N2 corresponde a um “nome atributivo” (Martinho 2007, 2013). De fato, se uma sequência aleatória como * “voiture âge” é claramente inaceitável, expressões atestadas como “uma criança modelo” ou “une voiture bélier” parecem, pelo contrário, bastante claras sobre a natureza modificadora de “modelo” e “bélier”,

respetivamente, levantando contudo questões sobre a categoria, morfologia, sintaxe e semântica de tal modificador. Nestas “construções binominais modificadas” N1N2, frequentemente confundidas como compostos lexicais ou morfossintáticos, consideraremos, com base num estudo contrastivo das concordâncias extraídas dos corpora CETEM e FrWAC, que N2 parece partilhar tanto em português como em francês a sintaxe e a morfologia de uma categoria adjetival. Além disso, uma vez que N2 verifica propriedades alegóricas, mas carece de propriedades extensionais (Carnap, 1947), concluímos que, neste tipo de relação de modificação estereotípica, transversal a todas as línguas Românicas (Fabre 1996), os modificadores N2 de facto correspondem a adjetivos intensionais com interpretação relacional ou quantificada.

TITLE: Contrastive analysis of compound expressions in Portuguese and French annotated corpora

ABSTRACT: Adjectives are attributive modifiers, and they integrate the Noun Phrase as adjuncts of a nominal head N, sharing with it, in Romance, inflectional features. Some compounding models, however, allow an NP with two adjacent nouns N1N2, in which seems to be an apparent modifying relation. Departing from previous proposals (Noailly 1990, Villalva 2003, Dressler 2006), our analysis implies that endocentric N1N2 sequences in Portuguese and French are in fact modified structures, where N2 is close to an “attributive noun” (Martinho 2007, 2013). Indeed, if a random sequence like * “voiture âge” would be clearly unacceptable, attested expressions like “uma criança modelo” or “une voiture bélier” seem, on the contrary, quite clear about the modifying nature of “modelo” and “bélier” respectively, however raising questions about the category, morphology, syntax and semantics of such a modifier. In these “*binominal modified constructions*”, frequently classified as lexical or morphosyntactic compounds, we will consider, based on a contrastive study of the concordances extracted from the CETEM and FrWAC corpora, that N2 appears to share in both Portuguese and French the syntax and morphology of the adjectival category. Moreover, since N2 meets allegorical properties but lacks extensional ones (Carnap, 1947), we conclude that, in this kind of stereotypical modification relation, shared by all Romance languages (Fabre 1996), N2 modifiers in fact revert to intensional adjectives with relational or quantified interpretation.

TITRE: Analyse contrastive des expressions binominales dans des corpus annotés portugais et français

RÉSUMÉ: Les adjectifs sont des modificateurs attributifs, et intègrent à ce titre le syntagme nominal en tant qu'adjoints d'une tête nominale N, partageant avec elle ses caractéristiques flexionnelles. Certains modèles de composition, cependant, admettent un SN contenant deux noms adjacents N1N2, ce qui semble correspondre à une relation de modification. S'écartant de propositions précédentes (Noailly 1990, Villalva 2003, Dressler 2006), notre analyse implique que certaines séquences endocentriques N1N2 en Portugais et en Français sont en fait des structures modifiées, où N2 est proche d'un « nom attributif » (Martinho 2007, 2013). En effet, si une séquence aléatoire comme * “voiture âge” est clairement inacceptable, des expressions attestées comme “uma criança modelo” ou “une voiture bélier” semblent, au contraire, assez claires quant au caractère modificateur de “modelo” et “bélier” respectivement, soulevant cependant des questions sur la catégorie, la morphologie, la syntaxe et la sémantique d'un tel modificateur. Dans ces “*constructions binominales modifiées*” de type N1N2, souvent classées comme des compositions lexicales ou morphosyntaxiques, nous considérerons, sur la base de l'étude contrastive de concordances extraites des corpus CETEM et FrWAC, que N2 semble partager aussi bien en Portugais qu'en Français la syntaxe et la morphologie d'une catégorie adjectivale. De plus, puisque N2 vérifie des propriétés allégoriques mais est dépourvu de valeur extensionnelle (Carnap, 1947), nous concluons que, dans ce genre de relation de modification stéréotypée, partagée par toutes les langues romanes (Fabre 1996), les modificateurs N2 correspondent en fait à des adjectifs intensionnels pourvus d'une interprétation relationnelle ou quantifiée.

A atribuição de valores de género nominal em produções orais de aprendentes tardios de português como língua não materna

The attribution of nominal gender in oral productions of late learners of Portuguese as a non-native language

TÂNIA SANTOS FERREIRA*

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição tardia de português como língua não materna, Valores de género gramatical, Produção oral, Conhecimentos linguísticos prévios.

KEYWORDS: Late acquisition of Portuguese as non-native language, Grammatical gender values, Oral production, Prior linguistic knowledge.

1. Introdução

Os desvios de atribuição de género e de concordância nominal são persistentes nas produções dos aprendentes de Português como Língua Não Materna (PLNM), mesmo nos níveis mais avançados de proficiência linguística (Godinho, 2010; Ferreira, 2011, 2019; Mariotto e Lourenço-Gomes, 2013; Martins, 2015; Lacsán, 2016; Pinto, 2017). Muita da investigação produzida neste âmbito assenta na análise de desvios detetados em produções escritas por aprendentes tardios, inseridos em contexto instrucional, sendo ainda pouco numerosos os trabalhos que assentam em dados de produções orais (Martins, 2020, p. 171). Surge, portanto, a necessidade de complementar os estudos já produzidos com dados de natureza oral, de modo a obter uma descrição mais detalhada acerca do processo de assimilação da categoria gramatical de género por aprendentes tardios de PLNM.

A base empírica deste estudo integra produções selecionadas do *Corpus* Oral de Português L2 – Coimbra (COraL-Co), produzidas por falantes nativos de espanhol e de inglês, a frequentar turmas de três níveis de proficiência linguística distintos: A2, B1 e B2, estipulados de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECRL) (Conselho da Europa, 2001).

* Universidade de Coimbra, Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA-ILTEC), Portugal

Procura-se, deste modo, confrontar o desempenho linguístico destes aprendentes, tendo em conta, por um lado, a configuração do conhecimento linguístico prévio proveniente da Língua Materna (LM) e o respetivo nível de proficiência linguística (nível QECRL), e, por outro, as propriedades relativas ao sistema de atribuição de valores de género aos nomes e de concordância nominal em género do português. Os dados selecionados permitem efetuar uma Análise Contrastiva Interlíngua (Granger, 1996, 2009). Em função da observação dos desvios de atribuição de género gramatical produzidos por falantes de LM espanhola e de LM inglesa, será possível aferir padrões de aquisição correlacionados quer com a configuração do sistema linguístico nativo dos informantes, quer com padrões transversais a todos os aprendentes, independentemente da sua LM¹.

Este trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: após esta breve introdução, o ponto 2 é dedicado ao enquadramento teórico. Em 2.1, descreve-se o sistema de atribuição de género nominal do português e em 2.2 é feita a uma breve revisão da literatura disponível acerca da aquisição tardia de género gramatical, com especial enfoque para as hipóteses relativas ao papel dos conhecimentos linguísticos prévios para o desenvolvimento (inter)linguístico. No ponto 3, apresenta-se o estudo empírico. Após a apresentação dos procedimentos metodológicos (3.1), no ponto 3.2 apresentam-se e discutem-se os resultados apurados. Por fim, em 4, assinalam-se as considerações finais e as perspectivas de trabalhos futuros.

2. Enquadramento

2.1. O sistema de atribuição de género aos nomes em português

Na língua portuguesa, todos os nomes e alguns pronomes são especificados quanto ao valor de género gramatical, havendo dois valores em oposição: masculino e feminino. A associação de um valor de género afeta outras classes de palavras pela necessidade de estabelecerem relações de concordância sintática

¹ Como afirma Granger (1996, pp. 47-48) “[i]t is thus essential to conduct comprehensive IL comparisons in order to distinguish between L1-related features and cross-linguistic invariants, i.e. those features which are common to all learners, irrespective of mother tongue”.

com o nome (Mota, 2020). No interior do sintagma nominal (SN), a concordância estabelece-se entre o núcleo nominal e (i) as expressões de determinação e de quantificação que o antecedem (especificadores); e (ii) os adjetivos integrados em sintagmas adjetivais que funcionam como seus modificadores ou elementos apositivos (Brito, 2003, p. 328).

Segundo Mota (2020), a categoria de género gramatical encontra-se inerentemente especificada na matriz dos traços da entrada lexical nominal. Nas demais classes de palavras, que concordam com o nome, o género corresponde a uma categoria morfossintática «de concordância» (*Ibid.*, p. 2816), uma vez que esses elementos adquirem um dos dois valores possíveis por via da concordância sintática.

Quanto aos critérios de associação de valores de género, verifica-se que em grande parte dos itens com o traço semântico [+sexuado], o valor de género corresponde ao género natural da entidade designada. Existem formas nominais masculinas que se referem a seres do sexo masculino (o homem) e formas nominais femininas com referentes do sexo feminino (a mulher). Há ainda itens nominais, denominados comuns de dois, com referentes sexuados que admitem a associação a mais do que um valor de género, como o/a motorista, o/a viajante. Nestes casos, Mota (2016) considera que se trata de dois lexemas distintos, sendo que cada entrada lexical, masculina ou feminina, vai ser ativada na sintaxe em função do sexo do respetivo referente (*Ibid.*, p. 156). É também de assinalar os casos de itens cujo valor de género se associa a um conteúdo semântico particular. Por exemplo, o item polícia classifica-se como um nome (i) feminino; e (ii) comum de dois. Quando associado ao valor de género feminino, refere-se à instituição responsável pela segurança pública. Como comum de dois, a forma do feminino designa a pessoa, de sexo feminino, que desempenha as funções de agente da polícia, por oposição à forma marcada como masculina que designa o indivíduo, de sexo masculino, agente da polícia.

Existem também nomes que, apesar de terem referentes sexuados, possuem um único valor de género independentemente do sexo do seu referente, como a pessoa, o indivíduo, a testemunha. Já no caso dos itens com referentes não sexuados, verifica-se uma correlação parcial entre índices temáticos -o e -a e valores de género masculino e feminino, respetivamente, mas nem sempre essa correlação se observa, visto que se encontram na língua portuguesa nomes marcados como masculinos terminados em -a (o problema, o dilema, o dia) e nomes femininos terminados em -o (a libido, a tribo, e formas truncadas como a foto, a moto) (Rio-Torto e Rodrigues, 2016, p. 158; Mota, 2020, p. 2901). Além disso, existem na língua portuguesa itens nominais com diferentes

terminações que se associam quer ao género masculino quer ao género feminino (por exemplo, o pontapé, a chaminé, o coração, a paixão, o papel, a catedral).

Em suma, em português a atribuição de um valor de género aos nomes resulta do cruzamento de critérios semânticos e formais que não atuam de modo exclusivo nem exaustivo. As características do sistema de atribuição de género aos nomes demonstram, por um lado, a fraca robustez dos dados disponíveis no *input*, seja numa perspetiva formal seja numa perspetiva semântica e, por outro, a relevância da concordância sintática para determinar o valor de género do item nominal. Por conseguinte, o facto de a concordância ser um mecanismo reconhecidamente problemático na aquisição tardia de uma LNM (Franceschina, 2005; Leiria, 2006; Godinho, 2010; Martins, 2015; Ferreira, 2019) contribuirá para justificar a relativa dificuldade dos aprendentes tardios em assimilar, na plenitude, os valores de género dos nomes da língua-alvo de aprendizagem.

2.2. Aquisição da categoria de género gramatical por falantes não nativos do português

No âmbito da investigação sobre a aquisição/aprendizagem da categoria de género gramatical em PLNM, verifica-se que itens cujo valor de género gramatical corresponde ao género natural da entidade designada tendem a apresentar índices reduzidos de desvios, por oposição aos itens cujo valor de género não depende nem de critérios de natureza semântica nem de critérios de natureza formal (Ferreira, 2011, 2019; Martins, 2015; Pinto, 2017). A partir dos dados analisados por Ferreira (2011, 2019) e por Martins (2015), extraídos da mesma base de dados, o *Corpus* de Produções Escritas por Aprendentes de Português L2 (PEAPL2) (Martins et al., 2019), verifica-se que os nomes atemáticos registam um maior número de desvios de atribuição de género nominal. Porém, também os nomes cujo valor de género seria corretamente dedutível a partir da aplicação da ‘pseudorregra’: “se o nome termina em -o é de género masculino e se o nome termina em -a é de género feminino”, registam índices de desvio consideravelmente elevados (Ferreira, 2011, p. 63; Ferreira, 2019, p. 230; Martins 2015, p. 41). Atendendo a estes dados, assume-se que a fraca robustez do *input* linguístico contribui para uma certa ‘desconfiança’ dos aprendentes relativamente ao poder preditivo dos indícios morfológicos (Ferreira, 2019, p. 254). Vejamos se os dados deste trabalho confirmam igualmente esta tendência.

No que concerne às estratégias adotadas ao longo do processo de assimilação da categoria de gênero em PLNM, verifica-se a adoção de uma “marcação *default* da forma masculina” (Mariotto e Lourenço-Gomes, 2013, p. 1282), ou seja, no momento de atribuir um valor de gênero aos nomes, os aprendentes tendem a preferir a seleção do masculino, a forma não-marcada, em detrimento do feminino (Ferreira, 2011, 2019; Mariotto e Lourenço-Gomes, 2013; Martins, 2015).

Quanto aos constituintes sintáticos nos quais se explicitam as marcas de atribuição desviante do valor de gênero, regista-se um maior número de ocorrências desviantes de atribuição de gênero nominal nos especificadores, por oposição aos modificadores (Godinho, 2010; Ferreira, 2011, 2019; Mariotto e Lourenço-Gomes, 2013; Martins, 2015; Pinto 2017). No confronto das produções desviantes de dois grupos de aprendentes, falantes nativos de espanhol e de inglês, Mariotto e Lourenço-Gomes (2013, p. 1283) verificaram que os aprendentes, falantes nativos de inglês, apresentam uma maior tendência para a alteração da forma morfológica do nome e consequente alteração do seu valor de gênero. Da análise global do desempenho dos aprendentes e dos desvios produzidos por cada segmento da amostra, as autoras concluem que “adultos que aprendem uma língua com estrutura morfológica semelhante à da sua língua materna tendem a ser mais consistentes na aplicação da concordância de gênero [...]” (*Ibid.*, p. 1283).

No que diz respeito à configuração da gramática do idioma nativo do aprendente, Martins (2015) observa que os falantes nativos de chinês registam um melhor desempenho global na atribuição dos valores de gênero nominal em português face ao registado em aprendentes falantes nativos de espanhol e de alemão. Segundo a autora, a partir do desempenho dos informantes de LM espanhola e alemã é possível inferir um certo efeito de transferência negativa “sob a forma de uma atitude de insegurança por parte do aprendente” (*Ibid.*, p. 44). Também Ferreira (2019), que analisou os desvios de atribuição e de concordância nominal de gênero em produções escritas por aprendentes tardios, falantes nativos de espanhol, italiano, alemão, inglês e chinês, verificou que a configuração do conhecimento linguístico prévio do aprendente interfere no ritmo em que se desenvolve o processo de assimilação da categoria gramatical de gênero, já que entre os falantes nativos das línguas românicas, como o espanhol e o italiano, se registam, nos níveis iniciais de aprendizagem, índices de desvios relativamente mais baixos aos verificados nos outros segmentos. Porém, observa-se, sobretudo entre os aprendentes de LM espanhola, um certo efeito de estabilização da aprendizagem, já que a incidência de desvios apurada no nível mais avançado, C1, não é consideravelmente mais baixa do que a

registada nos níveis elementares, A1 e A2. Deste modo, a investigadora considera que estes aprendentes “estabilizam cedo” e, por isso, “ficarão impermeáveis aos efeitos do *input* que [...] não geram [...] conflitos de hipóteses sobre a forma que deverá assumir a gramática da L[íngua]-A[alvo]” (*Ibid.*, p. 292).

Por fim, os dados aqui sucintamente apresentados indiciam que, no contexto da aquisição tardia do sistema de atribuição de género nominal em PLNM, a configuração do conhecimento linguístico prévio dos aprendentes parece atuar conjuntamente com outros fatores, característicos do próprio desenvolvimento interlinguístico.

3. Estudo empírico

3.1. Metodologia

A base empírica do presente estudo foi extraída do *Corpus* Oral de Português L2 – Coimbra (Coral-Co) (coord. Isabel Santos) (Santos et al., 2016)². Os dados orais disponíveis neste acervo resultam da aplicação de um protocolo de recolha (Santos et al., 2016, p. 749). Para este trabalho em particular, selecionaram-se os dados transcritos das produções orais que resultaram da aplicação da tarefa 3 “Construção de um texto narrativo a partir de uma sequência de imagens”. Nesta tarefa, foi apresentada uma tira de banda desenhada aos informantes que deveriam verbalizar oralmente todos os pormenores da sequência narrativa representada³ (Santos et al., 2016, p. 751). A estrutura narrativa envolve quatro personagens distintas: (i) uma senhora; (ii) um ladrão; (iii) um homem, que é agente da polícia; e (iv) um juiz. Estas personagens vão surgindo e interagindo em três espaços distintos: na rua, na esquadra da polícia e no tribunal, e a história desenvolve-se em torno do assalto da mala da senhora e do facto de o ladrão, o polícia e o juiz, que surge num tribunal, se conhecerem e serem amigos.

Atendendo aos objetivos do presente trabalho, selecionaram-se as produções orais de aprendentes de LM espanhola e inglesa. O espanhol apresenta, como

² O *COral-Co* encontra-se disponível para consulta, em regime de acesso aberto, em <http://teitok2.iltec.pt/coralco/>.

³ A sequência de imagens apresentada foi recolhida da obra *Condições Humanas* da autoria de Quino e publicada em 1992.

o português, dois valores de género em oposição (masculino e feminino), tendo um processo de marcação morfossintática e de concordância nominal muito semelhante (Harris, 1991; Ambadiang, 1999). Em contrapartida, o inglês não exibe um sistema de classificação nominal baseado em valores de género nem a obrigatoriedade do estabelecimento de relações de concordância nominal (Ibrahim, 1973, p. 86), embora conserve vestígios da presença de um primitivo sistema de três valores (masculino, feminino e neutro) ao nível dos pronomes pessoais *he*, *she*, *it*.

Além da LM, selecionaram-se as produções em função do nível de proficiência e de competência linguísticas da turma frequentada pelos aprendentes no momento da recolha (nível QECRL). Tendo em conta os dados disponíveis no COraL-Co, selecionaram-se as produções orais de aprendentes a frequentar turmas do nível elementar, A2, do nível pré-intermédio, B1, e do nível intermédio, B2. Dado o facto de o número absoluto de textos disponíveis no acervo consultado não ser equitativamente homogéneo pelos diferentes grupos de informantes e respetivos níveis QECRL⁴, foi necessário selecionar e agrupar as produções orais em dois subconjuntos distintos: um composto por produções de informantes a frequentar os níveis A2 e B1, e outro de informantes a frequentar turmas de nível B2. Portanto, analisou-se um conjunto global 12 produções orais, equitativamente distribuídas por LM e nível de proficiência linguísticas (cf. Tabela 1).

Os informantes são de ambos os sexos (50% do sexo feminino e 50% do sexo masculino) e têm uma média de idades de 31 anos (distribuídos entre os 20 e os 62 anos). A duração média global das produções orais é de aproximadamente 02 minutos, sendo o tempo médio da duração das produções do segmento da amostra de aprendentes de LM espanhola de 00:01:20, um valor médio inferior ao registado nas produções de LM inglesa (00:02:25). A diferença da duração poderá estar, porventura, correlacionada com a proximidade tipológica do espanhol e do português.

4 Com efeito, no COraL-Co, na tarefa 3, encontram-se disponíveis 6 produções orais de aprendentes de LM inglesa (2 no nível A2; 1 no nível B1 e 3 no nível B2). Já entre os falantes de LM espanhola, encontram-se 12 produções orais (4 no nível A2; 4 no nível B1 e 4 no nível B2). Dada a diferença quantitativa entre os dois segmentos, foi necessário selecionar produções de forma a obter conjuntos equitativamente homogéneos nos diferentes níveis QECRL.

Informantes			Produções orais	
LM	Nível QECRL	#	#	Tempo médio da gravação hh:mm:ss
Espanhol	A2 / B1	3	3	00:01:18
	B2	3	3	00:01:22
Σ		6	6	00:01:20
Inglês	A2 / B1	3	3	00:02:10
	B2	3	3	00:02:40
Σ		6	6	00:02:25
Σ		12	12	00:01:52

Tabela 1: Distribuição do número de informantes, de produções orais e respetivo tempo médio da duração das produções por LM e Nível QECRL.

A fim de averiguar o desempenho linguístico destes aprendentes no que à associação de valores de género e à concordância nominal de género diz respeito, procedeu-se ao levantamento, nas transcrições dos ficheiros selecionados, das ocorrências dos itens nominais por produção oral. Estabelecido o universo de nomes foi, então, possível calcular, a partir dele, a proporção de itens integrados em sintagmas nominais (SN) constituídos por um núcleo, o nome, que coocorre com especificadores (determinantes e/ou quantificadores) e/ou adjetivos (com função atributiva e/ou predicativa), por oposição à ocorrência de nomes isolados. O valor apurado de SN servirá, depois, de referência para o cálculo das percentagens relativas de desvios por segmentos da amostra empírica, visto que só estes contextos permitem aferir o valor de género atribuído pelo aprendente.

Para o tratamento e análise dos casos desviantes assinalados, identificaram-se as ocorrências desviantes que incidem sobre os especificadores (determinantes e quantificadores), sobre os adjetivos (com função atributiva e/ou com função predicativa) e sobre os nomes⁵.

⁵ Assinale-se que nas situações que resultam da alteração da forma morfológica do nome foram considerados desvios sempre que a formatação do item resulta também no uso de um valor de género gramatical oposto ao da forma correspondente em português. Por exemplo, no segmento “*na processa da justicia” assinalaram-se dois tipos de desvios: um relativo à forma morfológica do nome (uso de “processa” em vez de “processo”), e outro respeitante à forma do determinante que coocorre com o nome no SN (uso da forma feminina “a” em vez do masculino “o”).

A Tabela 2 contém a distribuição dos informantes por LM e nível QECRL, bem como o número absoluto (#) de sintagmas nominais (SN) apurado por segmento da amostra, o número absoluto (#) de desvios de atribuição e de concordância nominal em género e, por fim, a média de desvios por produção oral.

Informantes				Produções orais						
LM	Nível QECRL	#		#		# SN		# Desvios		Média de desvios por produção oral
Espanhol	A2/B1	3	6	3	6	55	108	7	13	2
	B2	3		3		53		6		2
Inglês	A2/B1	3	6	3	6	58	150	22	34	5
	B2	3		3		92		12		4
Σ		12		12		258		47		3

Tabela 2: Caracterização da base empírica do estudo.

A Tabela 3 contempla alguns exemplos de desvios retirados do *corpus* deste trabalho e que foram codificados em função do constituinte afetado.

	Constituinte afetado	Exemplos
Especificador	Determinante	<i><u>Um</u> juíza (...) está a anda</i> (Inglês.B2)
		<i>E <u>a</u> polícia e o homem são amigos (...)</i> (Espanhol.B2)
		<i><u>A</u> ladrão na pistola (...)</i> (Inglês.A2)
	Quantificador	<i>E <u>todos</u> os pessoas presentes (...)</i> (Espanhol.A2) <i>(...) <u>um</u> pistola</i> (Inglês.B2)
Adjetivo	Em posição atributiva	<i>A <u>velho</u> amiga dela (...)</i> (Inglês.A2)
	Em posição predicativa	<i>E todos os <u>pessoas</u> presentes (...) quedaron <u>sorpreendidos</u></i> (Espanhol.A2)
Nome		<i>O <u>bolso</u> da senhora</i> (Espanhol.B2) <i>Na <u>processa</u> da justicia (...)</i> (Inglês.B2)

Tabela 3: Distribuição de desvios de atribuição e de concordância nominal em género por constituintes afetados.

3.2. Resultados e discussão

Do conjunto global de 258 ocorrências de itens nominais (cf. Tabela 2), registou-se um total de 47 desvios de atribuição e de concordância nominal em género que afetam 44 itens. Portanto, em termos proporcionais, verifica-se que os desvios relativos à categoria gramatical de género recaem sobre cerca de 18% das ocorrências de nomes registadas nas produções orais selecionadas (cf. Gráfico 1).

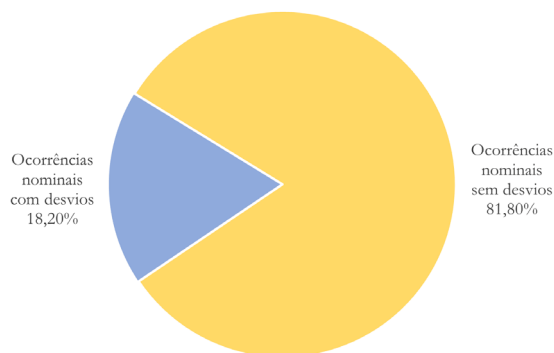


Gráfico 1: Distribuição (em valores percentuais) das ocorrências nominais com desvios de atribuição e de concordância nominal em género por oposição às ocorrências nominais sem desvios.

Os valores apurados indiciam que, em geral, os aprendentes selecionam adequadamente o género dos nomes que utilizam. Por produção oral, registou-se, em média, a ocorrência de três desvios, sendo que é nas produções dos informantes de LM inglesa que se regista o valor médio de ocorrências desviantes mais elevado (cf. Tabela 2).

Com vista a aferir a proporção global de desvios por segmentos da amostra, calcularam-se percentagens relativas de desvios tomando em linha de conta o número absoluto de ocorrências de sintagmas nominais e de desvios, por conjuntos de informantes (cf. Tabela 2). Os resultados encontram-se cartografados no Gráfico 2.

O segmento de informantes de LM espanhola regista, em termos proporcionais, valores de incidência de desvios mais baixos relativamente aos registados no segmento dos aprendentes que são falantes nativos de inglês. Com efeito, entre os níveis A2 e B1, verifica-se uma proporção de desvios mais reduzida nas produções dos informantes de LM espanhola (12.73%) face à

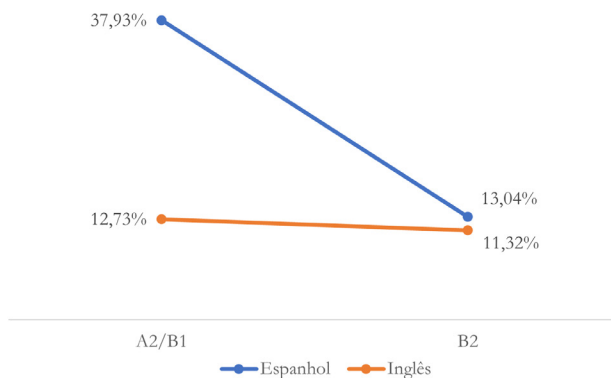


Gráfico 2: Distribuição das percentagens relativas de desvios por LM e Nível QECRL da turma frequentada pelos aprendentes.

registada, nos mesmos níveis, nas produções dos informantes de LM inglesa (37.93%). A diferença de desempenho entre os dois segmentos é muito menos expressiva no nível B2, já que os valores apurados nos dois grupos são muito próximos. Com efeito, as produções orais de aprendentes de LM inglesa do nível B2 registam uma proporção de desvios de 13.04%, ligeiramente superior à registada nas produções dos aprendentes de LM espanhola (11.32%).

Portanto, os dados indiciam que, embora os falantes nativos de inglês apresentem inicialmente maiores dificuldades na atribuição de valores de género aos nomes, ao longo da progressão da aprendizagem do português o seu desempenho linguístico regista uma considerável melhoria, já que no nível B2, a proporção de desvios é manifestamente inferior. Por sua vez, as produções orais dos informantes de LM espanhola evidenciam um certo efeito de estabilização da aprendizagem, dado que mesmo em B2 a proporção de desvios não é substancialmente mais reduzida do que a registada nos níveis precedentes, A2 e B1. Assim, e à semelhança do que já observara Ferreira (2019), e também Martins (2015), poder-se-á admitir que a proximidade tipológica dos idiomas terá efeitos relativamente ao ritmo em que se processa o desenvolvimento da aprendizagem do sistema de atribuição e de concordância nominal em género do português.

Atendendo a que as produções orais resultam da descrição de um mesmo estímulo pictórico, as sequências narrativas criadas pelos aprendentes evidenciam o uso de um conjunto de nomes relativamente restrito. No segmento dos informantes de LM espanhola, os 13 desvios assinalados afetam apenas 4 formas

nominais distintas (bolsa, pessoa, polícia e quartel) (cf. Tabela 4), e entre os informantes de LM inglesa, os 34 desvios assinalados recaem sobre 14 nomes (amiga, arma, carteira, final, juiz, juíza, ladrão, mala, mão, mulher, pistola, polícia, processo e saco) (cf. Tabela 5).

Nomes afetados	Nível QECRL			
	A2/B1		B2	
	O* / D**	% de D**	O* / D**	% de D**
bolsa	–	–	2/1	50
pessoa	3/3	100	–	–
quartel	2/1	50	–	–
polícia	10/3	30	10/5	50

O* = Ocorrências; D** = Desvios

Tabela 4: Distribuição do número absoluto de ocorrências e de desvios dos nomes afetados e das percentagens relativas de desvios apuradas nos segmentos dos informantes de LM espanhola.

Nomes afetados	Nível QECRL			
	A2/B1		B2	
	O* / D**	% de D**	O* / D**	% de D**
amiga	1/1	100	–	–
arma	1/1	100	3/0	0
carteira	1/1	100	–	–
final	–	–	2/1	50
juiz	2/1	50	5/1	20
juíza	–	–	3/1	33.3
ladrão	12/4	33.3	19/1	5.2
mala	2/1	50	4/0	0
mãos	5/5	100	–	–
mulher	5/1	20	5/0	0
pistola	2/1	50	1/1	100
polícia	9/6	66.7	15/4	26.7
processo	–	–	2/2	100
saco	–	–	1/1	100

O* = Ocorrências; D** = Desvios

Tabela 5: Distribuição do número absoluto de ocorrências e de desvios dos nomes afetados e das percentagens relativas de desvios apuradas no segmentos dos informantes de LM inglesa.

Como se pode observar nas Tabelas 4 e 5, o peso relativo de desvios face ao número de ocorrências dos nomes afetados no *corpus* por segmento da amostra é, salvo alguns casos pontuais, elevado, isto é, ao utilizarem determinado nome, os aprendentes erram mais do que acertam.

A proporção de nomes afetados nos dois segmentos da amostra ilustra, além disso, uma diferença qualitativa de desempenho, traduzindo uma maior dificuldade, por parte dos aprendentes, falantes nativos de inglês, em associar adequadamente o valor de género aos diferentes nomes que produzem. Poder-se-á, deste modo, admitir que estes aprendentes ainda não assimilaram, na plenitude, o valor de género de cada nome. O melhor desempenho dos informantes de LM espanhola poderá estar correlacionado com a proximidade tipológica dos idiomas, LM e língua-alvo de aprendizagem. Assim, o facto de haver, no espanhol e no português, formas nominais que apresentam uma estrutura formal semelhante e o mesmo valor de género, contribuirá, porventura, para fenómenos de transferência direta e uma consequente maior taxa de acertos, mesmo em fases iniciais da aprendizagem.

Em seguida, pretendeu-se averiguar se os desvios assinalados resultam preferencialmente do uso generalizado de um valor de género, em detrimento de outro, já que os dados apurados em outros estudos (Mariotto e Lourenço-Gomes, 2013, p. 1282; Martins, 2015, p. 39; Ferreira, 2019, p. 204) apontam para a adoção, por parte do aprendente, de uma estratégia de atribuição por defeito do valor de género masculino, a forma não-marcada. Assim, calculou-se a proporção de desvios por segmentos da amostra em função do valor de género nominal da forma afetada (cf. Gráfico 3).

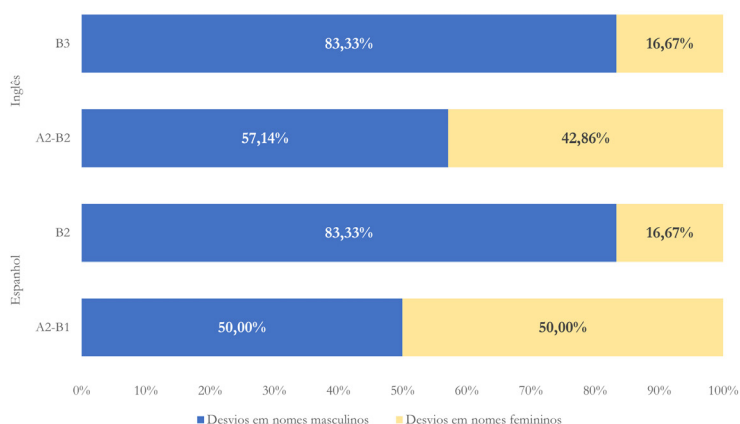


Gráfico 3: Distribuição, por segmentos da amostra empírica, da proporção de desvios em função do valor de género nominal da forma afetada.

Como se pode constatar, os dados apurados não revelam o recurso a uma estratégia de marcação do valor de género masculino por defeito o que poderá estar correlacionado com o facto de uma parte substancial dos desvios no *corpus* incidir na associação do valor de género feminino ao nome comum de dois “polícia” que, em função do contexto da sequência narrativa criada, deveria ser marcado como masculino (cf. (1)-(4)):

- (1) O ladrão levanta os mãos depois **a polícia** também levanta os mãos (...) (Inglês.B1)
- (2) **Uma polícia** chega (...) (Inglês.A2)
- (3) Olhou **a polícia** (...) Espanhol.A2)
- (4) E **a polícia** e o homem são amigos (...) (Espanhol.B2)

A tendência observada poderá, por um lado, estar correlacionada com o facto de estes aprendentes assumirem implicitamente que o item nominal “polícia” é sempre marcado como feminino na língua portuguesa e de não reconhecerem, por isso, a possibilidade de associar a este item o valor de género masculino. Também a ocorrência da expressão “a polícia” para designar a entidade de segurança pública poderá contribuir para que os aprendentes assumam que este item é somente marcado como feminino. Os aprendentes, independentemente do seu conhecimento linguístico prévio terão, assim, internalizado, na sua gramática mental, que este nome tem um valor de género único. Por outro lado, a incidência de desvios também pode resultar de um efeito de sobregeneralização da ‘pseudorregra’ de atribuição de valores de género aos nomes em português, “se o nome termina em -o é de género masculino, se termina em -a é feminino”.

Procurou-se, por fim, determinar a proporção de desvios por segmentos da amostra em função do constituinte sintático afetado. Os resultados encontram-se representados no Gráfico 4.

No que diz respeito aos constituintes afetados, verifica-se o mesmo padrão nos diferentes segmentos da amostra empírica, já que, é nos especificadores, nomeadamente no determinante que recai o maior número de desvios. Em contrapartida, a proporção de desvios que afetam os adjetivos, sobretudo em posição atributiva, é, em geral, pouco expressiva.

Poderemos analisar estes resultados atendendo, em primeiro lugar, ao facto de, nas produções orais analisadas, se ter verificado uma frequência de uso de sintagmas constituídos apenas por determinante e nome muito mais elevada do que a de sintagmas constituídos por especificadores e modificadores, quer

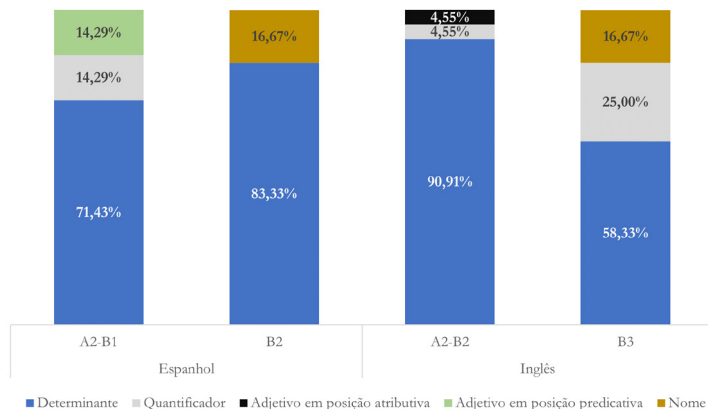


Gráfico 4: Distribuição da proporção de desvios por constituintes afetados.

com função atributiva quer com função predicativa. Assim, sendo mais frequentes, a probabilidade de ocorrência de desvios será proporcionalmente maior.

No *corpus* analisado, verificam-se ainda manifestações desviantes que resultam da ambivalência de atribuição de valores de gênero. Nos exemplos (5) e (6) verifica-se que os informantes, apesar de selecionarem adequadamente a forma do adjetivo, não utilizam corretamente a forma do especificador.

(5) *A **polícia** está **acusado*** (Inglês.A2)

(6) *Supreendeu **à ladrão** que ficou também **assustado*** (Inglês.B2)

Estes exemplos revelam, consequentemente, que é sobretudo nos elementos que constituem a estrutura funcional do sintagma que se manifestam as maiores dificuldades em estabelecer a concordância nominal em gênero.

4. Considerações finais

O presente trabalho permitiu-nos aferir padrões de atribuição de valores de gênero nominal por aprendentes tardios de PLNM, falantes nativos de espanhol e de inglês, a frequentar turmas de três níveis de aprendizagem, de A2 a B2. O estudo empírico baseou-se na análise de desvios de atribuição e de concordância nominal detetados em produções orais e no qual se procurou obter dados que permitam a descrição do desempenho dos aprendentes em diferentes estádios de aprendizagem e em função dos conhecimentos linguísticos prévios.

Na perspectiva da Análise Contrastiva Interlíngua (Granger, 1996, 2009), os dados empíricos permitem-nos aferir que o facto de os aprendentes terem representada na sua LM a categoria gramatical de género e de possuírem um sistema de atribuição e de concordância de género semelhante ao do português, como é o caso do espanhol, se traduz por um reduzido número de desvios relativos à atribuição de valores de género aos nomes, logo em fases iniciais da aprendizagem linguística. Em contrapartida, à medida que progridem na aprendizagem, verifica-se um certo efeito de estabilização, já que a proporção de desvios assinalada entre os segmentos dos informantes de LM espanhola e inglesa no nível B2 é muito próxima. Ou seja, o efeito potencialmente benéfico dos conhecimentos linguísticos prévios deixa de se fazer sentir em fases mais avançadas do desenvolvimento interlinguístico dos aprendentes.

Os dados revelam ainda diferenças qualitativas de desempenho entre os dois grupos de informantes, já que a variedade de itens nominais com desvios é diferente. A maior proporção de nomes afetados registada nas produções dos informantes de LM inglesa face à proporção de itens afetados nas produções dos informantes de LM espanhola constitui um indicador de que uma maior proximidade estrutural auxilia o processo de assimilação dos valores de género associados a cada item.

Relativamente às estratégias adotadas no momento de atribuir um valor de género aos nomes, não se evidencia, nas produções analisadas, a marcação preferencial de um valor em detrimento de outro. No que concerne aos constituintes nos quais se evidenciam as marcas de desvio, verifica-se em ambos os segmentos o mesmo padrão, sendo os especificadores os que apresentam maiores incidências de desvios.

Em suma, pese embora o reduzido número de textos orais analisados, neste trabalho foi possível assinalar um conjunto de particularidades subjacentes ao processo de aquisição tardia da categoria de género em função dos conhecimentos linguísticos prévios dos aprendentes e dos respetivos níveis de proficiência linguística. Reconhecemos, por fim, a necessidade empreender mais estudos que complementem estes resultados, com vista a uma melhor compreensão acerca do processo de assimilação da categoria de género gramatical no contexto da aquisição tardia de PLNM.

Referências bibliográficas

- AMBADIANG, T. (1999). La flexión nominal. Género y número. In I. Bosque, y V. Demonte (eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (vol. 3, pp. 4843-4913), Madrid: Espasa Calpe.
- BRITO, A. M. (2003). Categorías Sintácticas. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário, e A. Villalva (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (vol. I, pp. 323-432), Lisboa: Caminho.
- CONSELHO DA EUROPA (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação*. Edições Asa.
- FERREIRA, T. S. (2011). *Padrões na aquisição/aprendizagem da marcação de género nominal em português como L2*. [Dissertação de mestrado em Português Língua Estrangeira, Língua Segunda. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].
- FERREIRA, T. S. (2019). *Aquisição/aprendizagem do sistema de atribuição de género nominal em PLNM*. [Tese de doutoramento em Linguística do Português: Investigação e Ensino, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].
- FRANCESCHINA, F. (2005). *Fossilized Second Language Grammars – the Acquisition of Grammatical Gender*. John Benjamins Publishing Company.
- GODINHO, A. P. (2010). A aquisição da concordância de número e a sua relação com a aquisição da concordância de género: um estudo realizado com aprendentes chineses de português L2. In M. J. Marçalo, M. Lima-Hernandes, E. Esteves, M. C. Fonseca, O. Gonçalves, A. L. Vilela e A. A. Silva (eds.), *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora.
- GRANGER, S. (1996). From CA to CIA and back: An integrated approach to computerized bilingual and learner corpora. In K. Aijmer, B. Altenberg & M. Johansson (eds.), *Languages in Contrast. Text-based cross-linguistic studies* (pp. 37-51). Lund: Lund University Press.
- GRANGER, S. (2009). The contribution of learner corpora to second language acquisition and foreign language teaching: a critical evaluation. In K. Aijmer (ed.), *Corpora and Language Teaching* (pp. 13-32). Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- HARRIS, J. W. (1991). The Exponence of Gender in Spanish, *Linguistic Inquiry*, 22(1), 2762.
- IBRAHIM, M. H. (1973). *Grammatical Gender*. Mouton.

- LACSÁN, V. (2016). *The acquisition of gender agreement in L2 Portuguese by adult Hungarian speakers*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa].
- LEIRIA, I. (2006). *Léxico, Aquisição e Ensino do Português Europeu língua não materna*. Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- MARIOTTO, E. M. C. e LOURENÇO-GOMES, M. C. (2013). Análise de erros na escrita relacionados à aprendizagem da concordância de gênero por falantes nativos do inglês, aprendentes de português europeu como língua estrangeira. In *Anais do IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP). Língua Portuguesa: ultrapassando fronteiras, unindo culturas* (pp. 1278-1285). Goiânia / Goiás: Faculdade de Letras (UFG).
- MARTINS, C., FERREIRA, T., SITOE, M., ABRANTES, C., JANSSEN, M., FERNANDES, A., SILVA, A., LOPES, I., PEREIRA, I. e SANTOS, J. (2019). *Corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2): Subcorpus Português Língua Estrangeira*. CELGA-ILTEC.
- MARTINS, C. (2015). Número e gênero nominais no desenvolvimento das interlínguas de aprendentes de português europeu como língua estrangeira. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane, Série Letras e Ciências Sociais*, 1 (1), 26-51.
- MARTINS, C. (2020). Estudos sobre a aquisição/aprendizagem do gênero nominal por aprendentes de português língua não materna: valências pedagógicas. *Quaderns de Filologia: Estudis Lingüistics XXV*, 169-184. URL: <https://doi.org/10.7203/QF.25.19078> (Acesso em 09.01.2023).
- MOTA, M. A. (2016). A categoria gramatical gênero, nos nomes e adjetivos do português: algumas reflexões. *Diadorim, Especial*, 150-164.
- MOTA, M. A. (2020). Morfologia do nome e do adjetivo. In E. B. P. Raposo, M F. B. do Nascimento, M. A. Mota, L. Segura e A. Mendes (eds.), *Gramática do Português* (vol. III, pp. 2833-2930). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PINTO, J. (2017). A aquisição do gênero e da concordância de gênero em portuguesa língua terceira ou língua adicional. In Osório, P. (org.), *Teorias e Usos Linguísticos* (pp. 91-110). Lisboa: Lidel.
- RIO-TORTO, G. e RODRIGUES, A. S. (2016). Formação de nomes. In G. Rio-Torto e A. S. Rodrigues, I. Pereira, R. Pereira e S. Ribeiro, *Gramática Derivacional do Português*, (2.^a edição), (pp. 135-240.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

SANTOS, I. A., PEREIRA, I., MARTINS, C. S. P., LOPES, A.C.M., CARAPINHA, C., SILVA, A. (2016). CorpOral: PL2 – Um novo recurso para o estudo do português língua não materna. In A. Moreno, F. Silva e J. Veloso (eds.), *Textos Seleccionados do XXX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 103-112). Associação Portuguesa de Linguística.

TÍTULO: A atribuição de valores de género nominal em produções orais de aprendentes tardios de português como língua não materna

RESUMO: Partindo da análise de desvios de atribuição e de concordância nominal em género, em produções orais, o presente estudo visa aferir padrões relativos à aquisição da categoria de género gramatical em português como língua não materna (PLNM) por aprendentes tardios, falantes nativos de espanhol e de inglês, a frequentar turmas dos níveis A2, B1 e B2. Mais especificamente, procurou-se averiguar se a configuração do conhecimento linguístico prévio condiciona o desempenho dos aprendentes no que respeita à associação de valores de género nominal em português. O trabalho empírico permitiu constatar que uma maior proximidade tipológica dos idiomas, língua materna e língua-alvo de aprendizagem, não se traduz num número reduzido de desvios, já que, em termos proporcionais, os índices de desvios nos dois segmentos da amostra é muito próximo, sobretudo no nível mais avançado. Por fim, as produções orais dos informantes de LM espanhola revelam, ainda, um certo efeito de estabilização na aprendizagem, visto que no nível B2 a proporção de desvios não é consideravelmente inferior à registada nos níveis precedentes, A2 e B1.

TITLE: The attribution of nominal gender in oral productions of late learners of Portuguese as a nonnative language

ABSTRACT: Based on the analysis of gender assignment and nominal gender agreement deviations in oral productions, the present study aims to assess patterns of acquisition of the grammatical gender category in Portuguese as a non-native language (PNNL) by late learners, native speakers of Spanish and English, attending classes at levels A2, B1 and B2. More specifically, we aim to investigate whether the configuration of prior linguistic knowledge affects learners' performance with respect to the association of nominal gender values in Portuguese. The empirical work showed that a greater typological proximity of the languages, mother tongue and learning target language, does not translate into a reduced number of deviations, since, in proportional terms, the deviation rates in the two segments are very close, especially at the most advanced level. Finally, the oral productions of the Spanish informants also reveal a certain stabilization effect in learning, since at level B2 the proportion of deviations is not considerably lower than that recorded at the previous levels, A2 and B1.

Análisis de interlengua de los marcadores discursivos empleados por aprendientes angloparlantes de Español como lengua extranjera

Interlanguage analysis of discourse markers used by english-speaking learners of Spanish as a foreign language

GLORIA TOLEDO VEGA

FRANCISCO QUILODRÁN PEREDO

EDSON PIZARRO VELÁSQUEZ*

PALABRAS CLAVE: Marcadores de discurso, Cohesión, Análisis de interlengua, Español como lengua extranjera.

KEYWORDS: Discourse markers, Cohesion, interlanguage analysis, Spanish as a foreign language.

PALAVRAS-CHAVE: Marcadores de discurso, Coesão, Análise de interlíngua, Espanhol como língua estrangeira.

Introducción

En la clase de ELE, el principal objetivo de enseñanza es la comunicación fluida y adecuada entre nuestros aprendientes y los hablantes nativos y no nativos de español. Para lograr dicho objetivo, es importante que los aprendientes desarrollen una competencia discursiva acorde a su nivel (Nogueira da Silva, 2010, pp. 12-13) y, consecuentemente, puedan hacer uso de los elementos conectivos de manera correcta, en la posición y el registro adecuados (Vande Castele y Collweart, 2013, p. 553; Campillos Llanos y González Gómez, 2014, pp. 241-242; Vázquez Veiga, 2016, pp. 267-297). A través del conocimiento y el uso correcto de tales elementos, el aprendiente de ELE podrá interpretar de forma adecuada las instrucciones, evitará malentendidos y podrá comunicarse con mayor confianza con los hablantes nativos (Díez Domínguez, 2008, p. 61).

* Docentes de Programa Español UC, Facultad de Letras, Pontificia Universidad Católica de Chile.

De acuerdo con algunas investigaciones (Pascual Escagedo, 2015, p. 159; Bustos, 2015, p. 8; Villapol, 2018, pp. 920-927) se ha observado que los estudiantes de ELE hacen uso de los Marcadores Discursivos (MD) en los primeros estadios de su aprendizaje. No obstante, en general se trata de elementos muy simples y parecidos a los de su lengua materna. En efecto, la dificultad al momento de usar estos marcadores se explica por varias propiedades típicas de los MD, como por ejemplo su carácter polifuncional y el hecho de que asumen un rol complejo en el procesamiento del discurso (Fuentes Rodríguez, 2020, p. 837). A lo anterior, se debe sumar la gran cantidad de taxonomías existentes y las diferentes aproximaciones para su enseñanza. Al respecto, Salameh Jiménez (2021, p. 374) considera que el estudio acerca de la sistematización de las funciones que expresan los marcadores discursivos permite a los estudiantes entender el uso de estos elementos, sin pasar por memorizar listas de funciones y actividades basadas en rellenar huecos. Por su parte, otros autores como Hernández y Rodríguez González (2013, p. 6) y Campillos Llanos y González Gómez (2014, pp. 253-254) han observado un efecto positivo en la enseñanza explícita del uso de los MD por parte de los aprendientes de ELE. Además, se ha observado que la falta de entrenamiento que tienen los aprendientes en la redacción de géneros académicos de cierta complejidad limita la puesta en práctica de marcadores discursivos (Fernández-Silva, 2011, p. 333).

La literatura que ha abordado el uso de MD entre aprendientes de ELE, y que desarrollaremos en el marco conceptual de este trabajo, muestra que los marcadores discursivos más utilizados son aquellos de carácter polifuncional (Corral, 2010, pp. 355-356) y que la progresión en el uso de una mayor variedad de conectores se asocia a una mejor proficiencia en español (Mizón y Oyanedel, 1999, pp. 451-458). Las mismas autoras dan cuenta de que los aprendientes usan otros recursos para la contextualización, especialmente en los niveles más avanzados.

En este artículo consideramos el estudio de Mizón y Oyanedel (1999, pp. 451-458) sobre el uso de los enlaces extraoracionales en estudiantes angloparlantes aprendientes de ELE. La motivación de dichas autoras, y también la nuestra, proviene del interés por facilitar que los aprendientes de ELE puedan producir textos “que [respondan] a la complejidad de las ideas que desean transmitir” (1999, p. 1). Con esto en mente, las autoras buscaron dar cuenta del grado de dominio de los marcadores discursivos en español, analizando los elementos que conectan semánticamente oraciones, los cuales sirven de cohesionantes y contribuyen a la unidad y coherencia textual entre aprendientes angloparlantes de ELE en tres niveles: básico, intermedio y avanzado. Una moti-

vación extra para considerar este estudio, ya bastante antiguo, es que ambas autoras fueron profesoras en el mismo centro de enseñanza-aprendizaje de ELE en el cual trabajan los autores de este artículo. En otras palabras, quisimos cotejar el estado de cosas a fines de los 90, con la situación actual, en un mismo contexto. Nuestra contribución particular contempla la delimitación de las unidades de estudio como marcadores discursivos, en lugar de enlaces extraoracionales, y agrega una comparación con la producción de estos elementos de conexión entre universitarios hispanohablantes que servirán como grupo de control, y universitarios angloparlantes. En otras palabras, ampliamos el estudio de 1999 a un estudio de interlengua.

El estudio contrastivo que mostramos en este artículo busca elaborar un marco de análisis de interlengua para la producción de los angloparlantes, de modo tal que la producción escrita de estos no sea cotejada con un ideal de español y/o inglés, sino con la producción real de estudiantes hispanohablantes y angloparlantes. Este análisis también permitirá conocer mejor el manejo de los recursos para la cohesión en tanto amplitud, variedad y adecuación entre universitarios chilenos y extranjeros. En base a este propósito, las preguntas de investigación que plantea nuestro estudio son: ¿cuáles son los marcadores discursivos más empleados por aprendientes de ELE? y ¿cómo se compara el uso de estos recursos con las lenguas maternas en estudio (inglés y español)? Nuestras preguntas apuntan a determinar la frecuencia de uso de marcadores discursivos desde una perspectiva de cohesión textual, y no pragmática, ya que se trata de un análisis cuantitativo.

1. Marco teórico

1.1. El amplio abanico de los marcadores discursivos

Mizón y Oyanedel (1999, pp. 451-458) definen su objeto de estudio como enlaces extraoracionales, no obstante, estas unidades contemplan grados distintos de lexicalización y se inscriben en un vasto paradigma en el que reciben y han recibido variadas denominaciones. La dificultad para identificar y lograr una clasificación estable de estas unidades no es solo sincrónica, de hecho, Pons Bordería (1994, pp. 1-17) hace un recorrido histórico por el tratamiento y la clasificación de los enlaces extraoracionales, que muestra que hemos heredado esta dificultad ya de la época de Nebrija. Sin ir tan atrás, los marcadores discursivos han sido llamados conectores extraoracionales por Cortés (1991,

p. 365); enlaces extraoracionales por Gili-Gaya (1961), quien fue de los primeros en reconocer el valor de estas unidades como clase funcional, por Fuentes (1987), por Pons Bordería (1994, pp. 3-17) y por Mizón y Oyanedel (1999, pp. 451-458). Alcina y Blecua (1975) los abordan como ordenadores del discurso, mientras que Casado (1991, p. 89) los denomina operadores discursivos. Alarcos (1980) y Mederos (1988) llaman a estas unidades conectivos y este último autor ubica en esta categoría de conectivos a las conjunciones coordinantes. Martínez (1985, pp. 69-90) se refiere a estos recursos como “conectores” y Briz (1993, 1994, 1998) los llama conectores pragmáticos.

Para efectos de la construcción del marco teórico de nuestro estudio, emplearemos la categoría de marcadores discursivos, pues nos parece que aborda más ampliamente la diversidad de nominaciones para estos elementos de conexión, entendiendo que no por ser todas unidades conectoras pueden ubicarse en una misma categoría funcional o lógica. Los MD pueden estudiarse desde el punto de vista del Análisis del Discurso, de la Lingüística del Texto, de la Etnografía de la Comunicación o desde la Pragmática. El tratamiento de estas unidades desde distintos ángulos, sumado a la multiplicidad e inestabilidad funcional que pueden manifestar, explica su diversidad terminológica (Portolés, 1993, pp. 141-144; Nogueira da Silva, 2010, pp. 12-13; Martí, 2011, p. 2). Los MD son unidades lingüísticas invariables, sin una función sintáctica dentro de la oración, que muestran un significado de procesamiento y no un contenido referencial. Conforme a esto, los MD facilitan la elaboración de inferencias textuales, al limitar el contexto de los enunciados donde aparecen. Lo anterior facilita la búsqueda de supuestos relevantes y, en consecuencia, disminuye el esfuerzo de procesamiento del enunciado (Portolés, 1993, pp. 159-160; Martín Zorraquino y Portolés, 1999, p. 4163). Martín Zorraquino y Portolés (1999, pp. 4080-4082) realizan una clasificación de los marcadores del discurso, identificando cinco grandes categorías que se pueden ver en la Tabla 1: estructuradores de la información, conectores, reformuladores, operadores argumentativos y conversacionales.

De acuerdo con la clasificación que muestra la Tabla 1, y en comparación con el trabajo de Portolés (1993, pp. 141-144), puede apreciarse una reorganización de las categorías en donde, además de la digresión: *a todo esto*, *a propósito...*, se pierden las inferencias paralelas: *también* y *tampoco* y la inversión inferencial: *precisamente*, *por eso mismo*. Además, se reformula la categoría de modalizadores con submodalidades epistémicas; de apéndices modalizadores y de los que indican actos de habla en las modalidades volitiva: *ojalá*, *es de esperar...* y evaluativa: *al fin*, *al menos*, *por fortuna...*

Estructuradores de la información	Conectores	Reformuladores	Operadores argumentativos	Conversacionales
Comentadores: <i>pues, pues bien, así las cosas</i> Ordenadores: de apertura, de continuidad, de cierre			De refuerzo argumentativo: <i>en realidad, en el fondo, de hecho</i> De concreción: <i>por ejemplo, en particular</i>	De modalidad epistémica: señalan el grado de certeza o evidencia que se atribuye a los miembros del discurso: <i>claro, por lo visto, desde luego...</i> De modalidad deóntica: indican actitudes volitivas del hablante respecto de los miembros del discurso: <i>bueno, bien vale...</i> Enfocadores de alteridad: indican cómo el hablante se sitúa respecto a su interlocutor en la interacción: <i>hombre, mira, oye...</i> Metadiscursivos convencionales: para estructurar la conversación: <i>bueno, eh, este...</i>
Numeración	Aditivos: <i>además, aparte, incluso</i> Consecutivos: <i>por tanto, por ende</i> Contra-argumentativos: <i>sin embargo, por el contrario</i>	Explicativos: <i>o sea, es decir...</i> Rectificativos: <i>mejor dicho</i> De distanciamiento: <i>en cualquier caso, en todo caso...</i> Recapitulativos: <i>en conclusión, al fin y al cabo...</i>		

Tabla 1: Clases de marcadores discursivos según Martín Zorraquino y Portolés (1999).

En un trabajo de 2004, Martín Zorraquino (p. 54) propone una clasificación de los MD en base a un carácter onomasiológico y otro semasiológico. La primera toma en cuenta las funciones pragmáticas de los MD: explicación, continuación, digresión, duda, contraste, énfasis, etc. y la segunda, además de su función pragmática, considera su carácter morfosintáctico y semántico. En este último ámbito, Nogueira da Silva (2010, pp. 12-13) destaca las contribuciones de Martín Zorraquino (1998, 1999), Montolío (1998, pp. 93-120) y Portolés (1998a, 1998b y 1998c).

Como una subclase de los marcadores del discurso, Martín Zorraquino y Portolés (1999, p. 4057) y Martí (2011, p. 2) incluyen los conectores discursivos. La identificación de estas unidades es particularmente compleja, dado que son más heterogéneas que cualquier clase sintáctica de palabra. Entre los Conectores Discursivos (CD) podemos encontrar locuciones adverbiales, preposiciones, conjunciones e interjecciones que unen y modalizan a los miembros que afectan.

Al igual que los MD, los conectores discursivos presentan problemas para ser identificados. Según Martí (2011, p. 12), estos problemas provienen de la confluencia de dos perspectivas: una centrada en la cohesión textual y otra que atiende al papel interpretativo de estas unidades (pragmática). Como ejemplo de esta complejidad, la revisión comparada de los trabajos sobre estas unidades muestra cómo Martí establece cuatro categorías para los conectores: ordenadores de la información, reformuladores, digresivos y consecutivos, de las cuales solo la de consecutivos coincide con la clasificación de Martín Zorraquino y Portolés (1999, pp. 4080-4082). Estos últimos consideran las categorías de reformuladores como marcadores discursivos y no así la categoría de los digresivos, que Portolés (1993, p. 154) sí considera entre los MD. Portolés (*ibidem*), por su parte, establece clases de conectores según su función semántico-pragmática y distingue entre aditivos, justificativos/consecutivos y contraargumentativos, clasificación que no coincide con la de Martí. Dada la posibilidad de confundir las distintas unidades de conexión, Portolés (1993, pp. 141-144) y Martí (2011, pp. 18-23) convergen en algunas distinciones entre los conectores y otros marcadores del discurso, las cuales resumimos en la Tabla 2. Por otra parte, Martí (2011, pp. 30-32; 2013, pp. 216-218) hace lo propio entre los conectores y las conjunciones, como puede observarse en la Tabla 3.

Portolés cita algunos ejemplos que demuestran la dificultad para distinguir conectores de otros elementos. En el enunciado *no le comprará un coche, porque tiene miedo a los accidentes*, *porque* funciona como conector, mientras que en *no le comprará un coche porque tenga miedo a los accidentes (sino porque tiene dinero)*, *porque* funciona como un operador semántico (Portolés, 1993, p. 147).

CD	MD
Unen y modalizan a los miembros que afectan. Relacionan enunciados independientes formando una unidad del discurso. Se diferencian de las conjunciones porque estas actúan en espacios más reducidos y explícitos. Su función es doble: lógica y textual. Se emplean en la actividad argumentativa y metadiscursiva.	No cumplen una función sintáctica en la estructura oracional. Su eliminación no repercute en la gramaticalidad de la oración; su presencia no es obligada. Son unidades invariables y frecuentemente presentan una fijación característica. Su carácter funcional es opaco. Facilitan la interpretación de los enunciados. Contribuyen, en general, a la cohesión textual.

Tabla 2: Diferencias entre conectores y marcadores discursivos según Portolés (1993) y Martí (2011).

Conectores	Conjunción
El miembro introducido por el conector es dependiente: <i>Los González no vendrán a comer con nosotros. Pero sé que ellos, en el fondo, se mueren de ganas de quedarse a comer.</i> Menos formalizados Más dependientes del contexto Pragmagramaticales (marcan afectivamente y modalizan el miembro que introducen). Aislados Tienen posición de inciso y por lo tanto movilidad posicional. En la sintaxis formal se reconocen por ser los núcleos funcionales de su sintagma (Martí, 2013)	El miembro introducido por la conjunción es independiente: <i>Salieron a medianoche a buscar al perro perdido en su auto, pero el estado de los caminos arruinó la empresa.</i> Constituyen “una clase de palabras invariables y generalmente átonas que relacionan entre sí vocablos y grupos sintácticos, unas veces equiparándolos y otras jerarquizándolos” (RAE y Asociación de Academias de la Lengua Española 2009, p. 2395). Más formalizadas Menos dependientes del contexto Gramaticales Integrados Tienen fijación posicional.

Tabla 3: Diferencias entre conectores y conjunciones según Martí (2011 y 2013).

De forma similar, en *Vino cansado y, además, con hambre, además* funciona como un conector, mientras que en *Además de cansado, vino con hambre, además* no funciona como conector, pues aparece complementado.

1.2. La enseñanza de los marcadores discursivos en ELE: propuesta de plantilla para la clasificación de estas unidades (Mizón y Oyanedel, 1999)

Puesto que los marcadores discursivos son elementos que contribuyen a la construcción del sentido del discurso (oral o escrito), a la organización de la información y a la estructura argumentativa, su enseñanza en ELE merece una atención especial. Entre otros aspectos, es importante destacar la relación que se establece entre los MD y los géneros y tipologías textuales (Nogueira da Silva, 2010, pp. 12-13). Otro punto importante, que no debiese ser descuidado en los manuales o en la enseñanza de ELE, es que el aprendizaje adecuado de estas unidades no debe limitarse a la adquisición de su significado, sino también al de sus efectos de sentido en distintos contextos de uso (Martí, 2011, p. 11; Corral 2010, p. 295).

Ahora bien, el Plan Curricular del Instituto Cervantes (PCIC) (2006) contempla dentro de la categoría de marcadores discursivos numerosas conjunciones, adverbios y sintagmas parcialmente fijados, junto a indudables MD o conectores discursivos (Martí, 2011, p. 2). Por otro lado, los manuales de enseñanza de ELE suelen reducir estos elementos de funciones y características diversas a la categoría de “conectores”, haciendo un profuso empleo de este término, sin una mayor precisión en cuanto a sus características funcionales, textuales o lógicas, como hemos intentado resumir en las tablas 1, 2 y 3 de este apartado. Al respecto, Torre (2017, p. 22) alude a un desbarajuste terminológico en el MCER (Marco Común Europeo de Referencia), cuando se refiere a estas unidades.

Entre los estudios que han abordado el uso de MD en aprendientes de ELE, el de Corral (2010) observa un mayor uso de estructuradores de información, reformuladores y operadores argumentativos en las redacciones de lusohablantes, especialmente en el nivel C2 (superior). En la redacción de cartas se emplean más marcadores conversacionales, que tienden a disminuir en el nivel C1 (avanzado) respecto al B2 (intermedio-avanzado), lo cual podría indicar un esfuerzo del nivel avanzado por adecuarse más al modo escrito. En general, Corral (2010, pp. 355-356) observa que aparecen con mayor frecuencia, y en los distintos niveles, los marcadores discursivos más polifuncionales.

El estudio de Mizón y Oyanedel (1999, pp. 451-458) explora el grado de corrección y adecuación logrado en el manejo de enlaces extraoracionales dentro de la producción escrita de angloparlantes. Las autoras esperaban encontrar una progresión tanto en variedad como frecuencia conforme aumentaba el nivel de ELE de los informantes, pero esto no fue confirmado en su investigación. En efecto, se observó que se repiten los mismos conectivos en los tres niveles estudiados (básico, intermedio y avanzado), especialmente los aditivos, y que su frecuencia de uso aumentaba levemente de un nivel a otro, excepto en el caso de los continuativos, que solo aparecían en el nivel superior, y de los disyuntivos, que prácticamente no aparecían en ningún nivel. Los adversativos de restricción mostraban una progresión muy débil de uso; entre los causales solo aparecían los de consecuencia, con predominio del término “entonces” y con valores no siempre claros. Entre los temporales se observaban muchos conclusivos en el nivel básico y solo esporádicamente algunos continuativos en el nivel avanzado. Considerando los resultados de su estudio, las autoras señalan que los estudiantes dan cuenta del control de la textualización con otros recursos, especialmente en el nivel avanzado: elipsis pronominales y verbales, sustituciones léxicas, correferencia anafórica, modalizadores de enunciación y enunciado. El criterio que ellas asumieron para la creación de una plantilla de análisis se muestra en la Tabla 4.

El criterio adoptado por las autoras es el propuesto por Halliday y Hasan (1976) *apud* Mederos (1988) “Si una oración semántica puede funcionar conectivamente, cualquier expresión de esa relación con o sin elementos demostrativos o de otro tipo referencial (= proformal) se considerará dentro de la categoría de la conexión” (1988, p. 215).

Aditivos	Disyuntivos	Adversativos	Causales	Temporales	Continuativos
Simple Enfáticos (de relieve/ de confirmación) Explicativos Digresivos	O U Bien Ya Sea que	de restricción de oposición total de diferencia de contraste de rechazo hipotético de exclusión	de consecuencia de causa propiamente tal de inferencia	Externos (de posterioridad/ de anterioridad/ de simultaneidad) Internos (de inicio/ de conclusión/ de secuenciación)	Además Entonces De ahí que

Tabla 4: plantilla de las unidades analizadas por Mizón y Oyanedel (1999).

2. Metodología

El presente es un estudio de carácter cuantitativo, que busca analizar la frecuencia de uso de marcadores discursivos en la producción textual de aprendientes de español como lengua extranjera.

2.1. Informantes y corpus

Nuestro corpus corresponde a textos escritos de informantes de tres grupos: hablantes nativos de español (EL1), que funcionará como grupo de control compuesto por 30 textos escritos; hablantes no nativos cuyos textos están escritos en español como Interlengua (IL), y angloparlantes cuyo corpus se compone de 30 textos escritos en inglés (IL1). El corpus en español como interlengua corresponde a 90 textos escritos de niveles B1, B2 y C1 (30 muestras para cada nivel). Con esta conformación asumimos un estudio de interlengua (IL), cuya base de análisis es el cotejo con la lengua materna de los aprendientes (inglés) y con la lengua meta (español).

Los informantes corresponden, en su totalidad, a estudiantes universitarios de distintas carreras, cuyos textos presentan las macrofunciones de exponer y argumentar. Los textos de los participantes hablantes no nativos pertenecen a estudiantes de intercambio en la Pontificia Universidad Católica de Chile. Un 90% de ellos son angloparlantes y el resto varían en lenguas maternas, pero tienen en común tener un nivel avanzado de inglés (C2), que usan como Lengua Vehicular (LV).

2.2. Obtención de datos

Como ya se adelantó, empleamos la plantilla de Mizón y Oyanedel (1999, pp. 451-458) para buscar las unidades conectivas que aparecían en las producciones escritas que analizamos. Para esto contabilizamos el empleo de cada unidad aparecida en la mencionada plantilla, separando su uso según la lengua empleada en el texto escrito: inglés L1, español IL y español L1. Para el análisis del español IL subdividimos los datos en otros tres grupos de nivel de lengua: B1 (nivel intermedio), B2 (nivel intermedio-avanzado) y C1 (nivel avanzado).

Esto, con el fin de determinar cuánto influye el nivel de lengua en el empleo de MD, junto a lo anterior, consideramos el empleo de MD según el tipo de texto: exposición y argumentación. Una vez contabilizados los usos en cada grupo y subgrupo, sacamos un porcentaje de empleo en relación con el número de palabras utilizadas en las redacciones, según nivel de lengua. De esta manera, nos aseguramos de hacer un cotejo más fiable entre niveles y también entre las distintas lenguas en estudio (inglés L1/LV, español IL y español LM).

Obtenido el uso estimado en un porcentaje específico procedimos a cotejar los siguientes puntos: (i) empleo de MD según nivel de lengua en español IL y (ii) empleo de MD según lengua nativa. Valga señalar que no nos detuvimos en un análisis detallado de la función pragmática de los MD en el contexto de cada texto escrito (150 muestras). Con esto no queremos invalidar la postura de Martí (2011, p. 16) respecto a distinguir de manera adecuada el uso de estas formas, sino que asumimos el alcance de nuestro estudio en un ámbito que no se detiene en analizar el uso pragmático de estas unidades, sino su frecuencia de utilización de acuerdo con los cuatro puntos que señalamos en el párrafo anterior.

3. Análisis de los datos

3.1. Empleo de conectores según nivel de lengua en español IL

La tabla 5 muestra el empleo de MD en las seis categorías que especifican Mizón y Oyanedel (1999, pp. 451-458). De acuerdo con esta información, el grupo de nivel que emplea más MD es el intermedio-avanzado (B2) y, de hecho, es este el grupo donde se encuentra la frecuencia más alta de empleo (uso de adversativos), de entre los cuales destacan *pero* y *sin embargo*.

Conectores	IL B1	IL B2	IL C1
1. Aditivos	33	45	53
2. Disyuntivo	0	0	2
3. Adversativo	50	117	96
4. Causales	56	96	69
5. Temporales	46	51	74
6. Continuativos	1	0	0
TOTALES	186	309	294

Tabla 5: Uso de MD en español como interlengua en tres niveles.

El gráfico 1 despliega la información de la Tabla 5 para mostrar de forma más clara que los continuativos son las unidades menos empleadas, de hecho, no se emplean en absoluto. A estos les siguen los disyuntivos, con un empleo mínimo en el nivel más avanzado, y los aditivos, con un uso que aumenta conforme avanza el nivel de lengua. Ahora bien, la progresión en el uso total de MD no muestra un aumento entre los dos niveles más avanzados, sin embargo, la diferencia de frecuencia de uso entre ambos niveles no es tan notoria como entre el nivel B1 y los dos niveles siguientes.

IL B1, IL B2 y IL C1

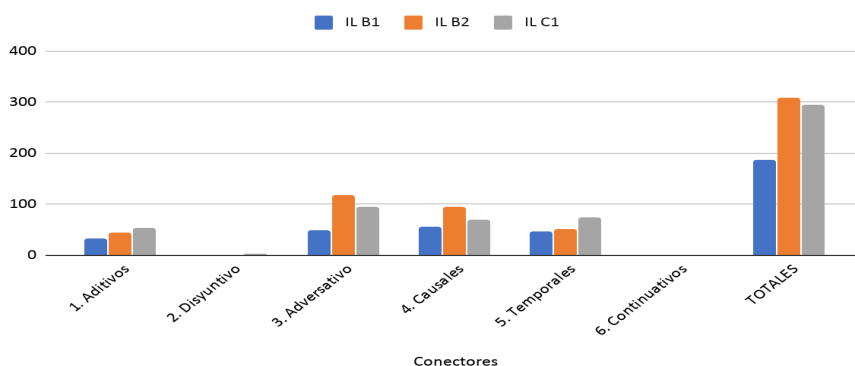


Gráfico 1: Frecuencia de uso de conectores en español como IL según el nivel de lengua.

Con respecto a los MD más empleados, se puede inferir que la mayor utilización de marcadores adversativos, causales y temporales se debe a las macrofunciones abordadas en los textos de las muestras: exponer y argumentar, estando la primera de ellas muy vinculada a la exposición narrativa, de lo cual se deduce el empleo de marcadores temporales.

3.2. Empleo de conectores según lengua

Lo que muestra la Tabla 6 es el porcentaje de uso de MD, en cada grupo, en relación con el número de palabras obtenidas de cada uno. Así, de un total de 11.215 palabras en los 30 textos en español como lengua materna, se calculó el porcentaje de uso de MD en cada categoría y en la suma total. La relación del total de palabras y MD por grupo fue la siguiente: 11.215 palabras y 244 MD en (EL1); 10.000 palabras y 266 MD en español (IL); y 20.529 palabras y 313 MD en (IL1).

Conectores	Español L1	EIL	Inglès L1
1. Aditivos	0,37%	0,47%	0,47%
2. Disyuntivo	0,03%	0,01%	0,00%
3. Adversativo	0,80%	0,88%	0,45%
4. Causales	0,67%	0,74%	0,24%
5. Temporales	0,30%	0,57%	0,36%
6. Continuativos	0,00%	0,00%	0,00%
TOTAL	2,18%	2,66%	1,52%

Tabla 6: Porcentaje de uso de conectores en relación con el número de palabras por grupo.

En el Gráfico 2 puede observarse un mayor empleo de adversativos en los tres grupos; más utilización de MD en el grupo de español IL; mayor amplitud en el uso de distintos MD en español L1; y menor amplitud y uso menos frecuente de MD en el grupo de angloparlantes. Estos resultados son interesantes, ya que muestran que el empleo de MD en las lenguas maternas, tanto español como inglés, es menos frecuente que en la interlengua. Este resultado podría deberse a que en los textos en IL los profesores de ELE suelen pedir el uso de conectivos en las redacciones, lo que además sería consistente con el empleo de más MD asociados a las macrofunciones de exponer y argumentar, como ya hemos advertido. Esto también se asocia al descubrimiento de Mizón y Oyanedel (1999, pp. 451-458), respecto a que los elementos preferidos para la cohesión textual no parecen ser los MD, sino otros mecanismos como formas pronominales, sinónimos y puntuación. La observación de Mizón y Oyanedel se refiere a la producción interlingüística de sus informantes, sin embargo, nuestro estudio podría agregar que esta preferencia por otros mecanismos para la cohesión vale también para la producción textual en las lenguas nativas o, al menos, a las lenguas nativas de esta investigación: español e inglés.

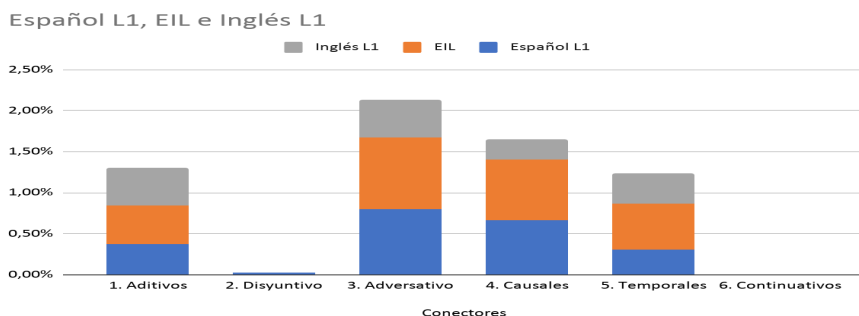


Gráfico 2: Relación porcentual de palabras y conectores por cada grupo.

3.3. Los marcadores discursivos más usados

Hasta aquí hemos visto la distribución en el uso de conectores por nivel de lengua, en español como lengua extranjera, y el porcentaje de uso en cada grupo de lengua (español e inglés como lenguas nativas y español como lengua extranjera), en relación con el número de palabras producidas en los textos escritos de cada grupo.

La tabla 7 nos muestra cuáles fueron los MD mayormente empleados en cada grupo de lengua y en cada nivel de interlengua. Hemos destacado en negrita los MD más empleados en cada grupo y se han dejado en blanco los casilleros donde no se usó ningún marcador correspondiente a dicha categoría. En el grupo de español como lengua nativa, además de observarse el empleo de MD en cada categoría, excepto en la de continuativos, se ve el mayor empleo del causal *porque*. En el grupo B1 de español IL se omite el empleo de marcadores disyuntivos y se observa menor variedad en el empleo de estos recursos. Las preferencias específicas recaen en el uso de *pero* como conector adversativo y de *después*, como conector temporal, pero no continuativo. El grupo B2 muestra una situación bastante similar a B1, con una preferencia muy marcada por el conector adversativo *pero*.

Conectores	Español L1	IL B1	IL B2	IL C1	IL1
1. Aditivos	o aun 5	además 15	además 19	también 18	also 32
	aun así 5	por ejemplo 5	por ejemplo 7	además 13	in addition to 5
	especialmente 5				
2. Disyuntivo	ni siquiera 2			ni 2	
3. Adversativos	pero 43	pero 47	pero 63	pero 41	but 27
	sin embargo 11	a pesar de 6	sin embargo 21	aunque 19	however 24
4. Causales	porque 22	así que 6	porque 28	debido a que 8	because 15
	ya que 11	por eso 6	por eso 15	por eso 7	thus 7
5. Temporales	después 6	a los x años siguiente 17	después 14	después 23	while 7
	durante 4	después 46	durante 7	durante 18	after 7
	antes 4				whilst 7
6. Continuativos		por lo demás 1			

Tabla 7: conectores más usados en cada lengua y cada nivel de EIL.

El grupo C1 también muestra un mayor uso de *pero* y la omisión de marcadores continuativos, al igual que el grupo B2. Finalmente, el grupo de

inglés como lengua materna exhibe un uso más repetido de *also*, y la omisión de MD disyuntivos y continuativos.

Conclusiones

En el presente trabajo ampliamos la investigación de Mizón y Oyanedel (1999, pp. 451-458) respecto al empleo de elementos conectivos en español como lengua extranjera, por parte de angloparlantes aprendientes de nuestra lengua. Nuestro aporte consideró un estudio de interlengua que tomó en cuenta las producciones de hablantes nativos en español e inglés, para poder contar con un marco tripartito completado por la producción en español como lengua extranjera (interlengua) de estudiantes hablantes no nativos de español. Tras considerar varias categorías de elementos de conexión, optamos por referirnos a los marcadores discursivos como la categoría de mayor amplitud textual. Vale la pena considerar que en nuestro análisis, de carácter cuantitativo, nos enfocamos en una perspectiva puramente textual, relacionada con el papel para la cohesión textual de los MD, pero no en su papel interpretativo o pragmático.

De cada grupo de lengua y de nivel se realizó el conteo de marcadores discursivos definidos en la plantilla de Mizón y Oyanedel (1999, pp. 451-458) y se obtuvo la frecuencia de uso por nivel de lengua, en textos escritos de exposición y argumentación. También se obtuvo la relación porcentual entre palabras por grupo de lengua y MD empleados. De lo anterior, se pudo comprobar que en las lenguas nativas, inglés y español, pero especialmente en inglés, el empleo de MD es menor que en español como lengua extranjera. La razón para esto puede guardar relación con que los profesores de ELE normalmente piden o derechamente exigen a sus estudiantes el uso de elementos conectivos. No obstante, el desempeño en las lenguas nativas muestra una preferencia por otros recursos para el control de la textualización, tal como observaron Mizón y Oyanedel (1999, pp. 451-458): elipsis pronominales y verbales, sustituciones léxicas, correferencia anafórica o un buen manejo de la puntuación, entre otros recursos que observamos. Además de esto, coincidimos con las observaciones de las autoras respecto a que se repite el uso de las mismas unidades, en los tres niveles de lengua.

Una diferencia respecto al estudio de Mizón y Oyanedel fue que estas autoras no vieron una progresión por nivel en el mayor uso de elementos

conectivos. Nuestro estudio confirma un avance importante entre el nivel B1 y los niveles B2 y C1. Por otra parte, las autoras descubren un mayor empleo de aditivos, lo cual no coincide con nuestra muestra, dado el carácter expositivo y argumentativo de los textos.

Para un siguiente estudio, sería conveniente centrarse en el empleo de estos recursos de cohesión textual, pues parecen ser elementos que se emplean más habitualmente en las lenguas nativas, al menos en lo que respecta a español e inglés, y porque estos recursos no son tan ampliamente tratados en los manuales de ELE, probablemente porque requieren una mejor sistematización. También sería fructífero para la didáctica de ELE el estudio de la función pragmática de los elementos conectivos en el contexto mismo de los textos producidos por aprendientes de español. Esto permitiría detectar los usos forzados de los marcadores en los textos escritos y cuando estos usos parecen poco naturales o derechamente inadecuados.

Referencias bibliográficas

- ALARCOS, E. (1980). *Estudios de gramática funcional*. Gredos.
- ALCINA, J. y BLECUA, J. (1975). *Gramática española*. Ariel.
- BUSTOS, J. M. (2015). Conexión discursiva en aprendices anglohablantes de ele. *Revista Española De Lingüística*, 45(2), 7-39. URL: <http://revista.sel.edu.es/index.php/revista/article/view/133>
- CASADO, M. (1991). Los operadores discursivos, *es decir, esto es, o sea y a saber* en español actual: valores de lengua y funciones textuales. *Lingüística Española Actual*, 13, 87-116.
- CAMPILLOS LLANOS, L. y GONZÁLEZ GÓMEZ, P. (2014). Oral Production of Discourse Markers by Intermediate Learners of Spanish: A Corpus Perspective. En J. Romero-Trillo, *Yearbook of Corpus Linguistics and Pragmatics book series* (vol. 2, pp. 239-259). New York: Springer. URL: https://doi.org/10.1007/978-3-319-06007-1_11
- CONSEJO DE EUROPA (2002). *Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación*. (MCER). Secretaría General Técnica del MEC, Anaya e Instituto Cervantes.
- CORRAL, C. (2010). *Los conectores discursivos de la lengua escrita en la clase de español lengua extranjera: una propuesta de trabajo*. [Tesis de doctorado,

- Universidad de León]. URL: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=26905>
- CORTÉS, L. (1991). Sobre conectores, expletivos y muletillas en el español hablado. *Ágora*.
- DÍEZ DOMÍNGUEZ, P. (2008). *Análisis de los marcadores discursivos más usados en el habla de tres estudiantes extranjeros de E/LE nivel C1 tras una estancia de un mes en España*. [Tesis de máster en Formación de Profesores de Español como Lengua Extranjera, Universitat de Barcelona]. URL: <http://www.diposit.ub.edu>
- FERNÁNDEZ SILVA, C. (2011): El uso de los conectores contra argumentativos. Un estudio comparativo de monografías escritas por hablantes nativos y no nativos de español. En J. Santiago Guervós, de et al. (eds.), *Del texto a la lengua: la aplicación de los textos a la enseñanza-aprendizaje de español L2-LE. Actas Del XXI Congreso de ASELE* (pp. 323-334). Salamanca: ASELE.
- FUENTES, C. (1987). Enlaces extraoracionales. *Alfar*.
- FUENTES RODRÍGUEZ, C. (2020). Presentación: operadores discursivos y fijación de construcciones. *RILCE* 36.3, 869-877.
- GILI GAYA, S. (1961). Curso superior de sintaxis español. *Vox*.
- HALLIDAY, M.A.K. y HASAN, R. (1976). *Cohesion in English*. Longman.
- HERNÁNDEZ, T. A. y RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, E. (2013). Impact of instruction on the use of L2 discourse markers. *Journal of Second Language Teaching and Research*, 2(1). 3-31.
- INSTITUTO CERVANTES (2006). *Plan Curricular del Instituto Cervantes. Niveles de Referencia para el español (PCIC)*. Biblioteca Nueva.
- LOZANO, C. (2009). CEDEL2: Corpus Escrito del Español L2. En. C. M Bretones Callejas et al. (eds.), *Applied Linguistics Now: Understanding Language and Mind / La Lingüística Aplicada Hoy: Comprendiendo el Lenguaje y la Mente* (pp. 197-212). Almería: Universidad de Almería.
- MARTÍ, M. (2011). Los conectores discursivos (entre los otros marcadores discursivos y los otros conectores). *Linred*, 9, URL: <https://ebuah.uah.es/dspace/handle/10017/24169?show=full>
- MARTÍ, M. (2013). La distinción conjunciones y conectores discursivos y su manifestación fraseológica. *Cadernos de Fraseología Gallega*, 15, 211-236.
- MARTÍN ZORRAQUINO, M. A. (1998). Los marcadores del discurso en la enseñanza del español como lengua extranjera (aspectos gramaticales y cuestiones pragmáticas. En *Actas de la VII Jornadas sobre aspectos de la enseñanza de lenguas extranjeras* (G.I.L.A.) (pp. 51-79). Granada: Universidad de Granada.

- MARTÍN ZORRAQUINO, M. A. (2004). El tratamiento lexicográfico de los marcadores discursivos y la enseñanza de ELE. En *Actas del XV Congreso Internacional de ASELE* (pp. 53-70). Sevilla: Universidad de Sevilla.
- MARTÍ SÁNCHEZ, M. (2011). Entre la gramática y la pragmática (sobre la pragmagramática). En J. J. de Bustos Tovar, et alii, *Sintaxis y análisis del discurso hablado en español: homenaje a Antonio Narbona* (vol. 2, pp. 827-842). Sevilla: Ediciones de la Universidad de Sevilla.
- MARTÍN ZORRAQUINO, M. A. y PORTOLÉS, J. (1999). Los marcadores del discurso. En I. Bosque y V. Demonte (dirs.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (tomo III, pp. 4051-4213). Madrid: Espasa Calpe.
- MARTÍNEZ, J. (1985). Conectores complejos en español. *Archivum XXIV-XXV*, 69-90.
- MEDEROS, H. (1988). *Procedimientos de cohesión en el español actual*. Publicaciones Científicas del Excelentísimo Cabildo Insular de Tenerife.
- MIZÓN, M. I. y OYANEDEL, M. (1999). Enlaces extraoracionales en estudiantes angloparlantes. En *Actas del X Congreso Internacional de ASELE: Nuevas perspectivas en la enseñanza del español como lengua extranjera* (pp. 451-458), Cádiz: Servicio de Publicaciones.
- MONTOLÍO, E. (1998). La teoría de la relevancia y el estudio de los marcadores discursivos. En M.A., Martín Zorraquino, y E. Montolío (coords.), *Los marcadores del discurso. Teoría y análisis* (pp. 93-120). Madrid: Arco/Libros.
- NOGUEIRA DA SILVA, A. M. (2010). La enseñanza de los marcadores del discurso del español en relación con los géneros y secuencias textuales. *Revista Nebrija de Lingüística Aplicada* 9. URL: https://www.nebrija.com/revista-linguistica/files/articulosPDF/articulo_530b5dd742280.pdf
- PASCUAL ESCAGEDO, C. (2015). Análisis de las funciones de los marcadores discursivos en las conversaciones de estudiantes italianos de ELE. *Lingue e Linguaggi, North America*. URL: <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/linguelinguaggi/article/view/14540>
- PONS BORDERÍA, S. (1994). La presencia de los enlaces extraoracionales en la tradición gramatical española (I): la clasificación de las conjunciones ilativas y continuativas. *Anuario de Lingüística Hispánica*. URL: https://www.researchgate.net/publication/305476037_la_presencia_de_los_enlaces_extraoracionales_en_la_tradicion_gramatical_espanola_i_la_clasificacion_de_las_conjunciones_ilativas_y_continuativas
- PORTOLÉS, J. (1993). La distinción entre los conectores y otros marcadores del discurso en español. *Verba*, 20, 141-170.
- PORTOLÉS, J. (1998a). Marcadores del discurso. *Ariel*.

- PORTOLÉS, J. (1998b). El concepto de suficiencia argumentativa. *Signo y Seña* 9, 199-226.
- PORTOLÉS, J. (1998c). La teoría de la argumentación en la lengua y los marcadores discursivos. En M.A. Martín Zorraquino y E. Montolí, (coords.), *Los marcadores del discurso. Teoría y práctica* (pp. 71-91). Madrid: Arco/ Libros,
- RAE y ASALE (Asociación de Academias de la Lengua Española) (2009). *Nueva gramática de la lengua española*. Espasa.
- SALAMEH JIMÉNEZ, S. (2021). Tratamiento teórico-experimental de la paráfrasis: análisis de su uso con y sin el marcador discursivo o sea en español. *Pragmalingüística*, (29), 362-376. URL: <https://doi.org/10.25267/Pragmalinguistica.2021.i29.18>
- TORRE, A. M. (2017). Tratamiento de los marcadores discursivos en documentos de referencia y curriculares: el caso del MCER y del PCIC. *MarcoELE: Revista de Didáctica Español Lengua Extranjera*, 25, 1-27.
- VANDE CASTEELE, A. y COLLEWAERT, K. (2013). The use of discourse markers in Spanish language learners' written compositions. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 95, 550-556.
- VÁZQUEZ VEIGA, N. (2016). Discourse markers in CEDEL2 and SPLLOC corpora of learner Spanish: analysis of some lexical-pragmatic failures. En M. Alonso-Ramos (coord.), *Spanish Learner Corpus Research: current trends and future perspectives* (pp. 267-297). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- VILLAPOL, R. (2018). Aproximación a los marcadores discursivos en el output oral de aprendices de ELE. En *Actas do XIII Congresso Internacional de Lingüística Xeral* (pp. 920-927). Universidade de Vigo.

TÍTULO: Análisis de interlengua de los marcadores discursivos empleados por aprendientes angloparlantes de Español como lengua extranjera

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo contrastivo da interlíngua que compara o uso de recursos de coesão entre falantes de inglês aprendentes de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE) de diferentes níveis de proficiência e um grupo controle de falantes de espanhol, extraído do corpus em espanhol CEDEL2 (Lozano, 2009). A análise focou-se em duas macrofunções: expor e argumentar e foi realizada em inglês como língua materna, ELE e espanhol como língua materna, para comparar as produções entre si. Para cada grupo linguístico e nível de proficiência foi realizada a contagem de conectores definidos por um modelo Mizón e Oyanedel (1999) e calculada a frequência de uso e a relação percentual entre palavras por grupo linguístico e conectores utilizados. Isto permitiu-nos observar que em ambas as línguas maternas o uso de marcadores discursivos é menor do que em

ELE e que o desempenho nas línguas nativas mostra preferência por outros recursos para o controle da textualização: elipses pronominais e verbais, substituições lexicais, correferência anafórica ou um bom controle da pontuação, entre outros recursos.

TITLE: Interlanguage analysis of discourse markers used by english-speaking learners of Spanish as a foreign language

ABSTRACT: This article shows an interlanguage contrastive study that compares the use of cohesion resources between English speakers learning Spanish as a Foreign Language (SFL) at different proficiency levels, and a control group of Spanish speakers, extracted from the corpus in Spanish CEDEL2 (Lozano, 2009). The analysis focused on two macro-functions: to expose and to argue. It was carried out in English as mother tongue, SFL, and Spanish as mother tongue, to compare the productions between them. For each language group and proficiency level, the count of connectors was framed by a template carried out by Mizón and Oyanedel (1999). The frequency of use and the percentage relationship between words per language group and connectors used were calculated. This allowed us to observe that in both mother tongues the use of discursive markers is lower than in SFL and that the performance in the native languages shows a preference for other resources for the control of textualization: pronominal and verbal ellipses, lexical substitutions, anaphoric co-reference or a good control of the punctuation, among other resources that we observed.

Os Riscos e as Ações na Pandemia de Covid-19: Uma Análise Contrastiva das notícias Portuguesas e Chinesas sob a Análise dos *Frames*

The Risks and Actions in the Covid-19 Pandemic:
A Contrastive Analysis of the Portuguese and Chinese News
under a Frame Analysis

SI CHEN*

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia do Covid-19, Media *framing*, Semântica de *frames*, *FrameNet*.

KEYWORDS: Covid-19 *pandemic*, *Media framing*, *Frame semantics*, *FrameNet*.

Introdução

O *Framing* é considerado um elemento indispensável no processo de comunicação, tendo em conta as facilidades e as complicações que ele traz: para os *media* e para os jornalistas, pode tornar um novo assunto mais simples e acessível ao público; para nós, os recetores de informações, é evidente beneficiarmos dessa conveniência criada na compreensão de novos assuntos; porém, também é desta forma que muitas vezes as nossas opiniões ficam uniformizadas ou são manipuladas. Desta maneira, o *frame* tem o poder de nos orientar em como perceber uma realidade, através do destaque ou atenuação de alguns fatores que afetam a interpretação do assunto. Na área da semântica, Fillmore (1982, p. 111) considerou que o *frame* é um quadro, um esquema, um cenário ou um modelo cognitivo que enquadra uma série de conceitos relacionados uns com outros. Para compreender um termo, é necessário entender todo o esquema onde ele se situa. Inspirado por esta noção, a *FrameNet*¹, projeto lexicográfico computacional, tenta juntar os *frames*, descrever as suas propriedades semânticas e sintáticas, bem como procurar as relações entre eles.

* Doutoranda em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

¹ <https://framenet.icsi.berkeley.edu/>

A Covid-19 foi declarada uma pandemia global há três anos. Enquanto os cientistas se esforçam na procura de uma cura, os investigadores de Linguística estudam de diferentes perspetivas o impacto que a Covid-19 teve na linguagem, e, ainda, o impacto que a linguagem teve no nosso conhecimento sobre o vírus e nas confusões quotidianas durante a pandemia. No final do ano de 2019, na cidade chinesa Wuhan foi detetado o coronavírus. Para barrar a propagação do vírus, esta cidade de 11 milhões de habitantes viveu um isolamento de 76 dias (do dia 23 de janeiro ao dia 8 de abril de 2020). Apesar de ainda não se conseguir confirmar a origem do vírus, foi desta maneira que Wuhan ganhou relevância como marco zero e epicentro, marcando presença na manchete durante os primeiros tempos da pandemia. A questão que impulsiona este estudo é a de saber se a imprensa chinesa e a portuguesa referiram as mesmas coisas sobre esse isolamento e se reportaram da mesma maneira o mesmo assunto?

A fim de responder a esta questão, escolhemos dois *frames* comuns nas notícias relacionadas com a pandemia “Risco” e “Ação” como exemplo para realizar uma análise contrastiva, partindo de dois conceitos teóricos – o *media framing* e a semântica de *frames*. Utilizaram-se como *corpora* as notícias selecionadas da agência Lusa e da agência Xinhua, sendo ambas as maiores agências noticiosas de cada país. O trabalho tem como objetivo observar os *frames* de uma visão global e detalhar a análise pela aplicação do modelo da *FrameNet*. São envolvidos os quatro objetivos específicos: 1) construir os *corpora* das notícias da Agência Lusa e da Agência Xinhua sobre Wuhan no seu período de isolamento no início da pandemia de Covid-19; 2) observar e levantar os agentes e as suas ações nos *corpora* a fim de obter uma visão global dos riscos e as contramedidas para os diminuir; 3) aplicar o modo da *FrameNet* na análise dos dois *frames* selecionados; 4) encontrar as diferenças destacadas dos *frames* entre as duas agências.

Para tais objetivos o presente trabalho desenvolve-se em quatro partes. Na primeira, introduzem-se as noções teóricas associadas e a metodologia; na segunda parte, apresentam-se as construções dos *corpora* e os dados coligidos para a análise qualitativa seguinte; na terceira, desenvolve-se o levantamento dos *media frames*, traçados através da extração dos agentes e as suas ações; no quarto capítulo, aplica-se a ideia do projeto *FrameNet* baseado na semântica de *frames*. Por fim, observam-se as semelhanças, e em particular, as diferenças destacadas dos *frames* pelas duas agências.

1. Escolha teórica e metodológica

Com o intuito de atingir os objetivos são utilizados dois conceitos teóricos fundamentais: o *Framing* e a Semântica de *frames*, sendo dois instrumentos que revelam as nossas representações mentais relativamente a um determinado assunto.

O termo *Framing* é o processo de formar os *frames*. Segundo Borah (2011, p. 247), o *framing* tem dois grandes fundamentos: a Sociologia e a Psicologia. A noção de *framing* remonta ao estudo de Psicologia de Gregory Bateson (1955) e foi sistematizada pelo sociólogo Erving Goffman. Nos anos 70, Goffman aproximou-se da microsociologia, focalizando-se na percepção dos indivíduos sobre a sociedade. Considerou o *frame* como os esquemas interpretativos que permitem indivíduos ou grupos “locate, perceive, identify and label events and occurrences, thus rendering meaning, organizing experiences, and guiding actions” (1974, p. 21). Neste sentido, o *frame* é um conjunto de conceitos que auxiliam os indivíduos nas suas experiências quotidianas a definir o que se passa numa situação e a decidir a maneira de reagir.

Foi a partir do desenvolvimento de Goffman que o estudo de *framing/frames* disparou e se integrou em diversas áreas. No entanto, esta diversidade interdisciplinar pode ser uma das razões pelas quais a ideia de *frames* não tem sido bem conceptualizada e operacionalizada (Guenther et al., 2021, p. 892) e existe uma confusão na denominação dos diversos *frames* (Dan e Raupp, 2018, p. 219).

Tuchman foi a pioneira que trouxe o *framing* para o estudo da comunicação. Para ela, os indivíduos constroem as percepções da realidade e as relações com o mundo “limiting the perception of different realities and focus on a specific piece of it” (1978, p. 7). Desta maneira, partes da realidade interpretadas pelas notícias serão mais prominentes que outras. Gamson e Modigliani também contribuíram para o estudo do *media framing*, utilizando “Interpretive packages” para examinar o discurso dos *media*, considerando que a “central organizing idea of the package” é o *frame* (1989, p. 3). Nos anos 90, Entman, outro investigador que teve um contributo significativo na sua conceptualização, apontou que dois eixos essenciais do *frame* são “*Selection and Salience*”: “To frame is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communicating text, in such a way as to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation” (1993, p. 52).

Posto isto, o estudo do *Framing* revela em que medida as interpretações são organizadas para articular as informações daquilo que acontece e em que medida contribui para criar uma narrativa que destaca alguns significados.

Dada a maneira como molda a percepção da realidade, o *framing* é tratado como uma noção produtiva para a Análise do Discurso, nomeadamente no que respeita à análise da ideologia e à análise do discurso político, em que o *framing* é utilizado como um meio significativo de persuasão (Ayyaz et al., 2018) e serve para revelar as representações dos eventos atribuídas a grupos sociais distintos (Bhatti et al., 2022).

Na área da Ciência Cognitiva, Charles Fillmore no quadro de Semântica de *frames* (*Frame Semantics*), considerou o *frame* como um esquema conceptual e um modelo cognitivo que nos enquadra uma série de conceitos relacionados uns com outros. Nas palavras de Fillmore, o *frame* é “schema”, “script”, “scenario”, “ideational scaffolding”, “cognitive model” ou “folk theory” (Fillmore, 1982a, p. 111). Enquanto a análise do *media framing* disponibiliza um panorama global das representações, a Semântica de *frames* permite uma observação local, partindo dos elementos lexicais. Para entender um termo, é preciso entender todo o esquema onde se situa. O maior projeto de investigação explorador desta noção é o projeto lexicográfico *FrameNet*, visando desenvolver uma rede enorme dos *frames* em diferentes línguas.

Na página do projeto, disponibilizam-se as propriedades linguísticas dos *frames* mais relevantes e as suas anotações, bem como as suas relações hierárquicas. Como o presente trabalho não discute esta última questão de relação hierárquicas, serão apenas introduzidas duas noções básicas – os Elementos de *Frames* (EFs) e as unidades lexicais (ULs) a fim de compreender o funcionamento da *FrameNet* na análise dos dois *frames* selecionados na secção quatro. Os EFs são as unidades básicas que constituem os *frames* pelos seus valores semânticos. Entre os EFs dum determinado *frame*, ainda se dividem em *core* e *non-core*, isto é, alguns EFs são essenciais por ter contribuição direta ao significado central do tal *frame*, enquanto outros são relativamente distanciados. No que diz respeito às ULs, servem como os pontos evocadores, cuja presença desencadeia um determinado *frame*. Citando o exemplo clássico facultado pelo *site* do projeto, no *frame* “*Apply_heat*”, o cozinheiro, a comida, os equipamentos de aquecer etc. fazem parte dos EFs; as palavras “fritar” e “guisar”, referem-se às ULs que aludem ao *frame*. A categoria lexical mais comum das ULs é o verbo. Não obstante, é possível encontrar outras classes gramaticais capazes de motivar a representação dos *frames*, por exemplo, as preposições, os adjetivos, os advérbios e os substantivos.

Tanto o *framing* de comunicação quanto a Semântica de *frames* compartilham uma perspectiva cognitiva. Isto é, no fundo os *frames* são as representações mentais dos nossos conhecimentos. Minsky (1974, p. 1)

considerou o *frame* como uma estrutura mental, uma “data-structure for representing a stereotyped situation”. Neste trabalho contrastivo, associaremos ambos, o *Media Framing* e a Semântica de *Frames* para perceber geralmente os conhecimentos representados nas agências noticiosas de ambos países, bem como os resultados detalhados obtidos da análise local sob a estrutura da *FrameNet*.

2. Apresentação dos *corpora*

Como referimos anteriormente, os *corpora* que constituem o objeto de análise deste trabalho, estruturaram-se a partir da recolha das notícias reportadas nas páginas da Lusa² e da Xinhua³ relacionadas com o combate à pandemia, no período de isolamento da cidade de Wuhan (do dia 23 de janeiro ao dia 8 de abril de 2020). A Lusa é a maior agência de notícias de língua portuguesa no mundo, enquanto a sua homóloga, a Xinhua, é o porta-voz do governo chinês e também a maior agência noticiosa do país.

Para extrair as notícias, foram aplicados métodos diferentes nos *sites* das duas agências, sendo que os dois *sites* apresentam diferentes limites. Relativamente à Lusa, pesquisou-se a palavra-chave “Wuhan”, no período definido. Após percorrer os textos, foram escolhidos 14 artigos, entre 28 de janeiro e 7 de fevereiro. Note-se que as notícias sobre o combate à pandemia nos países lusófonos ocupam uma percentagem dominante. Face a isto, estas notícias foram separadas das outras para facilitar as análises seguintes.

- 1_27Cabo-verdianos que estudam na cidade epicentro do surto em isolamento - embaixadora
- 1_28Cinquenta estudantes angolanos estão na cidade chinesa colocada sob quarentena
- 1_28Estudantes africanos em Wuhan dizem sentir-se presos na cidade
- 1_29Estudantes cabo-verdianos em Wuhan pediram retirada da China - embaixadora
- 1_29Estudantes guineenses na China estão bem - MNE
- 1_29Ministro cabo-verdiano afasta retirada de estudantes da China neste momento
- 2_3Brasil prepara a retirada de 28 cidadãos brasileiros retidos em Wuhan
- 2_7Governo são-tomense estabelece linha de comunicação com estudantes na China

Figura 1: Notícias selecionadas acerca dos países lusófonos na agência *Lusa*.

² www.lusa.pt

³ <http://portuguese.xinhuanet.com/>

- 1_28Aviões da UE em Wuhan vão repatriar 250 franceses e outros 100 europeus
- 1_28Moradores de quarentena em Wuhan socializam e cantam nas varandas
- 1_29Cambera vai pôr australianos retirados de Wuhan sob quarentena em ilha isolada
- 1_29UNICEF envia máscaras respiratórias e roupa de proteção para a China
- 2_24Cidade onde epidemia começou está isolada e começa a ficar sem comida
- 2_24Wuhan recua na decisão de permitir saída de não residentes

Figura 2: Outras notícias selecionadas na agência *Lusa*.

Relativamente à Xinhua, dado que o *site* da agência não disponibiliza a função de pesquisa cronológica, a recolha foi feita pelo *Python*, baseada nos dados da pesquisa no *Google Chrome*. Após a leitura e a seleção, foram recolhidas 7 notícias publicadas entre o dia 23 de janeiro e o dia 11 de fevereiro. É de realçar que as notícias da Xinhua da versão em português (e de outras línguas estrangeiras) não são traduções da versão em mandarim, e que as versões de cada língua têm a sua própria equipa de edição.

- 1_23Cidade chinesa de Wuhan adota medidas sem precedentes para conter disseminação do novo coronavírus
- 1_23Wuhan suspende transporte público, voos e trens para fora da cidade
- 1_25China envia 450 médicos militares a Wuhan na luta contra coronavírus
- 1_25China mobiliza suprimentos médicos para Wuhan
- 1_31Setor de correio da China faz hora extra para garantir entrega de materiais no combate à epidemia
- 2_3China constrói novo hospital em 10 dias para combater novo coronavírus
- 2_11Wuhan elabora medidas mais estritas para conter propagação do vírus

Figura 3: Notícias selecionadas na agência Xinhua.

Perante o exposto, uma rápida vista de olhos permite-nos perceber as diferenças óbvias entre as duas agências: a categorização das notícias da agência Xinhua é mais simples pelo facto de todas se referirem aos esforços dos chineses contra a pandemia. Em relação à Lusa, os resultados são relativamente mais diversificados. Porém, o combate à pandemia nos países lusófonos ocupa um grande peso.

De seguida, para a compilação, foram inseridos os *raw-files* das notícias no *software AntConc*. No *corpus* da Lusa, encontram-se no total 6930 *tokens* e 1648 *types*; no da Xinhua, são 727 *types* e 2094 *tokens*, pelo facto de a extensão das notícias da Xinhua (versão em português) ser limitada em comparação com a da Lusa.

3. Levantamento dos *frames*

3.1. Categorização dos agentes

Depois de analisar as notícias dos *corpora*, foram levantados e categorizados os agentes que executam as ações, de acordo com os grupos sociais a que pertencem. Conclui-se que as duas agências tinham focos divergentes: a Lusa dá grande ênfase aos trabalhos feitos pela comunidade internacional, nomeadamente ao empenho lusófono, que abrange tanto as ações das autoridades como dos seus cidadãos confinados em Wuhan. Porém, ocultam-se as contribuições dos profissionais de saúde e dos indivíduos. Olhando para a Xinhua, o foco está nas ações das autoridades chinesas, dos habitantes confinados, dos grupos não confinados e dos profissionais de saúde, evidenciando que a sociedade chinesa estava empenhada como um todo no combate contra o coronavírus e no apoio à cidade isolada. No entanto, as referências às ações internacionais são escassas, limitando-se aos anúncios da Organização Mundial de Saúde.

3.2. Media *frames*

Com base na categorização dos agentes e das suas ações, bem como dos títulos das notícias, as subtemáticas a respeito do isolamento de Wuhan apresentadas nas duas agências podem ser resumidas da seguinte forma:

Lusa:

1. O vírus propaga-se rápido, a situação é grave e as pessoas estão retidas.
2. As autoridades chinesas estão a elaborar medidas drásticas para controlar a situação, mas as medidas causam incómodo ao povo.
3. As pessoas confinadas combatem o vírus, mas com dificuldade.
4. Os cidadãos estrangeiros confinados estão preocupados e muitos querem voltar aos seus países.
5. As comunidades internacionais trabalham em conjunto para dar apoio aos cidadãos de diferentes países no isolamento e para ajudar Wuhan.
6. As autoridades lusófonas estão atentas à situação e estão a tomar medidas.

Xinhua:

1. O vírus propaga-se rápido, a situação é grave e o isolamento constitui um esforço para conter a propagação do vírus e garantir a saúde do povo.

2. As autoridades chinesas estão a tomar medidas drásticas.
3. As pessoas devem cumprir as restrições e as sugestões.
4. As autoridades chinesas estão a organizar os recursos de saúde, humanos e de outros materiais, para apoiar os habitantes isolados em Wuhan.
5. A sociedade chinesa (profissionais de saúde, indivíduos e associações, autoridades locais e das outras regiões) está reunida para ajudar Wuhan.

3.2.1. *Frame de risco*

Dado que o isolamento foi uma decisão súbita e o vírus é novo e desconhecido para as pessoas, os traços do risco são marcados em várias notícias em ambas as agências, porém, têm conotação diferente. Na Xinhua, refere-se a falta de conhecimento do vírus e a sua ameaça à saúde pública, designadamente na fase inicial do isolamento. A notícia do primeiro dia do isolamento, anunciou assim o início do confinamento: “A metrópole de Wuhan, no coração da China, epicentro do surto da nova pneumonia, lançou uma série de medidas sem precedentes para conter a disseminação do novo e mortal coronavírus⁴”. Como o nome da cidade não era muito conhecido, encontra-se aqui uma referência metonímica “coração da China”, que é uma essencialização de Wuhan pela substituição de lugar pelo corpo humano, com o intuito de ajudar a compreender a importância desta cidade e o risco resultante da situação imprevista. Na mesma notícia, diz-se ainda que o vírus é “novo”, desconhecido e mais ainda “mortal”. Por isso, as medidas lançadas são “sem precedentes”, visando garantir a normalidade do país. Dado isto, esta notícia sobre o início de confinamento de Wuhan poderão imprimir mais pressão, sensação de perigo e incerteza aos leitores pelas expressões observadas.

Relativamente à Lusa, por um lado, as notícias são parecidas com as da Xinhua, mencionando também o risco, logo na fase inicial, no que diz respeito à preocupação com a saúde pública e com as consequências imprevistas advinentes do perigo sanitário; por outro lado, também se implica com o isolamento, ou seja, com o facto de os residentes em Wuhan, especialmente os cidadãos estrangeiros, estarem presos e poderem estar a sofrer. Por exemplo, no dia 28 de janeiro, a Lusa publicou uma notícia intitulada “Estudantes

⁴ “Cidade chinesa de Wuhan adota medidas sem precedentes para conter disseminação do novo coronavírus”, *Xinhua*, publicado a 23 de janeiro de 2020.

africanos em Wuhan dizem sentir-se presos na cidade”, que cita as palavras dum médico estrangeiro em isolamento que sublinham que “toda a gente está assustada”, “agora as ruas estão desertas e os supermercados praticamente vazios” e que os países ricos já estão a preparar o “resgate” dos seus cidadãos. Nas notícias do dia seguinte, os estudantes cabo-verdianos “pediram a Cabo Verde a sua retirada do país⁵”. Na Lusa, o risco mantinha-se um mês após o anúncio do isolamento. Na notícia do dia 24 de fevereiro, com o título “Cidade onde epidemia começou está isolada e começa a ficar sem comida”, a agência citou as informações obtidas pela AFP e descreveu a luta difícil dos habitantes em Wuhan: “não faço ideia de onde vamos comprar mais (comida)”, e “nunca sabe quanta comida comprar e se a quantidade chegará até á próxima entrega”. No mesmo artigo, também se utiliza a metáfora conceptual. Segundo um habitante de Wuhan, “Temos a impressão de sermos refugiados”. A identidade de “refugiado” é contextualizada na utilização da palavra refúgio, em que a escassez da comida e dos outros recursos de sobrevivência são obstáculos muito possíveis. Visto que, no início da pandemia, o isolamento é uma experiência ainda nova para a maioria das pessoas, com essa correspondência metafórica, já se pode conceptualizar a vida confinada como um refúgio em que as pessoas vivem sob medo, incerteza, fome e risco.

3.2.2. *Frame de ação*

Relativamente às ações executadas, pela observação dos agentes, verificamos que a Lusa demonstra uma predominância elevada de referências aos combates da comunidade internacional, por exemplo, o repatriamento dos seus cidadãos da União Europeia (UE) e dos países como os Estados Unidos da América (EUA), a Austrália e a Nova Zelândia, bem como os apoios das organizações como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a UNICEF. Em particular, realce ainda para o esforço dos países lusófonos tanto das autoridades como dos seus cidadãos, tais como o Brasil, Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Enquanto os cidadãos estavam preocupados e a pedir o repatriamento, o ministério guineense “sublinha que está a acompanhar a

⁵ “Estudantes cabo-verdianos em Wuhan pediram retirada da China”, *Lusa*, publicado a 29 de janeiro de 2020.

situação de perto e que prepara medidas de apoio⁶”, e “as autoridades angolanas estão preocupadas e acompanham diariamente” a evolução da situação⁷”.

Já a Xinhua coloca o foco nas ações das autoridades chinesas, nos habitantes confinados e nos grupos não confinados, bem como nos profissionais de saúde, evidenciando que a sociedade chinesa estava empenhada nos combates contra o coronavírus e no apoio à cidade isolada. Na fase inicial, por exemplo, o governo “mobiliza suprimentos médicos para Wuhan”, o ministério “solicitou que as regiões provinciais relacionadas coordenem os fabricantes” para garantir o abastecimento dos materiais médicos, e as plataformas de comércio eletrônico “foram exigidas para manter o abastecimento adequado⁸”. Na notícia do dia 25 de janeiro, instancia-se uma metáfora positiva da “missão”, uma vez que “todos eles se voluntariaram para a missão”, o que liga a ação dos médicos enviados a Wuhan a uma missão “nacional” e “extremamente honrada⁹”. Isto significa que essa ação de enviar médicos é um imperativo, uma obrigação e uma solução para salvar a cidade e até o país. Porém, dado que “se voluntariaram”, a obrigação passa a ser moral e positiva. Uma das ações que mais impressionaram todo o mundo, liderada pela autoridade chinesa e referida pela Xinhua, é a notícia do projeto de construir o hospital em dez dias¹⁰. No entanto, as ações internacionais são escassas nas notícias da Xinhua, que referem apenas as medidas adotadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

“Juntos” *‘Together’*, uma palavra muito utilizada nas notícias sobre a Covid-19, inspira todo o mundo e realça a importância de tomar medidas em conjunto. Na Lusa, essa colaboração é mais bem representada quando se fala de grupos internacionais. O objetivo da colaboração é que todos trabalhem juntos para acompanhar, apoiar ou retirar os seus cidadãos no isolamento em Wuhan. Na Xinhua, a representação é que toda a sociedade chinesa trabalha em conjunto, seja no início do isolamento enquanto o mundo ainda se

⁶ “Estudantes guineenses na China estão bem”, *Lusa*, publicado a 29 de janeiro de 2020.

⁷ “Cinquenta estudantes angolanos estão na cidade chinesa colocada sob quarentena”, *Lusa*, publicado a 28 de janeiro de 2020.

⁸ “China mobiliza suprimentos médicos para Wuhan”, *Xinhua*, publicado a 25 de janeiro de 2020.

⁹ “China envia 450 médicos militares a Wuhan na luta contra coronavírus”, *Xinhua*, publicado a 25 de janeiro de 2020.

¹⁰ “China constrói novo hospital em 10 dias para combater novo coronavírus”, *Xinhua*, publicado a 3 de fevereiro de 2020.

encontrava imerso num clima de incerteza, seja mais tarde no combate à pandemia. Nomeadamente, as autoridades desempenhavam um papel fundamental na organização das ações de combate. As ações dos cidadãos confinados e não confinados de cumprirem as regras de prevenção, dos profissionais de saúde se voluntariarem, dos indivíduos e dos coletivos não confinados “fazerem horas extra para garantirem a entrega de materiais¹¹”. No entanto, a colaboração com/entre os países estrangeiros e as organizações internacionais está ausente das notícias, o que se encontra com uma elevada frequência nas notícias da Lusa, por exemplo, “a agência (da UNICEF) está também a trabalhar com a OMS e outros parceiros para estabelecer uma resposta multisetorial coordenada na China e noutros países afetados pelo novo coronavírus¹²”.

4. Aplicação da *FrameNet*

Após o levantamento dos media *frames* de Risco e Ação, nesta secção, apresenta-se a análise desses dois *frames* a partir do ponto de vista de *FrameNet*. A análise consiste em três passos. O primeiro passo é verificar as definições dos *frames* listados na página da *FrameNet* (versão em inglês) e procurar os equivalentes dos dois *frames* levantados na secção anterior. São selecionados os *frames* “*Being at risk*” e “*Confronting problem*”, correspondentes aos *frames* de Risco e Ação. A seguir, realiza-se a tradução das ULs de inglês para português, tal como anteriormente referido, as quais servem como desencadeador do respetivo *frame*. No fim, procura-se as ULs nos *corpora*, extraem-se as frases em que se enquadram e analisam-se os EFs nucleares (*cores*) que contribuem para a conceptualização dos extratos.

¹¹ “Setor de correio da China faz hora extra para garantir entrega de materiais no combate à epidemia”, *Xinhua*, publicado a dia 31 de janeiro, 2020.

¹² “UNICEF envia máscaras respiratórias e roupa de proteção para a China”, *Lusa*, publicado a dia 29 de janeiro de 2020.

4.1.1. *Frame Being at Risk*

Definition:

An **Asset** is in a state where it is exposed to or otherwise liable to be affected by a **Harmful event** which may be metonymically evoked by reference to a **Dangerous entity**. Words expressing relative safety (i.e., lack of **risk**) are also in this frame.

If you are a farmer, **you are at RISK** for hearing loss caused by noise exposure in your work.

Core:

Asset [ass]

Something judged to be desirable or valuable which might be lost or damaged.
There is a locked padlock that guarantees **the information** is **SECURE**.

Core Unexpressed:

Dangerous entity [dan]

A concrete or abstract entity which may come to cause the loss of, or damage to the **Asset** either due to its participation in a **Harmful event**.
We make sure your BMW is **SECURE** against intruders.

Harmful event [har]

Excludes: **Dangerous_entity**

An action that may occur or a state which may hold which could result in the loss of or damage to the **Asset**.
Our system ensures that information stored within hardware is **SECURE** from external software attack and physical theft.

Figura 5: Descrição parcial do *frame Being at Risk*.

Unidades Lexicais:

“perigo, inseguro, risco, segurança, seguro, suscetibilidade, suscetível, ameaçado, vulnerabilidade, vulnerável” e os sinónimos

[danger.n, insecure.a, risk.n, safe.a, safety.n, secure.a, security.n, susceptibility.n, susceptible.a, threatened.a, unsafe.a, vulnerability.n, vulnerable.a]

Pela pesquisa no *Antconc*, na Xinhua, encontra-se apenas um resultado de léxico evocador de “risco” e três vezes a palavra “segurança”; enquanto na Lusa, a palavra “risco” ocorre três vezes, “ameaçar” uma vez e “segurança” uma vez. Vejamos os exemplos:

Sequência 1:

“Os especialistas médicos afirmaram que o coronavírus é transmitido principalmente por gotas no ar ou contato estreito com pacientes infetados”, disse Hou, “Por isso o risco de transmissão por encomendas expressas é muito baixo”.

(“Setor de correio da China faz hora extra para garantir entrega de materiais no combate à epidemia”, *Xinhua*, 31 de janeiro de 2020.)

Asset: saúde das pessoas que transmitem e recebem as encomendas

Dangerous_entity: correios

Harmful event: contaminação pelo novo coronavírus

Sequência 2:

As medidas serão tomadas na tentativa de “efetivamente interromper a propagação do vírus, conter resolutamente o surto e garantir a saúde e a segurança do povo”, esclareceu a notificação.

(“Cidade chinesa de Wuhan adota medidas sem precedentes para conter disseminação do novo coronavírus”, *Xinhua*, 23 de janeiro de 2020.)

Asset: povo

Dangerous_entity: vírus

Harmful event: propagação do vírus

Sequência 3:

Dizendo que a restrição serve para evitar o risco de contaminação durante a viagem, o ministro avançou que Cabo Verde vai avaliando a situação “hora a hora” e que todos os cenários estão em cima da mesa.

(“Ministro cabo-verdiano afasta retirada de estudantes da China neste momento”, *Lusa*, 29 de janeiro de 2020.)

Asset: passageiros

Dangerous_entity: viagem

Harmful event: contaminação pelo novo coronavírus

Sequência 4:

“Sinto-me como se estivesse preso aqui”, afirmou um estudante etíope em Wuhan, que deu apenas o seu primeiro nome com medo de represálias por parte das autoridades, um cancelamento da bolsa de investigação ou o corte da internet, uma das medidas com que a administração da universidade ameaçou os estudantes que partilhassem vídeos, fotos ou mensagens no WeChat, a principal rede social chinesa, segundo disse um estudante do Gana à AP.

(“Estudantes africanos em Wuhan dizem sentir-se presos na cidade Wuhan”, *Lusa*, 28 de janeiro de 2020.)

Asset: os estudantes africanos em Wuhan

Dangerous_entity: administração da universidade

Harmful event: cancelamento da bolsa ou corte da *internet*

Pela anotação dos elementos *core*, sabemos que o único “risco” apresentado pela Xinhua vem do próprio vírus, como no exemplo da sequência 1. Na sequência 2, a referência da “segurança” é relacionada com a saúde pública. Quanto à Lusa, para além do risco do próprio vírus (sequência 3), ainda se nota uma outra fonte de risco (sequência 4) – a gestão discutível da administração da universidade aos estudantes africanos em Wuhan, devido às partilhas dos vídeos e das imagens na internet.

4.1.2. *Frame Confronting Problem*

Definition:

An **Agent** becomes involved in an **Issue** which has negative consequences for them. The **Agent** will normally respond to resolve the **Issue**.

• FEs Core:

Agent [Agt]

Semantic Type: Sentient

The **Agent** is the person who is acting to deal with the **Issue**.

Issue [Act]

Semantic

Type: State_of_affairs

This FE identifies the **Issue** that the **Agent** deals with.

Figura 5: Descrição parcial do *frame Confronting Problem*.

Unidades Lexicais:

confrontar, encarar, enfrentar, afrontar, defrontar, perante, em frente a, face a, lutar contra, combater e os sinónimos
[confront.v, face.v]

Foi escolhido o *frame Confronting Problem* para analisar o segundo *frame* de Ação, pelo que é possível colocar o foco no Agente, o EF *core* dos diferentes grupos sociais envolvidos neste isolamento. As unidades lexicais encontradas que pertencem a este *frame* são “luta”, “face a” na Lusa, e “enfrentar”, “luta” e “combater”, na Xinhua.

Nas três sequências que envolvem os léxicos evocadores da Lusa, só uma se refere à ação da autoridade de São Tomé. As outras duas têm como agente os grupos dos moradores confinados e a OMS. Na agência Xinhua, há seis sequências com léxicos evocadores. Todos os agentes referidos nelas executam ações para enfrentar a pandemia, entre os quais a metade se refere às autoridades. Os restantes correspondem aos profissionais de saúde (2 ocorrências) e à indústria de correios (1 ocorrência).

5. Conclusão

Neste trabalho, procura-se analisar os *frames* de Risco e de Ação que ocorrem nas notícias sobre o isolamento de Wuhan, no início da pandemia Covid-19, numa ótica contrastiva. Para tal, foram construídos os *corpora* das notícias e foram delineadas duas partes de estudo baseadas no *media Framing* e na Semântica de *Frames*.

As análises permitem mostrar que, apesar de haver uma coincidência nas notícias de ambas as agências, o risco nas representações da Xinhua diz respeito principalmente à preocupação da crise sanitária. Entretanto, o da Lusa ainda se refere aos problemas originados pelo isolamento, a título de exemplo, a administração estabeleceu regras que proibiram os estudantes estrangeiros de partilhar informações *online*. Podemos verificar ainda que, face ao isolamento e à pandemia, nas notícias de ambas as agências, as autoridades efetivamente agiram: na Xinhua, encontram-se os esforços dos diferentes grupos sociais chineses, seja na fase inicial do isolamento, seja nos combates seguintes. De acordo com o modelo da *frameNet*, é possível constatar que metade das unidades lexicais relativas às ações no combate à pandemia tinham as autoridades como agente, o que é uma reflexão do papel do portal Xinhua como porta-voz do governo e da sua intenção de mostrar uma imagem responsável do governo. Entretanto, a Lusa identifica mais as ações das comunidades internacionais com o foco nos países lusófonos. Perante o grande desafio à saúde pública, a Xinhua realça a solidariedade chinesa, enquanto a Lusa olha para o trabalho feito pela comunidade internacional para retirar os cidadãos estrangeiros do isolamento, e para a colaboração entre as pessoas confinadas em Wuhan.

Em suma, pela análise realizada, evidenciam-se algumas semelhanças dos dois *frames* utilizados pelas duas agências, mas também se sublinham muitas diferenças. Por trás desses resultados podem ser considerados fatores como leitores-alvos e circunstâncias político-sociais. Lembra-se que as versões multilingues da Xinhua visam fornecer informações aos leitores de línguas estrangeiras, neste caso, aos falantes de língua portuguesa que tenham interesse em acompanhar as notícias do país. Uma vez que as funções desempenhadas pelas duas agências não são idênticas por inteiro, que além de fornecer e distribuir notícias como plataforma informativa, a Xinhua ainda exerce como janela importante para o mundo observar a China. Assim sendo, ao mostrar-se ao mundo, o país eventualmente busca manter uma boa imagem de agir de forma ordenada à pandemia. Por fim, o trabalho focaliza-se apenas em dois *frames* dominantes nas notícias. Porém, é de interesse analisar outros *frames* nas

mesmas *corpora* ou recolher notícias de outros tópicos correspondentes a um período mais alargado para observar a mudança dos *frames* cronologicamente, o que pode ser desenvolvido em futuras pesquisas.

Referências bibliográficas

- AGÊNCIA LUSA (2020). Agências de notícias de Portugal. URL: <https://www.lusa.pt/>
- AGÊNCIA XINHUA (2020). Agências de notícias oficial da China. URL: <http://portuguese.xinhuanet.com/>
- AYYAZ, S., ALI, G., e SAJJAD ALI, S. (2018). Manipulation through Presuppositions in the Context of International Politics. *The Discourse*, 4(1), 91-103.
- BATESON, G. (1955). A Theory of Play and Fantasy. *Psychiatric Research Reports*, 2, 39-51.
- BHATTI, S. J., BILLINSON, P. P., CORNELL, L. A., DAS, A., GAMMON, C., KELLY, L. O., YANG, J., e KRISTIANSEN, S. (2022). A Country Comparative Analysis of International Print Media's Framing of the COVID-19 Pandemic. *International Journal of Communication*, 16, 1282-1308. URL: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/17990>
- BORAH, P. (2011). Conceptual Issues in Framing Theory: A Systematic Examination of a Decade's Literature. *Journal of Communication*, 61(2), 246-263. URL: <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2011.01539.x>
- DAN, V. & RAUPP, J. (2018). A Systematic Review of Frames in News Reporting of Health Risks: Characteristics, Construct Consistency vs. Name Diversity, and the Relationship of Frames to Framing Functions. *Health, Risk and Society*, 20(5-6), 203-226. URL: <https://doi.org/10.1080/13698575.2018.1522422>
- ENTMAN, R. M. (1993). Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 52-59. URL: <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>
- FILLMORE, C. J. (1982). Frame Semantics. In The Linguistic Society of Korea (ed.), *Linguistics in the Morning Calm* (pp. 111-137). Hanshin Publishing Co. URL: <https://doi.org/10.1016/B0-08-044854-2/00424-7>
- GAMSON, W. A. & MODIGLIANI, A. (1989). Media Discourse and Public Opinion on Nuclear Power: A Constructionist Approach. *American Journal of Sociology*, 95(1), 1-37. URL: <https://doi.org/10.1086/229213>

- GOFFMAN, E. (1974). *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. Harvard University Press.
- GUENTHER, L., GAERTNER, M. & ZEITZ, J. (2021). Framing as a Concept for Health Communication: A Systematic Review. *Health Communication*, 36(7), 891-899. URL: <https://doi.org/10.1080/10410236.2020.1723048>
- MINISKY, M. (1974). A Framework for Representing Knowledge. *The Psychology of Computer Vision*, 211-278. URL: <https://doi.org/10.1515/9783110858778-003>
- TUCHMAN, G. (1978). *Making News: a Study in the Construction of Reality*. Free Press.

TÍTULO: Os Riscos e as Ações na Pandemia de Covid-19: Uma Análise Contrastiva das notícias Portuguesas e Chinesas sob a Análise dos *Frames*

RESUMO: Este artigo explora, sob uma perspectiva contrastiva, os *frames* de Risco e de Ação nas notícias portuguesas e chinesas sobre a pandemia Covid-19. Para tal, procura-se uma interface entre o *media Framing* e a Semântica de *Frames*, visando observar os *frames* a nível macro e micro representados nas notícias das maiores agências de Portugal e da China – a agência Lusa e a agência *Xinhua*. Foram construídos dois *corpora* com recurso ao *software AntConc* em que se congregam as notícias selecionadas das duas agências no período do isolamento da cidade de Wuhan (27 de janeiro – 8 de abril, 2020). Os resultados da pesquisa apontam para a permanência dos dois *frames* em ambas, bem como identificam os Riscos e Ações diferentes representadas pelas duas agências.

TITLE: The Risks and Actions in the Covid-19 Pandemic: A Contrastive Analysis of the Portuguese and Chinese News under a Frame Analysis

ABSTRACT: This article explores, from a contrasting perspective, the *Risk* and *Action* frames in Portuguese and Chinese news relating to Covid-19 pandemic. For this, it was built an interface between Media Framing and Frame Semantics in order to observe the two frames from a macro and a micro level, represented in the related news of the largest news agency in Portugal and China – Lusa and Xinhua. Two corpora were created in the software AntConc which gathers the selected news from the two agencies in the period of the isolation of Wuhan (January 27 – April 8, 2020). The research results point to the fact that the two frames were used in both, however, the risks and actions represented differ.

Creencias de los estudiantes portugueses de español sobre la pronunciación y su aprendizaje

Perceptions of Portuguese learners of Spanish about pronunciation and pronunciation learning

MARÍA LUISA AZNAR JUAN*

PALABRAS CLAVE: Creencias, Competencia comunicativa, Pronunciación, Enseñanza superior, Español como lengua extranjera.

KEYWORDS: Perceptions, Communicative competence, Pronunciation, Higher education, Spanish as a foreign language.

PALAVRAS-CHAVE: Crenças, Competência comunicativa, Pronúncia, Ensino superior, Espanhol como língua estrangeira.

1. Introducción

Como docentes de lenguas extranjeras nos preocupa que se cometan irregularidades gramaticales, léxicas o sintácticas en niveles superiores de aprendizaje del idioma. Sin embargo, esta inquietud no es tan evidente si los errores afectan a los elementos fónicos. Así, por ejemplo, en el contexto portugués de enseñanza superior es habitual encontrar estudiantes con un grado avanzado de instrucción, que denota dominio de la competencia léxico-semántica, gramatical u ortográfica, con errores de pronunciación fosilizados, propios de grados iniciales como son la diferencia de pronunciación entre ‘v’ y ‘b’ o ‘rr’ y ‘j’. En estos casos parece que la emisión de mensajes inteligibles y adecuados justifica la permanencia de las incorrecciones.

Con lo expuesto no queremos supeditar la eficacia comunicativa a la corrección, lo que pretendemos es hacer evidente el insuficiente interés, por parte de profesores y alumnos, hacia el desarrollo y reparación de algunas unidades fónicas. A su vez, nos gustaría poner de relieve la falta de literatura científica, en el ámbito de Español como Lengua Extranjera (ELE) en Portugal, que permita conocer las opiniones de los aprendices, como indicadores claros de los factores que influyen en la adquisición de la pronunciación.

* Faculdade de Letras: Universidade de Coimbra, CELGA-ILTEC.

Como consecuencia planteamos una investigación, acerca de las creencias de un grupo de universitarios portugueses de ELE, sobre la pronunciación. Este trabajo es de suma importancia, puesto que no existen otros similares desarrollados en el espacio universitario portugués. Así como también es poco abundante el volumen de publicaciones sobre la pronunciación y los discentes fuera del contexto del inglés como Lengua Segunda (L2) o Lengua Extranjera (LE).

Con estas páginas procuramos, por un lado, contextualizar la pronunciación y las creencias en el entorno de la didáctica de ELE y, por otro, presentar los resultados de una investigación exploratoria sobre las convicciones de un grupo específico de estudiantes sobre la pronunciación.

Nuestro propósito es recolectar datos que nos permitan emitir un diagnóstico fundamentado sobre las creencias o percepciones de los aprendices. Para ello, en un primer momento establecemos el marco conceptual del trabajo y dedicamos un apartado a la contextualización de la pronunciación en la enseñanza/aprendizaje de ELE. Seguidamente, en un segundo apartado, nos referimos a las creencias y la pronunciación.

Posteriormente, presentamos el estudio de caso, donde se detallan la metodología, las preguntas y objetivos del análisis, el ámbito del estudio, el procedimiento de la investigación y los participantes. A continuación, mostramos los resultados obtenidos y procedemos a su discusión. Finalizamos con una exposición sucinta de las conclusiones y las referencias bibliográficas.

2. Marco teórico

2.1. La pronunciación en la enseñanza y aprendizaje de español como lengua extranjera

Las últimas décadas del siglo XX y las primeras del XXI han supuesto un avance extraordinario en la reflexión sobre la enseñanza del español como lengua extranjera. Esta evolución es evidente en dominios como, por ejemplo, el desarrollo de las destrezas orales y escritas, la gramática o el léxico. No obstante, la reflexión sobre la pronunciación no ha acompañado el avance que se ha producido en otros ámbitos de la lengua. Así, autores como Pacagnini (2019) mantienen que la pronunciación sigue sufriendo el ‘síndrome de cenicienta’, puesto que aún no ocupa un lugar similar al de otras competencias lingüísticas y continúa estando desatendida (Bartolí, 2005; Iruela, 2007; Santamaria, 2019).

De hecho, las metodologías comunicativas y, por extensión, el Marco Común Europeo de Referencia para las lenguas (MCER) anteponen la inteligibilidad al desarrollo de los mecanismos fónicos de la L2/LE. Esto se debe a que, a lo largo de la década de los años 80 y 90, el método comunicativo desplaza el aprendizaje de la pronunciación a un plano secundario, y solo se acude a ella cuando interfiere en la comprensión o transmisión de la información (Llisterri, 2003; Santamaria, 2019).

Actualmente, la pronunciación es considerada el soporte a través del cual se transmite el mensaje oral (Bartolí, 2005; Iruela, 2007; Pacagnini, 2017). De ahí que, más allá de estar presente en todas las actividades de la oralidad, ayuda al entendimiento del discurso. De hecho, el MCER (2002, p. 114), al exponer los objetivos que el discente ha de alcanzar, centra su atención en la inteligibilidad y el denominado acento extranjero.

La inteligibilidad se define como “el grado en que un mensaje puede ser comprensible” (Richards, Platt y Platt, 1997, p. 220). Consiguientemente, de modo a que el objetivo de la comunicación se cumpla, los participantes del discurso han de ser capaces de comprender el enunciado y emitir textos orales perceptibles. No en tanto, en muchas circunstancias una pronunciación deficiente impide la comprensión, originando malentendidos o, en situaciones más graves, la interrupción comunicativa. Un ejemplo de lo que acabamos de exponer es el mítico caso del aprendiz portugués que no es capaz de diferenciar las realizaciones fonéticas de ‘j’ y ‘rr’ y, en un bar, en vez de un “bocadillo de jamón” pide un “bocadillo de Ramón”.

El acento extranjero consiste en “la pervivencia de marcas fónicas de las lenguas propias del alumno en la lengua aprendida” (Poch, 2016, p. 27). En ocasiones, cuando el emisor del discurso conserva un fuerte acento no nativo, la percepción oral se ve comprometida e, incluso, se pueden generar situaciones de discriminación e integración social (Flege, 1988; Munro, 2003; Blanco Canales, 2012).

El MCER (2002), en los descriptores sobre el dominio de la pronunciación de los niveles B1 y B2, alude al acento extranjero del siguiente modo:

B2: Ha adquirido una pronunciación y una entonación claras y naturales.

B1: Su pronunciación es claramente inteligible, aunque a veces resulte evidente su acento extranjero y cometa errores de pronunciación esporádicos (Consejo de Europa, 2002, p. 114).

La referencia al acento extranjero que acabamos de presentar queda excluida en el volumen complementario del MCER (2018), donde “accento extranjero” se sustituye por “otra/s lengua/s que habla” y se refuerza la idea de la inteligibilidad:

B2: [...] su acento tiende a verse influido por otra/s lengua/s que habla, si bien esto afecta muy poco o nada a la inteligibilidad.

B1: Su pronunciación es en general inteligible; la entonación y el acento tanto en el nivel de frase como enunciación es en general inteligible; la entonación y el acento tanto en el nivel de frase como en el de palabra no impiden la comprensión del mensaje. Su acento generalmente se ve influido por otra/s lengua/s que habla (Consejo de Europa, 2018, p. 149).

En resumidas cuentas, observamos que el MCER sigue las directrices de las metodologías comunicativas de enseñanza/aprendizaje de LE, en las que se asume la preponderancia del enunciado comprensible frente a los modelos más conductistas, que establecen como referencia al hablante nativo del idioma. Al proponerse como objetivo la inteligibilidad del mensaje, los discentes pueden perder el interés por mejorar la pronunciación, si consideran alcanzada la meta comunicativa (Blanco Canales, 2012). De este modo, se favorece el desenvolvimiento de incorrecciones que darán lugar a fosilizaciones, acentuando la disparidad en la adquisición de los elementos de la lengua.

Asimismo, ante la dificultad de que se pueda lograr un nivel próximo de hablante nativo, y frente al argumento de la inteligibilidad, los profesores pueden preferir no interrumpir cuando se pronuncia de forma errada, de modo a no crear en el alumno un sentimiento de frustración. En estas circunstancias, la enseñanza de la pronunciación se convierte en algo complicado y el docente no sabe cómo integrarla en las clases de una forma continuada (Bartolí, 2005; Santamaria, 2019).

En línea con el argumento anterior, Pacagnini (2019) sostiene que la adquisición de la pronunciación nunca suele ser completa, ya que se interrumpe antes de llegar a un estadio próximo al de la lengua meta, lo que origina inseguridad en su tratamiento en el aula y crea la idea de que no vale la pena enseñar a pronunciar.

Por lo que respecta específicamente a los materiales, la mayoría de las propuestas metodológicas están unidas a la corrección fonética (Bartolí, 2005; Poch, 2016) y las actividades se supeditan a la escritura y las reglas ortográficas, sin vínculo con la expresión e interacción oral (Bartolí, 2005, 2012; Poch, 2016). Los docentes suelen utilizar manuales que, por lo general, dan más

énfasis a la gramática, el léxico o la pragmática que a la pronunciación (Igarreta, 2021). Igualmente, existen pocos recursos que presenten este componente de forma atractiva, actualizada y eficaz (Bartolí, 2005; Santamaria, 2019).

En líneas generales, podemos afirmar que los agentes que entorpecen el aprendizaje de la pronunciación en ELE se relacionan con su tratamiento en las metodologías dominantes y las acciones docentes/discentes, resultantes de las creencias y las formas de entender la práctica educativa. Así pues, dedicamos el siguiente apartado a las creencias sobre la pronunciación en ELE.

2.2. Las creencias y la pronunciación en la enseñanza y aprendizaje de español como lengua extranjera

El estudio sobre las creencias en el ámbito pedagógico se remonta a los años 60, aunque las aportaciones más relevantes se desarrollaron durante la década de los años 80 y 90 (Horwitz, 1987; Hammer, 1994; Hofer y Pintrich, 1997). Latorre y Blanco (2007) sostienen que estas investigaciones surgen de la necesidad de conocer, entender e interpretar la actividad docente para estimular el cambio educativo. No obstante, existen múltiples sinónimos y definiciones aplicadas a las creencias. Entre ellas destacamos la de Dewey (1989, p. 24) que considera que se trata de afirmaciones verdaderas, susceptibles de ser modificadas, cuyo conocimiento no es seguro:

[...] La creencia realiza una afirmación acerca de una cuestión de hecho, de un principio o una ley. [...] Abarca todas las cuestiones acerca de las cuales no disponemos de un conocimiento seguro, pero en las que confiamos lo suficiente como para actuar de acuerdo con ellas, y también cuestiones que ahora aceptamos como indudablemente verdaderas, como conocimiento, pero que pueden ser cuestionadas en el futuro [...] (Dewey, 1989, p. 24).

En la misma línea, Pajares (1992) las relaciona con elaboraciones mentales, basadas en experiencias previas, criterios y valoraciones personales dadas como ciertas. Asimismo, Richardson (1996) mantiene que se trata de “formas de comprender, premisas o proposiciones sobre el mundo, sostenidas psicológicamente, que son tenidas como verdaderas” (p. 103).

Por lo expuesto deducimos que el aprendizaje de cualquier lengua extranjera está vinculado, de forma consciente o inconsciente, a un conjunto de valoraciones, forjadas a lo largo del tiempo, que proporciona el desarrollo de creencias.

Estas convicciones proceden en su mayoría de prácticas escolares anteriores y del contexto en el que el discente está inmerso. Además, se configuran como ideas predeterminadas, verdaderas y ampliamente aceptadas, que suelen derivar en estereotipos sin fundamento científico o cimentados en principios inadecuados.

Entre los rasgos que caracterizan a las creencias Williams y Burden (1999) destacan que son resistentes al cambio; suelen estar limitadas por la cultura a la que pertenece el individuo; son difíciles de medir; filtran el pensamiento y procesamiento de la información y se organizan en sistemas, relacionándose entre sí y con otros procedimientos o principios, como las actitudes y los valores. También, podemos añadir que proceden de la experiencia y que, aun siendo poco vulnerables a las transformaciones, pueden sufrir modificaciones en función de la experiencia y/o la educación (Barcelos, 2006).

La concepción presentada hasta el momento sobre las creencias es perfectamente transponible al ámbito de ELE y de las lenguas extranjeras. De hecho, para Richards y Lockhart (2007) los docentes desarrollan sus convicciones gradualmente, según sus vivencias en el ámbito educativo, sus conocimientos y sus características personales.

También, los estudiantes de LE construyen las creencias atendiendo a sus referentes pedagógicos, sus opiniones sobre el éxito del aprendizaje y los parámetros que rigen el contexto cultural en el que conviven. De ahí que surja la necesidad de conocer qué creen los aprendices y el profesorado sobre la instrucción en la lengua extranjera; sobre todo si se tiene en cuenta el valor que adquieren los modelos observados a lo largo del transcurso formativo y las marcas que estos suelen dejar.

Aplicados a las lenguas extranjeras, los análisis sobre las creencias se desarrollan fundamentalmente en tres vertientes: los profesores, los estudiantes y la enseñanza/aprendizaje de la LE (Corpas, 2015). La mayor parte de las investigaciones se centra en los docentes o la propia lengua (Orta, 2009; Arancibia, Cabero y Marín, 2020), a pesar de que las creencias acompañan al discente durante todo su proceso de aprendizaje y constituyen, junto con la adquisición de conocimientos y el desarrollo de habilidades, piezas fundamentales en su trayectoria académica.

La observación sobre las imágenes de los educandos respecto a la LE aporta datos relevantes para los propios aprendices, el docente y el currículum sobre las expectativas, motivaciones y objetivos de aprendizaje (Horwitz, 1987; Messakimove, 2009), el pensamiento y la cultura del alumno (Ramos, 2010), la disparidad entre las concepciones docentes y discentes y los estereotipos de los alumnos en relación con el aprendizaje.

Como consecuencia, la recopilación de datos sobre las percepciones de los alumnos tiene implicaciones directas en la toma de decisiones con relación a la metodología, la creación de materiales o la adopción de manuales. Sobre todo, ayuda a establecer estrategias que permitan superar estereotipos y modificar el pensamiento, con el fin de crear una recepción positiva que mejore el aprendizaje de la LE. En definitiva, ayuda a planificar la instrucción del proceso académico.

Centrándonos en el ámbito de las creencias sobre la pronunciación, la mayor parte de las investigaciones se concentran en el inglés como L2/LE. En español como lengua extranjera o segunda lengua sobresale el incremento de trabajos sobre la percepción de los docentes y futuros docentes. Sin embargo, la bibliografía sobre las creencias de los estudiantes sigue siendo muy escasa (Alghazo, 2015; Arroyo, 2020).

Las distintas concepciones sobre el componente fónico y la pronunciación estimulan el surgimiento de las dificultades señaladas en el apartado anterior. Nos referimos a un conjunto de prejuicios ampliamente aceptados, entre los que Poch (2016, pp. 16-18) destaca, en primer lugar, la convicción de que existen unas lenguas más fáciles que otras. En segundo lugar, la idea de que la pronunciación del español está ligada a la ortografía, lo que incentiva a “pensar que ‘el español se escribe como se habla’ y que es posible, por tanto, asociar de forma biunívoca un sonido determinado a una grafía específica” (*idem.* 2016, p. 17) y, por último, creer que el profesor de ELE ha de poseer conocimientos especializados sobre la vertiente fónica del español.

A las perspectivas mencionadas debemos añadir otras creencias, como la que garantiza la poca probabilidad de alcanzar un nivel de lengua extranjera próximo al del hablante nativo, por lo que es suficiente con lograr no perturbar la inteligibilidad del mensaje. Por el mismo motivo, es preferible no interrumpir al estudiante cuando emite producciones fónicas incorrectas. Igualmente, se cree que la pronunciación se puede aprender de forma fácil e intuitiva a través de la imitación y ejercicios de repetición de sonidos o palabras aisladas, discriminación, identificación, clasificación o lectura, focalizando principalmente en la articulación (Billières, 2008; Pacganini, 2017; Igarreta, 2021). Por tanto, no merece la pena dedicarle demasiado tiempo en clase (Blanco Canales, 2012; Santamaria, 2019; Igarreta, 2021).

Atendiendo a la dificultad que supone para un gran número de docentes el tratamiento de la pronunciación en el aula y la influencia que las creencias tienen en su adquisición, Santamaria (2019) propone que en las primeras clases el profesor pase un cuestionario, con el objetivo de conocer las convicciones

de los alumnos sobre la pronunciación y la repercusión de sus prejuicios y preferencias en el aprendizaje del componente fónico.

Sumándonos a la opinión de Santamaría (2019) y otros investigadores, como Latorre y Blanco (2007), defendemos la necesidad de indagar sobre las creencias de los aprendices para que ellos mismos las identifiquen, y para que los profesionales de ELE recapaciten sobre la pronunciación y su didactización. Así pues, en los apartados que siguen presentamos la metodología y los datos obtenidos de un estudio de caso realizado con alumnos de nivel intermedio de ELE de la Facultad de Letras de la Universidad de Coímbra.

3. Metodología

3.1. Preguntas y objetivos de la investigación

La enseñanza de la pronunciación proporciona el desarrollo de un discurso oral eficaz, en el que el proceso de percepción y producción no se ve comprometido por fallos o interpretaciones erróneas. Por ello, impera la necesidad de adquirir conocimientos sobre los factores que influyen en la adquisición de la pronunciación y los instrumentos más adecuados para su instrucción.

Así pues, planteamos una investigación cuyo principal objetivo es emitir un diagnóstico sobre las creencias de un grupo de alumnos portugueses. Para alcanzar este objetivo, partimos de la hipótesis de que los estudiantes universitarios portugueses de ELE tienen convicciones sobre la pronunciación que dificultan su aprendizaje y fomentan la formulación de prejuicios.

Sobre esta hipótesis formulamos las siguientes preguntas: ¿Qué tipo de contacto tiene el alumno con la lengua española? ¿Qué le motiva a elegir la lengua? ¿Qué aspectos considera más importantes? ¿Qué entendimiento tiene de la lengua española y su pronunciación? ¿Qué opinión tiene sobre la pronunciación en el aula de ELE? La enunciación de estos interrogantes nos permite delimitar tres objetivos específicos:

- Identificar las percepciones o creencias del alumno con relación a la lengua.
- Identificar las percepciones o creencias del alumno sobre la lengua y su pronunciación.
- Identificar las percepciones o creencias del alumno sobre la pronunciación y el aula de ELE.

En suma, proponemos un análisis de los resultados obtenidos de una investigación sobre las creencias de un grupo de informantes portugueses universitarios, que nos permita obtener un diagnóstico general con vistas a futuras intervenciones didácticas.

3.2. **Ámbito, procedimiento y participantes de la investigación**

La investigación que presentamos desarrolla un estudio de caso circunscrito al ámbito de la didáctica de lenguas extranjeras y la lingüística aplicada la enseñanza/aprendizaje de LE/L2. Se trata de una primera aproximación descriptiva sobre las creencias de un conjunto de universitarios portugueses del nivel intermedio de ELE de la Facultad de Letras de la Universidad de Coímbra.

El procedimiento de la investigación se dividió en tres fases. La primera supuso la aplicación del cuestionario y la recogida de datos; la segunda consistió en la sistematización de la información y, por último, la tercera implicó el análisis y discusión de los resultados obtenidos.

Para el diseño de la primera fase, tuvimos en cuenta las consideraciones de Ramos (2010), que destaca el recurso a tres métodos principales en la exploración sobre las creencias en LE/L2: la aplicación de cuestionarios, la realización de entrevistas semiestructuradas y la elaboración de diarios de aprendizaje.

En nuestro caso optamos por la aplicación de un cuestionario cerrado adaptado del proyecto *Fonoele*¹, sobre el que efectuamos algunos ajustes relacionados, principalmente, con el número y la diversidad de opciones de respuesta, atendiendo al contexto de aprendizaje, la proximidad de los idiomas y la cercanía geográfica entre España y Portugal. Tras su diseño, el formulario fue validado por un comité de tres expertos, docentes e investigadores del área de ELE/L2 de dos universidades portuguesas y una española.

Los cuestionarios constan de veintitrés preguntas de respuesta única y elección múltiple y se dividen en cuatro partes de cuatro variables cada una. La primera parte expone brevemente el motivo de la investigación, las instrucciones y los elementos sobre los datos de los encuestados. La segunda está constituida por cinco cuestiones sobre la motivación y el aprendizaje. Las variables contempladas son: contacto y motivo de elección de la lengua; relevancia

¹ Puede consultarse el cuestionario original en la página web del grupo *Fono.ele* <https://fonoele.web.uah.es/instrumentos-percepcion.php>.

dada al español y aspectos del idioma más importantes. La tercera, formada por diez preguntas, observa tanto los aspectos afectivos, como las creencias sobre la pronunciación y el idioma. La cuarta parte incluye ocho preguntas referentes a la dificultad, la relevancia, las actividades y las preferencias en el aprendizaje de la pronunciación.

La población objeto de observación está formada por 89 estudiantes universitarios (54 mujeres y 35 hombres) con edades comprendidas entre los 19 y 21 años. Los criterios de selección de los informantes fueron, primero, que se tratase de alumnos de las variantes español/portugués o español/inglés de la licenciatura en Lenguas Modernas de la Facultad de Letras de la Universidad de Coímbra; segundo, que todos fuesen de nacionalidad portuguesa, prescindiendo de los que se encontraban en el curso al abrigo del programa Erasmus+ y, por último, que hubiesen alcanzado un nivel intermedio de ELE, correspondiente al B1/B2 del MCER. Así pues, la muestra de la investigación no es aleatoria, es casual y está formada por 89 cuestionarios recogidos al final del último semestre del periodo lectivo.

La recolección de los datos fue presencial y, para garantizar la anonimidad de los sujetos intervinientes, el encuestador facultó un documento con las preguntas, ya que había participantes sin acceso inmediato al correo electrónico. A continuación, se explicó la finalidad de la recogida de la información, los ítems y la relevancia de mantener el carácter individual y anónimo en las respuestas.

Los trabajos sobre las creencias se pueden desarrollar desde una perspectiva cualitativa o cuantitativa, sin que exista exclusión entre ambas. No obstante, en nuestra investigación adoptamos un paradigma cuantitativo, que nos permite compilar y medir la información de una manera más amplia y general. El tratamiento cuantitativo simple de los datos recolectados se hizo con el paquete estadístico de *IBM SPSS Statistics*, versión 27.0.0.0.

4. Resultados y Discusión

Tras la aplicación de la encuesta sobre las creencias relacionadas con la pronunciación en ELE, procedimos a la sistematización, análisis y discusión de los datos obtenidos. Por lo que se refiere a la primera parte del cuestionario, sobre la motivación y el aprendizaje del español, las respuestas a la primera pregunta indican que todos los participantes en la investigación habían estudiado español dentro del sistema formal de enseñanza.

A la segunda pregunta, sobre el principal contacto del alumno con el español fuera de clase, el 31,5% de los inquiridos respondió que eran la series y el 21,3% la música. En menor medida se indicaron las redes sociales (19,1%), el contacto con amigos españoles o hispanos (10,1%), familiares españoles o hispanos (9,0%) y el cine (3,4%). El 5,6% respondió que no tiene contacto con el español fuera del aula.

Los motivos por los que se estudia español (pregunta 3) son los siguientes: por ser importante para el futuro profesional (55,1%); para conocer una lengua distinta (21,3%); porque suena bien (11,2%) y para subir la media de las notas (10,1%). El último lugar lo ocupa hacer Erasmus y hablar con los amigos (1,1% respectivamente).

Lo más importante a la hora de aprender el idioma (pregunta 4) es hablar la lengua (61,8%); interactuar con otros hablantes (19,1%); comprender lo que otras personas hablan (6,7%); conocer la cultura de la lengua (4,5%); tener una buena pronunciación (3,4%) y escribir con corrección y utilizar correctamente la gramática (2,2%).

Los aspectos más tratados en las clases de español (pregunta 5) son, en mayor medida, la gramática (46,1%) y la expresión oral (19,1%). En menor medida, la comprensión oral (10,1%); la interacción y la cultura (5,6% respectivamente); el léxico (4,5%) y la pragmática (3,4%). Muy secundariamente se trabaja la comprensión escrita y la pronunciación (2,2%) y la expresión escrita (1,1%).

A propósito de la segunda parte del cuestionario, que permite el registro de datos sobre las creencias discentes acerca del idioma y la pronunciación, por lo que se refiere la imagen de la lengua (pregunta 1), al 77,5% les resulta melódica, al 13,5% cómica y al 9,0% agresiva. El 42,7% afirma que intenta pronunciar lo mejor posible, el 30,3% se preocupa por no cometer errores gramaticales. Al 25,8% le preocupa que no le entiendan y solo el 1,1% no se fija si pronuncia bien o mal (pregunta 2).

Las respuestas a la pregunta sobre cómo se sienten los discentes cuando hablan español (pregunta 3) indican que el 60,7% se siente bien, al 30,3% le da vergüenza y el 9,0% se siente ridículo.

Por lo referido a los aspectos sobre la pronunciación (preguntas 4 a 10), al 84,3% de los informantes les gusta que les corrijan cuando se equivocan; al 13,5% les da igual y al 2,2% les incomoda que les corrijan porque les pone muy nerviosos.

A la cuestión sobre si comunicar es más importante que pronunciar como un nativo español, el 61,8% de los encuestados asegura que solo a veces es

importante, mientras que el 31,5% cree que se trata de una afirmación totalmente cierta y el 6,7% opina que nunca comunicar es más importante que tener una buena pronunciación.

A las respuestas relativas a la pronunciación y la interrupción de la comunicación, el 74,2% de los encuestados señala que una pronunciación incorrecta a veces puede impedir la comunicación, sin embargo, el 15,7% cree que eso nunca sucede y el 10,1% que sí.

Para el mayor número de inquiridos comunicar bien supone utilizar correctamente el vocabulario (47,2%) y la gramática (28,1%) y, por último, pronunciar bien (24,7%). Asimismo, la mayoría piensa que el tiempo dedicado a la pronunciación es poco (62,4%). No obstante, el 77,5% considera necesario mejorar. Finalmente, el aspecto más tratado en clase ha sido la pronunciación de vocales y consonantes (56,2%), seguido del estudio de sus características (29,2%).

En lo tocante a la pronunciación en el aula de ELE, tercera parte del cuestionario, el 62,9% de encuestados cree que la pronunciación española es fácil, el 33,7% difícil y el 3,4% muy fácil (pregunta 1). El 55,1% piensa que trabajar la pronunciación en clase es muy importante, el 39,3% piensa que es importante y el 5,6% entiende que no es demasiado importante (pregunta 2). De cualquier forma, a casi todos los participantes en la investigación les parece divertido hacer ejercicios de pronunciación (83,1%), al 14,6% aburrido y solo al 2,2% lo peor de la clase (pregunta 3).

El 19,1% de los discentes preguntados aprovecha cualquier ocasión fuera de clase para practicar la pronunciación, mientras que el 75,3% solo aprovecha esas ocasiones de manera esporádica y el 5,6% nunca practica la pronunciación fuera del aula (pregunta 4). Además, creen que se puede mejorar al escuchar canciones y ver películas en la LE (39,3%), repetir palabras en voz alta (29,2%), hablar solos (18,0%), imitar a los hablantes nativos (12,4%) o exagerar la pronunciación (1,1%) (pregunta 5).

El 94,4% tiene la convicción de que pronunciar bien en la LE se puede aprender a través de la práctica, el 4,5% piensa que se trata de una habilidad que depende de las características personales de cada individuo y únicamente el 1,1% considera que se puede pronunciar bien si las lenguas se parecen (pregunta 6).

Las actividades realizadas en clase para practicar la pronunciación señaladas por los informantes, considerando etapas de aprendizaje anteriores, han sido ejercicios de escuchar y repetir (61,8%); ejercicios contrastivos (12,4%); lectura en voz alta (10,1%); ejercicios realizados en plataformas virtuales (6,7%);

escuchar un texto y colocar los signos de admiración, exclamación o pausas (3,4%); transcripciones fonéticas (3,4%) y acompañar con movimientos la entonación de las frases, adivinar el estado de ánimo del hablante por la entonación y memorizar (1,1%) (pregunta 7).

Por último, el tipo de actividades que a los sujetos sondeados les gustaría hacer en clase para trabajar la pronunciación son las siguientes: escuchar y repetir (44,9%); ejercicios contrastivos entre la lengua extranjera y la lengua materna (19,1%); lectura en voz alta (13,5%), ejercicios en plataformas virtuales (5,6%), transcripciones fonéticas (4,5%), escuchar un texto y colocar los signos de admiración, exclamación o pausas (3,4%), adivinar el estado de ánimo del hablante por la entonación (3,4%) y reproducir estados de ánimo (3,4%) (pregunta 8).

En suma, la lectura de los datos que acabamos de exponer nos permite responder a las preguntas de investigación planteadas en el apartado 3.1. Así, respondiendo a la cuestión sobre el tipo de contacto del alumno con la lengua fuera del aula, concluimos que es a través de series, películas y música (Blanco Pena, 2018). Sobre lo que incentiva a la elección de la lengua española en el contexto de la Universidad de Coímbra, los datos revelan que el motivo principal es su importancia para el futuro profesional.

Como respuesta a la cuestión relacionada con los aspectos del idioma considerados más importantes por los estudiantes para su formación, destaca con gran diferencia el desarrollo de la expresión oral, mientras que la pronunciación ocupa el penúltimo lugar, antes de la expresión escrita y la gramática. No obstante, el aspecto más tratado en las clases de ELE es la gramática (Igarreta, 2021) y el menos trabajado la pronunciación, junto con la expresión escrita.

En lo referido a la percepción del español y su pronunciación, concluimos que la gran mayoría de los consultados se sienten bien cuando utilizan la lengua española y les resulta melódica. No obstante, menos de la mitad se preocupa por tener una buena pronunciación y cometer errores gramaticales, lo que demuestra que la preocupación por la pronunciación todavía sigue siendo muy baja (Iruela, 2007; Pacagnini, 2019). De ahí que consideren que la pronunciación en español es fácil (Poch, 2016), en contraposición a lo que creen los informantes de lengua materna inglesa (Steed y Delicado, 2014; Huensch y Thompson, 2017). Al mismo tiempo, la pronunciación se puede aprender a través de la práctica, esto es, de una forma casi intuitiva sin demasiado esfuerzo (Billières, 2008; Pacagnini, 2017; Igarreta, 2021).

De cualquier modo, también consideran necesario mejorar la pronunciación y a casi la totalidad de los encuestados les gusta que los corrijan (Blanco Pena,

2018), lo que se contradice con la creencia de que es preferible no corregir al alumno o interrumpirlo para evitar que se ponga nervioso y se inhiba (Bartolí, 2005; Santamaria, 2019). En realidad, solo el 2,2% de nuestros informantes afirma que les incomoda que les corrijan.

La creencia sobre la relevancia de la inteligibilidad del mensaje frente a conseguir un acento próximo al del hablante nativo queda demostrada en nuestro estudio, pues más de la mitad de los inquiridos considera que la comunicación y el entendimiento del mensaje son casi siempre más importantes que tener una buena pronunciación. De ahí que reconozcan que una pronunciación incorrecta puede interferir en el propósito de la comunicación solo en algunas ocasiones. La comunicación, para los encuestados, se basa en el buen uso del vocabulario y de la gramática (Blanco Pena, 2018). De hecho, aprovechan de modo muy esporádico las ocasiones que surgen fuera del aula para mejorar o practicar la pronunciación.

Por último, en lo referido a las creencias sobre la pronunciación en el aula de lengua española, más de la mitad de los inquiridos piensa que el tiempo que se le dedica es poco, pero que su tratamiento es muy importante (Nowacka, 2012; Blanco Pena, 2018), en contraste con la idea de algunos docentes que afirman que no vale la pena dedicarle demasiado tiempo en clase (Iruela, 2007; Santamaria, 2019; Igarreta, 2021).

Para los encuestados hacer ejercicios resulta divertido (Blanco Pena, 2018) y el aspecto más tratado en el aula es el que se prende con la pronunciación de las vocales y las consonantes. Principalmente, se trata de ejercicios de escuchar y repetir palabras y, en menor medida, ejercicios contrastivos.

Este tipo de actividades coinciden con las que a los inquiridos les gustaría hacer en clase, aunque, en este caso, se observa una disminución de porcentaje en los ejercicios basados en la repetición, y un aumento en los que se centran en el contraste entre la lengua extranjera y la lengua materna. Lo que demuestra un cambio de mentalidad, con respecto a la práctica habitual en el aula, y que cada vez más aprendices creen en el trabajo contrastivo como un medio para alcanzar sus objetivos. Además, consideran que el aprendizaje y perfeccionamiento de la pronunciación se consigue a través de películas, series y canciones, junto con la repetición de palabras en voz alta, datos que también coinciden con el contacto principal del alumno con el idioma fuera del aula.

Todo lo expuesto hasta el momento nos ha permitido hacer un diagnóstico sobre las creencias de un grupo de estudiantes portugueses de español con respecto a la lengua, su pronunciación y su aprendizaje, del que extraemos las conclusiones que exponemos en el siguiente apartado.

5. Conclusiones

El trabajo que hemos presentado comienza por hacer una breve contextualización teórica sobre la pronunciación y la enseñanza/aprendizaje de ELE, seguida de la descripción sobre el marco metodológico de un estudio de caso, aplicado en el ámbito universitario portugués, y la exposición de los datos extraídos a partir del análisis de las respuestas a un cuestionario cerrado de 23 cuestiones.

La observación y discusión de la información nos ha permitido responder a las preguntas de investigación planteadas y confirmar nuestra hipótesis de trabajo. En consecuencia, las conclusiones obtenidas a partir del análisis de los datos demostraron que el objetivo de nuestro trabajo fue cumplido, permitiéndonos hacer un diagnóstico general sobre la percepción de la pronunciación y su aprendizaje en niveles B1 y B2 de ELE. Así pues, de nuestro estudio extraemos las siguientes conclusiones:

- El contacto con el español fuera de clase es a través de series, películas y música.
- La percepción fónica de la lengua resulta melódica, lo que permite que los alumnos se sientan bien cuando hablan.
- El español es una lengua importante para el futuro profesional de los estudiantes, aunque se considera que la expresión y comprensión oral son los ámbitos más relevantes del idioma.
- La pronunciación española es fácil para los estudiantes portugueses, por eso piensan que se puede aprender de una forma casi intuitiva, viendo películas, series y escuchando música.
- La preocupación por tener una buena pronunciación es baja.
- La pronunciación incorrecta no suele impedir la comunicación.
- La pronunciación próxima a la de un hablante nativo es importante solo en contadas ocasiones.
- La pronunciación próxima a la de un hablante nativo no es necesaria para comunicar, lo que conduce a un cierto facilitismo, derivado de la capacidad de comprender el mensaje oral sin tener en cuenta la corrección en el plano fónico del discurso.
- El desarrollo de la expresión y comprensión oral es más importante que la pronunciación.
- El aprendizaje de la pronunciación correcta es necesario e importante.
- El elemento clave para la comprensión de la lengua es el léxico.
- La frecuencia con que se trabaja la pronunciación en clase es muy baja, se trata del aspecto menos tratado en el aula.

- Las estrategias más usadas en el aprendizaje y práctica de la pronunciación son los ejercicios de repetición de palabras sueltas y frases, ejercicios contrastivos y la lectura en voz alta con corrección.
- El uso de los recursos proporcionados a través de medios audiovisuales o páginas web para aprender a pronunciar es casi inexistente.
- Las estrategias que el discente considera más adecuadas para el aprendizaje y práctica de la pronunciación son los ejercicios de repetición de palabras sueltas o frases y ejercicios contrastivos.
- Las estrategias docentes señaladas por los discentes y las preferencias de los alumnos coinciden, lo que demuestra que los estudiantes han establecido una creencia, a raíz de la experiencia previa con la LE, que condiciona la forma de entender el proceso pedagógico (Barcelos, 2006).
- Las actividades preferidas por los estudiantes para practicar y aprender pronunciación son similares a las realizadas en clases y cursos anteriores.

En general, a grandes rasgos observamos que, a pesar de un cierto interés de los alumnos por el estudio de la pronunciación, su aprendizaje queda en un segundo plano y resulta monótono y poco interactivo. Además, la convicción de que pronunciar español es fácil conduce a fosilizaciones que, si bien no dificultan la comprensión del mensaje, demuestran un dominio medio de la lengua, lo cual no debería corresponder a las expectativas de los alumnos de niveles avanzados.

Estamos convencidos de que, si el alumno no puede llegar a niveles de pronunciación idénticos al de un hablante nativo, una adecuada y correcta instrucción puede llevarle a conseguir grados bastante satisfactorios en sus realizaciones fónicas. No podemos olvidar que el discurso oral ha de responder a una comunicación eficaz y también atractiva. Para ello es importante que la pronunciación del emisor sea precisa, clara y correcta, lo que permitirá al receptor el entendimiento del mensaje de una manera adecuada, fluida y agradable.

Esperamos que las aportaciones de este trabajo proporcionen conocimientos que puedan estimular la reflexión docente/discente e inciten a la adaptación o al cambio educativo, de manera a crear una receptividad positiva que rompa estereotipos y mejore el aprendizaje de la pronunciación, destacando su relevancia junto con los otros contenidos de la lengua.

Referencias bibliográficas

- ALGHAZO, S.M. (2015). Advanced EFL learners' beliefs about pronunciation teaching. *International Education Studies*, 8(11), 63-76.
- ARANCIBIA, M.L., CABERO, J. y MARÍN, V. (2020). Análisis factorial de una escala de creencias sobre la enseñanza y su relación con características personales y profesionales de docentes de Educación Superior. *Revista Espacios*, 41(02), 25-32.
- ARROYO, I. (2020). Actitudes y pronunciación en L2. Panorama actual entre teoría y experimentación. *Lingue Linguaggi*, 39, 7-26.
- BARCELOS, A. M. F. (2006). Cognição de professores e alunos: Tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. En A. M. F. Barcelos y M. H. Vieira Abrahão (orgs.), *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores* (pp. 15-42). Campinas: Pontes Editores.
- BARTOLÍ, M. (2005). La pronunciación en la clase de lenguas extranjeras. *PHONICA*, 1, 1-27.
- BARTOLÍ, M. (2012). La pronunciación por tareas en la clase de E/LE. [Tesis de doctorado, Universitat de Barcelona]. URL: https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/134881/MBR_TESIS.pdf?sequen
- BILLIÈRES, M. (2008). Le statut de l'intonation dans l'évolution de l'enseignement /apprentissage de l'oral en FLE. *Français dans le monde. Recherches et applications*, 43, 27-37.
- BLANCO CANALES, A. (2012). Corpus oral para el estudio de la adquisición y aprendizaje del componente fónico del español como lengua extranjera. *RLA. Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*, 50(2), 13-37.
- BLANCO PENA, J. M. (2018). Adquisición y aprendizaje del componente fonético del español por alumnos sinohablantes. *Monográficos SINOELE*, 17, 171-187.
- CONSEJO DE EUROPA. (2002). *Marco común europeo de referencia para las lenguas: Aprendizaje, enseñanza, evaluación* [en red]. MECD-Anaya. URL: http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/marco/
- CONSEJO DE EUROPA. (2018). *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment. Companion Volume with new Descriptors*. Council of Europe.
- CORPAS, M. D. (2015). Creencias y rendimiento académico en el aprendizaje de las lenguas extranjeras. *Revista de Lenguas Modernas*, 23, 285-299.

- DEWEY, J. (1989). *Cómo pensamos. Nueva exposición de la relación entre pensamiento reflexivo y proceso educativo*. Paidós.
- FLEGE, J. E. (1988). The production and perception of foreign language speech sounds. En H. Winitz (ed.), *Human communication and its disorders, a review* (pp. 224-401). Norwood, NJ: Ablex.
- FONOELE. URL: <https://fonoele.web.uah.es/instrumentos-percepcion.php>
- HAMMER, D. (1994). Epistemological beliefs in introductory physics. *Cognitive Instruction*, 12, 151-183.
- HOFER, B. K. y PINTRICH, P. R. (1997). The development of epistemological theories: Beliefs about knowledge and knowing and their relation to learning. *Review of Educational Research*, 67, 88-140.
- HORWITZ, E. K. (1987). Surveying students' beliefs about language learning. En A. Wenden y J. Rubin (eds.), *Learner's Strategies in Language Learning. Englewood Cliffs* (pp. 119-129). NJ: Prentice-Hall.
- HUENSCH, A. y THOMPSON, A. S. (2017). Contextualizing attitudes toward pronunciation: Foreign language learners in the US, *Foreign Language Annals*, 50, 410-432.
- IGARRETA, A. (2021). La enseñanza de la pronunciación en los manuales de ELE: evolución y estado actual. *Doblele*, 7, 22-36.
- IRUELA, A. (2007). ¿Qué es la pronunciación? *redELE. Revista electrónica de didáctica / español lengua extranjera*, 4(9), 1-16.
- LATORRE, M. J. y BLANCO, F. J. (2007). Algunos conceptos clave en torno a las creencias de los docentes en formación. *Docencia e Investigación: revista de la Escuela Universitaria de Magisterio de Toledo*, 32(17), 147-170.
- LLISTERRI, J. (2003). La enseñanza de la pronunciación. *Cervantes. Revista del Instituto Cervantes en Italia*, 4(1), 91-114.
- MESSAKIMOVE, S. (2009). Las creencias de los alumnos de la secundaria gabonesa acerca de su proceso de aprendizaje del español/LE. *marcoELE. Revista de Didáctica Español Lengua Extranjera*, 9, 1-17.
- MUNRO, M. J. (2003). A primer on accent discrimination in the Canadian context. *TESL Canada Journal*, 20(2), 38-51.
- NOWACKA, M. (2012). Questionnaire-based pronunciation studies: Italian, Spanish and polish students' views on their English pronunciation. En E. Waniek-Klimczak, I. Witczak-Plisiecka y J. Majer (eds.), *Research in Language*, 43-61.
- ORTA, A. (2009). Creencias de los profesores acerca de la pronunciación y sus repercusiones en el aula. *PHONICA*, 5, 48-73.

- PACAGNINI, A. (2017). El desafío de la enseñanza de la pronunciación en grupos plurilingües aprendices de ELSE: algunas reflexiones metodológicas. En A. Pacagnini (coord.), *SIGNOS ELE*, 11, 1-22.
- PACAGNINI, A. (2019). Didáctica de la prosodia en ELSE: desafíos y estrategias. *Letras*, enero-junio, 79, 44-60.
- PAJARES, M. E. (1992). Teachers' beliefs and educational research: Cleaning up a messy construct. *Review of Educational Research*, 62(3), 307-332.
- POCH, D. (2016). La pronunciación de los sonidos de una lengua extranjera: el caso del español. En M.L. Aznar Juan y E. Gamazo Carretero (coords.), *Enseñar español en la actualidad. Contribuciones didácticas* (pp. 15-39). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- RAMOS, C. (2010). Las creencias de los alumnos: posibles implicaciones para el aula de español como lengua extranjera. *Monográficos marcoELE*, 10, 106-116.
- RICHARDS, J. C, PLATTL, J. y PLATT, H. (1997). *Diccionario de Lingüística Aplicada y Enseñanza de Lenguas*. Ariel.
- RICHARDS, J. C. y Lockart, Ch. (2007). *Estrategias de reflexión sobre la enseñanza de idiomas*. Cambridge University Press.
- RICHARDSON, V. (1996). The role of attitudes and beliefs in learning to teach. En J. Sikula, T. J. Buttery y E. Guyton (eds.), *Handbook of Research on Teacher Education* (pp. 102-119). Macmillan.
- RODRÍGUEZ-SOSA, J. y SOLÍS-MANRIQUE, C. (2017). Creencias docentes: Lo que se hace en el aula es consecuencia de lo que se piensa. *Propósitos y Representaciones*, 5(1), 7-20.
- SANTAMARIA, E. (2019). Enseñar la competencia fonética. En L. Ruiz de Zarobe y Y. Ruiz de Zarobe (eds.), *Enseñar hoy una lengua extranjera* (pp. 2-64). Barcelona: Ediciones Octaedro.
- STEED, W. y DELICADO CANTERO, M. (2014). First things first: Exploring Spanish students attitudes towards learning pronunciation in Australia. *The Language Learning Journal*, 46, 103-113.
- WILLAMS, M. y BURDEN, R. (1999). *Psicología para profesores de idiomas. Enfoque del constructivismo social*. Cambridge University Press.

TÍTULO: Creencias de los estudiantes portugueses de español sobre la pronunciación y su aprendizaje

RESUMEN: La pronunciación es imprescindible para el desarrollo de la competencia comunicativa del discente. Es indispensable que el docente de español como lengua extranjera conozca qué instrumentos son los más adecuados para su enseñanza. En este sentido cobra importancia tener conciencia de los factores que influyen en el aprendizaje de la pronunciación. Así, el objetivo de este trabajo es conocer las creencias del aprendiente portugués de español como lengua extranjera sobre la pronunciación y su aprendizaje en una universidad pública portuguesa. La muestra estuvo compuesta por 83 alumnos portugueses de ELE de niveles B1 y B2. La recogida de datos se realizó a través de la aplicación de un cuestionario cerrado adaptado del proyecto *Fonoele*. En general, los resultados mostraron que, a pesar de un cierto interés por el estudio de la fonética, su aprendizaje queda en un segundo plano y resulta repetitivo y poco interactivo. Las conclusiones obtenidas a partir del análisis de los datos demostraron que el objetivo de nuestro trabajo fue cumplido, permitiéndonos hacer un diagnóstico general sobre las creencias discentes. Esperamos que este trabajo sirva para crear actividades efectivas y desarrollar futuras investigaciones más extensas.

TITLE: Perceptions of Portuguese learners of Spanish about pronunciation and pronunciation learning

ABSTRACT: Pronunciation is an essential element in the development of the student's communicative competence. It is essential for the teacher of Spanish as a foreign language to know which instruments are the most appropriate for teaching pronunciation. In this sense, it is important to be aware of the factors that influence the learning of pronunciation. The aim of this paper is to find out the beliefs of Portuguese learners of Spanish as a foreign language about pronunciation and its learning in a Portuguese public university. Data collection was carried out through the application of a closed questionnaire adapted from the *Fonoele* project. In general, the results showed that, despite a certain interest in the study of phonetics, the learning of phonetics remains in the background and is repetitive and not very interactive. The conclusions drawn from the analysis of the data showed that the aim of our work was achieved, allowing us to make a general diagnosis of the learners' beliefs. We hope that this work will serve to create effective activities and develop more extensive research in the future.

Análise de atenuadores discursivos em artigos científicos da área médica

– um estudo contrastivo alemão-português

The analysis of hedges in medical scientific articles

– a contrastive German-Portuguese study

KATRIN HERGET*

TERESA ALEGRE*

PALAVRAS-CHAVE: Atenuadores discursivos, Estudo contrastivo alemão-português, Artigo científico, Corpus comparável.

KEYWORDS: Hedges, Contrastive study German-Portuguese, Scientific article, Comparable corpus.

Introdução

O presente estudo ocupa-se da análise do discurso científico tal como este se manifesta em artigos científicos da área da medicina, tendo por objetivo a comparação do recurso a atenuadores discursivos (*hedges*) em alemão e em português. O uso desta estratégia discursiva, de que os autores se servem para atenuar as suas asserções e ganhar aceitação junto dos pares, é parte intrínseca do discurso científico e tem recebido a atenção dos estudiosos de diversas áreas. Vários autores se têm ocupado do estudo destes mecanismos discursivos em domínios de especialidade, no âmbito de uma língua (Salager-Meyer, 1994, 1995; Hyland, 1998; Clemen, 1998; Crompton, 1997; Varttala, 1999; Oliver, 2004; Fraser, 2010), outros debruçam-se sobre o mesmo fenómeno numa perspetiva de contraste entre línguas (Martín, 2000/2001; Mendiluce Cabrera e Hernández Bartolomé, 2005; Postigo e Jiménez, 2006; Cabanes, 2007; Alegre e Herget, 2012; Zanina, 2016).

Na senda destas análises, o objetivo do presente estudo prende-se com a identificação dos diferentes tipos de atenuadores discursivos no género textual artigo científico da área da medicina e com a análise do peso destes recursos na

¹ Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Membro do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC) da mesma Universidade.

amostra de artigos recolhidos em língua alemã e em língua portuguesa. De facto, apesar da existência de estudos que incidem sobre diversos domínios científicos, identificamos uma lacuna no par de línguas alemão-português, pelo que pretendemos contribuir para a investigação no âmbito da linguagem médica.

A presente análise pretende fornecer elementos de apoio quer para o estudo das linguagens para fins específicos, quer para a tradução de especialidade. Como base para a identificação dos atenuadores em ambas as línguas, recorreremos a um corpus comparável de artigos científicos, de várias especialidades médicas, recentes e de livre acesso online.

1. Do discurso científico médico ao género textual: artigo científico

O estudo do discurso científico em inglês na área da medicina tem merecido um papel de destaque nas últimas décadas, tal como afirmam Gotti e Salager-Meyer (2016): “The existence and rise of English for Medical Purposes (EMP) owes much, of course, to the late twentieth-century emergence of English as the foremost international language of science in general and of medicine in particular” (pp. 1-2). Devido ao seu carácter universal, o discurso científico médico está bem visível no elevado número de artigos redigidos em inglês. Apesar de ser uma área de aplicação prática, baseada em conhecimentos técnicos, diz igualmente respeito ao cidadão comum:

[...] it is also important in everyday life because regimens of health and medical advice concern everybody. This is why medicine has never before played such an important, absorbing and fundamental function in society, and why the delivery of high-quality, affordable access to health care is at the top of the political agenda in most parts of the world (Gotti e Salager-Meyer, 2016, p. 1).

Neste contexto, Gotti e Salager-Meyer (2016) observam um excesso de informação no que diz respeito à publicação científica na área da medicina. Dada a sua importância no âmbito da comunicação global, o género textual artigo científico tem sido objeto de análise linguística e textual por vários autores (Swales, 1990; Salager-Meyer, 1994) enquanto um todo e no que diz respeito às suas partes constituintes, isto é, Introdução (Swales e Najjar, 1987; Swales, 1990), *Abstract* (Salager-Meyer, 1990), Títulos (Busch-Lauer, 2000), Resultados (Thompson, 1993; Bruce, 2009,). Este interesse académico não surpreende de modo algum, dada a importância deste género textual para a comunidade científica, como instrumento de internacionalização e divulgação.

Os artigos, de ambas as línguas, incluídos no corpus do presente estudo apresentam uma macroestrutura estandardizada e constituída pelos seguintes pontos: a parte inicial apresenta o título, os nomes dos autores e coautores, bem como a sua afiliação. Seguidamente, em posição de destaque, surge o *abstract*, acompanhado frequentemente da versão inglesa, seguindo-se as palavras-chave em ambas as línguas. Após esta elucidação sobre os conteúdos fundamentais do artigo, surge o corpo do artigo, composto por introdução, métodos, resultados, discussão e conclusão. Antes das referências bibliográficas, encontram-se frequentemente uma indicação sobre as limitações do estudo, conflitos de interesse e agradecimentos. A ordem destes elementos pode eventualmente apresentar ligeiras modificações, de acordo os princípios de publicação de cada revista.

Para um conhecimento mais profundo das características situacionais do artigo científico como género textual, adotamos para o nosso estudo o modelo de Biber e Conrad (2009), posteriormente adaptado por Davis (2015) para o artigo científico médico. Este modelo (Tabela 1) sintetiza os elementos fundamentais da comunicação e características situacionais.

Modelo de Biber e Conrad (2009)	Artigo científico	Artigo científico médico
Participantes A. Emissor B. Recetor	A. Especialistas na área B. Especialistas	A. Especialistas em medicina B. Especialistas em medicina (maioritariamente)
Relações entre participantes	Relação colegas / pares	Existe conhecimento partilhado entre os participantes e diversas formas de comunicação (correspondência com o editor e revisão por pares)
Canal	Escrito, formal	Escrito, formal (submissão e revisão por pares)
Circunstâncias da produção	Revisto e editado	Revisto e editado
Cenário	Relacionado com um domínio específico	Domínio da medicina, num cenário da atualidade
Objetivo da comunicação	Comunicar a investigação num domínio específico	Destacar uma questão ou problema no domínio da medicina e apresentar soluções concretas
Tópico	Específico do domínio	Uma questão / problema médico que necessita de uma solução

Tabela 1: Modelo, adaptado, de Davis (2015, p. 17) respeitante à caracterização do género textual artigo científico, adaptado de Biber e Conrad (2009).

2. A presença de atenuadores em artigos científicos

Tratando-se de um género textual marcadamente informativo, estruturado e caracterizado pelo rigor da informação, a presença de atenuadores não seria, à partida, expectável em artigos científicos. No entanto, a sua presença é uma realidade e tem vindo a ser objeto de estudo em diversos domínios do saber, como referido anteriormente. Antes de nos debruçarmos sobre a justificação da presença de atenuadores neste género textual, focar-nos-emos no fenómeno mais abrangente dos *hedges*, para depois o podermos definir no âmbito do nosso estudo.

O termo *hedge* foi cunhado por Lakoff (1972, p. 195) e designa “words whose job is to make things fuzzier or less fuzzy”. Os objetivos do seu trabalho prendiam-se com a caracterização lógica de palavras e expressões como *rather*, *largely*, *sort of*, *kind of*, *strictly speaking*, etc. que introduzem uma certa imprecisão (*fuzziness*) no discurso científico. Diversos autores se ocuparam, desde então, deste fenómeno linguístico e, ao longo do tempo, o trouxeram para o âmbito da pragmática e da análise do discurso. Clemen (1998) considera que, na aceção semântica de Lakoff, a função de *hedge* é demasiado restritiva, na medida em que o conceito de *fuzziness* se refere igualmente à tentativa de delimitação desta categoria:

Fuzziness bezieht sich [...] auf die ebenfalls randbereichsunscharfe und nicht als homogenes Phänomen einzustufende Entität Hecke selbst, die über eine weitgefaßte Menge an Realisierungsmöglichkeiten verfügt und nur in Kontext- und Kommunikationssituation zur Wirkung kommt, was den Zugang zu Heckenfunktion bewirkenden Sprachmitteln erschwert (Clemen, 1998, p. 11).

Hyland descreve *hedges* como um fenómeno polipragmático, o que torna mais evidente a dispersão das suas representações, dificultando a delimitação do próprio conceito:

[...] hedging devices are polypragmatic; they can convey a range of different meanings, often at the same time. As a result they do not fit into a neat scheme of discrete categories which allows one meaning to be clearly distinguished from others (Hyland, 1996, p. 447).

Hyland (1998, p. 6) desenvolve ainda o conceito de *hedges*, afirmando que são “a crucial means of presenting new claims for ratification and are among the primary features which shape the research article as the principal vehicle

for new knowledge”. Com a finalidade de compreender melhor o uso concreto de *hedges*, Hyland (1998, pp. 200-216) analisa um artigo científico da área da biologia nas suas diferentes secções. A análise revela grandes discrepâncias entre as diversas partes (Tabela 2).

Text Section	Type of heging			Total Hedges	Total Words	Hedges per 1,000 words
	Accuracy	Writer	Reader			
Introduction	1	1	1	3	241	12
Methods	3	0	0	3	705	4
Results	5	4	0	9	519	1.7
Discussion 1	5	3	1	9	366	25
Discussion 2	8	10	3	21	458	45
Totals	22	18	5	35	2289	15

Tabela 2: Distribuição de *hedges* de acordo com Hyland (1998, p. 214).

De facto, verifica-se uma maior utilização destas formas linguísticas na secção da discussão, sendo também possível encontrá-las na introdução. As partes referentes a métodos e resultados, pelo contrário, refletem um maior grau de objetividade na descrição dos dados, apresentando um número residual de *hedges*. A distribuição desigual deste fenómeno no artigo científico é sinal de que, através do uso consciente de diferentes formas de *hedges* “writers [...] are able to achieve a balance of scientific accuracy, self-protection and deference to their audience; presenting their claims with the precise degree of certainty, commitment and responsibility they wish to acknowledge” (Hyland, 1998, p. 214). O maior emprego de *hedges* faz aumentar o grau de especulação das afirmações. Por outras palavras, quanto maior a presença de *hedges*, menor será a assertividade, o que justifica a sua ocorrência privilegiada na secção da discussão.

O autor constata que, para os cientistas, os *hedges* têm uma função importante, uma vez que um excesso de assertividade constitui um perigo, dado o limitado período de validade dos resultados. A escrita científica envolve “weighing evidence, drawing conclusions from data, and stating circumstances which allow these conclusions to be accepted; it assesses the claims it makes” (Hyland, 1998, p. 6). O recurso a *hedges* permite aos cientistas, de acordo com Hyland, apresentar as suas afirmações com algum cuidado e humildade, de modo a mais facilmente serem aceites pelos pares (1996, p. 434). Desta forma, os *hedges* contribuem para a aceitação das conclusões dos autores.

Para a área da medicina, destaca-se a investigação desenvolvida por Salager-Meyer (1994, 1995) que se centra na análise de *hedges* em artigos médicos.

Numa primeira proposta de classificação (1994), a autora identifica cinco categorias:

1. **Shields**: all modal verbs expressing possibility; semi-auxiliaries like “*to appear*”, “*to seem*”; probability adverbs like “*probably*”, “*likely*” and their derivative adjectives; epistemic verbs such as “*to suggest*”, “*to speculate*”.
2. **Approximators**: stereotyped “adaptors” as well as “rounders” of quantity, degree, frequency and time (e.g., “*approximately*”, “*roughly*”, “*somewhat*”, “*quite*”, “*often*”, “*occasionally*”) which express heed and coyness.
3. Expressions such as “*I believe*”, “*to our knowledge*”, “*it is our view that ...*” which express the **authors’ personal doubt and direct involvement**;
4. **Emotionally-charged intensifiers** (comment words used to project the authors’ reactions) such as “*extremely difficult/interesting*”, “*dishearteningly weak*”, “*of particular importance*”, “*particularly encouraging*”, “*unexpectedly*”, “*surprisingly*”.
5. **Compound hedges**, which comprised “strings of hedges” (i.e., the juxtaposition of several hedges). Such compound hedges can be double hedges (“*It may suggest that ...*”; “*it could be suggested that ...*”), treble hedges (“*It would seem likely that ...*”, “*it seems reasonable to assume*”), quadruple hedges (“*It would seem somewhat unlikely that ...*”), etc. (Salager-Meyer, 1994, pp. 154-155).

Numa publicação posterior, Salager-Mayer (1995, pp. 131-133) propõe uma categorização distinta para o fenómeno do *hedging* presente no ensino do inglês científico. No contexto das línguas para fins específicos, a autora refere a importância do estudo deste fenómeno na sala de aula, indicando duas justificações pedagógicas: por um lado, a capacidade de descodificação da informação e a compreensão da intenção do autor e, por outro, o facto de representar um recurso importante no domínio dos registos de língua: “The appropriate use of hedging strategies is a significant communicative resource for student writers at any proficiency level, and it plays an important part in demonstrating competence in a specialist register” (Salager-Mayer, 1995, p. 137).

Perante este contexto, a versão reformulada (ver Tabela 2) apresenta uma perspetiva estrutural mais nítida, associada ao ensino do inglês científico. Por exemplo, a categoria *shields* aparece em subcategorias mais delimitadas. A categoria referente às expressões de envolvimento pessoal do autor e expressão de dúvida ficam limitadas às expressões de início de frase. Os intensificadores emocionais não são contemplados.

Categoria de <i>hedge</i>	Exemplo
1. Modal auxiliary verbs	may, might, can, could, would, should
2. Modal lexical verbs of varying degree of illocutionary force	to seem, to appear (epistemic verbs), to believe, to assume, to suggest, to estimate, to tend, to think, to argue, to indicate, to propose, to speculate
3. Adjectival, adverbial and nominal modal phrases	possible, probable, un/likely
3.1 probability adjectives	
3.2 nouns	assumption, claim, possibility, estimate, suggestion
3.3 adverbs	perhaps, possibly, probably, practically, likely, presumably, virtually, apparently
4. Approximators of degree, quantity, frequency and time	approximately, roughly, about, often, occasionally, generally, usually, somewhat, somehow, a lot of
5. Introductory phrases	I believe, to our knowledge, it is our view that, we feel that
6. 'If' clauses	if true, if anything
7. Compound hedges	it would appear, it seems reasonable/probable, it seems reasonable to assume that

Tabela 3: Taxonomia de *hedges* segundo Salager-Meyer (1995, pp. 131-133).

Com base nos modelos anteriores que foram concebidos para a linguagem de especialidade, em particular para os artigos científicos da área da medicina, selecionámos os itens de análise mais pertinentes para o nosso objetivo de estudo. Desta forma, excluímos a análise de parâmetros como *emotionally-charged intensifiers*, expressões introdutórias e orações condicionais, por não se adequarem ao nosso conceito de atenuador (relativamente ao primeiro parâmetro) e por estarem implícitas na categoria expressão de dúvida do autor. Desta forma, para a análise do corpus, os atenuadores discursivos serão analisados de acordo com as seguintes categorias (Figura 1):

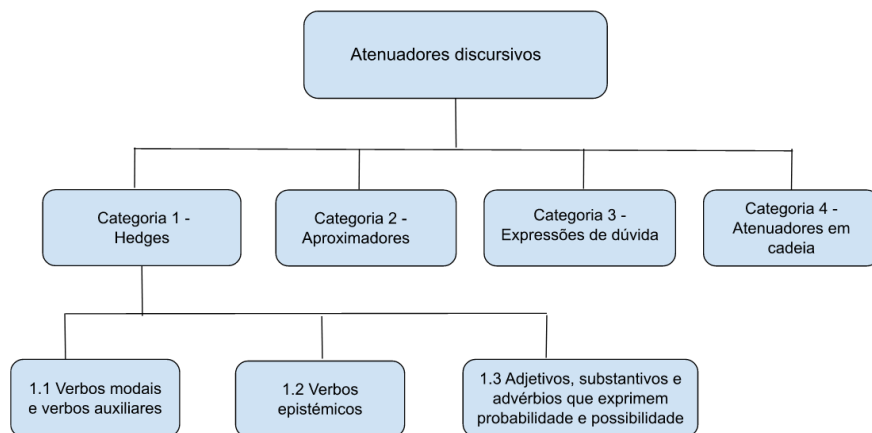


Figura 1: Matriz de análise (adaptada de Salager-Meyer, 1995).

Com base nas categorias acima mencionadas, prosseguiremos com a análise do corpus, com o objetivo de identificar as ocorrências e comparar a sua frequência em alemão e português.

3. Corpus

Para a comparação dos atenuadores discursivos optou-se por reunir um corpus comparável de textos científicos da área médica nas duas línguas de trabalho, isto é, um conjunto de textos selecionados de acordo com critérios comuns, como a dimensão do próprio corpus, as temáticas, a macroestrutura e o período de publicação dos textos (Mikhailov e Cooper, 2016). Com base nos recursos disponíveis em websites fidedignos sobre a temática, foram constituídos dois corpora comparáveis de 20 artigos científicos em cada língua, representativos para esta análise.

Os artigos científicos em língua alemã foram retirados do website da editora Springer (<https://link.springer.com/>), que permite a pesquisa de artigos científicos por área e subárea, como por exemplo *Biomedicine*, *Life Sciences*, *Medicine & Public Health*, *Internal Medicine*, e que disponibiliza alguns artigos em acesso aberto. Os artigos científicos do referido website estão disponíveis em cinco línguas: inglês, alemão, neerlandês, francês e italiano. Como é de

esperar, os artigos em língua inglesa representam a grande maioria, no total de 7.065.140, seguidos dos artigos em alemão com 860.649 e neerlandês com 85.532. Os artigos científicos do corpus alemão abrangem o período de 2020 a 2022 e pertencem à área *Medicine & Public Health*, incluindo as subáreas *Cardiology*, *Internal Medicine*, *Diabetes* e *Gastroenterology*.

Para o português, foi feita uma pesquisa em websites de revistas científicas de medicina, de livre acesso, das áreas de especialidade de medicina interna, cirurgia, cardiologia e endocrinologia (*Acta Médica Portuguesa*, *Revista Portuguesa de Cirurgia*, *Revista Portuguesa de Cardiologia* e *Revista Portuguesa de Endocrinologia, Diabetes e Metabolismo*). Em todas estas revistas, é possível constatar que a maioria dos artigos está redigida em inglês. Contudo, em cada número encontram-se igualmente alguns artigos redigidos em língua portuguesa. Todos apresentam um resumo em inglês e português. Os artigos científicos do corpus português abrangem igualmente o período de 2020 a 2022.

De forma a garantir a comparabilidade dos artigos e a obter conclusões válidas, foram apenas recolhidos artigos que apresentassem a mesma macroestrutura em alemão e em português, ou seja, que fossem divididos nos mesmos capítulos, sendo eles *Zusammenfassung* / Resumo, *Einführung* / Introdução, *Methoden* / Métodos, *Ergebnisse* / Resultados, *Diskussion* / Discussão e *Fazit* / Conclusão. Além disso, de modo a respeitar o critério da extensão, o corpus alemão é constituído por 94055 *tokens* e o corpus português reúne 103992 *tokens*.

4. Metodologia

A análise do corpus foi feita com recurso à ferramenta AntConc, um software para o estudo de corpora que permite a criação de concordâncias (*Key Word in Context* – KWIC) e *wordlists*, a contagem de frequências das palavras do corpus, a criação de *N-gram clusters*, etc. O recurso a esta ferramenta revelou-se vantajosa e eficaz, dado que permitiu a identificação dos atenuadores mais representativos no conjunto dos artigos selecionados em cada língua, como se pode ver na Figura 2, que ilustra as ocorrências de *können** no corpus alemão, e na Figura 3, para as ocorrências de *pod** no corpus português.

AntConc

File Edit Settings Help

Target Corpus

Name: temp

Files: 20

Tokens: 94055

Progress 100%

Time taken (creating kwic results): 0.5051 sec

Total Hits: 35 Page Size 100 hits 1 to 35 of 35 hits

File	Left Context	Hit	Right Context
4 T4.pdf	ompliziert, an unserem Zentrum gut etabliert und	könnten	bei erneutem, möglichem Ansteigen der COVID-1
5 T16.pdf	ie aufweisen. Auf- grund der klinischen Merkmale	könnte	die HPP fälschlicherweise mit Osteopo- rose oder
6 T11.pdf	nten, die höchstens 2-mal pro Woche trainierten,	könnte	die Vermu- tung geäußert werden, dass sich diese
7 T5.pdf	der LDL-Reduktion beitragen [6]. Darüber hinaus	könnte	die biochemische Modifikation von Statinen durch
8 T5.pdf	ses Mikrobiom potenzielle Spezies beherber- gen	könnte	die in der Lage sind, Statine zu metabolisieren und
9 T16.pdf	te Mutation [7]. Die schwere Form dieser Störung	könnte	durch autosomal-rezessive Ver- erbung oder durch
10 T13.pdf	erhöhung der Inzidenz der akuten Otitis externa	könnte	durch eine bessere Patientenaufklärung erreicht wi
11 T1.pdf	er von einer dritten (Booster-)Impfung profitieren	könnten. 11	Bei keinem der negativ getesteten Geimpften koni
12 T16.pdf	n mit einer Odontohypo- phosphatasie bestehen	könnte.	Diskussion Unsere Studie zeigt, dass die HPP ei- n

Search Query ☒ Words ☐ Case ☐ Regex Results Set All hits Context Size 10 token(s)

Sort Options Sort to right Sort 1 1R Sort 2 2R Sort 3 3R Order by freq

Figura 2: Ocorrências de *könnt** (conjuntivo II) no corpus alemão.

AntConc

File Edit Settings Help

Target Corpus

Name: temp

Files: 20

Tokens: 103992

Progress 100%

Time taken (creating kwic results): 0.4053 sec

Total Hits: 248 Page Size 100 hits 1 to 100 of 248 hits

File	Left Context	Hit	Right Context
1 T18.pdf	ndicte aguda, a leucocitose superior a 10850x106/L	pod	ser um contributo válido para ajudar ao diagnóstico.
2 T8.pdf	ue diminuiu este risco, como os sistemas de MCG.	poderá	ser um fator chave para uma prática de exercício
3 T11.pdf	ão ao tratamento,5 e sintomatologia depressiva,9 e	pod	ser um importante fator de prognóstico da doença,1
4 T17.pdf	e mostrou ainda que o rácio neutrófilos/ eosinófilos	pod	ser um marcador de necessidade de cirurgia na diver
5 T8.pdf	ia durante a prática de exercício anaeróbio ou misto	pod	ser um ponto a abordar (tendência para se manter
6 T2.pdf	á cirúrgica, pensa-se que as oportunidades no bloco	poderão	ser um dos componentes mais relevantes e contrib
7 T12.pdf	ispermia é uma das principais manifestações clínicas	podendo	ser uma das causas de infertilidade nestes doentes.5
8 T2.pdf	temas importan- tes e atualização de conhecimento.	poderá	ser uma mais- valia e motivo de satisfação com
9 T1.pdf	iltra uma abordagem cli- nica segura e empática, que	poderá	ser difícil de conseguir se se deixar grande parte
10 T17.pdf	amento de eleição2.3. O diagnóstico pré-operatório	pod	ser difícil já que a clínica e os exames
11 T6.pdf	a instituição pretendida. Adicional- mente, a escolha	pod	ser influenciada pela recomendação de conhecidos o
12 T2.pdf	dos autores que a satisfação dos médicos in- ternos	pod	ser influenciada por vários fatores previamente ident
13 T12.pdf	psicossociais (sobretudo alterações da linguagem).	podendo	ser a única manifestação clínica da SK. Desta forma,
14 T1.pdf	ística. Desta forma, os estudantes que responderam	poderiam	ser aqueles que mais conheci- mento e interesse tinh

Search Query ☒ Words ☐ Case ☐ Regex Results Set All hits Context Size 10 token(s)

Sort Options Sort to right Sort 1 1R Sort 2 2R Sort 3 3R Order by freq

Figura 3: Ocorrências de *pod** no corpus português.

Após a identificação dos marcadores, estes foram anotados manualmente com vista à sua atribuição a uma das quatro categorias analisadas. Posteriormente passou-se à análise quantitativa e qualitativa dos itens identificados para cada

categoria, de acordo com o que havia sido estabelecido anteriormente (cf. Fig. 1 Matriz de análise).

5. Análise do corpus

Neste capítulo, proceder-se-á à análise do corpus, de acordo com as quatro categorias propostas. Para cada uma das categorias serão apresentados exemplos dos corpora representativos, de forma a ilustrar as características inerentes a cada língua, o que permitirá a posterior comparação.

Categoria 1 – *Hedges*

Esta categoria é constituída por três subcategorias: (1) verbos modais e verbos auxiliares, (2) verbos epistêmicos, (3) adjetivos, substantivos e advérbios que exprimem probabilidade e possibilidade.

Categoria 1.1 – Verbos modais e auxiliares nos diversos modos e tempos

Nesta subcategoria são identificados e analisados os diversos verbos auxiliares e modais com modalidade epistêmica. Nas figuras 4 e 5 encontram-se, respetivamente, as ocorrências no corpus alemão – referentes aos verbos *können*, *werden* e *sein* – e no corpus português, respeitantes aos verbos *poder* e *ser*.

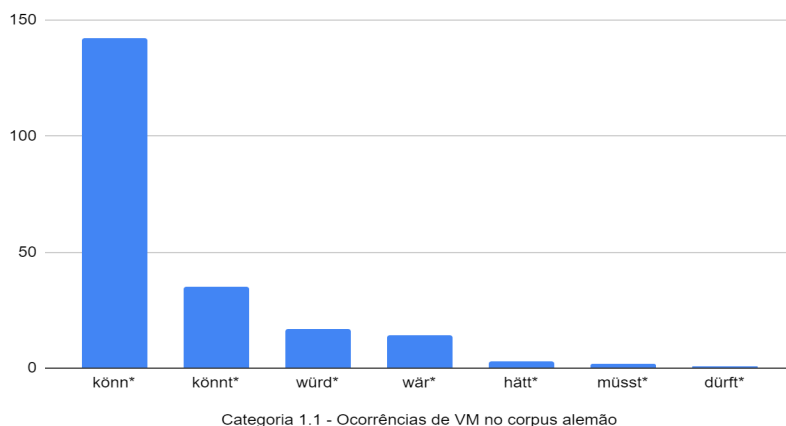


Figura 4: Ocorrências de verbos modais e auxiliares no corpus alemão.

Relativamente à língua alemã, constata-se a predominância do verbo modal *können*, na modalidade epistémica, no presente do indicativo (142), seguido pelo emprego do mesmo verbo no conjuntivo do passado (35). Com menor número de ocorrências encontram-se, por ordem decrescente, mais destacadas, as formas verbais *würd** (17) e *wär** (14), seguidas de *hätt** (3), *müsst** (2) e *dürft** (1), todas no conjuntivo do passado. É de sublinhar, que o emprego predominante do presente do indicativo está relacionado com um valor de forte probabilidade, enquanto o conjuntivo reduz essa probabilidade.

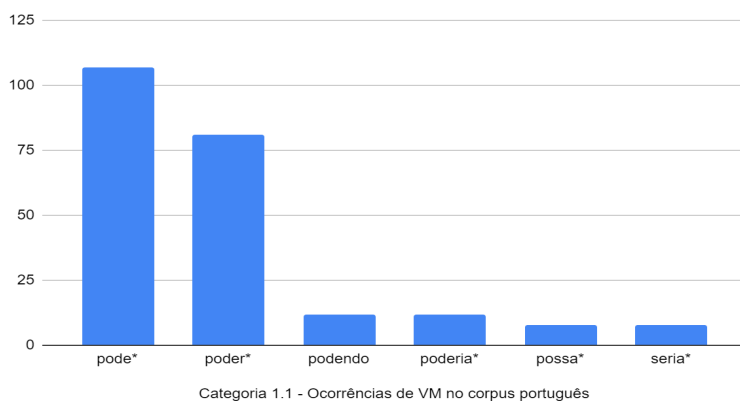


Figura 5: Ocorrências de verbos modais e auxiliares no corpus português.

No que respeita ao emprego dos verbos modais em português (Fig. 5), verifica-se que o verbo *poder*, na sua vertente epistémica, é predominante no corpus analisado. Constata-se que o recurso a este verbo modal é feito sobretudo no modo indicativo *pode** (107), mas também no futuro – *poder** (81). Com menor número de ocorrências surgem as restantes formas no gerúndio: *podendo* (12), no condicional: *poderia** (12); no presente do conjuntivo: *possa** (8), condicional: *seria** (8).

De seguida, serão apresentados alguns exemplos do corpus que ilustram o emprego epistémico dos verbos auxiliares e modais em alemão. Como se pode constatar, o grau de probabilidade epistémica pode sofrer oscilações, dependendo das formas verbais utilizadas.

No exemplo (1), o verbo *können* exprime uma possibilidade simples de ação através da forma do indicativo.

- (1) Diese Temperaturen führen zu einer geringen thermischen Belastung des Innenohrs, die bei empfindlicher Wahrnehmung in Einzelfällen Schwindel auslösen **kann**. [T8]

Este mesmo verbo modal é também usado no conjuntivo do passado (exemplo 2), através do qual o grau de probabilidade é mais reduzido, abrindo-se assim uma possibilidade de dúvida.

(2) Möglicherweise ist dies als Ausdruck einer chronischen Veränderung des Temporallappens bei Patient*innen mit TEA zu werten und **könnte** bei der Differenzierung zwischen TEA und TGA hilfreich sein. [T10]

No exemplo (3) o verbo modal encontra-se combinado com uma construção passiva, o que contribui para uma atitude de reserva, isto é, de menor grau de compromisso do autor relativamente à asserção.

(3) Aufgrund der klinischen Merkmale **könnte** die HPP fälschlicherweise mit Osteoporose oder anderen Knochenkrankungen verwechselt werden. [T9]

As ocorrências dos auxiliares *werden* e *sein* no conjuntivo do passado (exemplos 4 e 5) atenuam igualmente a asserção do autor, sendo menos representados no corpus.

(4) Ziel dieser Studie war es, die aktuelle Realität in Bezug auf Planung und Durchführung pastellastabilisierender Operationen zu evaluieren und festzustellen, ob automatisierte Analysemöglichkeiten die Planung und Durchführung operativer Prozeduren erleichtern **würden**. [T7]

(5) Zur Verbesserung der Belüftung des Mittelohrs bei akuter Rhinosinusitis – und somit zur Prävention einer akuten Otitis media als Komplikation – sowie zur Verhinderung eines komplizierten Verlaufs einer Sinusitis **wäre** die temporäre Anwendung von topischen Dekongestiva eine leicht durchführbare Therapieoption. [T13]

No corpus português foram identificadas ocorrências dos verbos *poder* e *ser* com diferentes valores epistémicos de possibilidade ou probabilidade, como veremos mais adiante. Tal como no corpus alemão, também em português se observa a preponderância do verbo modal *poder* no presente do indicativo (*pode**) (exemplo 6).

(6) Adicionalmente, os sistemas de MCG possuem alarmes para descidas de glicemia, o que **pode** contribuir para diminuir os eventos de hipoglicemia. [T8]

Contudo, ao contrário do corpus alemão, identificam-se ocorrências do verbo *poder* em vários tempos e modos verbais: no futuro do indicativo (*poderá**),

no gerúndio (*podendo*), no condicional (*poderia**) e no presente de conjuntivo (*possa**). Todas estas formas verbais se encontram inseridas num continuum de possibilidade ou probabilidade. Ao longo deste continuum, podemos identificar ocorrências de gerúndio (exemplo 7), e de futuro do indicativo (exemplo 8).

(7) Tem como etiologia a obstrução da base do apêndice vermiforme com inflamação subsequente, **podendo** evoluir para fleimão, gangrena e posteriormente perfuração e peritonite. [T18]

(8) Este tratamento **poderá** ter um efeito positivo no aumento do comprimento e circunferência (...). [T12]

Relativamente ao futuro, constata-se com base em Oliveira (2013) que o futuro “pode ter um valor modal epistémico, no qual se veicula incerteza ou não comprometimento do falante relativamente ao valor de verdade da frase” (p. 526).

Identificámos igualmente formas do verbo *poder* no presente de conjuntivo. No exemplo 9, a forma verbal encontra-se acompanhada do substantivo *hipótese*, que implica menor probabilidade.

(9) Este resultado levanta a hipótese de que a diminuição das barreiras à prática de exercício físico **possa** conduzir a um melhor controlo metabólico. [T8]

Por último, denotando um grau de menor certeza ou comprometimento do autor, identificam-se ocorrências dos verbos *poder* (exemplo 10) e *ser* (exemplo 11) no condicional.

(10) Para além disso, há poucos dados relativos aos valores da HbA1c, o que **poderia** contribuir para uma melhor avaliação da evolução do controlo glicémico. [T9]

(11) Por este motivo, **seria** mais fidedigno a avaliação da testosterona livre que, provavelmente, teria um valor normal ou baixo. [T12]

Categoria 1.2 – Verbos epistémicos

Tal como seria expectável encontram-se, em ambos os corpora, verbos epistémicos característicos do género textual artigo científico, tais como *scheinen* ou *vermuten*, no corpus alemão, e *parecer* e *sugerir*, no corpus português. Estes verbos apoiam o autor na expressão de menor certeza perante a divulgação de resultados científicos. No corpus alemão, identifica-se o verbo epistémico

scheinen (18) enquanto verbo mais frequente, seguido de *erscheinen* (7), *annehmen* (7), *vermuten* (6), *hinweisen* (5) e *hindeuten* (3) (ver Figura 6). A título de exemplo, referem-se dois segmentos (exemplos 12 e 13) representativos da modalidade epistêmica, retirados do corpus alemão.

(12) Die HPP **scheint** eine unterdiagnostizierte Erkrankung mit einem höheren Anteil betroffener Patienten (...) zu sein. [T16]

(13) Mehrere Studien **vermuten** einen negativen Zusammenhang mit der Quantität des Stammzellgrafts (...). [T1]

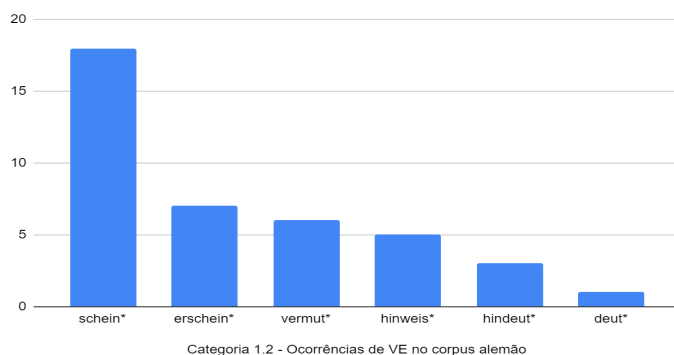


Figura 6: Ocorrências de verbos epistêmicos no corpus alemão.

No corpus português, encontra-se em primeiro lugar, de forma destacada, o verbo *parecer* (65), seguido de *estimar* e *sugerir*, ambos com 17 ocorrências. Os verbos *apontar* e *tender* surgem, respetivamente com 10 e 8 exemplos (ver Figura 7).

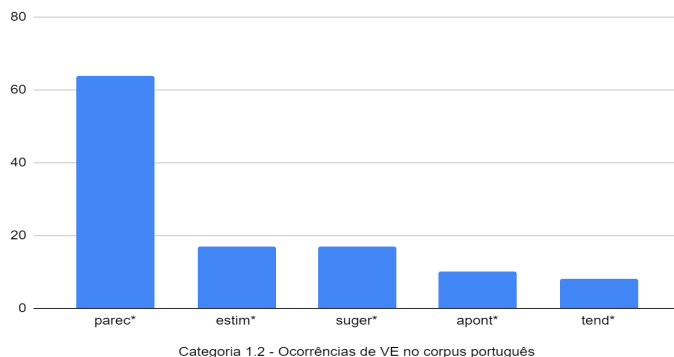


Figura 7: Ocorrências de verbos epistêmicos no corpus português.

Os exemplos seguintes (14, 15, 16) ilustram alguns dos verbos epistêmicos com representatividade no corpus.

(14) A adesão ao tratamento, a qualidade do controlo metabólico e o sexo **parecem** ser preditores mais importantes da qualidade de vida do que o tipo de tratamento instituído. [T11]

(15) A análise das curvas ROC **sugere** que a presença de leucocitose é um bom marcador de A.A. [T18]

(16) Esta desigualdade **tende** a ser favorável aos indivíduos com estatuto socioeconómico mais elevado. [T6]

Tal como iremos ver mais adiante, em ambos os corpora, o grau da modalidade epistémica evidenciada pelos verbos desta categoria é, pontualmente, reforçado através de outros atenuadores como advérbios ou partículas.

Categoria 1.3 – Substantivos, adjetivos e advérbios que exprimem probabilidade e possibilidade

A análise do corpus alemão revelou, nesta categoria, o seguinte panorama relativamente à distribuição das ocorrências para cada uma das classes de palavra (Figura 8): adjetivos (67), advérbios (44) e substantivos (40). É de sublinhar que a primeira forma, *möglich*, ocorreu maioritariamente como adjetivo (42), mas também como advérbio (9). O mesmo acontece com *wahrscheinlich*, que apresenta três ocorrências enquanto advérbio e uma enquanto adjetivo.

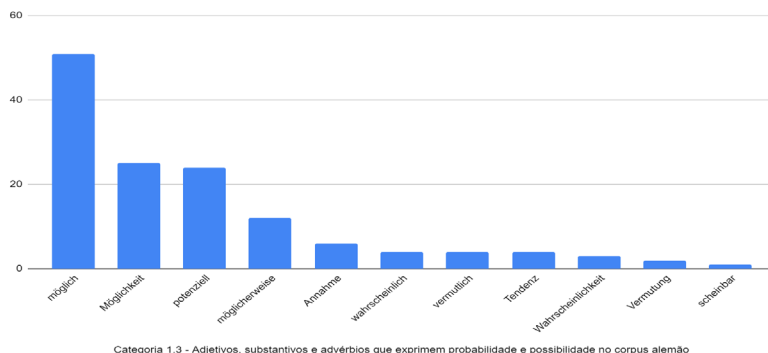


Figura 8: Ocorrências de substantivos, adjetivos e advérbios no corpus alemão.

Relativamente ao grupo dos adjetivos, maioritariamente representado no corpus alemão, seleccionámos dois segmentos ilustrativos (exemplos 17 e 18).

(17) Im klinischen Kontext ist neben einer veränderten Aktivität und Effektivität der CAR-T-Zell-Therapie vor allem ein **möglicher** Einfluss auf die inflammationsassoziierten Nebenwirkungen bedeutsam. [T1]

(18) Gruppenspezifische Bewertung **potenzieller** Befundungselemente bei MRT-Untersuchungen von Patienten mit hirneigenen Tumoren. [T12]

De entre os advérbios extraídos do corpus, destaca-se o advérbio *möglicherweise* como o mais produtivo. No exemplo 19, verifica-se um reforço na expressão da modalidade através de presença do verbo modal *können* no conjuntivo e do emprego da voz passiva.

(19) ...daher könnte die Prävalenz **möglicherweise** unterschätzt worden sein. [T16]

Por último, no exemplo 20, ilustra-se um item da classe dos substantivos de carácter epistémico.

(20) Die in der Literatur beschriebenen Zusammenhänge aus belastenden Tätigkeiten der oberen Extremität und die epidemiologische Verteilung der vorliegenden Studie zu RM-Läsionen in den Berufszweigen führt zu der **Vermutung** einer Häufung der schulterbelastenden Tätigkeiten insbesondere im Berufszweig Bau, Architektur, Vermessung und Gebäudetechnik sowie Verkehr, Logistik, Schutz und Sicherheit. [T20]

Do ponto de vista semântico, observa-se uma concentração em algumas famílias de palavras, por exemplo, a ocorrência do adjetivo *möglich*, do advérbio *möglicherweise* e do substantivo *Möglichkeit*.

No corpus português (ver Figura 9), a classe de palavras de natureza epistémica mais representada é a dos advérbios (com 29 ocorrências), seguida de substantivos (17) e de adjetivos (13).

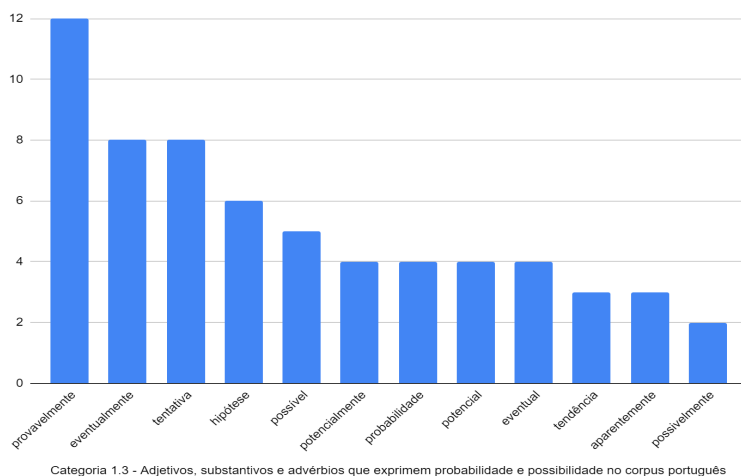


Figura 9: Ocorrências de substantivos, adjetivos e advérbios no corpus português.

De entre a primeira categoria, destacam-se os advérbios *provavelmente* (exemplo 21) e *eventualmente*, com, respetivamente, 12 e 8 ocorrências. Os substantivos encontram-se representados através dos itens *tentativa* (8) (exemplo 22), *hipótese* (6) e *tendência* (3). Por último, são de referir os adjetivos *possível* (5) (exemplo 23), *potencial* (4) e *eventual* (4).

(21) ... é consensual que a sua incidência tem vindo a aumentar ao longo dos anos, sendo as causas **provavelmente** multifatoriais e não completamente conhecidas. [T8]

(22) Na **tentativa** de determinar eventuais fatores associados à melhoria do metabolismo da glicose após cura do VHC, analisámos a variação do valor de glicose em jejum antes e após o tratamento antivírico. [T9]

(23) Uma **possível** explicação para este resultado poderá prender-se com o facto de o ferro não ter importância apenas ao nível da hematopoiese [T14]

Categoria 2 – Aproximadores

Esta categoria, correspondente a *approximators* no modelo de Salager-Meyer (1994, 1995), diz respeito a advérbios e locuções de aproximação referentes a grau, frequência, quantidade e tempo. No corpus alemão encontram-se formas

como *etwa* (15), *einige** (14), *(nicht) selten* (12), *fast* (10), *teilweise* (10), *relativ* (7), *oft* (2), *gewisser Teil* (1), que ilustramos na Figura 10.

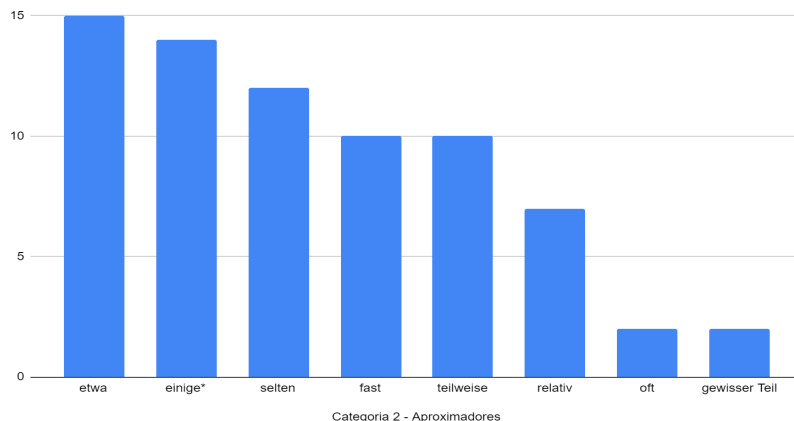


Figura 10: Ocorrências de aproximadores no corpus alemão.

Os exemplos 24 a 27 ilustram ocorrências de alguns dos aproximadores temporais (exemplo 24), quantidade (exemplo 25), grau (exemplo 26) e frequência (exemplo 27) do corpus alemão:

(24) ...treten im höheren Erwachsenenalter auf und werden erst nach **etwa** 2 Jahren korrekt als epileptisches Phänomen diagnostiziert. [T9]

(25) Es existieren **einige** Studien mit der Frage, wann nach einer RM-Läsion oder deren operativen Versorgung eine Rückkehr an den Arbeitsplatz möglich ist. [T20]

(26) Letztere könnte **teilweise** die individuelle Heterogenität sowohl im Ansprechen auf Statine als auch in der Entwicklung von Nebenwirkungen erklären. [T5]

(27) In der Knieendoprothetik besteht zumindest die Femurkomponente **fast immer** aus einer Kobalt-Chrom-Molybdän-Legierung mit sehr geringen Anteilen von Nickel. [T14]

Relativamente ao corpus português, é possível observar na Figura 11 as formas de aproximadores mais representadas no corpus português: *algu** (26), *sobretudo* (13), *cerca de* (5), *cada vez mais* (4), *nem sempre* (3), *em parte* (3) e *certo** (2).

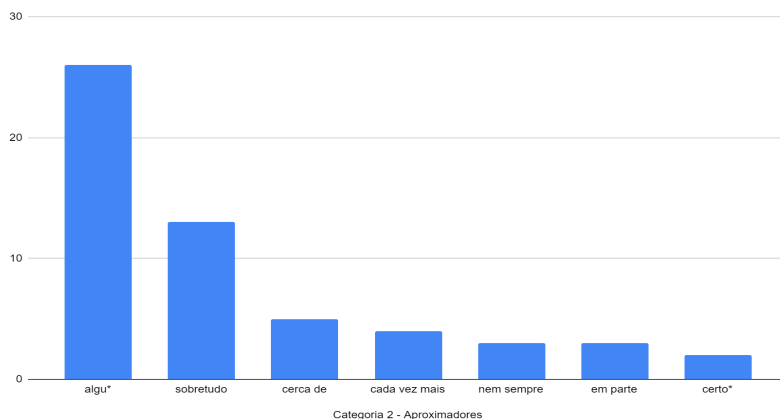


Figura 11: Ocorrências de aproximadores no corpus português.

Os segmentos 28 a 31 exemplificam ocorrências encontradas no corpus português e referem-se a aproximadores de quantidade (exemplo 28), frequência (exemplo 29), grau (exemplo 30) e quantidade (exemplo 31).

(28) O recurso a exames imagiológicos como tomografia computadorizada e ecografia, permite aumentar a precisão diagnóstica de acordo com **alguns** estudos. [T18]

(29) O diagnóstico **nem sempre** é óbvio, podendo ser mimetizado por outras entidades clínicas como gastroenterite aguda, doenças inflamatórias intestinais (...). [T18]

(30) Temos também uma elevada percentagem de resultados benignos, que poderá **em parte** ser justificada pelo nível de referência. [T10]

(31) **Certos** grupos de doentes (sexo masculino, mais jovens e com menor duração de doença) praticam preferencialmente exercício anaeróbio. [T8]

Categoria 3 – Expressões de dúvida e envolvimento direto do autor

Nesta categoria encontram-se enunciados que restringem o caráter assertivo das afirmações dos autores, através da expressão de dúvida e de envolvimento direto dos mesmos. Uma vez que se trata de unidades multilexicais e sujeitas a variação, não se considerou adequado proceder a uma quantificação no âmbito deste estudo. Na tabela seguinte (Tabela 4) encontram-se segmentos exemplifi-

cativos do corpus alemão (exemplos 32 a 36), representativos desta categoria, e os respetivos equivalentes em português.

Exemplos do corpus alemão	Equivalente em português
(32) Nun stellt sich die Frage , wie schlimm eine Glukosetoleranzstörung und Hyperglykämie bei Patienten mit Statintherapie sind. [T5]	Aqui, coloca-se a questão [...]
(33) Auch die Empfehlung der Autoren, HMG zu messen, um den sog. Effekt der Statine zu erfassen, stellt uns vor die Frage , ob HMG enger mit dem modifizierten KV-Risiko zusammenhängt als das etablierte LDL-Cholesterol. [T5]	[...] coloca-nos perante a questão [...]
(34) Hierbei ist zu bedenken , dass sie aufgrund von möglicherweise schweren Symptomen bei einem anderen Behandlungsansatz auch den Hospitalisierten hätten zugerechnet werden können. [T1]	Neste contexto, é preciso ter em conta [...]
(35) zur generellen Prognose ist es schwierig , valide Daten zu finden [T13]	[...] é difícil encontrar [...]
(36) Dies ist unseres Wissens die erste Studie, die mittels eines qualitativen Ansatzes die Versorgungssituation von älteren Menschen mit Psoriasis vor und nach Eintritt in ein Pflegeheim untersucht. [T17]	[...] tanto quanto é do nosso conhecimento [...]

Tabela 3: Exemplos de expressões de dúvida e envolvimento direto do autor no corpus alemão.

No corpus português (exemplos 37a 41), esta categoria manifesta-se através de expressões como:

(37) A resistência à terapêutica antibacilar em 11% dos doentes é significativa, e justifica **de acordo com o nosso parecer** uma monitorização e vigilância apertadas, em consonância com outros estudos. [T10]

(38) **Tanto quanto é do nosso conhecimento**, o único estudo sobre recusa de transferência usa dados de 2007 (...). [T17]

(39) **Não se pode excluir** a existência de outros mecanismos que expliquem (...). [T9]

(40) Os resultados reportados neste estudo **são difíceis de comparar** no contexto (...). [T13]

(41) **Mais estudos são necessários** no futuro **para confirmar** estes resultados.
[T17]

Em alguns destes exemplos, observa-se o envolvimento explícito do autor através da primeira pessoa do plural, tanto em alemão como em português. Em geral, verificam-se oscilações nos diferentes graus de dúvida em relação ao facto enunciado, característicos do discurso científico.

Categoria 4 – Atenuadores em cadeia

Um grande número dos atenuadores identificados no corpus pode ser atribuído à categoria dos atenuadores em cadeia: “[...] phrases made up of several hedges” (Salager-Meyer, 1995 p. 133), também designados de “strings of hedges’ (i.e., the juxtaposition of several hedges)” (1994, p. 155) pela mesma autora. Estes atenuadores em cadeia reforçam a atenuação discursiva através da adição de atenuadores pertencentes a diversas categorias num segmento textual. Dada a existência da sobreposição de categorias, são dificilmente quantificáveis e classificáveis.

Seguidamente apresentamos alguns exemplos do corpus alemão, com duas ou mais formas num só segmento. O exemplo 42 é constituído pelo conjuntivo II (*könnt**), por um advérbio modal (*möglicherweise*) e por uma construção passiva. No exemplo (43), para além das formas identificadas em (42), destaca-se ainda a adição do verbo epistémico *bedenken*.

(42) Bei 9 von 28 Probanden – also einem Drittel – lag keine genetische Untersuchung vor, daher **könnte** die Prävalenz **möglicherweise unterschätzt worden sein**. [T16]

(43) Hierbei ist zu **bedenken**, dass sie aufgrund von **möglicherweise** schweren Symptomen bei einem anderen Behandlungsansatz auch den Hospitalisierten **hätten zugerechnet werden können**. [T1]

No corpus português registam-se, a título de exemplo, segmentos constituídos por uma diversidade de atenuadores: verbo epistémico (exemplo 44), adjetivos de probabilidade (exemplo 45), verbos modais (exemplos 44 e 45) e advérbio de probabilidade (exemplo 44).

(44) ... **suspeitando-se** que o crescente aumento do número de internos e recém-especialistas nos vários centros **possa** vir **eventualmente** a retirar currículo cirúrgico aos internos mais novos. [T2]

(45) O **eventual** aumento da carga assistencial **pode** ter contribuído para a **possível** redução na frequência de reuniões científicas. [T4]

Como se pode constatar pelos exemplos dados, para além da atenuação veiculada individualmente por cada forma, acresce o reforço resultante da combinação de vários marcadores em proximidade cotextual.

Conclusão

O objetivo deste estudo prendeu-se com a análise de atenuadores discursivos em artigos científicos da área da medicina, em alemão e em português, com base em corpora comparáveis. O estudo da medicina revela-se particularmente interessante pela sua própria natureza, dado que constitui uma ciência de forte cariz empírico, em que o conhecimento resulta da observação sistemática, sempre sujeita a atualizações e a novas realidades (surgimento de doenças e de novas terapias). O constante evoluir das circunstâncias faz com que o género textual artigo científico seja caracterizado pelo uso de marcadores de atenuação, sendo estes um meio para relativizar as asserções. Através das publicações científicas é constantemente divulgado conhecimento que carece de ratificação mediante outros estudos.

Deste modo, no âmbito deste estudo pudemos identificar os atenuadores enquanto fenómenos discursivos frequentes na linguagem médica, tanto em alemão como em português. A base desta investigação consistiu em corpora comparáveis e representativos nestas duas línguas. Numa primeira fase, procedeu-se à criação dos corpora, para a qual foram selecionados vinte artigos científicos da área da medicina em cada língua. Com o recurso à ferramenta de análise de corpora AntConc, procedeu-se à identificação e extração dos marcadores. Numa segunda fase, os marcadores foram atribuídos a uma das categorias propostas por Salager-Meyer (1994 e 1995), tendo-se procedido a um ajuste desta tipologia à realidade no par de línguas alemão-português. Num terceiro momento, realizou-se uma análise quantitativa, de modo a poder conhecer os atenuadores mais representativos nos corpora de cada língua, analisar os segmentos e apresentá-los em gráficos ilustrativos, de acordo com o número de ocorrências. Com base nos segmentos selecionados procedeu-se a uma análise mais detalhada das quatro categorias de atenuadores, a saber: 1. *Hedges*, 2. Aproximadores, 3. Expressões de dúvida e 4. Atenuadores em cadeia.

Nesta nossa classificação, procedemos a uma subdivisão da primeira categoria, destacando 1.1 Verbos modais e auxiliares, 1.2 Verbos epistêmicos e 1.3 Adjetivos, substantivos e advérbios que exprimem probabilidade e possibilidade.

Comparando agora, por categoria, os resultados obtidos em cada língua, pretendemos salientar os aspetos mais evidentes. Relativamente à primeira subcategoria (1.1), verifica-se que, tanto em alemão como em português, o verbo *können/poder* na modalidade epistémica é preponderante. Enquanto no corpus alemão o espectro é ocupado predominantemente pelo presente do indicativo, em português encontramos dois tempos – o presente e o futuro do indicativo – que ocorrem com uma predominância semelhante. Na categoria 1.2, os verbos epistêmicos *scheinen* e *parecer* destacaram-se em termos quantitativos em ambas as línguas, embora o corpus português tenha apresentado maior número de ocorrências. A categoria 1.3 revelou, no conjunto das três classes de palavras, uma maior presença no corpus alemão, destacando-se sobretudo a classe dos adjetivos, seguida dos advérbios e dos substantivos. No que toca ao corpus português, verifica-se uma menor frequência de ocorrências nas três classes de palavras analisadas, sendo a mais frequente a dos advérbios. Na categoria 2, aproximadores, verifica-se que, para o alemão, existe uma maior distribuição de advérbios e locuções de aproximação, enquanto, para o corpus português, se destacam as ocorrências de *algu** e *sobretudo*. Na categoria 3 observaram-se, em ambas as línguas, expressões de dúvida semelhantes em ambos os corpora, sendo estruturas características do género textual analisado. Por último, refere-se a categoria 4, atenuadores em cadeia, que reforçam a atenuação discursiva através de uma combinatória de várias categorias.

Em jeito de conclusão podemos salientar que este trabalho pretende contribuir para uma reflexão e sistematização das categorias de atenuadores no par de línguas alemão-português, cuja comparação carece ainda de estudos complementares. Particularmente interessante parece-nos ser a categoria dos atenuadores em cadeia dada a sua complexidade e difícil delimitação, pois encontra-se numa zona de transição entre os níveis (inter)frásico e textual.

Referências bibliográficas

- ALEGRE, T. e HERGET, K. (2012). Zu den Eigenschaften fachinterner Kommunikation am Beispiel der Textsorte medizinischer Fachartikel. *Estudios filológicos alemanes. Revista de investigación en Lingüística, Literatura y Cultura alemanas* 24, 107-120.

- BIBER, D. e CONRAD, S. (2009). *Register, genre and style*. Cambridge University Press.
- BRUCE, I. (2009). Results sections in sociology and organic chemistry articles: A genre analysis. *English for Specific Purposes*, 28, 105-124.
- BUSCH-LAUER, I. (2000). Titles in English and German research papers in medicine and linguistics. In A. Trosborg (ed.), *Analyzing Professional Genres*, (pp. 77-97). John Benjamins. doi: 10.1075/pbns.74.08bus.
- CABANES, P. A. (2007). A contrastive analysis of hedging in English and Spanish architecture project description. *RESLA*, 20, 139-158.
- CLEMEN, G. (1998). *Hecken in deutschen und englischen Texten der Wirtschaftskommunikation. Eine kontrastive Analyse*. [Dissertation], Universität Siegen.
- CROMPTON, P. (1997). Hedging in academic writing: some theoretical problems. *English for Specific Purposes* 16 (4), 271-287.
- DAVIS, R. H. (2015). *A genre analysis of medical research articles*. [Dissertation], University of Glasgow.
- FRASER, B. (2010). Pragmatic competence: The case of hedging. In G. Kaltenbock, W. Mihatsch e S. Schneider (eds.), *New approaches to hedging* (pp. 15-34). Emerald Group Publishing.
- GOTTI, M. e SALAGER-MEYER, F. (2016). Teaching medical discourse in higher education: An introduction. *CercleS*, 6(1), 1-13.
- HYLAND, K. (1996). Writing without conviction? Hedging in scientific research articles. *Applied Linguistics*, 17 (4), 433-454.
- HYLAND, K. (1998). *Hedging in Scientific Research Articles*. John Benjamins.
- LAKOFF, G. (1972). Hedges: A Study in Meaning Criteria and the Logic of Fuzzy Concepts. *Chicago Linguistic Society Papers*, 8, 183-228.
- MARTÍN, P. M. (2000/2001). Epistemic Modality in English and Spanish. Psychological Texts. *Revista para Fins Específicos*, n.º 7 e 8, 196-208. URL: <https://ojsspdclupgc.es/ojs/index.php/LFE/article/view/202/184>
- MENDILUCE CABRERA, G. e HERNÁNDEZ BARTOLOMÉ, A. I. (2005). La matización asertiva en el artículo biomédico: una propuesta de clasificación para los estudios contrastivos inglés-español. *Ibérica* 10, 63-90.
- OLIVEIRA, M. F. (2013). Tempo verbal. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura e A. Mendes. *Gramática do Português* (vol. I, pp. 509-556). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- OLIVER, S. (2004). La subjetividad en el discurso biomédico en español: tipología y funciones de la atenuación retórica (hedges). In M. T. Cabré e R. Estopà (ed.), *Objetividad científica y lenguaje* (pp. 89-111), Sèrie Activitats. IULA.

- POSTIGO, M. L. e JIMÉNEZ, F. S. (2006). Análisis del metadiscurso en textos especializados turísticos: los matizadores discursivos y la pronominalización en alemán y español. URL: www.uv.es/suau/pdf/labarta_suau_aled_2006.pdf
- SALAGER-MEYER, F. (1990). Discoursal flaws in medical English abstracts: A genre analysis per research- and text-type. *Text*, 10 (4), 365-384.
- SALAGER-MEYER, F. (1994). Hedges and Textual Communicative Function in Medical Written Discourse. *English for Specific Purposes*. URL: <http://www.saber.ula.ve/bitstream/123456789/27713/1/hedges.pdf>
- SALAGER-MEYER, F. (1995). I think that perhaps you should: A study of hedges in written scientific discourse', In T. Miller (ed.), *Functional approaches to written texts: Classroom applications* (vol. I., pp. 127-143.) English Language Programs: United States Information Agency.
- SWALES, J. e NAJJAR, H. (1987). The Writing of Research Article Introductions. *Written Communication*, 2(4), 175-191.
- SWALES, J. 1990. *Genre Analysis*. Cambridge University Press.
- THOMPSON, D. (1993). Arguing for experimental "facts" in science. A study of research article results section in biochemistry. *Written Communication*, 19(1), 106-128.
- VARTTALA, T. (1999). Remarks on the communicative functions of hedging in popular scientific and specialist research articles on medicine. *English for Specific Purposes*, 18(2), 177-200.
- ZANINA, E. (2016). Strategies hedging: A comparative study of methods, results and discussion (and conclusion) sections of research articles in English and Russian. *Journal of Language and Education*, 2(2), 52-60.

Programas informáticos

- ANTHONY, L. (2022). AntConc (Version 4.1.1) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University [<https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>].

TÍTULO: Análise de atenuadores discursivos em artigos científicos da área médica – um estudo contrastivo alemão-português

RESUMO: O recurso a atenuadores discursivos tem sido, nas últimas décadas, objeto de estudo em diversas línguas e em vários domínios de especialidade, dado que constitui parte integrante do discurso científico. No presente artigo ocupamo-nos da análise contrastiva de atenuadores discursivos em artigos científicos do domínio da medicina, em alemão e em português. Com este estudo, pretende-se contribuir para uma sistematização das categorias de atenuadores, que carecem ainda de reflexão neste par de línguas. Com base na categorização de *hedges* (atenuadores discursivos) criada por Salager-Meyer (1994, 1995) para a língua inglesa no âmbito deste género textual, apresentamos um modelo, a partir do qual foram identificadas e extraídas as ocorrências de atenuadores discursivos nos corpora em análise. O estudo contrastivo foi realizado com recurso a corpora comparáveis de vinte artigos científicos pertencentes a cada uma das respetivas línguas. A análise dos corpora foi apoiada pela ferramenta de concordâncias AntConc versão 4.1.1 (Anthony, 2022), através da qual foram identificados os atenuadores mais representativos dos textos selecionados, de acordo com as categorias previamente estabelecidas: (1) *Hedges*, (2) *Aproximadores*, (3) *Expressões de dúvida* e (4) *Atenuadores em cadeia*. Para cada uma destas categorias, os marcadores discursivos foram contrastados nas duas línguas, de modo a tirar conclusões sobre o uso da atenuação nos artigos médicos. A categoria dos atenuadores em cadeia revelou-se particularmente interessante para estudos futuros, dada a sua complexidade e difícil delimitação.

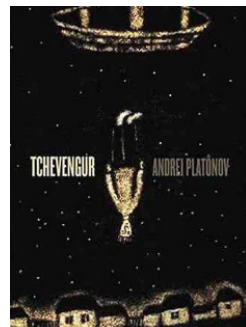
TITLE: The analysis of hedges in medical scientific articles – a contrastive German-Portuguese study

ABSTRACT: Hedges have been in the focus of research in Languages for Special Purposes (LSP) over the last decades, being an integral part of scientific discourse. In the present article, we address the contrastive analysis of hedges in German and Portuguese scientific articles in the medical field. The aim of this study is to contribute to a systematisation of the categories of hedges, which still constitute a research gap in this language pair. Based on the categorisation of hedges proposed by Salager-Meyer (1994, 1995) for medical articles in the English language, we present a framework, which was used to identify and extract the occurrences of hedges in both corpora. The contrastive study was carried out using comparable corpora of twenty scientific articles belonging to each of the respective languages. The corpora analysis was carried out with AntConc version 4.1.1 (Anthony, 2022), by means of which the most representative hedges were identified in the selected texts, according to the previously established categories: (1) *Hedges*, (2) *Approximators*, (3) *Expressions of doubt*, and (4) *Compound hedges*. For each of these categories, hedges were contrasted in both languages in order to draw conclusions about the use of attenuation in medical articles. The category of compound hedges proved particularly interesting for future studies, given its complexity and difficult delimitation.

■ Recensões / Textos de Apresentação

■ ■

Andrei Platônov, *Tchevengur*. Tradução de Maria Vragova e Graziela Schneider. Ilustrações de Svetlana Filippova. Texto de apresentação de Irineu Franco Perpetuo. Prefácio de Maria Vragova e posfácio de Francisco de Araújo. Belo Horizonte: Ars et Vita, 2021, 584 págs.



Um romance que desvenda a utopia soviética

“Tchevengur” procura recriar o mundo ideal que teria existido, se a revolução comunista de 1917 tivesse dado certo

I

O comunismo – talvez os nazifascistas bolsonaristas não saibam disso, já que ainda sonham *pegar em armas* para combatê-lo (risos) – é uma teoria louvável, que imagina um mundo ideal, semelhante ao celestial. Por isso mesmo, não é aplicável ao mundo dos vivos, idealizado talvez para uma geração extraterrestre, nunca para a espécie humana. Mais ideal ainda é o anarquismo, igualmente inaplicável, mas que, ao longo dos anos, atraiu muitas pessoas de bom coração, que imaginavam que seria aceitável sacrificar-se para garantir um futuro melhor para as gerações vindouras.

Quem visita a Rússia de hoje lamenta que o regime que se autointitulava comunista tenha deixado como herança apenas prédios velhos, com os encanamentos de fora, escadas rolantes do metrô que não funcionam, como se vê largamente em Moscou, ou trens de segunda classe que mais se assemelham aos que se veem em filmes sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), enquanto a beleza arquitetônica que se admira é aquela deixada pelos czares em São Petersburgo. Em Moscou, não são muitos os locais que merecem ser vistos: a Praça Vermelha, o Teatro Bolshoi e mais um ou outro edifício.

Este introito vem a propósito da leitura de *Tchevengur* (Belo Horizonte, editora Ars et Vita, 2021), romance de Andrei Platônov (1899-1951), escrito entre 1927 e 1929 e agora traduzido pela primeira vez para o português por Maria Vragova e Graziela Schneider, obra que discute dialeticamente a utopia soviética naquela década. Porque não agradava aos censores da época do stalinismo, o livro só foi completamente publicado em 1978, em inglês, com tradução de Anthony Olcott (1950-2018), mas apenas em 1988 é que os leitores da antiga União Soviética tiveram acesso à obra, por meio da publicação do romance na revista literária *A Amizade dos Povos*, a um tempo em que o regime soviético já agonizava.

Ou seja, até o final da vida, Platônov não teve a ventura de ver o seu volumoso trabalho publicado, embora, em 1928, tenham saído à luz dois fragmentos da primeira parte do romance. Em 1929, esses textos seriam também publicados como novela sob o título *A origem de um mestre*, embora tenham sofrido alterações exigidas pela censura, especialmente trechos que faziam alusões à sexualidade, e outras feitas pelo autor, como se lê no prefácio escrito por Maria Vragova, uma das tradutoras do texto para o português.

É de se lembrar que este romance é da mesma época de *Coração de cachorro*, de Mikhail Bulgakov (1891-1940), que, escrito em 1925, só seria publicado em 1987, depois de estar apreendido por décadas, e que igualmente constitui uma sátira à chamada “ditadura do proletariado”. No Brasil, faz parte da coletânea *Coração de cachorro e outras novelas* (São Paulo, Editora Edusp, 2010), com tradução de Homero Freitas de Andrade. Em Portugal, saiu em 2014, com o título *Coração de cão* (Lisboa, editora Aletheia), com tradução de Silvia Valentina. O mesmo livro, com o título *Coração de cachorro*, saiu em 2019 em formato *e-book*, com tradução de Alex Zuchi.

II

O livro de Platônov conta a história de Aleksandr Dvánov, filho de um suicida, e Stepán Kopienkin, acompanhado por seu rocambo Força Proletária, que seguem pela estepe russa em busca do éden comunista e acabam em uma cidadezinha alucinante, Tchevengur, que dá título ao livro. Naquele lugarejo, seres humanos belos e possesores imaginam o inconcebível paraíso comunista, que nunca existiu na Terra, mas apenas na cabeça dos mais ingênuos, enquanto os mais hábeis e de moral mais elástica brigavam entre si pelos melhores cargos

no Partido Comunista e nas empresas estatais, repetindo as iniquidades tão comuns no mundo capitalista.

Intitulado, a princípio, *Construtores da primavera*, este espesso romance procura construir, de forma quixotesca, a vida que poderia ter sido – e que não foi, para se repetir aqui um trecho de um poema de Manuel Bandeira (1886-1968). Por isso, muitas vezes beira o absurdo ao expressar as ideias “ultrarrevolucionárias” das personagens cujas contradições são expostas na própria língua, ou nas várias línguas que povoam a paisagem platonoviana. Como se lê no romance, no vilarejo de Tchevengur, o verdadeiro comunismo é implantado, já que lá ninguém teria trabalho ou ocupações, pois “o sol, que tinha sido declarado proletário universal, trabalhava por todos e por cada um”.

Como observa a tradutora Maria Vragova, “considerar *Tchevengur* um romance comunista ou anticomunista seria reduzir o pensamento platonoviano: ele não dá respostas, mas, sobretudo, questiona a natureza, o significado e o futuro do projeto revolucionário”. Na verdade, os verdadeiros ideais revolucionários sempre estiveram com Platônov e os velhos bolcheviques que nunca concordaram com a doutrina e a prática política adotada pelo Partido Comunista que só levavam em conta os interesses e os privilégios da *troika* e dos burocratas. Basta notar que dos líderes da revolução de 1917, apenas três morreram de morte natural – Lenin (1870-1924), Josef Stalin (1878-1953) e Yankel Sverdlov (1885-1919) –, enquanto os demais foram assassinados.

Por isso, os personagens deste romance parecem mais messiânicos do que revolucionários, pois imaginam a criação de um mundo ideal, tal como aquele que algumas igrejas cristãs sugerem que há de vir depois do retorno de Cristo, mas que estaria reservado apenas aos que se mantiverem fiéis à doutrina até o último dia de sua vida. Já esse comunismo messiânico sugeriria a criação do paraíso na terra, ideia que coincidia com o chamado quiliasmo, doutrina do reino milenar que era seguida por muitos camponeses ao final do século XIX e início do século XX na Rússia e que afirma que os predestinados ficariam ainda na Terra durante mil anos após o julgamento final, no gozo de todos os prazeres.

No vilarejo de Tchevengur, até mesmo o trabalho seria abolido, já que fomentava a origem da propriedade, que, por sua vez, causava a opressão de um cidadão sobre outros. E no comunismo lá adotado até mesmo a família deixaria de existir, pois o casamento entre homem e mulher seria abolido, ideia que era defendida por um dos primeiros profetas sectários da Rússia, Daníla Filippovitch, em meados do século XVII, como observa Maria Vragova.

Munido de uma linguagem paródica-poética e ao mesmo tempo devastadora, o autor construiu um mundo mítico, que não caberia nos moldes que

hoje conhecemos e que tampouco são aceitáveis por quem pensa um pouco além, pois só têm estimulado guerras e morticínios que podem até levar a espécie humana ao desaparecimento. Seja como for, Platônov acabou por escrever um romance único que ocupa uma posição de destaque não só na literatura russa como na universal. E que, de certo modo, antecipa o drama que se vive hoje na Ucrânia, onde, por culpa de ambos os lados em conflito, muitas vidas inocentes têm sido ceifadas e a cultura histórica destruída.

III

No prefácio, a tradutora Maria Vragova faz um resumo da biografia de Platônov, lembrando que o autor nasceu nos arredores de Voronezh, no centro da Rússia europeia, cidade fundada em 1586 no reinado do czar Teodoro (1557-1598). Era filho de um mecânico ferroviário e de uma mulher profundamente religiosa, que teria transmitido ao filho uma concepção cristã do mundo. Platônov começou a trabalhar aos 14 anos, como entregador, fundidor em uma fábrica de tubos e ajudante de maquinista e, depois da revolução de 1917, ingressou no departamento eletrotécnico da politécnica ferroviária. Esse universo ferroviário revolucionário teria grande influência em sua obra literária.

Entusiasmado com os novos rumos, Platônov chegou a participar da União Comunista de Jornalistas e passou a publicar artigos, contos e poemas em jornais e revistas de Voronezh. Em 1920, representou aquela entidade no Congresso de Escritores Proletários, em Moscou. Por pouco tempo, fez parte do Partido Comunista, mas as suas ideias libertárias não encontravam eco entre aqueles que se acomodavam à ditadura leninista, à época da Nova Política Econômica, o que resultou em sua expulsão em 1921, pois foi considerado “elemento instável e inconstante”. Como observa Maria Vragova, neste mesmo ano, ele publicou *Eletrificação* e, em 1922, o seu primeiro livro de poemas *A profundezas azul*.

A partir de então, passou a dedicar-se quase integralmente à engenharia. Em 1927, transferiu-se para Moscou, onde, naquele mesmo ano, escreveu as novelas *O cidadão estatal* e *Makar, o duvidoso*, que não passariam pelo crivo da censura stalinista. Aliás, o próprio ditador Stalin teria lido os originais e desaprovado o que já havia sido visto pelos críticos oficiais como ambiguidade ideológica e anarquismo do autor. O escritor Maksim Gorki (1868-1936), dramaturgo, poeta e fundador da literatura do realismo socialista, teria até reconhecido os méritos de Platônov, mas concluído o que o seu espírito

anárquico o prejudicava e tornava os seus escritos absolutamente inaceitáveis pelos critérios da censura stalinista.

Ainda ao final daquela década, o romancista iria conhecer várias propriedades agrícolas estatais, recolhendo material para escrever a novela *A escavação*, concluída em 1930. No ano seguinte, publicaria a novela *De reserva*, que seria vista como uma calúnia contra o “novo homem” que a sociedade comunista procurava criar e um ataque ao Partido Comunista.

Isolado, Platônov teve de fazer uma autocrítica em carta encaminhada aos jornais oficiais. Apesar disso, não deixou de escrever, tendo trabalhado em *Quatorze isbás vermelhas*, tragédia popular que narra a fome na província russa, e na novela *O mar juvenil*, inspirada nas viagens que fizera por propriedades agrícolas coletivas mantidas pelo Estado. A propósito, *isbás* é o nome que se dá na Rússia a habitações camponesas típicas. Mais tarde, em 1934, Platônov publicou *O rio Potudán*, numa época que coincide com o grande terror que culminou com a execução de mais de 700 mil pessoas que seriam consideradas “inimigos do povo”. Por pouco, Platônov teria escapado da repressão.

Plotônov ainda escreveu os livros *As reflexões de um leitor* e *Nikolai Ostróvski*, que não seriam publicados e seus originais destruídos pelos censores do Partido Comunista. Depois disso, o autor limitou-se a escrever livros infantis. Durante a Segunda Guerra Mundial, atuou no *front* como correspondente do jornal *A Estrela Vermelha*, período em que escreveu quatro livros de prosa militar. Produziu outros livros de contos que foram repudiados pela censura, acusado de caluniar o soldado-herói russo. Tuberculoso, morreu sem ver suas principais obras publicadas.

IV

A tradutora Maria Vragova, diretora da editora Ars et Vita, especialista em literatura russa, tem-se destacado também como produtora cultural em numerosos projetos culturais e artísticos nas mais diversas linguagens: exposições de artes visuais, mostras de cinema, espetáculos de artes cênicas e projetos editoriais. Em 2007, foi responsável pela organização dos eventos dedicados ao aniversário da Catedral Ortodoxa de São Pedro e São Paulo, em Karlovy Vary, na República Checa.

Em 2007, organizou a primeira retrospectiva do arquiteto Oscar Niemeyer (1907-2012), no Museu de Arquitetura de Moscou, na ocasião do seu centenário

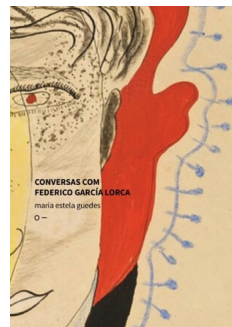
de nascimento, e, em 2008, no mesmo local, a exposição do arquiteto português Álvaro Siza Vieira. Convidada por Serguey Gordeev, senador da região de Perm, na Rússia, colaborou em um projeto de urbanização de Perm e na criação de um novo plano diretor para a cidade, em parceria com a cidade de Curitiba e com o ex-prefeito Jaime Lerner (1937-2021).

Em 2009, participou da organização do *Progetto Argerich*, em Lugano, na Suíça, com 35 artistas de vários países do mundo. Realizou a produção da exposição *Antanas Sutkus: um olhar livre*, que percorreu 16 cidades brasileiras; da exposição *Vladimir Lagrange: Assim Vivíamos*, da exposição *A União Soviética Através da Câmera* e da *Mostra de Cinema Russo Contemporâneo*, entre outras. É responsável pela coordenação do Festival Internacional de Artes de Tiradentes-MG.

*Adeldo Gonçalves**

* Adeldo Gonçalves, jornalista, mestre em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana e doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), é autor de *Gonzaga, um poeta do Iluminismo* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999), *Barcelona brasileira* (Lisboa, Nova Arrancada, 1999; Publisher Brasil, 2002), *Bocage – o perfil perdido* (Lisboa, Editorial Caminho, 2003; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo – Imesp, 2021), *Tomás Antônio Gonzaga* (Imesp/Academia Brasileira de Letras, 2012), *Direito e Justiça em terras d'el-rei na São Paulo Colonial* (Imesp, 2015), *Os vira-latas da madrugada* (José Olympio Editora, 1981; Letra Selvagem, 2015) e *O reino, a colônia e o poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo 1788-1797* (Imesp, 2019), entre outros. E-mail: marilizadelto@uol.com.br.

Maria Estela Guedes, *Conversas com Federico García Lorca*. São Paulo: Editora Urutau, 2022, 110 págs.



Maria Estela Guedes: ode a García Lorca

Obra reconstitui trajetória do vate espanhol em périplo poético que soa como uma conversa íntima com o espírito do poeta

I

Uma ode formada por versos inspirados na vida e na obra do poeta espanhol Federico García Lorca (1898-1936) é o que o leitor irá encontrar no livro mais recente da dramaturga, poeta e ensaísta portuguesa Maria Estela Guedes, que acaba de sair pela Editora Urutau, estabelecida no Barreiro, em Setúbal, do lado de lá do rio Tejo, em Portugal, e em Cotia, no Estado de São Paulo, no Brasil. Com capa que reproduz desenho do próprio poeta, a obra *Conversas com Federico García Lorca* traz 107 poemas que procuram reconstituir a breve e fulgurante trajetória do vate que seria interrompida com o seu fuzilamento por hordas direitistas comandadas pelo general Francisco Franco (1892-1975).

Lenda em vida, e ainda longe da idade madura, Lorca já era à época um ícone daquela que, mais tarde, viria a ser definida como a geração de 27, que incluía, entre outros, Pedro Salinas (1891-1951), Jorge Guillén (1893-1984), Rafael Alberti (1902-1999), Vicente Aleixandre (1898-1984) e Luis Cernuda (1902-1963), ainda que não constituísse um grupo movido por qualquer motivação histórica ou influxo literário ou mesmo por um líder.

Como se sabe, toda a obra de Lorca, que inclui *Romanceiro Gitano* e *Bodas de Sangue*, *Pranto por Ignacio Sánchez Mejías* e *Seis Poemas Galegos*, entre outros textos poéticos, está profundamente enraizada na cultura popular espanhola. Nascido em Fuente Vaqueros, província de Granada, na região da Andaluzia, ao Sul da Espanha, ainda bem jovem, desde logo se mostrou contra aquelas ideias que defendiam a opressão promovida pelas classes privilegiadas.

Esteticamente, sempre se mostrou moderno, a partir de sua estada no centro cultural *Residencia de Estudiantes*, em Madrid, em 1919, quando compartiu sua amizade com o poeta Juan Ramón Jiménez (1881-1957), que viria a se destacar na oposição ao regime franquista e ganharia em 1956 o Prêmio Nobel de Literatura. Às expensas do pai, grande proprietário rural de ideias liberais, viveria por uma década em Madrid, sem deixar a *Residencia de Estudiantes*, onde se destacou também por seus dotes de orador.

A esse tempo, teria deixado de lado certa eloquência sentimental e piegas, adotando um estilo eivado por metáforas ultraístas, provavelmente influenciado também pelo pintor Salvador Dalí (1904-1989), outro frequentador daquela hospedaria de estudantes. Como se sabe, o ultraísmo constituía uma vanguarda poética que procurava sintetizar todas as tendências da vanguarda mundial com o mesmo desejo de ruptura e de impacto.

II

Em 1928, publicou *Romanceiro Gitano*, seu trabalho de maior sucesso. Nos anos seguintes, passaria a ser conhecido como renovador do drama com a publicação de *Mariana Pineda* (1928), *Bodas de Sangue* (1933), *Yerma* (1934) e *A Casa de Bernarda Alba* (1933-1936). Inquieto, em 1929, viajou para Nova York, seduzido pela leitura das obras dos poetas norte-americanos Walt Whitman (1819-1892) e T. S. Eliot (1888-1965). Lá, permaneceu na Universidade de Columbia, de 1929 a 1930, época em que escreveu poemas surrealistas, que seriam reunidos em *Poeta em Nova York* (1940). Em abril de 1931, retornou a Espanha, entusiasmado com a Segunda República Espanhola, quando criou o movimento teatral *La Barraca*.

A essa época, fez uma travessia pelo Atlântico, com três escalas no Brasil: as duas primeiras aconteceram em outubro de 1933 a bordo do navio *Conte Grande*, que o levaria a Montevidéu e aportou a 9 daquele mês no Rio de Janeiro e, dois dias depois, em Santos, onde, tomando água de coco e comendo abacates,

perdeu o navio que seguiria para Buenos Aires, depois de passar um dia inteiro na companhia do jornalista Francisco de Azevedo, o *Azevedinho*, à época repórter do jornal local *O Diário*.

No Rio de Janeiro, Lorca fora recebido por Alfonso Reyes (1889-1959), poeta norte-americano que foi o embaixador do México no Brasil de 1930 a 1935. Segundo o biógrafo Ian Gibson, Reyes acompanhou-o em uma turnê pela cidade. A derradeira e fugaz estadia de Lorca no Brasil teve lugar em 30 de março de 1934 no Rio de Janeiro, durante a parada do *Conte Biancamano*, que zarpou de Buenos Aires e o levaria de volta a Barcelona. Acusado de homossexual e odiado por seu entusiasmo pela república, seria fuzilado a 19 de agosto de 1936 e seu corpo enterrado numa fossa comum, que até hoje não teria sido localizada.

III

Essa vida breve, mas intensa, está perpassada em cada poema e até em cada verso que Maria Estela Guedes reuniu neste livro, que começou em Nova York com seis peças poéticas que foram publicadas no caderno *Risco da Terra* (Lisboa, Apenas Livros, 2011), enquanto os demais, escritos e reescritos em Portugal, Pontevedra, Madrid e Granada, são inéditos, como se lê em nota aposta à abertura da obra. São composições poéticas líricas de enredo elevado que mais se assemelham a conversações com o possível espírito do poeta que ainda estaria vagando pelo planeta, como se pode constatar em “Café Moderno”:

[...] E eu sinto o teu cheiro, Federico. / Usavas perfume discreto / Fumavas cigarrilha elegante / Os sapatos sempre engraxados / Luzindo como a caneta de tinta permanente. [...] Mas foi aqui / Na Praça de San Xosé / Ainda não tinha sido postada / Ao centro / A tertúlia em bronze dos / Intelectuais e artistas do teu orbe / Foi aqui, no Café Moderno, aberto / Em Pontevedra em 1903 / Que redigiste algum do teu moderno / “Poeta en Nueva York”.

Já no poema “Senti”, em que se percebe a ondulação assimétrica peculiar ao ritmo, a poeta procura reconstituir o que podem ter sido os últimos dias de García Lorca, ao se referir à visita que fez ao Hotel Reina Cristina, em Granada, antiga casa da família Rosales, seus amigos. Na lateral daquele prédio, o poeta teria sido detido e fuzilado dois dias depois, em meio ao massacre de Vznar, promovido pelas hordas fascistas fantasiadas de tropas pelo general Franco:

[...] Tu ou Nossa Senhora das Angústias / Que também me seguia / Ambos me levaram pela mão à Casa Rosales / Em cujo átrio, hoje Hotel Reina Cristina, / Um mono de papelão em tamanho natural / Finge que és tu / De branco vestido, ao corrimão encostado, / A fazer guarda de honra à máquina de escrever [...]

O diálogo com o espírito do poeta prossegue mais adiante:

[...] O empregado, de casaco branco, guardanapo no braço, / entendeu e então contou, contou, contou. / Contou que fora ali, à saída da Casa Rosales, / na Calle Angullo, que foras detido. / Caminhaste pela rua à frente dos fuzis até ao Jardim / Botânico, dobraste o / belo edifício, hoje Faculdade de Direito, e à frente dos fuzis / entraste no que então era o Gobierno Civil. / A partir daí, Federico, / Diz-se, / Conta-se, / Há mais convicções do que provas, / Mas sem elas, as provas, / Sem corpo ao qual dar solene sepultura, És um / Desaparecido [...]

Já no poema “Sejamos claros”, a poeta dá a impressão de que procura deixar o espírito de Lorca informado sobre que ocorre no Brasil no começo da década de 20 deste século XXI em que negros e indígenas que, ao lado dos ciganos, sempre foram defendidos pelo poeta, continuam a sofrer a vilania da opressão:

[...] Voltamos, Federico, a sofrer por aqui / Neste pequeno mundo esférico / Ideias fascistas, retrógradas, virulentas / Que até a Terra achataram / Garantindo que é plana. / Além de fascismo e nazismo / Fala-se de negacionismo: além da esfericidade / Nega-se a lei dos graves, o valor da vacina / E o da vida humana. / Erige-se (...) como valor – imagina! – a supremacia branca / Sobre os que amamos tanto: negros, gitanos, índios, / enfim, / A nós mesmos, latinos. [...]

Por fim, em “Os nossos lugares”, o diálogo torna-se ainda mais íntimo. E, como se pode constatar, o tempo presente é predominante, ainda que o tempo referido seja o passado, o que constitui uma característica marcante de toda a poesia lírica de alta qualidade:

[...] Fala mais alto, que não te entendo... / Ah, sim, compreendi: / Não preciso ir a todos os teus lugares / Porque estiveste tu em todos os meus... [...].

IV

Maria Estela Guedes (1947), licenciada em Literatura pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1978, é membro da Associação

Internacional de Críticos Literários (AICL), da Associação Portuguesa de Escritores (APE) e da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA). É editora do site Triplov (www.triplov.com), um dos mais significativos de divulgação das literaturas de expressão portuguesa. Nasceu em Britiande, no Lamego, onde mora hoje, mas viveu na Guiné Bissau de 1956 a 1966, ao tempo do colonialismo que coincidiu também com o de sua formação pessoal. Reuniu seus poemas evocativos dessa época e de uma Guiné-Bissau que já não existe no livro *Chão de Papel* (Lisboa, Apenas Livros, 2009).

Tem vastíssima obra publicada de livros de e sobre poesia em que se destacam: *Herberto Helder, poeta obscuro* (Lisboa, Moraes Editores, 1979), *SO2* (Lisboa, Guimarães Editores, 1980), *Eco, pedras rolantes* (Lisboa, Ler Editora, 1983), *Mário de Sá Carneiro* (Lisboa, Editorial Presença, 1985), *À sombra do Orpheu* (Lisboa, Guimarães Editores, 1990), *a_maar_gato* (Lisboa, Editorial Minerva, 2005), *Lápis de Carvão* (Lisboa, Apenas Livros, 2005), *Ofício das Trevas*, teatro (Lisboa, Apenas Livros, 2006), *A Boba – monólogo em três insónias e um despertador* (Lisboa, Apenas Livros, 2006), *À la Carbonara*, em co-autoria com J.C.Cabanel e Silvio Luis Benítez Lopes (Lisboa, Apenas Livros, 2007), *Poesia na Óptica da Óptica* (Lisboa, Apenas Livros, 2008); *A obra ao rubro de Heberto Helder* (São Paulo, Escrituras, 2010); *Clitóris Clitóris* (Cotia-SP, Editora Urutau, 2019); *Esta noite dormimos em Tânger* (Cotia-SP, Editora Urutau, 2020); e *Númeras letras* (ARC Edições, 2021), entre outros.

Adelto Gonçalves

Edmar Monteiro Filho, *O acorde insensível de Deus*. Contos. Prefácio de Suzana Montoro. São Paulo: Editora Laranja Original, 2022, 180 págs.



Uma obra com sabor de conversa descontraída

I

O conto é um autêntico paradigma da “arte do implícito”, como preconizava o saudoso professor Massaud Moisés (1928-2018) em suas memoráveis aulas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), pois, como observa também em *A criação literária. Prosa II* (São Paulo, Editora Cultrix, 2005, p. 33), isto pressupõe que o “eu” do narrador esteja presente, ainda quando a narrativa está situada na terceira pessoa. Afinal, como ensinava o mestre, “o implícito consiste na recusa do realismo fotográfico, em favor de notações sutis em que a superfície das coisas, das palavras e dos acontecimentos, é a dimensão visível de uma esfera íntima, inacessível ao olhar e ao registro positivo”.

Este introito vem a propósito do conto que abre o livro *O acorde insensível de Deus* (São Paulo, Editora Laranja Original, 2022), de Edmar Monteiro Filho, e dá título à obra. Trata-se de um texto extenso, de 60 páginas, que poderia ser definido também como uma novela, mas que, acima de tudo, serve para mostrar a maturidade literária a que o seu autor chegou, depois de publicar vários livros de contos e um romance, além de ganhar vários prêmios literários e alcançar o doutoramento em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 2018.

O enredo do conto que se passa na cidade de Amparo, estância mineral localizada na região metropolitana de Campinas e ainda hoje município que concentra muitas fazendas de café e indústrias, traz como *alter ego* do autor um funcionário público responsável por um museu municipal que, atuando como se guiasse um espetáculo, mostra a pulsação da vida que segue subjacente à realidade. Em outras palavras: o relato se desenrola como um mecanismo autogerido, independente de um criador externo.

No museu que homenageia Bernardino de Campos (1841-1915), advogado que foi presidente do Estado de São Paulo por duas vezes (1892-1896 e 1902-1904) e ministro da Fazenda (1896-1898), alto prócer republicano e grande cafeicultor, o personagem é vítima de uma calúnia que corre pela cidade e que chegou a virar notícia num jornal local e alcançou até a grande imprensa paulista: a de que alguns quadros teriam desaparecido da Câmara dos Vereadores, quando essas telas sempre teriam estado expostas no citado museu.

Sem ter muito o que fazer, o personagem fica a escarafunchar caixas recheadas de cartas e papéis velhos em profusa desorganização. Através dessas cartas, a uma época ainda pré-digitalização, o arquivista reconstrói o passado de uma família de cafeicultores, dona da fazenda Moinho Velho e, depois, da fazenda Pedra Bela, que, praticamente, domina a região entre o final do século XIX e o início do XX.

Dono de um estilo preciso no qual, raramente, encontra-se algum erro gramatical, Edmar Monteiro Filho entrelaça à história daquela família poderosa à própria história do Brasil nos primeiros anos da República, ao mesmo tempo em que o personagem conta a sua própria odisseia de pai, que tenta compreender a relação caótica que tem com um filho, que acaba vítima do consumo desordenado de drogas.

II

No prefácio que escreveu para esta obra, a escritora e psicóloga Suzana Montoro (1957), autora do romance *Os húngares* (Ofício das Palavras, 2011), do livro de contos *Exilados* (2003) e dos livros infanto-juvenis *Nem eu nem outro* (2015) e *O menino das chuvas* (2000), entre outros, observa que Edmar Monteiro Filho “vai criando suas histórias como se compusesse um mosaico em que o arranjo das pedras dispostas revela no final o desenho da perfeita condução do texto”, acrescentando, com percuciência, que sua riqueza está nas imagens que cria.

De fato, como observa a escritora, há uma pluralidade de detalhes sensoriais que enreda o leitor e o faz se sentir presente na cena. Sem contar que a linguagem do contista é precisa e fluida, ainda que exija do leitor uma atenção especial para acompanhar o fio da narrativa. É o que se pode constatar neste trecho em que o narrador, como reconhecendo o fracasso em sua missão de educar o filho, depois da morte da esposa, reconhece, quase ao final do conto, a sua impotência diante do destino:

[...] Ajudá-lo é somente estar ao seu lado enquanto dorme e me ouve, como se ainda fosse possível levá-lo de volta comigo para onde nos reconhecemos. Olhando-o assim, relembrando as coisas que me disse, vestido como essa pessoa nova que se tornou desde que decidiu ser sozinho, compreendo que é tarde, já estamos separados de modo irreconciliável. O que me traz certo alívio. [...]

III

Nos demais contos, por meio do testemunho de diferentes narradores, constata-se também o decantar do cotidiano nas vidas de pessoas comuns, como, por exemplo, no conto “Viúvas” em que se sabe da existência de um vendedor de montepio que busca clientes com sofreguidão, “andando de porta em porta, vendendo aquilo em que não confiava a quem não desejava comprar”. No conto “Retrato de Rashmila”, igualmente extenso, descortina-se, em cenário indiano, uma história de amor desviada por crenças e desejos alheios, envolvendo uma protagonista vítima de uma fatalidade aos quatro anos de idade.

Já em “Medicina preventiva”, o que se lê é a luta de um paciente em busca de um diagnóstico e sua ansiedade diante de tantos exames exigidos pelo médico que suspeita de alguns sinais preocupantes e o perturba ainda mais com tantas perguntas, enquanto em “O funcionamento das ampulhetas” acompanha-se a ansiedade de uma família diante da necessidade de deixar uma velha casa e alguns problemas graves para escolher um apartamento e fazer dele o seu novo lar.

Em “Confiança”, conto igualmente de grande extensão, com mais de 20 páginas, o que se lê é o desenrolar do dia a dia de uma família, seus pequenos e grandes dramas. Por fim, em “Ralo”, conto de apenas duas páginas, acompanha-se o drama de um personagem que vive um sentimento de angústia que pode levar ao suicídio, essa vontade de “encerrar tudo de uma vez”.

Enfim, com um estilo marcado pela oralidade, que não deixa de se envolver pela análise ou pelo filosofismo, o autor oferece tudo aquilo que o bom leitor procura, ou seja, um texto marcado pelo sabor da conversa descontraída.

IV

Edmar Monteiro Filho (1959), historiador, é também mestre em História e Teoria Literária pela Unicamp. Escreve e publica desde 1980. Possui graduação em Ciências Biológicas Modalidade Médica pela Universidade Federal de São Paulo (1980) e em História pela Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista (2007), com especialização em História Cultural por esta instituição (2010). Em seu doutoramento, escreveu a tese “O cronista, o menino, o mentiroso e outros heróis: Graciliano Ramos e o Estado Novo”. Em 2013, produziu a dissertação de mestrado “O major esquecido: *Histórias de Alexandre*, de Graciliano Ramos”.

Recebeu os prêmios literários Guimarães Rosa (1997), promovido pela Rádio França Internacional, com o conto “Primeiro de janeiro é o dia dos mortos”; Cruz e Souza de Literatura, com o livro *Aquários* (contos, Fundação Catarinense de Cultura, 2000); Prêmio Cidade de Belo Horizonte, da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte; e Prêmio Luiz Vilela, da Fundação Cultural de Ituiutaba-MG. *Fita azul* (São Paulo, Editora Babel, 2011), seu primeiro romance, foi um dos finalistas do Prêmio São Paulo de Literatura de 2012.

Publicou ainda *Este lado para cima* (poesia, edição de autor, 1993), *Halma húmida* (poesia, edição do autor, 1997), *Às vésperas do incêndio* (contos, edição do autor, 2000), com o qual conquistou o Prêmio Cidade de Belo Horizonte, *Que fim levou Rick Jones?* (contos, edição de autor, 2010) e *Azande* (novela, edição de autor, 2004). É autor também de *O rei condenado à morte & outras histórias* (Guaratinguetá-SP, Editora Penalux, 2015), contos, e *Atlas do impossível* (Guaratinguetá-SP, Editora Penalux, 2017), contos, semifinalista do Prêmio Oceanos.

Nascido na cidade de São Paulo, mora em Amparo, região metropolitana de Campinas, desde a infância, mas, como funcionário do Banco do Brasil, viajou por quase todo o País recolhendo relatos e experiências que depois utilizaria em seus textos literários. Foi em jornais de Amparo que começou a publicar seus textos em 1981, ano em que ganhou seu primeiro prêmio literário com o conto “Maré vermelha”, na cidade de Araguari-MG. Desde 1997, ministra oficinas literárias de contos em várias cidades. Assina a coluna “Lereias” em que faz resenhas de livros no semanário impresso *A Tribuna*, de Amparo. É colaborador do *Jornal Opção*, de Goiânia.

Adelto Gonçalves

Silas Corrêa Leite, *A Coisa: muito além do coração selvagem da vida*. São Paulo: Editora Cajuína: 2021, 126 págs.



Uma viagem ao plano extraterrestre

Romance infantojuvenil de Silas Corrêa Leite conta a aventura de um jovem marginalizado no mundo da ficção científica

I

Em nova experiência no gênero romance infantojuvenil, Silas Corrêa Leite (1952) apresenta *A Coisa: muito além do coração selvagem da vida*, que conta a trajetória de um adolescente revoltado com a difícil vida que leva numa das zonas periféricas da grande cidade de São Paulo e procura fugir de casa para embrenhar-se no mundo. Abandonado pelos pais, decide largar-se sozinho a pé, com seu *skate*, pela Serra do Mar em busca das praias do Litoral paulista.

E, assim, passa a viver uma vida de andarilho e a sobreviver do que a floresta lhe podia oferecer como alimento, ou seja, água, peixes, frutas e animais silvestres, até que, um dia, acaba por descobrir, no meio da mata, um objeto enorme não identificado, a que passa a chamar de *A Coisa*, ou seja, um aparelho estranho que soltava sons igualmente inidentificáveis, ou seja, provavelmente um veículo extraterrestre.

Com um estilo que absorve a linguagem popular sem rodeios, o narrador, um *alter ego* do romancista, ou seja, um professor e bibliotecário de escola pública da periferia, conta e reconta a história de um seu ex-aluno, um tal de

Karl Marx, de sobrenome bem brasileiro, da Silva Santos, também conhecido como Carlinhos Buscapé ou apenas Carlito, menino traquina criado num barraco das quebradas do Jardim Jaqueline, na zona oeste de São Paulo, à beira da rodovia Raposo Tavares, e, depois, na casa da avó, que logo haveria de morrer, e, por fim, na casa do pai, em meio a irmãos filhos de outra mãe.

II

O que se percebe neste romance é a intimidade com que o autor percorre os ambientes dos marginalizados da sociedade brasileira, pois conheceu a fundo esses meandros. De origem humilde, Silas Corrêa Leite foi aprendiz de marceneiro, tendo começado a escrever aos 16 anos, época em que também começou sua vida profissional como garçom, tendo sido engraxate, boia-fria e vendedor de doce de groselha. Foi aprovado num concurso para locutor na Rádio Clube de Itararé e escreveu crônicas para o jornal *O Guarani*, daquela cidade.

Em 1970, migrou para São Paulo, onde morou em pensões, cortiços, passou fome e dormiu na rua. Já empregado, formou-se em Direito e Geografia, sendo especialista em Educação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, além de ter cursado extensões e pós-graduações nas áreas de Educação, Filosofia, Inteligência Emocional, Jornalismo Comunitário e Literatura na Comunicação, curso este que fez na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).

Com tamanho histórico, nunca deixou de aproveitar a oportunidade para passar essa vivência aos livros que escreveu. Por isso, este romance infantojuvenil constitui uma recolha de fragmentos de história oral que o autor ouviu durante os 22 anos em que atuou como professor de Geografia e História em aglomerados subnormais, ou seja, em favelas, agora chamadas de comunidades, como se comprova neste trecho:

[...] A vida lhe tirara tudo. E o pouco que restava ia também se desfazendo, ralando a relação, esticando o calibre de sua dor para a inevitável ruptura. É pela ferida que a dor entra na alma e produz monstros... ou liberdade expandida [...].

Em resumo: o romance começa e termina com acontecimentos narrados a um professor numa biblioteca pública de escola de periferia carente, lugar de trabalho que virou um confessionário de neuras e de traumas de infância. Até a descoberta do que seria um disco-voador pousado na Serra do Mar, a que

Carlito seria abduzido, tendo sido submetido a procedimentos físicos e psicológicos de complexidade não-compreendida:

[...] Com o celular fervendo na mão viu um número que parecia ser de seu pai, mas não teve certeza. Estava meio bobo. Colocou o aparelho na mochila e se levantou para ver o maquinário interno e iluminado da Coisa. Um enorme CPU no ar interno de 360 graus? O ar de todo ambiente parecia uma ventoinha de ar, lux e som em 5D ou mais. Muito lindo aquilo. Amou. Adorou estar ali. Sentiu-se parte, feito um robô do filme Star Wars, o C-3P0 [...].

III

Nascido em Monte Alegre, hoje Telêmaco Borba, no Paraná, mas tendo vivido até a juventude em Itararé, na divisa entre os Estados de São Paulo e Paraná, Silas Corrêa Leite, além de contista, é poeta, romancista, letrista, professor, bibliotecário, desenhista, jornalista, ensaísta, blogueiro e membro da União Brasileira de Escritores (UBE).

Nos últimos tempos, lançou também *Goto, a lenda do reino encantado do barqueiro noturno do rio Itararé* (Florianópolis, Clube de Autores Editora, 2013), romance pós-moderno, considerado a sua melhor obra; *Gute-Gute, barriga experimental de repertório*, romance (Rio de Janeiro, Editora Autografia, 2015); *Tibete, de quando você não quis ser gente*, romance (Rio de Janeiro, Editora Jaguatirica, 2017); *Ele está no meio de nós*, romance (Curitiba, Kotter Editorial, 2018); *O lixeiro e o presidente* (Curitiba, Kotter Editorial, 2019), romance social; *Lampejos*, poemas (Belo Horizonte, Sangre Editorial, 2019); *Transpenumbra do Armagedon*, ficção científica (São Paulo, Desconcertos Editora, 2021); *Cavalos selvagens, romance imaginativo* (Curitiba/Taubaté: Editora Kotter/Letra Selvagem, 2021); e *Favela stories*, contos (Cotia-SP: Editora Cajuína, 2022).

Como poeta e ficcionista, consta de mais de cem antologias, inclusive no exterior, como na *Antologia Multilingue de Letteratura Contemporanea*, de Treton, Itália, *Christmas Anthology*, de Ohio, Estados Unidos, e *Revista Poesia Sempre*, da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Seu texto “O estatuto do poeta” foi vertido para o espanhol, inglês, francês e russo.

Foi vencedor do Primeiro Salão Nacional de *Causos* de Pescadores/USP/ /Jornal da Tarde/Estadão/Parceiros do Tietê; premiado no Concurso Lygia Fagundes Telles para professor e escritor/Secretaria Estadual de Educação de São Paulo; Prêmio Biblioteca Mário de Andrade (Poesia sobre São Paulo)/

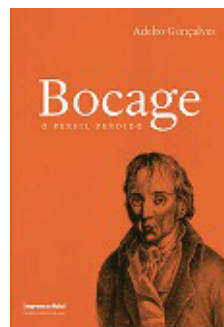
Secretaria de Cultura de São Paulo, Prêmio Fundação Petrobrás de Contos, curadoria Heloísa Buarque de Holanda; Prêmio Simetria (Microconto) e Prêmio Instituto Piaget (Cancioneiro infantojuvenil), ambos em Portugal.

É autor do primeiro livro interativo da Internet, o *e-book O rinoceronte de Clarice*, que reúne onze ficções, cada uma com três finais, um feliz, um de tragédia e um terceiro politicamente incorreto, que virou tema de tese de mestrado na Universidade de Brasília (UnB) e de doutoramento na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Foi finalista do Prêmio Telecom, em Portugal, em 2007.

É autor ainda de *Porta-lapsos*, poemas (São Paulo, Editora All-Print, 2005); *Campo de trigo com corvos*, contos (Joinville-SC, Editora Design, 2007), obra finalista do prêmio Telecom, Portugal 2007, e *O homem que virou cerveja, crônicas hilárias de um poeta boêmio* (São Paulo, Giz Editorial, 2009), livro ganhador do Prêmio Valdeck Almeida de Jesus, Salvador-Bahia, 2009. Em 2022, lançou *O menino que queria ser super-herói* (Lisboa/São Paulo: Editora Primeiro Capítulo).

Adelto Gonçalves

Adelto Gonçalves, *Bocage, o perfil perdido*. Prefácio de Fernando Cristóvão. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2021, 520 págs. Reedição brasileira.



A vida de Bocage: sátira, censura, pobreza

Para investigar a vida de Bocage em suas minúcias, Adelto Gonçalves percorreu todas as biografias e estudos importantes sobre o autor

I

“Bocage, alistado na Marinha, cursou a respectiva Academia, embarcou para a Índia, foi boêmio no Rio de Janeiro, passou três anos em Goa e Damão, desertou fugindo para Macau, regressou a Lisboa, onde a vida livre e as sátiras o atiraram para a prisão e o hospício. Morreu doente e pobre, traduzindo nos seus versos a sua vida e o seu tempo”.

Essa síntese da vida de Bocage (1765-1805), feita no prefácio de *Bocage, o Perfil Perdido* pelo professor catedrático de Literatura da Universidade de Lisboa, Fernando Cristóvão, bem caberia em similaridade àquela feita por Nabokov sobre um personagem no início de seu romance *Gargalhada na escuridão*, em relação à qual o escritor russo acrescenta: “Eis aí toda a história, e bem poderíamos abandoná-la neste ponto, se não houvesse vantagem e prazer em contá-la. Embora haja espaço mais do que suficiente numa pedra tumular para conter, encadernada em musgo, a versão resumida da vida de um homem, os pormenores são sempre bem recebidos”.

É o que faz o professor e escritor Adelto Gonçalves ao investigar a vida de Bocage em suas minúcias, percorrendo todas as biografias e estudos importantes

sobre o autor, cotejando e contrapondo-os às suas novas descobertas e correções oriundas de exaustivas pesquisas em arquivos e fontes primárias como trabalho de pós-doutoramento na Universidade de São Paulo (USP), que teve sua primeira edição em 2003, em Portugal, pela Editorial Caminho, de Lisboa, e que agora sai em nova edição, com excelente projeto gráfico e ilustrações, pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

A vida do poeta português, propagandeada pelo senso comum como “agitada e de boemia” em geral para promover seleções mais vendáveis de sua poética, se decompõe nessa biografia quando a acompanhamos inserida em detalhes na sociedade da sua época histórica e cultural que, agitada e contraditória, se expressa na obra de Bocage transitando do neoclassicismo das Arcádias aos primeiros momentos do romantismo.

II

Pode-se dizer que, mais que boemia, o que fez Bocage foi sobreviver em miserabilidade, passando por punições, prisões e fugas em meio ao período histórico em que viveu, marcado pela morte do rei d. José, pelo reinado de d. Maria I, pela onipresença e em seguida queda e afastamento do poderoso marquês de Pombal, bem como pelo jugo sofrido sob a intendência repressiva e policalesca do intendente-geral da Polícia Pina Manique, durante o reinado de D. Maria I. No contexto da Campanha do Rossilhão, também denominada Guerra dos Pirenéus ou Guerra da Convenção, campanha militar em que Portugal participou ao lado da Espanha e do Reino Unido contra a França revolucionária, Pina Manique agiu visando à repressão das ideias oriundas da Revolução Francesa, proibindo a circulação de livros e publicações e fazendo perseguição a diversos intelectuais, especialmente maçons, que ele culpava de terem conspirado a favor da revolução, e atingindo diretamente a vida de Bocage, defensor do ideário revolucionário.

Nesse contexto, já na corte, as publicações feitas por Bocage, além de negociadas nas minúcias das trocas de palavras para serem aprovadas, demandava o recurso habitual humilhante a que se submetia, de escrita de poemas laudatórios aos poderosos, tanto para facilitar a publicação de livros quanto para garantir migalhas de sinecuras para sua sobrevivência, numa existência pendular que ia da “euforia do amor e da paixão romântica à impiedade e à disforia do desespero e do arrependimento”, na ótima síntese feita no prefácio por Fernando Cristóvão.

A dificuldade de existência sob despotismo tendo-se ideias de mudança da sociedade pode ser bem descrita num dos eventos mais notáveis da Real Mesa Censória: a proibição de 122 obras e a grande fogueira feita em 1770 no Terreiro do Paço com a queima de livros de Voltaire, Bayle, Rousseau, abade Raynal, Boulanger e La Mettrie, considerados nefandos em seu ateísmo e materialismo e ameaça à religião.

Adelto Gonçalves esmiuça essa vida, contraditória pelas circunstâncias, que, se fez vivas à liberdade e à ciência, assim como sátiras violentas aos poderosos, impôs-se escrever, de forma humilhada, ode de arrependimento em gesto de perdão ao policial Pina Manique, sinalizando que “Meu ser evaporei na lida insana”, assim como, depois da subversão de ideias de inspiração francesa, decaiu na religiosidade aceita das homenagens à paixão de Cristo e à pureza de Conceição da Virgem Santíssima, finalizada com o último respiro abençoado por frei José Maria, que lhe fez o trabalho de “conforto espiritual”.

III

A pesquisa de Adelto Gonçalves, pela necessidade de esclarecimento de fatos biográficos que misturam bens patrimoniais particulares com os do Estado, bem como sinecuras e relacionamentos de familiares que repercutem na vida do poeta, compreende um traçado da árvore genealógica da família de Bocage que é pontuada pela análise escrutinada com informações primárias de arquivo, o que resulta numa compreensão excelente de como se dava a vida social naquela época e como era possível ser poeta em tal contexto.

Da análise dessa árvore genealógica saem um avô francês corsário que bandeou de sua pátria para o lado português, negócios, bens acumulados, a prisão do pai de Bocage, as relações familiares e suas negociações de subsistência, bem como a intriga em torno de uma casa de família tida como onde nasceu Bocage pelos historiadores e que, crescendo como uma personagem no livro de Adelto Gonçalves, se desmascara com as pesquisas em arquivos.

De minúcia em minúcia, o pesquisador vai percorrendo a vida de Bocage, primeiro nos rastros de Camões, depois por sua passagem pela Índia integrado à Marinha, a deserção e a fuga, o retorno a Lisboa, a expulsão do Parnaso e a convivência disputada com os poetas da época - a “guerra dos vates”, bem como as relações com personagens como o aeronauta balonista Lunardi, os amores, a aspiração à plena liberdade numa corte controladora e provinciana que o leva à prisão sob guarda do intendente Pina-Manique.

Essa autoridade policial impõe um processo de “reeducação” do poeta, que acaba coroado por loas de Bocage à família real, em um elogio dramático escrito e recitado no Teatro do Salitre. Destacam-se também as distantes relações familiares do poeta, as censuras sofridas, o trabalho de tradutor, revisor e reescritor de textos alheios, as perseguições pela Inquisição, as publicações e tiragens de livros e a morte anunciada, com a reaproximação de velhos amigos e antigos desafetos promovida por frei José Maria.

Configurando-se em uma biografia exaustiva e rigorosamente documentada, o trabalho do pesquisador analisa os embates relacionados à memória de Bocage entre seus partidários e José Agostinho de Macedo, feroz opositor, destacando-se também o relato do último período da vida do poeta em suas negociações com os censores da Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura de Livros e seu trabalho na Oficina Tipográfica, Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego, onde foi tradutor e revisor.

IV

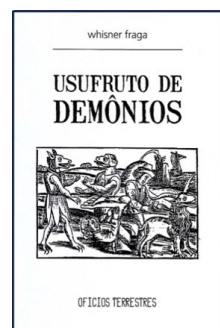
Entre os livros publicados por Adelto Gonçalves, soma-se a essa biografia de Bocage, além de livros de contos e romances, a também minuciosa biografia de Tomás Antônio Gonzaga, *Gonzaga, um poeta do Iluminismo*, publicada pela Editora Nova Fronteira em 1999, escrita como tese de doutoramento, que ganhou o Prêmio Ivan Lins de Ensaio da União Brasileira de Escritores e da Academia Carioca de Letras.

As duas biografias, de Gonzaga e de Bocage, ao fazerem a reconstrução da vida no século XVIII, combinando história e literatura com o rigor da pesquisa em arquivos, estimulam a releitura da obra poética desses autores, de forma a compreendê-las em suas nuances, marcadas pelo contexto histórico e social, sem os clichês costumeiramente aplicados a esses poetas.

*Ademir Demarchi**

* Ademir Demarchi (1960) cursou Letras-Francês na Universidade Estadual de Maringá-PR (UEM), mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutorado na Universidade de São Paulo (USP) em Literatura Brasileira. Editou a revista *Babel*, de poesia, crítica e tradução, e o selo Sereia Ca(n)tadora, de livros artesanais. É autor de *Os mortos na sala de jantar* (2007); *Passeios na Floresta* (2007); *Do Sereno que Enche o Ganges* (2007); *Ossos de Sereia* (2010); *Pirão de Sereia*, que reúne sua obra poética de 30 anos (2012); *101 Poetas – Antologia de experiências de escritas poéticas no Paraná do século XIX ao XX* (2 vols., 2014), o livro com crônicas publicadas em jornal *Siri na lata* (2015), *O amor é lindo*, poemas (Patuá, 2016), *Espantelho*, ensaios (Editora Nave, 2018) e *Contrapoéticas*, ensaios (Editora Nave, 2020), entre outros.

Whisner Fraga, *Usufruto de demônios*. Posfácio de Gabriel Morais Medeiros. Campinas-SP: Ofícios Terrestres Edições, 2022, 86 págs.



Whisner Fraga: contos perpassados por sentimento de revolta

I

Depois de lançar, em 2020, *O que devíamos ter feito*, contos (Editora Patuá), o romancista, contista, poeta e crítico literário Whisner Fraga (1971) chega ao seu décimo-segundo livro com *Usufruto de demônios* (Ofícios Terrestres Edições, 2022), em que se mantém fiel ao gênero, depois de experiências bem-sucedidas em outras modalidades textuais.

A obra, composta por 64 narrativas curtas, a maioria com menos de uma página, todas escritas em letra minúscula, mas com uma linguagem sensível e poética, é uma das primeiras a ter como pano de fundo o trágico período da pandemia de coronavírus (covid-19) em que estão presentes “o horror, o negacionismo, o isolamento social e a perplexidade ante o cinismo fascista”, como observa o poeta, professor e crítico literário Gabriel Morais Medeiros, mestre em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no posfácio que escreveu para este livro.

Como já ressaltou o jornalista e escritor Hugo Almeida, nesta coletânea, “atravessa os contos um sopro de revolta, por vezes recheada de candura”, mas sem deixar de manifestar o inconformismo diante da indiferença e do deboche dirigido aos mortos pelas autoridades da época, especialmente o principal mandatário, que sempre ficou indiferente ao genocídio que ocorria com a proliferação da peste e a falta de vacinas e pronto-atendimento às vítimas,

como se lê na narrativa que leva por título “ele acompanha aviões”: “[...] é como se setecentas mil pessoas tivessem sido apagadas – e se fossem vinte boeing deletados de suas rotas, em um único dia?, cadentes, se tornassem quebra-cabeças em pastos?, será que assim eles se comoveriam?”.

II

O fantasma da pandemia, porém, não percorre todas narrativas, limitando-se às três primeiras. Nas demais, o que se pode observar é a desesperança da velhice, o desespero diante da possibilidade de se morrer diante de um moleque que na rua agita um revólver, exigindo do passante a entrega do dinheiro, do celular e do relógio, o drama do morador de rua que “garimpa algumas moedas no semáforo e logo as troca por pinga” ou ainda a decepção sentida por uma jovem autora diante da má vontade com que teria sido recebida sua obra por resenhistas desde o primeiro livro: “[...] eles são assim, leem a primeira página, lambiscam resenhas chinfrins e se vendem por essas trivialidades [...]”.

Na maioria das narrativas, o que se observa é o recurso ao monólogo interior ou ao fluxo de consciência, como se o narrador desfiasse um novelo da memória ou tecesse os acontecimentos de forma extrospectiva, ainda que mergulhado na introspecção e sem perder a cadência da prosa poética.

Alguns contos são datados, ou seja, é possível localizá-los em 2014, época da realização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil, em que praticamente teve início a orquestração por meio das redes sociais dos protestos contra a presidente eleita que funcionaram como uma preparação para o golpe parlamentar de 2016 que redundaria na eleição de um candidato de orientação nazifascista.

Outros contos não deixam de funcionar como crítica à mentalidade fascista que parece insuflada por algumas empresas privadas preocupadas em manter a maioria da população à beira da miséria absoluta ou mesmo condenada ao desaparecimento, como no caso da política desencadeada contra remanescentes indígenas. Ou ainda contra a mentalidade nefasta de arquitetos que não se recusam a imaginar meios de produzir uma arquitetura hostil, que procura dificultar a vida dos moradores de rua.

Enfim, são contos perpassados por um sentimento de revolta que se justifica diante de um futuro que se projetava cada vez mais tenebroso. E ainda parece ameaçador.

III

Nascido em Ituiutaba, Minas Gerais, Whisner Fraga é formado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Uberlândia. Em Engenharia Mecânica, fez também mestrado na mesma universidade e doutorado na Universidade de São Paulo (USP). Mas, atraído pelas Letras, curso que iniciou, mas não concluiu, ainda durante o mestrado, publicou o livro de contos *Seres e sombras* (edição de autor, 1997). Durante o doutoramento, publicou o seu segundo livro de contos, *Coreografia dos danados* (Edições Galo Branco, 2002), título inspirado em verso de Augusto dos Anjos (1884-1914). Concluiu o doutoramento em 2003 e, desde então, prestou concurso para a docência e vem lecionando para jovens e adultos. Ao mesmo tempo, atua como crítico literário em jornais impressos e sites dedicados à literatura. Também resenha obras de literatura contemporânea no canal *Acontece nos Livros*, no *You Tube*.

É autor ainda de *A cidade devolvida*, contos (Editora 7 Letras, 2005); *As espirais de outubro*, romance (Nankin, 2007), prêmio ProAC do Governo do Estado de São Paulo; *Abismo poente*, romance (Ficções Editora, 2009), prêmio ProAC do Governo do Estado de São Paulo; *O livro da carne*, poemas (Editora 7 Letras, 2010); *Sol entre noites*, romance (Ficções Editora, 2011), prêmio ProAC do Governo do Estado de São Paulo; *Lúcifer e outros subprodutos do medo*, contos (Editora Penalux, 2015), prêmio ProAC do Governo do Estado de São Paulo; *A verdade é apenas uma versão dos fatos* (Editora Penalux, 2017); e *O privilégio dos mortos*, romance (Editora Patuá, 2019);

Participou de antologias como *Os cem menores contos brasileiros do século* (Editora Ateliê, 2018), organizada por Marcelino Freire; e *Geração zero zero: fricções em rede* (Editora Língua Geral, 2011), organizada por Nelson de Oliveira. Alguns de seus contos foram traduzidos para o inglês, alemão e árabe e publicados em antologias.

Adelto Gonçalves

■ ■ Apontamentos Literários

Réplica Itinerante

O romper da aurora foi sobressaltado. A terra tremia num setembro ainda morno de fim de verão. O tilintar dos bibelôs em cima do móvel fez despertar Ezequiel, que dormitava ao lado da esposa.

– Querida –, chamou Ezequiel, aflito, enquanto a abanava – acorda, por favor!

Alzira acordou, abriu os olhos e ficou aterrorizada ao sentir a cama tremer.

– É o que estou a pensar, Ezequiel?

Ezequiel abraçou Alzira e puxou-a para ele.

– Esconde-te – enfiaram-se debaixo da cama até o tremor de terra passar.

Do abrigo improvisado, ouvia-se o trincolear dos copos que brindavam numa dança descompassada dentro do armário da cozinha, na divisão contígua. Os lençóis bailavam de um e de outro lado da cama, e os chinelos pareciam querer andar sozinhos, mesmo com o atrito do tapete onde estavam pousados.

Por ser início da manhã, as ruas estavam praticamente desertas. Os animais, mais sensíveis a estes fenómenos, amedrontavam-se nos ninhos ou tocas. Pardais, esquilos e raposas emitiam sons aflitivos que tinham sido ouvidos com assustadora frequência nos dias antecedentes ao terramoto.

Já havia notícia de localidades devastadas pelo ranger incessante das placas tectónicas, mas o governo abafara cuidadosamente todos os rumores e conservava uma postura autoritária: a população era mantida analfabeta e os meios de comunicação social controlados para que ninguém se atrevesse a contrariar o estado. Felizmente, para os governantes daquela cidade, qualquer tremor de terra no local ocorrera de madrugada, impercetível à maioria dos seus subordinados.

O governo era um órgão de acesso restrito e leis severas. Guardado por forças militares, o centro operacional da nação era interdito a civis e ninguém ousava aproximar-se do local. As conversas dos descontentes eram mantidas em surdina e apenas vinham a público os decretos a ser cumpridos pela população. As sanções a aplicar aos que desrespeitassem as vontades superiores eram dissuasoras e demoviam quem pensasse sequer em se insurgir contra o governo.

Pessoas que apregoavam o fim dos tempos, erguendo cartazes apocalípticos ou vociferando discursos improvisados com um megafone, ou eram presas, desapareciam misteriosamente sem deixar rasto e ninguém ousava perguntar o motivo da sua súbita ausência; ou eram tomadas loucas e ignoradas por qualquer transeunte. Felizmente para Ezequiel, inseria-se no segundo grupo.

Em tempos de juventude, quando o regime aflorou e ganhou vigor, Ezequiel, de sangue na guelra, insurgira-se um par de vezes contra militares que patrulhavam as ruas, desafiando, desdenhoso, a lei e profetizando a plenos pulmões a catástrofe que viria a abalar a cidade.

– Ignóbeis! Mal sabeis o que vos espera, ides morrer todos aqui! – gritava Ezequiel na cara de um dos guardas enquanto um amigo o tentava demover e lhe segurava os braços.

– Não liguem, senhores agentes, ele está perturbado!

– Perturbado? Eu? Por quem me tomas? – insurgiu-se contra o amigo.

– Por favor, Ezequiel, já chega. Para! Pensa na Alzira... – implorou-lhe, quase em lágrimas.

– Prendam-nos para interrogatório – ordenou um oficial que se juntou à confusão – veremos quem mente: se quem grita, se quem o tenta salvar!

Após horas de interrogatório, e de testes psicológicos que Ezequiel conseguira ludibriar com facilidade, fora dispensado com uma declaração de loucura. Já o seu amigo, sem essa sorte, fora torturado até perecer e nunca mais ninguém ouviu falar dele, o que amargurou Ezequiel durante toda a vida.

As sanções não se restringiam a esse fado. Os profetas e os seus cônjuges eram sentenciados à castração química, identificados, e caso os apanhassem a tentar fugir da cidade de residência, eram capturados pelos oficiais e abatidos a sangue-frio num beco abandonado de um grande centro urbano.

Assim que o chão estabilizou, Ezequiel voou para um banco no canto do quarto. À frente, sobressaía aquilo que aparentava ser uma mesinha de costura, tapada por uma toalha finamente bordada pela esposa. Ao destapar o objeto, manuseou um pequeno rádio com um microfone antigo e um dispositivo de código morse, conexos a uma parafernália de antenas e fios, gastos pelo uso e

pelo tempo. Era a única forma de manter uma comunicação minimamente segura, estável e difícil de rastrear, num mundo cada vez mais tecnológico.

Após tentar anunciar o que viria pelas ruas da cidade, com aquilo a que as multidões, incrédulas e iludidas pelo governo, maldosamente apelidaram de profecias do apocalipse, Ezequiel desistira de pugnar pelos habitantes. Agora, só queria alertar as pessoas que lhe eram queridas que a hora de arrumar a mochila e aventurar-se a uma vida nómada estava próxima.

Afinou os aparelhos e verificou o relógio. Era o momento combinado para emitir o código. Carregou no botão com cuidado para permitir a passagem de corrente, reajustou a faixa AM para a posição correta e discou diversos pontos e linhas com a mensagem: «A cidade deve ser abandonada hoje. Este tremor de terra foi o último aviso. A réplica itinerante está a caminho. Por favor, mantenham-se a salvo. Ignorem as ordens do governo. Encontrar-nos-emos no local combinado».

Nas horas seguintes, Ezequiel e a esposa verificaram obsessivamente as mochilas que iriam transportar com os itens imprescindíveis à sobrevivência. Nada essencial poderia ser deixado para trás pois a viagem seria sem retorno, mas o excesso de carga poderia desfavorecê-los na fuga. O carro seria útil nas primeiras centenas de quilómetros da viagem mas, a partir da subida sinuosa para a localização segura, o percurso teria que ser feito a pé.

No mercado negro, a preços escandalosos, Ezequiel conseguira adquirir comida liofilizada e alguma ração militar. Aquecer água não seria um problema, pois a zona possuía fontes de água doce e bastava um recipiente para ferver e tornar o precioso líquido potável. Alzira, por seu turno, tinha conseguido, em conversa com uma prima costureira, algumas roupas adequadas à sobrevivência a intempéries.

Depois de um aceso debate acerca do que transportar, e de as mochilas estarem preparadas para a jornada, a mensagem foi repetida mais três vezes e os aparelhos de rádio cuidadosamente arrecadados numa pequena mala de madeira.

Ezequiel e a mulher encontravam-se prontos, mas ainda não podiam sair. Os guardas patrulhavam as ruas implacavelmente e era essencial esperar pelo final do dia para carregar o carro e partir em segurança. Espreitavam, com frequência, através da cortina, e anotavam o horário de passagem das rondas. Se fossem descobertos, estavam condenados à morte.

Ao longo do dia, a vida no exterior decorreu como se nada houvesse acontecido. O sol dourava o céu. O mar ia recuando mais do que o normal, mas ainda assim a brisa costeira soprava e inundava a cidade com um aroma a maresia. As pessoas inalavam aquela fragrância natural e faziam a sua rotina tranquila.

Havia donos que passeavam os cães pelo parque, outros que eram passeados. Ali perto, num escorrega gigante, uma fila de crianças subia as escadas e descia alegremente num ciclo ininterrupto. Mães embalavam os recém-nascidos sentadas em bancos de jardim.

Os militares, vestidos de civis, labutavam atrás do balcão de cada loja, servindo uma população controlada. Os habitantes da cidade julgavam tratar-se de outros cidadãos especialmente escolhidos pelo governo e destacados para aqueles cargos, pelo menos era o que os levavam a intuir quando algum conterrâneo desaparecia: seria alvo de uma reeducação e inserido noutra comunidade para recomeçar do zero. Com olhos e ouvidos por toda a urbe, não era difícil manter as coisas sob controlo.

No meio da cidade, *outdoors* institucionais anunciavam as maravilhosas vantagens de escolher aquele local para morar. Entre elas, a proximidade à praia era a mais atrativa. A segurança era a segunda medida apregoada, e as patrulhas da cidade enfatizavam isso mesmo. O exagero na aclamação das construções aliciava turistas cegamente formados pelo governo.

As atividades marítimas e no jardim que bordejava a costa constituíam outras atrações. Chás convívio na relva para mães e bebés, sessões de leitura ficcional em que os militares liam histórias para os mais novos, cursos culinários em tendas improvisadas para jovens recém-casadas que ambicionavam impressionar os esposos, corridas à beira-mar ou desportos aquáticos para rapazes que gostavam de se exercitar...

O relógio avançava e o sol descrevia uma trajetória precisa pelo céu. As patrulhas dos guardas pelas ruas estavam cada vez mais espaçadas, e era a altura ideal para Ezequiel pôr o seu plano em prática. Carregaram com cautela as bagagens e desceram a escadaria do prédio. Esperaram o guarda dobrar a esquina e dirigiram-se para a garagem onde deixaram o carro pronto para a fuga.

O sol caía de forma lenta sobre o que resta de um mar aparentemente calmo. Ninguém na cidade dera ouvidos às profecias de Ezequiel que julgaram loucas. As pessoas dirigiam-se como formigas para suas casas, cumprindo o recolher obrigatório, e preparavam o jantar, enchendo a cidade de um apetitoso aroma que flutuava de cada janela.

Ele e a esposa tentavam salvar a pele, comprimindo-se num velhinho Fiat Uno Turbo vermelho rumo ao interior, com o depósito cheio, numa corrida inglória contra o tempo. O rádio do carro encontra-se com muitas interferências e o que é dito surge numa voz fanhosa de difícil perceção. Uma palavra é ouvida, «...iminente...» mesmo antes de um último ruído.

– Bolas! – Ezequiel tenta sintonizar o rádio girando o botão para trás e para a frente, sem êxito.

– Parece que morreu de vez – constatou Alzira –, espero que ainda haja tempo para nós.

Alzira remexe no bolso do casaco de onde retira um terço. Unindo as mãos, começa a rezar enquanto Ezequiel conduz cauteloso e a contrarrelógio, sem dar nas vistas para não correrem o risco de serem apanhados.

Num bairro perdido no meio da cidade, o alarme de um carro desconhecido soa ininterruptamente. Não muito distante dali as vigas metálicas de uma montanha-russa abandonada gemem e parecem querer ceder, acompanhando o bailado de uma árvore que, tímida, sente a primeira brisa anunciando um outono vindouro.

O mar, que começara a recuar horas antes, é uma miragem no horizonte, podendo vir a tornar-se numa parede colossal capaz de engolir o mundo de cada habitante em poucos segundos. As sirenes, silenciadas pelo governo, continuariam mudas, sem dar sinal de qualquer alarme. Os animais selvagens, inquietos, são o único som de alerta que se ouve, cada vez mais distante, à medida que abandonam a cidade. O quotidiano parece tão normal como se nada fosse acontecer ao cair da noite.

As aves mantêm-se em terra, voando sobre as habitações como um sinal de agouro. No círculo privado das casas, as televisões começaram a falhar, dando lugar à estática. Dentro de instantes, a luz sucumbirá e ninguém está preparado para o que há de vir.

NOTA BIOGRÁFICA

Ana M. M. Santos nasceu na Beira Interior em 1990. É licenciada em Cinema (UBI, 2013) e mestre na mesma área (UBI, 2016) com uma dissertação sobre a adaptação cinematográfica do conto tradicional “Branca de Neve”. Frequenta o doutoramento em Media Artes (UBI, em curso), onde desenvolve uma pesquisa sobre a adaptação de romances de terror à sétima arte. Autora de várias comunicações e artigos, trabalha como revisora científica e literária, escreve guiões e contos, e também histórias para crianças. É investigadora colaboradora no centro Labcom.IFP (UBI).

O príncipe mais que perfeito | Contos de mal dizer: o cão

O príncipe mais que perfeito

No seu décimo-primeiro aniversário, o príncipe recebeu um cachorrinho, um bicho todo branco e com uma malha castanha num dos olhos. E toda a corte sorriu quando o cãozito saltou atabalhoadamente para cima da mesa e começou a lamber uma das *galantines*.

O bolo de aniversário foi então trazido com pompa, lentamente, com as onze velas a brilhar na obscuridade. Os olhos do garoto não se fixaram no bolo mas sim no cão, que se aninhara no seu regaço e adormecera. Foi assim que começou uma daquelas amizades de coração fundido para sempre.

Há muitas gerações que aquela dinastia ocupava o trono português – todos uns bonacheirões, uma gente simpática que desperdiçava o poder em ninharias ou o deixava escapar por entre os dedos. No entanto, lá iam convencendo o povo que nunca nenhum regime fora tão eficaz.

Os republicanos ainda não tinham conseguido impor a causa: faltava-lhes aquela figura paterna a sossegar a nação. Tinham apenas uns quantos ideais bonitos, mas descarnados, vagos, impessoais, e o problema é que toda a gente queria um rei em carne e osso, uma pessoa que se pudesse olhar, amar ou detestar. O rei? Isso sim. O rei era uma pessoa de família.

Até que as coisas começaram a mudar: acontecimentos, fenómenos, mutações e descontinuidades do séc. XXI, que modificaram o espírito e a carne dos homens e das mulheres e que iam mordendo o como e o porquê da governação.

No Portugal de então, os blogues pululavam de anedotas monárquicas, análises profundas ou ligeiras, chocarrices ou teorias da conspiração, e lá vinha a vergonha pela continuação de um regime tão retrógrado. E lá vinham as

queixas da sempiterna cauda da Europa. Porque a cauda já não abanava alegremente, antes batia no chão pancadas irritadas.

“Como é que é possível, no final do séc. XXI, assumir que o *pool* genético da família real deve ser perpetuado no exercício do poder? Agora que os avanços da Genética tinham demonstrado que a chamada superioridade de casta é uma forma de pensamento mágico para justificar a cobiça e a violência? Que as diferenças são apenas à superfície da pele?” – diziam os bio-sociólogos. “Pele essa real e metafórica”, continuavam os neurocientistas, que caçavam o mistério humano com a paixão daqueles que estudam as estrelas.

A longínqua tríade setecentista da “*Liberté, Egalité, Fraternité*” não era um *slogan* de revolta, mas sim uma tranquila verdade meta-científica que já ninguém contestava. O fundamento basilar da monarquia esboroava-se a olhos vistos, apesar do peso preguiçoso da tradição. O mal-estar agravou-se após a cimeira mundial que discutiu os problemas éticos e morais da engenharia genética humana.

A rainha, que era muito hábil a sentir todas estas emoções e a adaptar-se aos novos tempos, decidiu fazer uma declaração ao povo logo após o seu casamento. O discurso foi comprido, pontuado de grandes planos dos olhos e cheio de sorrisos maternais.

– Reconheço que é hora de mudança porque o povo assim o quer (o povo suspirou e escutou com outro interesse), reconheço que as críticas aos fundamentos da monarquia são pertinentes, pelo que proponho que o próximo rei seja já o resultado das espantosas possibilidades que a ciência nos oferece. Que o rei seja o melhor dos homens, sem mácula, sem doença, sem imperfeições, capaz de governar com amor e sensatez. Melhor, bem melhor que eu ou qualquer dos seus avós. Porque é o que o povo merece!

O entusiasmo popular surgiu descrito em alguns meios de informação como “indescritível e delirante”. O debate político acendeu-se dos dois lados, embriagado de razão e de ferocidade. Um rei talhado à medida? Um bionte? Uma marioneta? Um robot? “Distopia sinistra”, clamavam uns. “Um rei perfeito”, garantiam os outros.

Debateram-se prós e contras, justiça, contra-poderes, influências, regalias. No parlamento, os republicanos humilharam os adversários por aquela inadmissível solução para conservar o poder a todo o custo (“Patética!! Orwelliana!!! Nazi!!!”, urravam da galeria), e os monárquicos ripostaram com os argumentos da casa real, sublinhando ainda e sempre o supremo interesse do povo e insinuando que eram os republicanos que estavam sedentos de poder, e que este corrompia sempre. “Só o rei está livre dessa nefasta corrupção, porque encarna a Pátria inteira”. Nessa altura houve troca de socos, insultos e pontapés,

que animaram a assembleia e saltaram alegremente para as primeiras páginas da informação mundial.

Tudo isto acontecera doze anos antes. O futuro príncipe foi modificado geneticamente para ter os mesmos olhos grandes e a mesma voz rolada e sedosa sua mãe, e até a sua capacidade de sentir sofreu modificações. “Um governante demasiado emotivo é um mau governante”, diziam os cientistas da corte. Foram introduzidos, entre outros, os genes da inteligência cognitiva, da memória selectiva para rostos, da oratória, da perspicácia cirúrgica, da vontade de ferro. “Parecemos as fadas-madrinhas das histórias para crianças”, disse um deles, enquanto removiam genes e os colocavam em segmentos diferentes do real ADN. “Boas ou más?”. “Ambas, claro”, e a conversa ficou por aí.

Nos meses que se seguiram ao seu aniversário, o príncipe tinha-se ligado ao cachorrinho de uma maneira inexplicável. Ele, sempre tão cordato e respeitador, teve uma crise de raiva quando lhe quiseram proibir o bicho no quarto de dormir. O rapaz impecavelmente limpo rolava agora na lama do jardim às gargalhadas e aos abraços ao cão, e não comparecia às audiências sem ele. Fugia de vez em quando, negligenciava os seus deveres, maltratava os lacaios, recusava admoestações. Tudo isto engelhava as testas dos cientistas, dos pedagogos e dos politólogos reais.

Os jornais republicanos oscilavam no habitual fio da navalha da crucificação, da calúnia verrinosa, do desgosto e da sátira face a estes comportamentos.

Com o passar dos meses, tornou-se claro que aquele animal era uma ameaça para o desenvolvimento psico-motor do príncipe, impedia-lhe a aquisição de novas competências sociais e alçava vergonhosamente a pata junto às colunas do átrio. Os sussurros bichanados aos cantos cristalizaram num plano para eliminar o cachorro. “Que bizarro, um canídeo a pôr assim em risco a monarquia”, comentavam os reais geneticistas.

A corte reuniu-se para deliberar as medidas adequadas. “Como poderemos eliminar este perigo sem pôr em risco o regime? E, sobretudo, sem que o jovem príncipe descubra as nossas intenções?”

– Ora, ora, meus senhores, o príncipe é demasiado inteligente e cômico dos seus deveres. E o cão está sempre com ele, dia e noite. Não será pela força, mas sim pelo raciocínio, que conseguiremos vencer esta batalha – lembrou o real secretário. “Bem jogado”, sussurrou o assessor.

O príncipe foi convocado para comparecer perante a corte. Apareceu, como sempre, sério e um pouco altivo, com o cãozito branco colado a si, e sentou-se perante a assembleia. O bicho, com aquela manchita castanha que parecia um soco, abanava o rabo de contentamento por ver tanta gente à sua volta.

Não foi o rei, mas sim um dos conselheiros mais eloquentes quem dirigiu a reunião. Expôs a situação de forma brilhante, lúcida, irrecusável. O bicho surgiu como um dissidente ao mando dos republicanos; uma mácula no carácter do príncipe; uma distorção aberrante do real quotidiano; um animal que perturbava tudo e todos e punha em risco o equilíbrio – e até! – a legitimidade do seu dono. Um animal, que, ai deles, devia ser abatido de imediato.

O rapaz ouviu tudo com atenção, acariciando as orelhas do cão. E foi um imenso silêncio que ficou quando o conselheiro acabou a exposição.

Todos fixavam o rapaz, magro e imóvel, com o cãozinho branco adormecido aos pés. O príncipe olhava para toda a gente, um a um, e era impossível saber em que é que pensava. Rosto inexpressivo, olhos rápidos, a mão direita pousada na cabeça do animal.

Finalmente levantou-se e pôs-se muito direito.

– Faça-se.

Contos de mal dizer: o cão

Naquela altura eu não tinha nada que fazer. Poderão censurar-me, mas comecei a seguir a Freya todos os dias, quando ela ia para o laboratório de Biologia. Não sei o que me levou a escolher aquela mulher, se o perfume que ela usava, o cabelo escuro a contraluz, a maneira como andava sem balançar os braços ou outra coisa qualquer. Mas percebi-lhe os olhos antes de olhar verdadeiramente para ela. Só assim sabemos se é possível mergulhar dentro de alguém, se é seguro, se vale a pena.

Ficava horas e horas à porta da casa dela, sentado no passeio, à espera que ela saísse. Às vezes, a Freya trabalhava o dia inteiro no laboratório, outras vezes saía com uma mochila para fazer trabalho de campo, e então era mais divertido. Tinha de correr por entre o mato para conseguir acompanhá-la, coisa que a aborrecia nos primeiros tempos. “Vai-te embora! Não tenho tempo para ti”, dizia-me ela muitas vezes.

Eu já sabia que ela vivia sozinha, e um dia atrevi-me a segui-a dentro de casa. Não me expulsou. Olhou para mim sem parecer notar que eu tinha dado várias voltas à sala antes de escolher uma cadeira onde me enrosquei. Depois sentou-se à secretária, de testa enrugada, e mergulhou as mãos no cabelo, completamente absorvida. Esteve a ler e a pensar durante horas, o livro de Biologia Molecular debaixo dos cotovelos. Finalmente levantou-se e abriu o frigorífico. Olhei para ela e ela olhou para mim, quase a sorrir. Sempre calada, estendeu-me um inacreditável pedaço de carne e arqueou interrogativamente as sobrancelhas.

Foi assim que começou a minha vida em casa da Freya.

Eu cercava-a de devoção. Ela era, evidentemente, uma deusa, mas uma deusa rude, desastrada, decidida e autoritária, indiferente a tudo e a todos. Mas, que querem? Eu adorava-a.

Tinha uma voz rouca, áspera e desabituada de inflexões. Quando me falava, parecia um pato a grasnar, mas nunca esperava que eu respondesse. Só lhe interessava a Biologia, sobretudo a Entomologia daquele planeta pouco conhecido. Consentia-me em casa porque eu não a incomodava, limitava-me a olhá-la com a dedicação que é meu apanágio, com o coração a latir de amor.

Um dia, recebeu um convite para explorar a fauna de uma qualquer ilha do outro lado do planeta. Fiquei admirado porque nessa altura fartou-se de falar, perguntou imensas coisas e ouviu durante muito tempo, a acenar com a

cabeça. Depois precipitou-se para o computador, mas enxotou-me quando quis estar ao pé dela, impaciente, debruçada no ecrã a consultar mapas e imagens.

Aquela ilha nem sequer tinha nome, era só um número de série num oceano povoado de arquipélagos vulcânicos, um local pouco estudado onde não havia sequer Aves ou Mamíferos.

No dia seguinte, foi buscar um saco enorme, embalou roupa, comida, medicamentos e instrumentos esquisitos até que o saco quase rebentou. Deixou a casa toda desarrumada e saiu comigo atrás.

A Freya mal conseguia andar, ajoujada com todo aquele peso que transportava às costas. Eu gostaria de ajudá-la, mas ela, a ofegar, virou-se para mim.

– Vai para casa! Já te disse que não vens comigo! Vai-te embora! – e, sem olhar para trás, recomeçou a marcha vacilante em direção ao cais de embarque.

O navio começou a zarpar lentamente, cautelosamente, com um barulho infernal de motores. A água espadanava, forçando a lama cor de chocolate a redemoinhar e a vir à superfície. A Freya, no convés, observava a manobra, sem se dar conta que eu estava ali em frente, na doca, a gemer, com toda a gente a olhar para mim. Sim, é verdade que o meu coração é simples, que não tenho nenhum pudor. Como não havia eu de gemer, e de uivar, e de sentir uma dor lancinante no peito enquanto ela me abandonava?

O barco afastava-se do cais. Não consegui conter-me por mais tempo: atirei-me à água e comecei a nadar desastradamente atrás do barco.

Alguns passageiros, debruçados na amurada, começaram a gritar, enquanto eu me esforçava para não ir ao fundo. O navio parou e fui resgatado; fiquei ali no convés, miserável, a pingar água, enquanto o capitão me falava com aspereza. Felizmente, como já estava atrasado, consentiu que eu permanecesse no navio. Logo que fiquei seco, corri imediatamente para a Freya, que encolheu os ombros.

No navio toda a gente conhecia “o caso do Cão”. Achavam graça à história, até conversavam comigo, mas a Freya continuou, como sempre, sem se dar com ninguém, constantemente enfronhada nos livros e no computador.

Chegámos à ilha uma semana depois. Desembarcámos numa lancha, juntamente com o grupo encarregado de montar o abrigo e de transportar o resto do equipamento, inclusive um velhíssimo gerador alimentado a plutónio. A Freya protestou contra aquele anacronismo, mas via-se que estava entusiasmada com o projeto.

No dia a seguir, a equipa terminou o trabalho e o navio zarpou para o continente, deixando-nos sozinhos.

Explorámos então a ilha, que de facto não era grande e tinha costas escarpadas a leste. A nor-noroeste, a cratera roída de um vulcão. A sul e oeste, praias de areia e um cordão de dunas amarelo-douradas. A partir daí, uma enorme floresta que cobria tudo, atravessada por rios e algumas raras clareiras silenciosas.

A Freya saía todos os dias para o exterior, capturando insectos, fotografando e anotando. Eu explorava o terreno com enorme curiosidade e procurava tornar-me útil, mas ela ralhava, chamava-me um estorvo idiota, sempre a mexer-me e a prejudicar as suas observações.

Apesar de tudo, reconhecia que eu era meigo, e, à medida que os dias iam passando, começou a gostar que eu estivesse por perto: apoiava a cabeça contra mim ou passava devagar a mão pelo meu dorso. Às vezes falava comigo. Depois de uma tempestade que arrancou várias árvores e fez baixar imenso a temperatura, passei a dormir na cama dela.

Uma noite, ouvimos um zunido que vinha da praia, não muito longe dali. Através da janela, vimos uma espécie de aurora boreal que dançava no céu, cor de violeta, mas que logo se extinguiu. A Freya foi ver o quadro do gerador e resmungou para consigo mesma.

Na madrugada seguinte, mesmo antes do nascer do sol, saí do abrigo e dirigi-me para o areal. Enquanto eu corria ao lado das ondas, o mar começou literalmente a ferver. Das orlas de espuma ao longo de toda aquela areia começaram a surgir pequenos caranguejos vermelhos, centenas, milhares de caranguejos minúsculos que saíam da água, como se ela própria estivesse a vomitar aquela bicharia imparável.

Comecei a correr para casa, a arfar. Quando olhei para trás, toda a costa ia ficando coberta por uma massa rugosa que parecia um sudário escarlate, de onde saía um rumor que aumentava a pouco e pouco. Aquela máquina ia-se sumindo na vegetação, triturando e devorando folhas, talos e ramos com um clique-clique constante.

Entrei na cabana. A Freya dormia ainda, envolta no cobertor de quadrados pretos e azuis. Dormia como se aquela terra fosse a sua e não estivesse exilada numa ilha estranha, num planeta que não era o seu. Como se as rochas, a atmosfera rarefeita, os penhascos brancos com estrias verdes, as dunas e a floresta lhe dessem o sossego que nunca tinha tido.

Acordou de repente com o estalido quase metálico dos caranguejos. Estremunhada, levantou-se e foi espreitar à janela. A bicharia trepava agora as dunas, que ficaram cobertas por um manto berrante e dotado de vida própria, que avançava, avançava sempre. A Freya fechou de imediato a porta e trancou

as janelas. Só deixou uma fresta para poder ver o avanço dos caranguejos. Começou a consultar os apontamentos, aflita, mas nada explicava aquele fenómeno. Do pouco que se sabia, aqueles invertebrados marinhos nunca tinham invadido a terra.

Os pequenos artrópodes continuavam a golfar da praia. Despedaçavam e devoravam tudo, tomados de um furor incompreensível, de um apetite apocalíptico que destruía tudo. Só ficavam os troncos lisos das árvores, e em breve o solo ficou coberto de destroços castanhos e desolados.

A onda vermelha rodeou a cabana com um grosso ruído de destruição, num fervilhar de patas e antenas. Tentavam subir as paredes, insinuavam as pinças sob os caixilhos das janelas, e o sol, incidindo sobre toda aquela massa fervilhante, cegava com uma luz avermelhada.

A Freya procurou acalmar-me, embora ela própria estivesse aterrorizada. Lá fora, o arranhar e o crepitar aumentavam de intensidade. Ela continuava a folhear os cadernos, ofegando.

– Os caranguejos australianos também emigram todos os anos aos milhões, mas não atacam ninguém. E vão da terra para o mar, e não ao contrário.

De repente lembrou-se do zunido da noite anterior e soltou uma exclamação. Será que haveria alguma relação com o caso? Ou teria o gerador de PU-239, que distava quase um quilómetro dali, tido alguma influência no comportamento dos caranguejos?

Foi novamente observar as leituras dos mostradores e respirou fundo.

– Para já, é necessário desligar imediatamente o gerador, que está a chegar a um ponto crítico. Cão, tu ficas aqui, ouviste? Não saias do abrigo.

Mas antes que ela pudesse sair, dei-lhe um violento encontrão que a fez cair e bater com a cabeça na parede. Vi-a desmaiada e fiquei satisfeito. Em meio segundo, escapei do abrigo e fechei a porta atrás de mim.

Imediatamente os caranguejos começaram a subir por mim acima e envolveram-me por completo. Eram tão rápidos que não conseguia sacudi-los.

Eu corria o mais depressa que podia, mas as dores eram insuportáveis. Os bichos não eram grandes, mas tinham tenazes afiadas que me perfuravam a pele e, mais depressa do que eu podia sacudi-los, começaram a roer-me. Deitei-me ao chão e rolei-me, aos uivos, o que me permitiu algum alívio, enquanto centenas deles ficavam esmagados no meio de uma linfa cor de carne.

Reergui-me e recomecei a correr. Tinha pouco tempo, bem o sabia. Os caranguejos voltaram a cobrir-me como uma capa, e o peso dificultava-me ainda mais a corrida. O sangue começou a golfar enquanto eu era devorado

vivo, esfacelado, roído, triturado, estraçalhado, sempre a correr em direção ao gerador. A dor era tão grande que eu uivava sempre, uivava e corria. A certa altura atingiram uma artéria qualquer e eu soube que tinha apenas alguns segundos antes de conseguir desligar o gerador com ambas as mãos encharcadas de sangue.

No dia seguinte, Freya olhou demoradamente o cadáver semidevorado do seu companheiro:.

– Pobre homem! Pobre homem! Nunca percebi porque é que gostavas tanto de mim. Nem porque adoravas essa tua alcunha ridícula.

NOTA BIOGRÁFICA

Isabel Cristina Pires nasceu em 1953, na Pampilhosa, e em 1976 licenciou-se em Medicina em Coimbra, especializando-se em Psiquiatra. O seu primeiro livro de contos, em 1987, foi contemplado com o prémio Caminho de Ficção Científica. Nesta editora, Caminho, publicou as seguintes obras: *Universal Limitada* (1987, contos; prémio Revelação da revista Mulheres); *A Árvore das Marionetas* (1989, romance); *A Casa em Espiral* (1991, contos; 2.^a ed. Círculo de Leitores, 1997); *A Roda do Olhar* (1993, poesia); *À Porta de Nárnia* (1995, poesia); *Cobra de Papel* (1997, poesia); *Todas as Cores do Azul* (2001, poesia); *O Nome do Poeta* (2003, romance); *Deserto Pintado* (2007, poesia). Na editora Palimage, deu à estampa *O País das Ondas à Janela* (2013, poesia); *Cidade das Imagens* (2015, poesia, com ilustrações). Na editora Lua de Marfim, publicou *Rasura no Ar* (2016, poesia). Isabel Cristina Pires está representada em numerosas antologias de poesia e conto, quer em Portugal, quer no estrangeiro (traduções em catalão, francês, inglês e alemão). Na sua qualidade de pintora autodidata, tem participado em exposições individuais e coletivas.

A rapariga que lia para os mortos

Tinha apenas 17 anos, quando decidi seguir as passadas de meu pai e tornar-me coveiro. Pode parecer, ao leitor, uma estranha escolha, sobretudo para um jovem alegre e despreocupado como eu era. Por que enveredei, então, por essa forma de vida tão peculiar? Garanto-vos que não sentia nenhum mórbido fascínio pela morte, com os seus cortejos de parentes enlutados e lacrimějantes, os trajes negros e o silêncio de pedra. Pelo contrário, a dor, a melancolia e o abandono deprimiam-me. Por isso, experimentava uma genuína empatia por quem tivesse perdido um ente querido. Era sempre com sinceridade que lhes apresentava os meus pêsames – e isso confortava-os.

O que me seduzia naquela profissão era ser tranquila e desapressada como a própria eternidade. Havia uma compostura digna em todos os intervenientes, uma ordem específica, há muito ritualizada, em cada gesto ou palavra. Em suma, tirando os ocasionais percalços do carro funerário chegar atrasado, do forno crematório arder ou de um parente esmurrar outro por causa do testamento, não havia surpresas a registar.

No entanto, houve um facto extraordinário que marcou decisivamente a minha carreira de coveiro. Permito-me partilhá-lo com o leitor, para que não caia no esquecimento. O caso deu-se no meu primeiro ano de coveiro, em 1983, era eu ainda um aprendiz do ofício, a labutar lado a lado com o meu pai. Nessa jornada, coube-me encerrar o cemitério, ao final de uma tarde tépida e outonal. Apreciava, em particular, a placidez do ocaso, quando a luz do sol doira as lápides, o vento agita as flores já fanadas, a quietude desce sobre o mundo e se escuta o chilrear dos pássaros, preparando-se para a noite.

Como de costume, a meia hora do fecho, fiz soar a sineta, para avisar os visitantes, e dei um último giro por entre as campas e jazigos, não fosse algum idoso surdo não ter ouvido o toque. Já sucedera algumas vezes, acreditem. Não foram poucos os que, em pânico, desataram a gritar desalmadamente, perante a tenebrosa expectativa de passarem a noite entre as mesmas lápides e cadáveres onde, minutos antes, haviam rezado.

Foi, então, que a vi. Era uma rapariga bonita, a pele seráfica, o cabelo negro e longo, envergando um vestido azul-bebé, fora de moda. Encontrava-se sentada na esquina de uma campa de mármore, há muito ao abandono. Na mão direita, segurava um livro de bolso, de folhas amarelecidas; a esquerda descrevia gestos graciosos, como um maestro a reger uma orquestra. Numa voz melodiosa, numa cadência lenta, declamou: “Sou aquela que passa e ninguém vê ... / Sou a que chamam triste sem o ser ... / Sou a que chora sem saber porquê ... / Sou talvez a visão que Alguém sonhou, / Alguém que veio ao mundo pra me ver / E que nunca na vida me encontrou!”

Fiquei tão perturbado que pensei tratar-se de uma rapariga fantasma, embora não acreditasse em espíritos. A jovem, ao dar pela minha presença, pareceu adivinhar-me o pensamento e gritou:

“Buuu!”

Instintivamente, recuei um passo. Ela soltou uma gargalhadinha e sossegou-me:

“Não tenhas medo.”

“Desculpa. Assustei-me. Não é costume ver alguém a declamar para os mortos.”

“Não é um defunto qualquer. É a minha avó preferida.”

“Vens visitá-la muitas vezes?”

Encolheu os ombros:

“Sempre que posso.”

“Como sabes os gostos da tua avó?”

“É fácil: herdei as estantes dela. Prateleiras e mais prateleiras com livros de poemas, como este.” Exibiu a capa: *Livro de Mágoas*, de Florbela Espanca. “Costumas ler?”

“Nem por isso.”

“Não sabes o que perdes. A minha avó morreu aos quarenta anos, quando a biblioteca municipal ardeu. Trabalhava lá.” O semblante turvou-se-lhe. “Às vezes, penso que preferiu arder a abandonar os livros.”

Ergueu-se da campa, sacudiu o pó do vestido, enfiou o livro numa sacola castanha e pô-la a tiracolo. Quando se aproximou de mim, reparei que tinha os olhos azuis-cobalto, uma cor tão rara que apenas a vi uma vez, num bebé.

“Não sabia que tinha havido um incêndio”, disse-lhe.

“Foi em 1968. Neste talhão do cemitério, foram sepultados o diretor, a bibliotecária, que era a minha avó, e onze outras pessoas.”

“Não fazia ideia!”

“Devias saber. Não és o coveiro?”, apontou para o dístico na lapela do meu casaco.

“Coveiro-aprendiz”, corriji.

“Vem comigo.” Deu-me a mão. Corei, de imediato. “Vou mostrar-te.”

“Mas eu tenho de encerrar o cemitério.”

“É assim tão urgente? Tens medo que algum morto fuja?”

Percorremos juntos um caminho entre jazigos escurecidos pelo rodar das estações e cobertos de verdete. A rapariga tinha uma forma engraçada de andar, aos pulinhos, como um pardalito, sem me largar a mão. Cheirava a cedros e a madressilva. Apontou uma campa rasa, assinalada por uma cruz singela.

“Aqui, está sepultada uma menina que ficou presa na cave quando o fogo começou.”

“Como sabes?”

“Li nos arquivos da biblioteca nova. Na altura, a tragédia fez as parangonas dos jornais. Anda, vamos ver outra.”

Mostrou-me um jazigo, com um frontão triangular, um escudo brasonado, duas colunas jónicas, à entrada, e uma epígrafe: “parvus et magnus ibi sunt”.

“Apresento-te o diretor da biblioteca e os seus familiares.”

Apontou para mais alguns túmulos, quase todos humildes, olvidados, afundando-se, ano após ano, no ventre da terra. Não fosse o incêndio e talvez aquelas pessoas ainda estivessem entre nós, tricotando gorros para os netos, viajando em excursões para observarem as amendoeiras em flor, redigindo memórias. A rapariga parou, de súbito, e agachou-se:

“Sabes qual é a sepultura mais bonita? É esta, de um casal.”

Dois anjos de pedra, quase da estatura de adultos, erguiam-se junto à lápide. A asa de um já se quebrara. O outro estava inclinado, como se desejasse encostar-se ao ombro do seu par. Há muito que ninguém cuidava da campa: não havia velas, nem flores. Possivelmente, os familiares teriam emigrado para França ou falecido. Os nomes dos esposos eram ilegíveis. Esfreguei a lápide com o cotovelo, sem êxito. A rapariga explicou:

“Saltaram os dois da janela do terceiro andar, abraçados, para evitar as chamas.”

“Juntos até à morte.”

“Ela estava grávida de uma menina.”

Senti um calafrio percorrer-me. A adolescente perguntou:

“Tens medo da morte?”

“Algum.”

“Porquê?”

“Não sei o que há do outro lado.”

“Dizem que é a eternidade.”

“O infinito assusta-me. Já imaginaste? As mesmas pessoas para sempre, cada vez mais recordações, não ser capaz de esquecer.” Engoli em seco. “Deve ser terrível.”

“Nunca tinha pensado nisso.”

“E tu? A morte não te mete medo?”

“Não.” Fitou-me, deveras séria. “Mas há uma coisa que me aterroriza.”

“O quê? Incêndios, terramotos, furacões?”

“Nada disso.” Hesitou e desviou o olhar. “É morrer sem ser beijada.”

“Que idade tens?”

“Quinze.”

“Oh, ainda vais muito a tempo!”

“E se partir aos dezasseis?”

“Pouco provável, não achas?”

“Mas possível. Diz-me: a que sabe um beijo de rapariga? A uvas? A amoras? A cinza?”

Emudeci. Nunca tinha experimentado o ósculo de nenhuma.

“Não sabes, pois não, coveiro-aprendiz?”

Acenei negativamente.

“Tens pavor de mim, da morte, do infinito. Diz-me: também tens medo de um beijo?”

Antes que eu tivesse tempo de replicar, segurou-me o rosto entre as mãos e beijou-me longamente. Não de forma delicada, como outras raparigas que viria a conhecer, mas com sofreguidão. No fim, mordeu-me o lábio inferior. Doe. Levei a mão à boca. Sangrava.

Ela murmurou:

“Sabe a sangue, um beijo de rapariga. Como a vida.”

Pousou a mão na fivela do meu cinto. Senti o desejo percorrer-me. Ia a retribuir o ósculo roubado, mas ela afastou o rosto:

“Anda lá. Tens de fechar o cemitério.”

Olhei para o relógio. Já passava da hora. Acompanhei-a, em silêncio, até aos tristes portões de ferro forjado. À despedida, a adolescente tirou o livro da sacola e entregou-mo.

“Quero que fiques com isto e o leias. Prometes?”

“Combinado.”

Sorriu e beijou-me a face, um ósculo casto, de irmã. Contemplei-a enquanto se afastava pela rua ladeada de ciprestes até se sumir entre as sombras de outubro e as folhas cadentes. Guardei o volume no bolso do casaco. Passados quarenta anos ainda o conservo. Perdi a conta às vezes em que o li. Amareleceu ainda mais com o tempo e um dos cadernos descoseu-se. Porém, graças a ele, tornei-me num leitor ávido.

Não tive oportunidade de devolver o livro à rapariga, porque nunca mais a vi. De qualquer forma, acalento uma suspeita. Revelara-me que uma bibliotecária e doze outras pessoas haviam perecido no incêndio, ou seja, treze indivíduos. Mas, juro-vos, contei e recontrei as sepulturas, li os artigos de jornal, e nunca descobri referência a mais de doze. A menos que a bebé por nascer, do casal perecido no incêndio, fosse ela, quinze anos depois. Contudo, não deixo que isto me tire o sono. Foi o meu primeiro beijo e soube-me ao sangue da vida.

NOTA BIOGRÁFICA

João de Mancelos, nome literário de Joaquim João Cunha Braamcamp de Mancelos, nasceu em Coimbra, em 1968. É licenciado em Ensino de Português e Inglês (Universidade de Aveiro, 1992), mestre em Estudos Anglo-Americanos (Universidade de Coimbra, 1996), doutorado em Literatura Norte-americana (Universidade Católica Portuguesa, 2001), pós-doutorado em Estudos Literários (Universidade de Aveiro, 2006-2012) e agregado em Estudos Culturais (Universidade de Aveiro, 2015). Lecionou na Universidade Católica Portuguesa (1992-2006), na Universidade de Aveiro (2006-2012) e na Universidade da Beira Interior (2012-presente). Publicou 27 livros. No ensaio, destaca-se *O marulhar de versos antigos: A intertextualidade em Eugénio de Andrade* (2009) e *Manual de escrita criativa* (2012); na poesia, *A sombra de um homem só: Poemas selecionados* (2022); no conto, *Nunca digas adeus ao verão* (2021) e *A rapariga que adorava finais felizes* (2021). Este último livro integra o Plano Nacional de Leitura. Foi distinguido em diversos concursos literários. Dois contos seus foram adaptados a teatro e um a cinema, no Brasil.

LUÍS AGUIAR

Amor | Destino | Vida | Solidão | Saudade | Tristeza | Fome

Amor

Este é o sereno barco
que naufragou no teu lívido peito.
Perscrutou, indolente,
as dissonâncias do lírio-do-vale,
com uma nota
de baunilha diurna e sumptuosa.

Destino

Silêncio aquoso
com notas frutadas
de groselha-negra,
maçã
e almíscar branco.

Vida

Notas de cabeça –
rosa damascena, mirra, violetas de Arezzo.

Notas de coração –
couro, jasmim-do-imperador, tangerina.

Notas de fundo –
lavanda, absoluto de rosa, cravo-da-índia.

Solidão

Um pássaro
aproximou-se da quietude
das pedras,
enquanto a tristeza
derramava
lágrimas de lavanda,
groselha preta *e petitgrain*.

Saudade

Este é o rumor de um sismo –
raro acorde, íngreme, de bergamota,
nota dissonante no caminho inicial,
derradeira paixão redefinida,
fragrância de gengibre, pimenta e sálvia.

Tristeza

Fragrância feminina, frutada,
oscilando entre uma lágrima de orquídea
e o aroma de rosa iridescente e melão.

Perto dos seios um sabor a pêsego,
e a almíscar, certamente.

Princesa sensual e refinada,
adornada com jasmim, rosas, amoras
e lírios brancos dos longos campos.

Fome

Acarício o violino,
tacteio o perfume branco,
repleto de especiarias, mirtilos
e sândalo de Mysore –
pálida luz que habita
os lóbulos das orelhas.
Temperatura exangue,
tear que range
quando os relógios adormecem.

NOTA BIOGRÁFICA

Luís Aguiar nasceu em Oliveira de Azeméis, em 1979. Em 2018 obteve o grau de Mestre em Línguas e Relações Empresariais pela Universidade de Aveiro. A sua educação artística estende-se a vários domínios: estudou música clássica, fotografia e guitarra portuguesa na Escola de Fado de Coimbra. Escreve poesia há mais de 25 anos, tem poemas dispersos por antologias e revistas literárias, catorze livros de poesia publicados e foi galardoado em dezenas de prémios literários nos últimos 25 anos, alguns dos quais de índole internacional. A título de exemplo: Prémio Literário Manuel Maria Barbosa du Bocage (2022 e 2016); Prémio Literário Cidade de Almada (2021); Prémio Literário Irene Lisboa (2021); Prémio de Poesia Judith Teixeira (2017); Prémio Internacional Sepé Tiaraju de Poesia Ibero-Americana, Amazônia – Brasil (2009); Prémio Literário São Domingos de Gusmão (2007); Prémio Literário Afonso Lopes Vieira (2006) e o *Premio del Concorso Internazionale di Poesia Castello di Duino* –Trieste, Itália (2005).

MARIA FRATERNA

Movimentos sufocados | Março esperso | Raízes traídas

Movimentos sufocados

Quem sabe de um lugar na vida
Aqui nesta terra vencida
Que seja ofício entrincheirado
No bico de um pássaro a voar
Sobre o leito de rio conquistado.
Pudesse ele ser lugar ou mãe,
E, até um esconderijo invisível.
Ó meu glorioso mundo moribundo
Dentro do artifício mais profundo
Por osculados galhos faz-te fecundo.
À janela de um poema verde paisagem
Agarra o céu azul na passagem
E o desfiar de pétalas de rosas bravas,
Num movimento seguido e sufocado,
Com a cadência de dádivas à floresta agreste,
No ritmo das estações e dos desejos
Que suavizam as casas em ruínas,
Redemoinhos de um novo tempo,
Que não sorve a agonia do inverno,
Nem eleva as palavras ardentes dos lábios.
Sim, antes de colapsar o movimento
E a luz que ilumina o pão

Num misto louvor de erguer de mãos
E de pés descalços a afagar o solo
A pedir um destino onírico de vida
Onde se possa engomar os versos
Porque se entranharam no movimento
Como pedras sufocadas no chão.

Março esperso

Quando o pensamento
Resolve ter frio
Também a paisagem muda e morre
Como se a terra deixasse
De marcar o dia
E ficasse sempre noite
Com o sangue do céu crepuscular
Na última flor do canteiro
Que espera e morre
Sem primavera.

À porta do criador
Há nuvens tingidas de laranja
Vindas das tempestades oriundas do deserto
Ele limpa as águas pousadas
Do março esperso
Como um poeta moribundo
Que em êxtase mais-quer outro tempo
Fora dos dias e das horas feridas
Sem o som ronco das sirenes
Nos cânticos dominadores dos homens.
Cruzados nos passos de um bailado
Que sangram matizando toda a esperança.

E se é esperso o março
Marcam-se novas fronteira de destino,
Neste mundo que se transfigura
Pintando-se no derramamento do sangue

Hoje, que o viver é um desespero,
Amanhã, que o sonho não vale nada.
Na vida que é de março
Por aqui estamos perdidos e sós,
Nas areias vindas do deserto.

Raízes traídas

A minha cidade
Esquiva-se de mim
Sinto-a distante
Com o passar dos anos
Ouço estampidos na cabeça
Sinto-a sem razão na minha memória
Desviou-me de ser feliz
Tem voz nas pegadas
Não vigia quem dorme ao relento
Alberga mistérios e ninhos
Nos vetustos encantos do chão
E ninguém se importa com o betão
Dentro do cerco, do muro, e da torre
Tem instintos ásperos e saqueados
A pulsar poeira na peneira da eira
Grávida nas noites gera timidez
E veste-se de rio no círculo das águas
Teimosa vibra a calcetar o desassossego
Em vão não quer o silêncio
Devagar semeia a inigualável dor
Nos que quer inteiramente vencidos
Acorrenta tantos corações sentidos
Como se esquecesse quem trabalha
E acalentasse o dormir e o partir
Do destino quebrado nas garbosas espumas
Contidas nas raízes traídas.

NOTA BIOGRÁFICA

Maria Fraterna, pseudónimo de Maria de Fátima Carvalho da Silva Cardoso, nasceu em V. N. de Famalicão, a 13 de março de 1959. Licenciou-se em Direito, trabalha como jurista. Publicou, os livros de poesia *No Assédio do tempo* (2020) e *De Dentro para Fora* (2022). É coautora em várias coletâneas e antologias poéticas. Foi agraciada com os seguintes prémios: 1.º Prémio Literário Ser Mulher (2019) e Prémio Prosa na Fuzeta (2020).

REGINA CORREIA

Brev(E)idade | Namib | Redesenhar o verso | As mãos de quem ama | Não sou afluente desse rio | Também morri no Cunene

Brev(E)Idade

No deserto (re)entro no (meu) tempo.
Acompanho a lentidão da girafa
que busca em oásis decifrado num
rio seco seu último alimento.

Só aqui sabemos de eternidade
nos espinhos mais altos das acácias
que respiram a medida dos ventos
do presente na sua brev(e)idade.

E nossos pés e cascos reconhecem
berço no atrito leve das areias.

Tatuado em nosso olhar o ritmo
transluzente de outras galileias.

Namib

I
Ainda a terra não era mundo, já
nosso corpo serpenteava ao lado
do olongo, por chuva que não vinha.

Assobiavam cruzados os ventos
sobre rocha, rios, vales, montanhas,
sobre altas dunas e orla marinha.

Aconchegado em veias milenares,
das tamargueiras avançando firme
namoro eterno de mar e deserto.

Do Cunene ao milagre Welwitschia,
entre lendas, mitos da terra seca,
remoto alvoroço a céu aberto

perpetuando nos trilhos de ouro
cada pegada em lugar impossível
de um caldeirão pátrio escorregadio.

Não por essa itinerância da vida
no meio do nada onde os insectos
calculam sol, noites e contrafio.
Sinais outros mordiscam os “anéis de
fada” no uivo dos ventos que turvam
as águas intermitentes para sul.

Rasteje cobra, corra lagarto por
ferventes areias, antes que a zebra
palmilhe as encostas bem longe do azul.

Redesenhar o verso

queria sim redesenhar o
verso num vagar de folha
pendendo sobre veios
desarrumados na crosta
vítrea dos lagos invernais

descarnar cada palavra
retalhada em cima do cansaço
quanto saborear-lhes
matéria divina na
ilusão estalando prodígios ao
ritmo de insónias
tresloucadas

colher a uva em seu altar de
deuses clementes
ínvia consolação no
purgatório anterior a
qualquer amanhã luciferino

aconchegar-me nua às
lembranças consentidas no
poema que é apenas
consumação do desastre sem
barreiras de contenção

As mãos de quem ama

Fecha-se a rosa sobre seu coração
tingido de sangue. Fosse Afrodite
correndo por Adónis em segredo
guardado nos espinhos do deserto.
Aperfeiçoadas mãos de quem ama.

Rodam devagar os olhos sobre as
flores, outrora, da cor do algodão.
E uns braços feridos abrem-se ao
viço-raiz do cristal de areia
que rasga terra morta e a inflama.

Purifica-se o mundo agonizante.
Bailam incensos na espuma do mar,
expiados pragas e medos. Em vez
de atoleiros, assuntam esteios
rendidos à face ígnea da paixão.

Do lodo nem encurtada lembrança.
Anjos de ouro cumprem travessias
ungidas por tácitas virtudes no
breve respirar de ficções bravias.
Abre-se a rosa num altar-tentação.

Não sou afluentes desse rio

Não sou afluentes desse rio.

Sempre na estranheza dos mundos vi
secar as fontes. Respiração adiada
quando da janela sobre a nascente não
ouvia o clamor secreto das esperas.

Mesmo a exaltação selvagem da
terra sonhadora onde os frutos
sabiam a murmúrio de água no
coração da estiagem encharcava de
impossível o arco da benquerença.

E de lua em lua fomos sepultando as
açucenas em flor tão perto do êxtase!

Também morri no Cunene

Do ventre rasgado da terra sangram
veios de morte no bafo da seca.

Desmesurada tragédia aos olhos
desligados do mundo. Sem pasto no
estômago nem a avestruz engole
pedras. Agoirenta romaria de
meninos por água na poeira do
nada. Somente cansaço. E estertor.

Ao beijo inclemente de turbulências
repousam esqueletos emoldurando
chão martirizado. Que é das águas
do rio? E das da última chuva?

Flagelo crónico em carreiros de
transumância cruel para gentes e
gado. Eu também morri no Cunene.

NOTA BIOGRÁFICA

Maria Regina Fernandes Correia (Viseu, 1951), luso-angolana, é licenciada em Filologia Germânica, pela Faculdade de Letras de Lisboa. Foi professora do ensino secundário em Angola, em Portugal e na Alemanha. Tem coordenado eventos culturais ligados a instituições cabo-verdianas. Além de integrar antologias poéticas e de ficção, em Portugal e no Brasil onde foi premiada, é autora de cinco obras, entre ficção e poesia, desde 1999. É membro da Associação Portuguesa de Escritores (APE).

**Departamento de Línguas e Culturas:
Provas Académicas e Atividades Culturais**

■ | 2022
■ ■

Departamento de Línguas e Culturas

Provas Académicas e Atividades Culturais | 2022

Segue-se uma lista das provas académicas concluídas ao longo do ano civil de 2022 no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro (DLC/UA), no âmbito dos diversos cursos de Licenciatura, de Mestrado e de Doutoramento que aqui são oferecidos. Incluem-se ainda provas académicas realizadas noutras instituições de Ensino Superior com orientação científica de docentes afetos ao DLC.

Apresenta-se igualmente um apanhado, por ordem cronológica, das atividades culturais mais relevantes que tiveram lugar nesta unidade orgânica da UA ou online, bem como eventos que não decorreram na UA, mas foram organizadas e/ou dinamizadas por docentes do DLC.

Provas académicas

1. Pós-Doutoramento e Estágios de Pós-Doutoramento

1.1. Estágios de pós-doutoramento

- Elżbieta Jamróz-Stolarska, «Portuguese Children’s Literature Book Market: Small and Independent Publishers». Período de estágio entre 12/9/2022 e 11/11/2022. Orientação: Ana Margarida Ramos.
- Newton Murce Filho, «Temas difíceis na literatura infantil e juvenil». Período de estágio entre 14/09/2022 e 13/09/2023». Orientação: Ana Margarida Ramos.
- Thiago Cavalcante Jerónimo, “Expressões Portuguesas em Clarice Lispector”. Período de estágio: 01/04/2021 a 31/03/2022. Orientação: Paulo Alexandre Pereira.

2. Doutoramento

- Ana Margarida Rocha Cardoso Nunes da Costa, «A diversidade da Língua inglesa – o ponto de partida para o desenvolvimento da competência plurilíngue». Universidade de Aveiro. Programa Doutoral em Educação. Orientação: Gillian Moreira. Coorientação de Ana Sofia Pinho (ULisboa).
- Ana Rita Gonçalves Soares, «El Imaginario Medievalista en la Ficción Narrativa Ibérica Contemporánea. Una Poética del Extrañamiento/O Imaginário Medievalista na Ficção Narrativa Ibérica Contemporânea. Uma Poética do Estranhamento». Universidade Complutense de Madrid. Doctorado de Estudios Literarios. Orientação: Rebeca Sanmartin Bastida. Coorientação de Paulo Alexandre Pereira.
- João Canha Pinto Hespanhol, «Filosofia da Literatura – A Crítica Ontológica do Texto Literário». Universidade de Aveiro. Programa Doutoral em Estudos Culturais. Orientação: Maria Manuel Baptista.

2.1. Estágios de Doutoramento

- Daniele Arciello, «*Investigaciones en torno a elementos picarescos en la literatura virreinal hispanoamericana*» (Universidade de León, Espanha). Estágio no Programa doutoral Mundo hispánico: raíces, desarrollo y proyección, Universidade de León (Espanha), no período de julho a agosto de 2022. Mobilidade Erasmus+ de curta duração para doutorandos. Orientação: António Andrade.

3. Mestrado

3.1. Mestrado em Estudos Editoriais

- Alina Dobrovolska, «Livros Divergentes: um Estágio em Foco». Orientação: Maria Cristina Carrington.
- Anna Ryayk, «Relatório de estágio na Ameise editora: edição no mundo automotivo». Orientação: Maria Cristina Carrington.
- Bárbara Mariana Alves Monteiro, «Imprensa da Universidade de Coimbra: 250 anos no mundo editorial universitário». Orientação: António Andrade.
- Beatriz Ferreira Rodrigues, «Relatório de estágio na The Book Company – a importância da produção de eventos». Orientação: Maria Cristina Carrington.

- Beatriz Pereira de Oliveira, «Relatório de Estágio na The Book Company: eventos literários e marketing territorial». Orientação: Maria Cristina Carrington.
- Carolina Gaspar Calvo, «Relatório de estágio no Grupo Infinito Particular». Orientação: Maria Cristina Carrington.
- Catarina Coutinho Araújo, «Relatório de estágio na Ludomedia – Políticas de acesso aberto para publicações científicas». Orientação: António Andrade.
- Cláudia Jardim Oliveira, «Nelinho de Noronha: proposta de edição a partir de um tema fraturante no contexto da literatura infantil». Orientação: Ana Margarida Ramos.
- Dânia Carina Rodrigues Brás, «Estágio curricular no âmbito do Mestrado em Estudos Editoriais, na Quântica Editora». Orientação: Carlos Morais.
- Elizabeth Soares Evangelista, «"Sol de inverno": Projeto editorial de autopublicação de um livro de crónicas». Orientação: Maria Cristina Carrington.
- Érica Carlstrom Rotoli, «Estágio curricular no âmbito do Mestrado em Estudos Editoriais, na Quântica Editora». Orientação: Carlos Morais.
- Maria Manel Soalheiro Ramalho, «Relatório de Estágio no Departamento de Publicações do Museu Calouste Gulbenkian: Editar no Museu». Orientação: Maria Cristina Carrington.
- Marta Catarina Ribeiro Morgado, «Estágio na Ludomedia, uma editora científica no mundo da edição». Orientação: António Andrade.
- Marta Gláucia Alves Aguiar e Silva, «As editoras na era digital: relatório de estágio na editora Trinta por uma Linha». Orientação: Ana Margarida Ramos.
- Matilde Palmeiro Calado d'Almeida Laborinho, «As variadas facetas do livro: relatório de estágio no Pronto a Editar Atelier». Orientação: Maria Cristina Carrington.

3.2. Mestrado em Línguas e Relações Empresariais

- Ana Marta Terra de Almeida Ramalho, «Relatório de Estágio. Multimoto Motor Portugal S.A.». Orientação: Maria Fernanda Brasete.
- Andreia Filipa Cunha Oliveira, «Um Commercial Rule Book para a empresa Tapeçarias Ferreira de Sá – Relatório de Estágio». Orientação: Ana Maria Ramalheira. Coorientação: Vera Vale.

- Beatriz Soraia Ferreira Martins, «A dinâmica so Departamento de Exportação da Revigrés – O Mercado francófono». Orientação; Otilia Pires Martins.
- Bruno Miguel de Almeida Esteves, «Relatório de Estágio Curricular na PECOL Automotivo: análise de clientes e o impacto de veículos elétricos no setor automóvel». Orientação: Margaret da Costa Seabra Gomes.
- Catarina da Silva Dias, «Desenvolvimento de negócio – Relatório de estágio realizado na LUGGit». Orientação: Noemí Pérez. Coorientação: Coorientação: António Carrizo Moreira.
- Firouzeh Aghe Mohammed, «Linguistic and Cultural Criteria Affecting Global E-commerce». Dissertação. Orientação de Kenneth David Callahan.
- Inês Maria Fernandes Pereira, «A Influência das Línguas e Culturas nas Relações Internacionais: Relatório de Estágio na OLI – Sistemas Sanitários, S.A.». Orientação: Ana Maria Ramalheira. Coorientação: Manuel Luís Au-Yong Oliveira.
- Inês Silva Santos Soares, «Relatório de estágio na MDA – Moldes de Azeméis». Orientação: Katrin Herget. Coorientação: Helena Nobre.
- Inês Silva Sousa Oliveira Ribeiro, «Comunicação digital em meio empresarial – Relatório de estágio curricular na Panidor». Orientação: Otilia Pires Martins.
- Joana Filipa de Oliveira Ribeiro, «Internacionalização, Competitividade e Estratégia: o Caso Cabelte». Orientação: Ana Maria Ramalheira. Coorientação: Maria Elisabeth Pereira.
- Joana Marques Resende, «Relatório de Estágio Curricular na Zoomguide: Desenvolvimento de Negócios e Utilização de Software de Gestão». Orientação: Margaret da Costa Seabra Gomes.
- Joana Pinheiro Rodrigues, «Relatório de estágio na Bolseira – Embalagens, s.a.: Comunicação e relações com os clientes em *business-to-business markets*». Orientação: Fernando Martinho.
- Laura Carvalho dos Santos, «Desafios de comunicação na internacionalização de pequenas e médias empresas portuguesas». Orientação: Noemí Pérez.
- Mafalda Cerqueira Correia, «Relatório de Estágio Curricular – O Comércio Internacional – Caso da Importação. Universidade de Aveiro». Orientação: Anthony Barker.
- Margarida Barros Resende, «Relatório de Estágio na Central Lobão». Orientação: Margaret da Costa Seabra Gomes.

- Mariana Lopes Antunes, «Estratégia de Marketing digital. Relatório de estágio na Sound Particles». Orientação: Francisco José Fidalgo Enríquez. Coorientação: Sara Cristina Valente dos Santos.
- Pedro Gonçalo Mota de Sousa, «A Quântica Editora e a sua abordagem cultural e estratégica do mercado brasileiro». Orientação: António Andrade. Coorientação: Manuel Au-Yong Oliveira.
- Rita Marçal Grangeia, «Comunicação Corporativa e Gestão de Relacionamentos – Relatório de Estágio na Abel Santiago S.A.». Orientação: Ana Maria Ramalheira. Coorientação: Helena Nobre.
- Sanaz Darabi, «Language Assessment for Multilingual Positions in Multinational Companies». Orientação: Mark J. R. Wakefield.
- Sofia Raquel da Silva Proença, «Impacto do home office nos relacionamentos interpessoais de trabalho: percepções dos teletrabalhadores em contexto de COVID-19». Orientação: Gillian Owen Moreira.

3.3. Mestrado em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda

- Guo Yijin, «Ficção Tanbi e Espaço de Leitura Feminina – Exploração de “Textos Culturais Experimentais”». Orientação: Maria Manuel Baptista.
- Huang Guanying, «Os Armários Vazios, de Maria Judite de Carvalho, e Ban Sheng Yuan (Amor de meia-vida), de Eileen Chang». Orientação: António Manuel Ferreira.
- Lanping Yao, «Semântica e Morfossintaxe das Orações Condicionais: um estudo de caso com falantes chineses». Orientação: Sara Pita.
- Na Wu, «Literatura infantil chinesa: uma proposta de tradução e análise». Orientação: Ana Margarida Ramos.
- Qi Ailin, «Imagens da China em A Volta ao Mundo, de Ferreira de Castro». Orientação: Paulo Alexandre Pereira.
- Ruiwei Zhang, «O estatuto social da mulher em *Niketche*, de Paulina Chiziane, e em *Mar me quer*, de Mia Couto». Orientação: Carlos Morais.
- Shengling Meng, «O uso da acentuação gráfica em Língua Portuguesa por aprendentes chineses». Orientação de Emília M. Rocha de Oliveira.
- Sun Huanqi, *Palavras Convergentes e divergentes: desafios para alunos chineses*. Universidade de Aveiro. Mestrado em Português Língua Estrangeira / Língua Segunda. Orientação: Sara Pita.

- Weimiao Han, «A aquisição de provérbios portugueses por alunos chineses: aspetos pragmático-semânticos da referência a relações familiares». Orientação: João Paulo Silvestre. Coorientação: Ran Mai.
- Weimiao Han, «A aquisição de provérbios portugueses por alunos chineses: aspetos pragmático-semânticos da referência a relações familiares». Orientação: João Paulo Silvestre. Coorientação: Ran Mai.
- Wenjing Yu, «Literatura infantil sobre a filosofia na cultura chinesa: análise de Tao, de Manel Ollé e Neus Caamaño». Orientação: Ana Margarida Ramos.
- Wenwen Zhang, «A aquisição dos graus dos adjetivos e dos advérbios em Português por alunos chineses». Orientação: Emília M. Rocha de Oliveira.
- Wu Huixian, «A tradução das orações subordinadas adjetivas para chinês – a perspetiva dos alunos chineses». Orientação: João Paulo Silvestre. Coorientação: Ran Mai.
- Xinyu Lan, «O relato de discurso por aprendentes chineses de Português como Língua Estrangeira». Orientação: Emília M. Rocha de Oliveira.
- Yu Xiaoyu, «O uso das formas de tratamento em Português por aprendentes de Língua Materna Chinesa». Orientação: Emília M. Rocha de Oliveira.
- Yutong Zhang, «Campos lexicais em provérbios portugueses e chineses de temática agrícola: um estudo comparativo». Orientação: Emília M. Rocha de Oliveira.
- Yuze Gao, «O bom, o mau, o belo e o desprezível em *A casa de palha* e *O meu pé de laranja lima*». Orientação: Maria Eugénia Tavares Pereira.
- Zhang Zichen, «Verbos de perceção visual em português e inglês: análise contrastiva da semântica e dos processos de lexicalização». Orientação: Fernando Martinho.

3.4. Mestrado em Tradução Especializada

- Daniela Monteiro Pereira, «A tradução na área de Publicidade e Marketing: Relatório de estágio na AP | Portugal». Orientação: Katrin Herget.
- Edgar Silva Ferreira, «Pós-edição de textos técnico-científicos franceses sobre Alzheimer: categorização de erros e análise dos procedimentos linguísticos». Orientação: Fernando Martinho.
- Elizabeth Christina Pinto Rocha, «Relatório de Estágio: Tradução de menus e a criação de uma memória de tradução e base de dados para a Translasaurus». Orientação: Margaret da Costa Seabra Gomes.

- Mafalda Cristina Pereira Vicente, «Relatório de Estágio na INPOKULIS TRADUÇÕES – Tradução jurídica». Orientação: Maria Teresa Murcho Alegre.
- Maria da Costa Azevedo, «Problemas de tradução na Área da Tradução Jurídica: Relatório de estágio na Translasaurus». Orientação: Noemí Pérez.
- Paulo André Soares Valério, «Géneros textuais na tradução médica: Consentimento informado». Orientação: Maria Teresa Murcho Alegre.
- Tatiana Patrícia Andrade de Almeida, «A importância da qualidade na tradução: Relatório de estágio na Dokutech». Orientação: Katrin Herget.

3.5. Mestrados afetos a outras universidades

- Helen Mac Donell, «Una investigación y análisis crítico de la flipped classroom en el contexto de la enseñanza del inglés como lengua extranjera en España». Universidade de Vigo. Mestrado em Profesorado – Especialidad: Lenguas extranjeras. Orientação: Maria Manuela Silva.
- José Carlos Magalhães Pereira, «Adaptação e Intertextualidade na Obra Infantojuvenil Contos Gregos, de António Sérgio». Dissertação de Mestrado em Estudos Clássicos – Poética e Hermenêutica. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coorientação: Maria Fernanda Brasete.
- Laura Garrido Romero. «A destreza gramatical nun libro de texto para o ensino da lingua inglesa: unha proposta de mellora». Universidade de Vigo. Mestrado em Profesorado – Especialidad: Lenguas extranjeras. Orientação: Maria Manuela Silva.
- Michele Estévez Otero. «A linguaxe inclusiva na aula de idiomas: o caso do español e o francés». Universidade de Vigo. Mestrado em Profesorado – Especialidad: Lenguas extranjeras. Orientação: Maria Manuela Silva.

Congressos, Colóquios e Ciclos de Conferências

«Histórias com Ciência na Biblioteca Escolar». 7.º e 8.º Ciclo de Conferências, Universidade de Aveiro, Rede de Bibliotecas Escolares – Ministério da Educação, Agrupamento de Escolas de Aveiro, Agrupamento de Escolas José Estêvão, Agrupamento Dr. Mário Sacramento, Agrupamento de Escolas de Esgueira, Agrupamento de Escolas da Gafanha da Nazaré, Agrupamento de

Escolas de Ílhavo, Agrupamento de Escolas da Murtosa, Agrupamento de Escolas de Ovar, Agrupamento de Escolas de Ovar-Norte, Agrupamento de Escolas de Ovar-Sul, Agrupamento de Escolas de Vagos e Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Vagos, com o apoio das UI CLLC, CIDTFF, CIDMA e CESAM. Organização e coordenação: A. M. Andrade. Anos letivos de 2021/2022 e de 2022/2023.

«Mandarim: literatura, património, tradições». Ciclo de conferências. Organização: C. Morais & C. Relva. Iniciativa resultante de uma parceria entre o Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro e a Câmara Municipal de S. João da Madeira. Biblioteca Municipal de S. João da Madeira, 21 de abril e 15 de junho.

«Imagens da China na literatura portuguesa». Ciclo de conferências. Organização: C. Morais, C. C. Cheng, R. Mai, Y. Han, P. Pereira & A. M. Ferreira. Univ. de Aveiro, DLC, 21 de abril («Imagens da China nos contos de Maria Ondina Braga e Fernanda Dias», por Dora Gago, Univ. de Macau), 19 de maio («O convívio das artes na obra poética de Carlos Morais José», por Sara Augusto Univ. Politécnica de Macau, e «Exotismo, tradição e mistério: três palavras para conhecer Macau a partir do universo ficcional de João Aguiar», por Micaela Ramon, Univ. do Minho), 9 de junho («Mas falta-me o sossego, o chá e a esteira' – a China no universo pessoano», por Cristina Zhou, Univ. de Coimbra; «Intervenção e memória poética: modalidades da presença da China nalguma literatura contemporânea que tematiza Macau», por Vera Borges, Univ. de S. José, Macau; «Do etnógrafo como ironista (ou vice-versa): imagens da China na obra de Ernesto Leal», por Paulo Pereira, Univ. de Aveiro), 6 de outubro («Sinédoque do encontro: Ondina Braga em Pequim sob o olhar da Imagologia», por Maria João Simões, Univ. de Coimbra, e «Miguel Torga: um transmontano no Oriente», por António Manuel Ferreira, Univ. de Aveiro) e 13 de outubro («A epistolografia oriental dos jesuítas no século XVI», por Sérgio Guimarães de Sousa, Univ. do Minho, e «Imagens distantes e próximas da mulher chinesa na literatura portuguesa, nascida a Oriente», por Cristina Nobre, Instituto Politécnico de Leiria).

«Fórum Saber Ouvir». Ciclo de conferências no âmbito do «VII Ciclo de Concertos de Coimbra»: «Coimbra como Polo de Cultura», «A Música como Terapia e Sublimação» e «Programação Cultural: Fios e Desafios». Organização e moderação: A. M. Ramalheira. Coimbra, Museu Machado de Castro e *online*, 27, a 29 de abril (<https://www.facebook.com/>

[watch/?v=499352341641674](https://www.facebook.com/cicloconcertoscoimbra/videos/686253452699867); <https://www.facebook.com/cicloconcertoscoimbra/videos/514961253505327>

«*Pelos Mares da Língua Portuguesa*», 5.º Congresso Internacional. Comissão organizadora: A. M. Ferreira, C. Morais, M. F. Brasete & R. L. Coimbra. Univ. de Aveiro, 4 a 6 de maio (<http://mares5.web.ua.pt/>).

«VII Ciclo de Concertos de Coimbra». Membro da Comissão organizadora: A. M. Ramalheira. Coimbra, vários locais emblemáticos da cidade, 5 a 8 de maio (<https://www.cicloconcertoscoimbra.com/concertos>).

«Encontro de línguas e culturas: o ensino de Português a chineses e o ensino de Chinês a portugueses (língua, literatura e cultura)». Ciclo de 7 conferências, por Luís Filipe Barbeiro, Fausto Caels, Romain Gillain, Flávia Coelho, Susana Nunes, Tânia Ferreira Catarina Castro, Marta Filipe Alexandre, Inês Conde (todos da ESECS, Politécnico de Leiria), Yuqing Lin (Universidade de Lisboa) e Li Jiaqi (Universidade Politécnica de Macau). Organização: C. Morais, C. C. Cheng, Y. Han, A. M. Ferreira, M. F. Brasete & R. L. Coimbra. Univ. de Aveiro, DLC, 6 de maio.

«Cartografias, Desafios e Possibilidades». 1.º Congresso da Rede Nacional em Estudos Culturais. Organização: M. M. Baptista. Universidade de Aveiro. 26 e 27 de maio.

«A guerra na Europa e a redefinição de uma identidade europeia». Colóquio. Organização: A. V. Simões, G. Moreira & T. J. R. Oswald. Univ. de Aveiro, 15 de junho.

«International Conference on Visual Storytelling». Colóquio internacional em parceria com ISCAP – Instituto Politécnico do Porto: Organização D. Callahan & A. Barker. Univ. de Aveiro, 30 de junho a 1 de julho.

«*Mundos em Mudança*». Congresso internacional do CLLC. Comissão organizadora: L. C. Moutinho, A. Bautista Gómez, H. Rebelo, L. F. P. Salema, M. T. Roberto, P. Osório, R. L. Coimbra, R. M. Lima & T. Flores Pérez. Univ. de Aveiro, 20 a 22 de julho (<https://mundos.varialing.eu/>).

«Conferência Internacional de Cinema – Arte, Tecnologia, Comunicação AVANCA | CINEMA 2022». Comissão organizadora: C. Ferreira (Univ. de Aveiro); A. Valente, (UTAD / Univ. de Aveiro); C. Freire (ESECS, Leiria); H. Marques (Universidade do Minho); M. J. Faceira (IAMS, Portugal); M. Varzim (ESAD, Matosinhos); M. Ardesiri (Università di Bologna, Itália);

N. Fragata (ESAD, Caldas da Rainha); S. Reis, (Cine-Clube de Avanca). Avanca e *online*, 27 a 31 de julho.

«*Fabulae Mutantur*: O Romance Multimodal na Literatura Portuguesa Contemporânea». Congresso Internacional. Comissão organizadora: P. A. Pereira, A. M. Ramos, E. Madalena, F. S. Ferreira, I. C. Rodrigues, M. E. Pereira, I. Costa, M. S. Neves & M. J. Lopes. Univ. de Aveiro (DLC), 15 e 16 de setembro.

«*A fúria de Aquiles: as faces da guerra*». Congresso Internacional. Comissão organizadora: a. M. Ferreira, A. M. Ramalheira, C. Morais, J. Mancelos, M. F. Brasete & R. L. Coimbra. Univ. de Aveiro, 29 e 30 de setembro (<http://furiadeaquiles.web.ua.pt/>).

«Do manuscrito ao livro impresso e eletrónico». 7.º Ciclo de Conferências. Organização: A. M. L. Andrade, M. C. Carrington & P. A. Pereira. Univ. de Aveiro, DLC-CLLC, 14 de outubro a 12 de dezembro.

«Instances of Knowledge Communication – Translating and Communicating across Knowledge Asymmetries». Colóquio. Comissão organizadora: K. Herget & M. T. Alegre. Univ. de Aveiro, 26 de outubro.

«Sexualidades e Lazer». VIII Congresso Internacional em Estudos Culturais. Organização: M. M. Baptista & R. Grácio. Univ. de Aveiro (CLLC), 23 a 25 de novembro.

«Diálogos Luso-Sefarditas». IV Colóquio Internacional. Membro da Comissão organizadora: A. M. Andrade. Iniciativa conjunta do CLLC, do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, da Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste da Universidade de Lisboa, do Instituto Politécnico de Tomar e da Câmara Municipal de Tomar. Tomar, Instituto Politécnico de Tomar, 24 e 25 de novembro.

«Relational Forms VII – Modernity and its Wake: Remembering and Re-imagining 1922». Congresso internacional. Membro da Comissão organizadora: M. J. R. Wakefield. Organização: CETAPS-Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Instituto de Filosofia da Univ. do Porto. Univ. do Porto (FLUP), 10 a 12 de novembro (https://sigarra.up.pt/flup/en/noticias_geral.ver_noticia?P_NR=146225).

Conferências, Aulas Abertas, Reuniões Científicas, *Workshops*, Simpósios, Seminários, Palestras, Jornadas, Exposições, Ações de formação, Apresentações de livros e Sessões de divulgação

«Criação de Peças de Barro e de Esculturas em Cerâmica de Pedra de Taihu». *Workshop* dinamizado por Zhou Zizheng (Instituto de Arte da Universidade de Xangai). Integrou a XV Bienal Internacional de Cerâmica Artística de Aveiro e foi transmitido pelo “Canal de YouTube IC-UA”. Organização: C. Morais & Y. Han. Janeiro de 2022.

«Desenho por Mesa Giratória – Criação de Cerâmica tradicional». *Workshop* dinamizado por Hao Pengsheng (Instituto de Arte da Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian) e por Fang Yanjun (Instituto de Arte da Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian). Integrou a XV Bienal Internacional de Cerâmica Artística de Aveiro e foi transmitido pelo “Canal de YouTube IC-UA”. Organização: C. Morais & Y. Han. Janeiro de 2022.

«100 anos de Seara Nova: Um projeto de futuro?». Sessão coordenada por M. M. Baptista. Univ. de Aveiro, 14 de janeiro.

«Strategic Marketing in the Arts and Culture». Palestra por Lénia Marques (Erasmus University of Rotterdam), no âmbito da UC Relações Interculturais, do Mestrado em Línguas e Relações Empresariais. Organização: M. S. Pimentel Biscaia. Univ. de Aveiro, DLC, 14 Janeiro.

«Ócios e Sexualidade: Diálogos Pandémicos». Sessão coordenada por M. M. Baptista. Univ. de Aveiro, 18 de janeiro.

«Conceitos jurídicos essenciais». Aula aberta dinamizada pelo Doutor Miguel Lucas Pires. Organização: T. Alegre. Univ. de Aveiro, DLC, 19 de janeiro.

«A Fundação Marion Ehrhardt». Comunicação no âmbito da sessão de lançamento das obras *Dispersos Inéditos e Memórias da Casa Alemã*, de Karl Heinz Delille. Coimbra, Hotel D. Inês, 22 de janeiro.

«Chapas Sínicas – Histórias de Macau na Torre do Tombo». Exposição. Organização: C. Morais, C. Silva, D. Henriques & A. B. Rodrigues. Universidade de Aveiro (Sala Hélène de Beauvoir), 14 de novembro a 22 de janeiro de 2023.

Aula aberta dinamizada pela Doutora Joana Gomes Ferreira (Serviço de Tradução da Procuradoria-Geral da República). Organização: T. Alegre. Univ. de Aveiro, DLC, 25 de janeiro.

A Experiência do Limite Humano. Testemunho Pessoal em Tempo de Covid. Obra de Miguel Cabral apresentada por A. M. Ramalheira. Coimbra, Hotel Tryp Melia, 29 de janeiro.

«Global Skills for the 21st Century – Language and intercultural Competence» Seminário dinamizado por Mabel Victoria (Edinburgh Napier University). Organização: A. Simões, T. Oswald & G. Moreira. *Online*, 1 de fevereiro.

«Sob o signo do tigre». Exposição, integrada nas festividades do Ano Novo Chinês e na festa de homenagem à Prof.^a Wang Suoying. A exposição integrou ainda uma mostra de esculturas em esteatite, pertencentes a Xavier Reis. Organização: C. Morais, H. Ying, C. Silva, D. Henriques & A. B. Rodrigues. Univ. de Aveiro, Biblioteca da Universidade de Aveiro, Sala Hélène de Beauvoir, 1 de fevereiro a 1 de março.

«*Why we don't always say what we mean: Linguistic Politeness and Intercultural Competence*». Palestra proferida por Mabel Victoria, no âmbito do projeto curricular «Global skills for the 21st century: language & intercultural competence», afeto à UC Inglês V – Técnicas de Expressão. Organização: A. V. Simões, G. Moreira & T. J. R. Oswald. Univ. de Aveiro, DLC, 1 de fevereiro.

«Demonstração de tradições e artes chinesas». *Workshop* integrado no ciclo «Mandarin: literatura, património, tradições» e dinamizado por uma equipa do Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro em parceria com a Câmara Municipal de S. João da Madeira. Organização: C. Morais & C. Relva. Biblioteca Municipal de S. João da Madeira, 10 de fevereiro.

«Diálogos entre a pipa e a guitarra portuguesa». Momento musical integrado na cerimónia de inauguração da Sala de Mandarin, na Biblioteca de S. João da Madeira. Organização: C. Morais, C. Relva, H. Ying, C. Silva, D. Henriques & A. B. Rodrigues. A iniciativa inaugurou o ciclo «Mandarin: literatura, património, tradições», que resultou de uma parceria entre o Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro e a Câmara Municipal de S. João da Madeira. Biblioteca Municipal de S. João da Madeira, 10 de fevereiro.

«Sonhos coloridos do Oriente: literatura infantil chinesa». Exposição integrada no ciclo «Mandarin: literatura, património, tradições». Iniciativa resultante de uma parceria entre o Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro e a

- Câmara Municipal de S. João da Madeira. Organização: C. Moraism C, Relva, D. Henriques % A. B. Rodrigues. Biblioteca Municipal de S. João da Madeira, 10 de fevereiro a 7 de março.
- «O Grego e o Latim na formação vocabular em português (e noutras línguas europeias)». Conferência / Aula aberta dinamizada pelo Prof. Doutor António Manuel Rebelo (Univ. de Coimbra – CECH), no âmbito da UC Terminologia. Organização: M. F. Brasete & A. T. B. Marques. Univ. de Aveiro, DLC, 8 de março.
- «Memória social, dinâmicas identitárias e interculturalidade». Seminário *online* por Rosa Cabecinhas (Univ. do Minho). Organização: N. Alves & G. Moreira. 11 de março.
- «A língua chinesa como ferramenta de comunicação intercultural e negocial». Conferência dinamizada por Anabela Rodrigues Santiago (DCSPT, Univ. de Aveiro / Bolseira de Investigação Doutoral FCT – CCCM), no âmbito da celebração do «Dia da Língua Chinesa». Organização: C. Morais & Y. Han. Univ. de Aveiro, DLC, 19 de março.
- «Inscrições de Pompeios: o dia a dia de uma língua viva». Conferência / Aula aberta dinamizada pelo Professor André Simões (Univ. de Lisboa – CEC), no âmbito da UC Língua Latina II. Organização: M. F. Brasete. Univ. de Aveiro, DLC, 31 de março.
- «"E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos?" A literatura para crianças de jovens contada aos mais velhos». Ação de Formação promovida pela Biblioteca Municipal do Porto. Dinamização: A. M. Ramos. Biblioteca Municipal do Porto, 2 de abril.
- «Festa da Suprema Claridade». *Workshop* sobre a. Colégio de D. José I. Organização: C. Morais, H. Ying, C. Silva, D. Henriques & A. B. Rodrigues. 5 de abril.
- «Português em Prática». Conferência no âmbito do Projeto «Línguas e Aprendizagens». Membro da Comissão organizadora: K. Herget & N. Pérez. Univ. de Aveiro, 7 de abril de 2022.
- «Überlegungen zu Übersetzungs-schwierigkeiten im Sprachenpaar Portugiesisch-Deutsch». Aula aberta proferida pela Prof.^a Doutora Yvonne Hendrich (Univ. de Mainz), no âmbito da UC Alemão – Práticas de Tradução, da Licenciatura em Tradução. Organização: K. Herget. Univ. de Aveiro, DLC, 7 de abril.

- «Língua chinesa: carateres, pictogramas». Exposição integrada nas celebrações do Dia da Língua Chinesa. Organização: C. Morais, H. Ying, C. Silva, D. Henriques & A. B. Rodrigues. Univ. de Aveiro, DLC, 19 a 29 de abril.
- «Dietoterapia chinesa» e «Acupuntura e vida diária». *Workshop* sobre medicina tradicional chinesa, no âmbito do 'Dia da Língua Chinesa', dinamizado por Yan Chunming (Universidade de Medicina Chinesa de Jiangxi). Transmitido pelo "Canal de YouTube IC-UA". Organização: C. Morais & H. Ying. Univ. de Aveiro, 20 de abril.
- «Mandarim: literatura, património, tradições». Conjunto de atividades dirigido a crianças do Ensino Básico de S. João da Madeira. Dinamização: Ana Beatriz Rodrigues (contos chineses *Os bolinhos de arroz da avó*, *Os fios de seda da avó e o barco do avô* e *Manto de penas*). Organização: C. Morais & C. Relva. Uma parceria entre o Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro e a Câmara Municipal de S. João da Madeira. Biblioteca Municipal de S. João da Madeira, 21 de abril, 15 de junho e 29 de outubro, respetivamente.
- «Instrumentos musicais chineses». Exposição integrada nas celebrações do 7.º aniversário do Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro. Organização: C. Morais, H. Ying, C. Silva, D. Henriques & A. B. Rodrigues. Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro, 22 de abril de 2022 (exposição permanente).
- Tradução consecutiva, por M. M. C. Silva, da conferência «O Teatro de Brecht», proferida por Olivier Neveux, no âmbito do ciclo «Teatro, Política e Resistência». Guimarães, Teatro Oficina, 23 de abril.
- Tradução consecutiva, por M. M. C. Silva, da conferência «Utopias em Cena», proferida por Olivier Neveux. Aveiro, Teatro Aveirense, 24 de abril.
- «As novas tecnologias no ensino das línguas – que ferramentas digitais no desenvolvimento de projetos colaborativos». Ação de formação dinamizada por A. A. DAS NEVES. Dirigida aos professores dos grupos 330 e 340. Organizada em conjunto com a APPA (Associação Portuguesa de Professores de Alemão). *Online*, de 26 de abril e 11 de maio.
- «Performing Refugees Experience in Europe». Painel no pré-evento à conferência internacional «Humanity/Humanities on the move», no âmbito do grupo de investigação EHUM2M, CEHUM Organização do painel: M. M. Silva. Univ. do Minho, 28 e 29 de abril (http://ceh.ilch.uminho.pt/ehum2m/?page_id=49&lang=pt).

Sessão de apresentação da longa-metragem *A História da Eternidade*, de Camilo Cavalcante, com intervenções do realizador e de João de Mancelos (UBI/CLLC), no âmbito do 5.º Congresso Internacional «Pelos Mares da Língua Portuguesa». Organização: A. M. Ferreira, C. Morais, M. F. Brasete & R. L. Coimbra. Univ. de Aveiro, DLC, 4 de maio.

Representação da peça de teatro *Duas mulheres e um teatro*, de Armando Nascimento Rosa, pelo grupo Teatro Maizum (a peça integra a obra *Duas peças com História(s)*, vencedora do 1.º Prémio Aldónio Gomes – 2012), no âmbito do 5.º Congresso Internacional «Pelos Mares da Língua Portuguesa». Organização: A. M. Ferreira, C. Morais, M. F. Brasete & R. L. Coimbra. CETA, 4 de maio.

«Aldónio Gomes. Retalhos de uma vida dedicada à Língua Portuguesa». Exposição no âmbito do 5.º Congresso Internacional «Pelos Mares da Língua Portuguesa», em colaboração com a Biblioteca da Universidade de Aveiro. Organização: A. M. Ferreira, C. Morais, M. F. Brasete & R. L. Coimbra. Univ. de Aveiro, Biblioteca da UA, 5 a 31 de maio.

«O Livro-Objeto: Metaficção, Hibridismo e Intertextualidade». VII Seminário Internacional de Investigação sobre o livro-objeto. Organização: A. M. Ramos. Univ. de Aveiro (DLC), 6 de maio.

«Língua, cultura e negócios no contexto ibérico». Jornada científica. Organização: R. R. Cérron. Univ. de Aveiro, DLC, 17 de maio.

«Lengua, cultura y negocios en el contexto ibérico». Conferência por F. J. Fidalgo Enríquez. Univ. de Aveiro, DLC, 18 de maio.

Sessão de lançamento do livro *Renascimento e Modernidade: releituras filosóficas*, de João Maria André. Apresentação: Mário Santiago de Carvalho. Organização: R. Grácio. Museu Nacional Machado de Castro, Coimbra, 19 de maio.

Routes of Ceramics, obra coordenada e editada por C. Morais e Y. Han. Apresentação por C. Morais, no âmbito da 46.ª Feira do Livro de Aveiro. 21 de maio.

«From Gift to Addi(c)tion. Death & Life in the Times of Receding Humanism». Conferência proferida por Marek Wojtaszek (Univ. de Lodz, Polónia). Organização: Grupo de «Género e *Performance*» do CLLC da Universidade de Aveiro. Univ. de Aveiro, DLC, 24 de maio.

«Symposium Approaches to machine translation, post-editing, and automated transcription». Organização: J. P. Silvestre & K. Herget. Univ. de Aveiro, 25 de maio.

- «I Symposium on Approaches to Machine Translation, Post-editing and Automated Transcription». Comissão organizadora: K. Herget, J. P. Silvestre & M. T. Alegre. Univ. de Aveiro, 26 de maio.
- «Chinese Bridge». 1.º concurso para alunos do ensino básico de Portugal. Organização: C. Morais, H. Ying, D. Henriques & A. B. Rodrigues. Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro, 28 de maio.
- «Les communs et les tiers-lieux pour vivre ensemble au XXIe siècle». Conferência por M. M. Silva, no âmbito do colóquio «Littérature familiale et communautaire en milieu rural». Univ. de Québec, Canadá (UQAR-Levis), 31 de maio.
- «XPERiMENTA 2022». Sessão de divulgação do Mestrado em Estudos Editoriais da Universidade de Aveiro junto dos estudantes do Ensino Secundário. Dinamização: C. M. Carrington. Univ. de Aveiro, *online*, 1 de junho.
- «XPERiMENTA 2022». Sessão de divulgação da Licenciatura em Línguas e Estudos Editoriais da Universidade de Aveiro junto dos estudantes do Ensino Secundário. Dinamização: A. M. L. Andrade. Univ. de Aveiro, *online*, 2 de junho.
- «XPERiMENTA 2022». Sessão de divulgação do Mestrado em Línguas e Relações Empresariais da Universidade de Aveiro junto dos estudantes do Ensino Secundário. Dinamização: A. M. Ramalheira. Univ. de Aveiro, *online*, 2 de junho.
- «Festival do Barco-Dragão». Mostra de cultura chinesa integrada no projeto de ensino de mandarim nas escolas do ensino básico de Espinho. Organização: C. Morais, H. Ying, C. Silva, D. Henriques & A. B. Rodrigues. Parque João de Deus e Largo Dr. José Salvador (Espinho), 11 de junho.
- «*Da Ucrânia com Amor*». Exposição fotográfica. Organização: A. V. Simões, G. Moreira & T. J. R. Oswald. Biblioteca da Universidade de Aveiro, 15 de junho a 15 de julho.
- «International Branding & Adaptation to Local Culture». Palestras dadas por Rodrigo Costa Gomes («Branding & Local Adaptation») & Jorge Pimenta («Expanding Businesses Abroad»), no âmbito da Unidade Curricular Inglês VI – Técnicas de Expressão para a Licenciatura em Línguas e Relações Empresariais. Organização: M. C. S. Gomes & T. J. R. Oswald. Univ. de Aveiro, DLC, 21 de junho.

- «Bosch: Hábitos e Costumes em Diferentes Culturas – somos assim tão diferentes?». Ação de formação. Organização: G. Moreira. Univ. de Aveiro, *online*, 22 de junho.
- «Visual Storytelling: From the Mural to the Digital». Conferência por D. Callahan, A. Barker & C. Sarmento, no âmbito do colóquio «International Conference on Visual Storytelling». Univ. de Aveiro, em colaboração com o Instituto Politécnico do Porto, 30 de junho a 1 de julho.
- «Lusobrasilidades». *Workshop*. Organização: I. C. Rodrigues, com o patrocínio do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro (com a participação de Isabel Cristina Mateus, Cândido Oliveira Martins e Marta Marques). Univ. de Aveiro, *online*, 1 de julho.
- «À descoberta de novos livros para pequenos leitores». Ação de formação promovida pela. Dinamização: A. M. Ramos. Biblioteca Municipal de Ílhavo, 9 de julho de 2022.
- «Com as palavras também se brinca». Sessão para o 5.º e 6.º anos, no âmbito da Academia de Verão (Programa «Letras e Números»). Dinamização: R. L. Coimbra & M. F. Brasete. Univ. de Aveiro, 12 de julho.
- «Da Ucrânia com amor». Exposição de fotografias e crónicas de guerra do fotojornalista Adriano Miranda, enviado especial do jornal *Público* à Ucrânia. Iniciativa do projeto «Globalização e Identidades» (CLLC). Comissão organizadora: A. Simões, G. Moreira & T. Oswald. Univ. de Aveiro (e posteriormente em várias escolas), 15 de julho.
- «Das! Was? Alemão aqui e ali!». *Workshop* dirigido a alunos do Ensino Secundário no âmbito da Academia de Verão. Dinamização: A. das Neves. Univ. de Aveiro, 18 de julho.
- «Jornal Plurilingue DLC: um projeto interdisciplinar e interativo». Póster apresentado por A. A. das Neves, P. Mastrangelo & N. Neef, no âmbito do Fórum Ensino Aprendizagem@UA / Teaching & Learning Forum@UA. Univ. de Aveiro, 20 de julho.
- Academia de Verão da Universidade de Aveiro (16.ª edição). Univ. de Aveiro, 11 a 22 de julho.
- Sessão de lançamento do livro *A democracia no seu momento apocalíptico*, de Manuel Maria Carrilho. Apresentação: José Miguel Júdice (Lisboa, Palácio das Galveias, 28 de setembro); Paulo Rangel (Porto, Teatro Nacional São João, 5 de novembro) & Francisco Mendes da Silva (Viseu, Palácio dos Silveiras, 12 de novembro). Organização: R. Grácio.

- «Representações de Aquiles na arte». Exposição no âmbito do Congresso Internacional «A fúria de Aquiles: as faces da guerra». Organização: A. M. Ferreira, A. M. Ramalheira, C. Morais, J. de Mancelos, M. F. Brasete & R. L. Coimbra. Univ. de Aveiro, 29 e 30 de setembro.
- «Ásia: o império das escritas». Exposição, integrada no Ciclo «Mandarin: literatura, património, tradições». Organização: C. Morais, C. Relva, C. Silva, D. Henriques & A. B. Rodrigues. Iniciativa resultante da parceria entre o Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro e a Câmara Municipal de S. João da Madeira. Biblioteca Municipal de S. João da Madeira, 19 de outubro a 25 de novembro.
- «Instances of Knowledge Communication – Translating and Communicating across Knowledge Asymmetries». Conferência por Jan Engberg (Aarhus University). Organização: K. Herget & M. T. Alegre. Univ. de Aveiro, 25 de outubro.
- «Instances of Knowledge Communication – Translating and Communicating across Knowledge Symmetries». Aula aberta pelo Prof. Jan Engberg (Aarhus University). Organização: A. Moreno, no âmbito dos Programas Doutorais em Tradução e Terminologia e em Ciências da Linguagem. Univ. de Aveiro, DLC, 26 de outubro.
- «Introdução ao Mandarin». *Workshop* dinamizado Sara F. Costa, no âmbito do ciclo «Mandarin: literatura, património, tradições» (Instituto Confúcio da Univ. de Aveiro em parceria com a Câmara Municipal de S. João da Madeira). Organização: C. Morais & C. Relva. Biblioteca Municipal de S. João da Madeira, 29 de outubro.
- Apresentação do livro *Poética não oficial* (tradução e seleção de Sara F. Costa) por C. Morais & C. Relva, no âmbito do ciclo «Mandarin: literatura, património, tradições». Iniciativa resultante de uma parceria entre o Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro e a Câmara Municipal de S. João da Madeira. Biblioteca Municipal de S. João da Madeira, 29 de outubro.
- «Relações entre Portugal e Marrocos (manifestações linguísticas, literárias e culturais)». Jornada organizada conjuntamente pelo Laboratorio de Investigación “Marruecos y el Mundo Ibérico e Iberoamericano” e pelo CLLC (projetos «Humanismo, Diáspora e Ciência» e «Línguas e Aprendizagens»). Membros da Comissão organizadora: A. Suisse & A. M. Andrade. Casablanca, Faculdade de Letras e Ciências Humanas *Aïn Chock* da Universidade Hassan II, 31 de outubro.

- «The Children's Book Market in Portugal and Poland». Seminário internacional. Organização: A. M. Ramos & E. Jamróz-Stolarska. Univ. de Aveiro (DLC), 4 de novembro.
- «Exploração de corpora comparáveis do séc. XX para o XXI: do papel ao computador». Aula aberta dinamizada pela Prof.^a Doutora Françoise Bacquellaine (Univ. do Porto). Organização: T. Alegre & K. Herget. Univ. de Aveiro, DLC, 8 de novembro.
- «Unternehmenskommunikation bei KIK Têxteis e Non Food, Unipessoal, Lda. – Deutsch am Arbeitsplatz». Aula aberta dinamizada pela Mestre Diana Teixeira (KIK), no âmbito da UC Alemão – Projeto de Aplicação, do Mestrado em Línguas e Relações Empresariais. Organização: K. Herget. Univ. de Aveiro, *online*, 15 de novembro.
- «Saramago e os contemporâneos». *Jornada de leitura crítica*. Coorganização: I. C. Rodrigues. Univ. de Aveiro (DLC), 18 de novembro.
- «Transformação no Leste – Vidas em transição». Exposição. Organização: K. Herget et al. Univ. de Aveiro, DLC, 18 de novembro a 16 de janeiro de 2023.
- «Construção e utilização de corpora – Recursos digitais para as línguas de especialidade». Aula aberta dinamizada pela Prof.^a Doutora Sílvia Araújo (Univ. do Minho). Organização T. Alegre & K. Herget. Univ. de Aveiro, DLC, 22 de novembro.
- «The Lost Child in Literature and Culture in English». Palestra de Mark Froud (Ph.D.), no âmbito da UC Literatura de Expressão Inglesa, do Mestrado em Ensino. Organização: M. S. Pimentel Biscaia. Univ. de Aveiro, DLC, 28 de novembro.
- «*Ide aprender! Formas de tratamento e cortesia nas práticas discursivas e na construção das relações interpessoais*». Conferência / Aula aberta dinamizada pela Prof.^a Doutora Isabel Roboredo Seara (Departamento de Humanidades da Universidade Aberta / Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa), no âmbito das UC Língua Portuguesa I e Linguística Textual. Organização: M. F. Brasete & R. L. Coimbra. Univ. de Aveiro, DLC, 23 de novembro.
- «Olhares transversais. Língua(s) e cultura(s) no âmbito ibérico/ Miradas transversales. Lengua(s) y cultura(s) en el ámbito ibérico». Jornada científica. Organização: F. J. Fidalgo Enríquez, T. Flores Pérez, N. Pérez & R. R. Cerrón. Univ. de Aveiro, 24 de novembro.

- «Aquilino Ribeiro e o turismo literário». Aula aberta pelo Dr. Paulo Neto. Organização: M. E. Pereira. Univ. de Aveiro, DLC, 25 de novembro.
- «Luz e Sombra. Representações da Idade Média no Cinema». Retrospectiva. Colaboração na organização: P. A. Pereira. Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 2 a 30 de dezembro.
- «Terra/Earth, Exposição Coletiva». Catálogo de M. S. Pimentel Biscaia. Casa da Cultura de Estarreja. Curadoria Leonor Metelo, 10 de dezembro a 21 Janeiro de 2023.
- «Traduzir as memórias coloniais da literatura portuguesa contemporânea». Mesa Redonda. Organização: F. Cammaert. Univ. de Aveiro (DLC), 15 de dezembro.
- «Narratives and Mobilities Representations of the Other in the Arts». Seminário dinamizado por Herman Bashiron Mendolicchio (University of Barcelona). Organização: G. Moreira. Univ. de Aveiro, 16 de dezembro.
- «O contacto da língua árabe com as línguas europeias: investigações interdisciplinares». Jornada científica no âmbito da celebração do Dia Mundial da Língua Árabe. Organização: A. Suisse. Universidade de Aveiro, *online*, 19 de dezembro.

RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro – Letras

A *RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro – Letras* foi fundada em 1984 pela direção do Departamento de Línguas e Culturas (DLC), então liderada pelo Prof. Doutor Albino de Matos, com o objetivo principal de divulgar trabalhos de investigação nos domínios da Literatura, Cultura e Ciências da Linguagem.

Sucessivamente dirigida por diversos docentes ligados à Comissão Científica do DLC, a *RUA-L* visa publicar textos de cariz essencialmente ensaístico em torno de temas vários, afetos às Ciências Sociais e Humanas, *lato sensu*, incluindo resultados de investigação desenvolvida no âmbito de cursos de Licenciatura, de Mestrado e de Doutoramento oferecidos pelo DLC.

A *RUA-L* propõe-se divulgar anualmente artigos de docentes e investigadores afetos não só ao Departamento de Línguas e Culturas, mas também a outras instituições ou centros de investigação portugueses e estrangeiros, estimulando, nos planos nacionais e internacionais, a reflexão, o diálogo, a cooperação e o desenvolvimento de atividades científicas em rede.

Publica anualmente um volume temático na área das Humanidades e das Ciências Sociais com artigos inéditos em português, inglês, francês, alemão ou espanhol (*vd.* Normas de Aceitação / Publicação), sujeitos a uma avaliação prévia duplamente cega por parte de uma Comissão Científica / Arbitragem, constituída por investigadores e docentes afetos à Universidade de Aveiro e a outras instituições de Ensino Superior e centros de investigação portugueses e estrangeiros.

Aberta assim à participação de todos os interessados, a *RUA-L* privilegiará artigos de investigação e leituras críticas assentes em perspetivas de abordagem e métodos atuais. Avesa a escolas ou a qualquer proselitismo de índole política, ideológica ou religiosa, a *RUA-L* orienta-se apenas por critérios de qualidade científica e de tolerância, no respeito pela pluralidade de pontos de vista.

A *RUA-L* está associada ao Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

ISSN: 0870-1547 | E-ISSN: 2183-4695

Editora: UA Editora.

Website: <https://proa.ua.pt/index.php/rua1>

A *RUA-L* adota a licença Creative Commons BY 4.0.

A *RUA-L* está indexada no RCAAP e no OpenAIRE e está em processo de indexação nas seguintes bases de dados: DOAJ, ERIHPLUS, LatIndex, SCOPUS, SHERPA/RoMEO e Web of Science.

RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro – Letras

The *RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro/Letras* was founded in 1984 (ISSN: 0870-1547) by the Chairman of the Department of Languages and Cultures (DLC), Professor Albino de Matos, with the purpose of publishing scholarship on issues related to Literature, Culture, and Linguistics.

The *RUA-L* journal aims at publishing mostly scholarly essays within the Social Sciences and the Humanities while keeping track of the research conducted in the degree programs offered at this institution both at an undergraduate and graduate levels.

The *RUA-L* journal aims at publishing, once a year, essays submitted by scholars who are associated with the research centers based at the DLC or by scholars from other institutions as well as those affiliated with other national or international research centers so as to enhance academic dialogue while fostering a network of cooperation and development both at a national and international levels.

Open to the participation of a worldwide academic community, the *RUA-L* encourages scholarly submissions which enhance contemporary models of critical inquiry and scope. A publication exempt from any political, ideological or religious affiliation, the *RUA-L* is imbued with the mission of fostering a spirit of tolerance and academic excellence while encouraging a plurality of points of view.

RUA-L is associated to the Department of Languages and Cultures of the University of Aveiro.

E-ISSN: 2183-4695 | ISSN: 0870-1547

Publisher: UA Editora.

Website: <https://proa.ua.pt/index.php/rual>

RUA-L adopts the Creative Commons BY 4.0 license.

RUA-L is indexed in RCAAP and OpenAIRE and is in the process of being indexed in the following databases: DOAJ, ERIHPLUS, LatIndex, SCOPUS, SHERPA/RoMEO and Web of Science.

Normas de Submissão e de Publicação

1. Condições para Submissão

A revista organiza-se em volumes temáticos anuais. Propõe-se publicar apenas artigos inéditos em português, inglês, francês, alemão ou espanhol (*vd.* Normas de Aceitação / Publicação), sujeitos a uma avaliação prévia duplamente cega por parte de membros de uma Comissão Científica / Arbitragem, constituída por investigadores e docentes afetos à Universidade de Aveiro e a outras instituições de Ensino Superior e centros de investigação portugueses e estrangeiros.

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os pontos listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

Os artigos publicados (originalmente inéditos) poderão, se os respetivos autores assim desejarem, surgir noutras revistas ou livros, desde que estes incluam a referência bibliográfica completa da sua publicação prévia na RUA-L.

Esta revista não cobra encargos de processamento nem de submissão de artigos.

2. Normas de Publicação

A *RUA-L* segue basicamente o modelo de referências bibliográficas da APA (American Psychological Association).

Convém, contudo, atentar nos seguintes aspetos:

2.1. Formatação dos artigos

Os textos devem ser apresentados em formato digital (*Word for Windows*, ou programa compatível), em letra *Times New Roman*, de tamanho 12 (com exceção das notas, de tamanho 10), com espaçamento de 1,5 entre linhas e parágrafos. As páginas devem ser configuradas no formato A4, com 3 cm nas margens superior e esquerda e 2 cm nas margens inferior e direita.

2.1.1. Extensão

Cada artigo, configurado no formato acima indicado, deve ter no máximo 17 páginas.

2.1.2. Organização

A apresentação de cada artigo (ver volumes já publicados *online* e em papel) deve obedecer à seguinte sequência:

- Título – centrado

- Autor(es) – centrado
- Instituição de Ensino e/ou Centro de Investigação a que está(ão) ligado(s) o(s) autor(es) – em nota de rodapé, afeta ao nome do(s) autor(es)
- Palavras-chave – até 6 palavras, justificadas à esquerda, no idioma do artigo, em português e em inglês, logo a seguir ao nome do(s) autor(es)
- Resumo – máximo de 200 palavras, em português e em inglês, no final do artigo
- Referências bibliográficas – apenas de obras, de artigos e de outros trabalhos referenciados no texto.

2.2. Critérios de apresentação gráfica e referenciação bibliográfica (por ordem alfabética)

Citações: até três linhas, incorporar as citações no texto, entre aspas. Se o texto for escrito em português, usar «...», em alemão, »...« ou „...”. Recolher as citações mais extensas: 1 cm à esquerda e à direita, em letra *Times New Roman*, tamanho 12, sem aspas.

Quando a tradução da citação for incorporada no texto, colocá-la entre aspas, seguida do original entre parênteses retos (sem utilizar novamente aspas).

Ilustrações / Gráficos: numerar e legendar.

Interpolações / Omissões: identificar as interpolações por meio de parênteses retos [...]. Se uma omissão num texto citado se encontrar já no original, usar reticências entre parênteses curvos (...).

Itálico: usar itálico para expressões em línguas estrangeiras e para títulos de livros, revistas ou jornais.

Notas: formatar em *Times New Roman* 10 e espaço simples em rodapé, com a numeração seguida. Colocar o algarismo que remete para a nota depois do sinal de pontuação.

Numeração das páginas: inserir no canto inferior direito.

Parágrafos: no início de cada parágrafo, introduzir um espaço de 1,25 cm.

Parênteses: dentro dos parênteses retos pôr curvos: [(...) texto]. *Vd.* igualmente, *supra*, «Citações».

Referências bibliográficas:

a) No corpo do texto: entre parênteses curvos, indicar o apelido do autor, seguido de vírgula, data da publicação, seguida de vírgula, e número de página (p. 15 / pp.15-16).

Exemplos: (Santos, 2007, p. 15); (Martins / Polónio, 1985, p. 35); (Ribeiro et al., 1973, pp. 25-30)

No caso de haver muitas remissões seguidas para a mesma obra, deverá indicar-se apenas *ibid.*, seguido da indicação da(s) página(s). Exemplo: (*ibid.*, p. 350).

Quando o nome do autor precede imediatamente a referência bibliográfica, indicar apenas entre parênteses as datas e páginas. Exemplo: ... como refere António Santos (2007, p. 15).

Se se tratar de uma citação indireta, preceder a indicação de *apud*. Exemplo: *apud* Melo, 2002, p. 55.

Se se tratar de uma paráfrase, preceder a indicação de cf. Exemplo: cf. Monteiro, 2018, pp. 11-14.

b) Em lista única no final do texto (nas «Referências bibliográficas»), apresentar por ordem alfabética de apelidos dos autores e, no caso de várias obras do mesmo autor, por ordem alfabética das respetivas obras, com indicação da cidade, da editora e das páginas (estas nos casos de artigos).

Exemplos (de monografias, coletâneas, antologias de estudos, revistas, dicionários, textos *online*...):

– Ramalheira, A. M. P. (2002). *Alcácer Quibir e D. Sebastião na Alemanha. Representações Historiográficas e Literárias (1578-ca. 1800)*. Coimbra: MinervaCoimbra / CIEG / Universidade de Aveiro.

– Martines, E. (ed.) (1998). *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

– Coelho, M. H. da C. / Homem, A. L. de C. (eds.) (1999). *A Génese do Estado Moderno no Portugal Tardo-Medieval (Séculos XIII-XV)*. Ciclo temático de conferências organizado pela Universidade Autónoma de Lisboa no ano letivo de 1996/97. Lisboa: Universidade Autónoma Editora.

– Mingocho, M. T. D. / Gil, M. de F. / Castendo, E. (coords.) (2011). *Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Manuela Gouveia Delille*. 2 vols. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / CIEG / Edições MinervaCoimbra.

– Diogo, A. T. (1991). O Cavalo de Sol, *Colóquio de Letras*, Lisboa, n.ºs 121-122, Julho/Dezembro, pp. 258-259.

– Schulze, H. (1997). *Estado e Nação na História da Europa*. Trad. de M. A. Júdice e A. Hall. Lisboa: Presença. [Ed. original: (1992), *Staat und Nation in der europäischen Geschichte*. München: Beck].

– Mexia, P. (2011). Parque da Pena, *Expresso / Atual*, 10-09, n.º 2028, p. 3. URL: <http://aeiou.expresso.pt/parque-da-pena=f672148> (Acesso em....).

– Lucas, I. (2007). Saramago acusado de ser “incapaz de defender Portugal”, *Diário de Notícias*, 16.07. URL: <http://dn.sapo.pt> (Acesso em....).

c) Na indicação de artigos de autores vários inseridos num mesmo volume: abreviar as referências bibliográficas. Exemplo: Silva, R. (2007). John Steinbeck and Ernest Hemingway's Attitudes towards Otherness, in: George, S. K. / Heavilin, B. A. (eds.), *John Steinbeck and His Contemporaries*. Lanham / Maryland: The Scarecrow Press, pp. 69-76.

d) Duas ou mais referências do mesmo autor e do mesmo ano: acrescentar à data as letras a, b, etc. A data da primeira obra indicada de um mesmo autor deve ser seguida da letra a.

e) As datas da primeira edição, se relevantes, poderão ser indicadas. Incluir estas indicações no fim da respetiva referência, entre parênteses retos. Exemplo: [2.^a ed., 1999].

Remissões: no próprio texto; usar as expressões latinas consagradas (cf. *supra*...) (cf. *infra*...) em itálico.

Títulos: centrar o título do artigo a negrito, em *Times New Roman*, tamanho 14.

Os títulos dos livros em itálico e o dos artigos entre aspas. O tipo de aspas dependerá da língua usada no texto (vd. *supra* Citações).

Os títulos de obras constantes do título de um artigo devem vir em itálico.

Traduções: na tradução das citações, inserir uma linha de separação entre a citação e a respetiva tradução. Quando a tradução da citação for incorporada no texto, deve ser colocada a seguir ao original entre parênteses retos, sem utilizar novamente aspas (vd. *supra* Citações).

Sobre referências bibliográficas de traduções, vd. *supra* Referências bibliográficas.

Submission and publication guidelines

1. Conditions for Submission

Each volume of this journal will feature an annual special topic. It aims at publishing original scholarship – in either Portuguese, English, French, German or Spanish (see Submission and publication guidelines) – firstly subject to a double blind peer review process by appointed members of the Scientific Committee/Peer Review Panel, composed by researchers and instructors affiliated with the University of Aveiro and by other Portuguese or foreign institutions of higher learning and research centers.

As part of the submission process, authors are required to verify the compliance of the submission for all items listed below. Submissions that are not compliant will be returned to the authors.

The articles (originally unpublished) may, if their authors so wish, appear in other journals or books, provided they include the complete bibliographic reference of their previous publication in *RUA-L*.

This journal does not have article processing (APCs) nor submission charges.

2. Publication standards

The *RUA-L* follows the APA (American Psychological Association) bibliographic reference model.

However, attention should be paid to the following aspects:

2.1. Formatting

The texts must be presented in digital format (Word for Windows, or compatible program), in font Times New Roman, size 12 (with the exception of notes, size 10), with 1.5 spacing between lines and paragraphs. The pages should be configured in A4 format, with 3 cm in the upper and left margins and 2 cm in the lower and right margins.

2.1.1. Extension

Each article, configured in the above format, should have a maximum of 17 pages.

2.1.2. Organization

The presentation of each article (see volumes already published online and on paper) should follow the following sequence:

- Title – centered

- Author(s) – focused
- Educational Institution and/or Research Centre to which the author(s) is (are) attached – in footnote, linked to the name of the author(s)
- Keywords – up to 6 words, left justified, in the article language, in Portuguese and in English, right after the author(s) name(s)
- Abstract – maximum of 200 words, in Portuguese and English, at the end of the article
- Bibliographical references – only of works, articles and other works referenced in the text

2.2. Criteria for graphical presentation and bibliographic reference (in alphabetical order)

Bibliographic references:

a) In the text: in parentheses, include the author's surname/last name, followed by a comma, date of publication, followed by a comma and the page number.

Examples: (Santos, 2007, p. 15); (Martins / Polónio, 1985, p. 35); (Ribeiro et al., 1973, pp. 25-30)

- In case of a sequence of the same reference, should be used only *ibid.*, followed by the number of the page(s). Example: (*ibid.*, p. 350).

- When the author's name is mentioned right before the bibliographic citation, simply indicate the dates and page numbers in parentheses.

Example: ...as noted by António Santos (2007, p. 15).

- If the material was quoted elsewhere (indirect quote), precede it by *apud*. Example: *apud* Melo, 2002, p. 55.

- In case of a paraphrase, precede it by *cf.* Example: (*cf.* Ramalheira, 2000, p. 505).

b) Bibliographic references should be listed in alphabetical order at the end of the text (in the "Bibliographical references"). In the case of several works by the same author, in alphabetical order of their respective works, with an indication of the city, publisher and pages (these in the case of articles).

Examples (monographs, collections, anthologies, journals, dictionaries, online texts):

Ramalheira, A. M. P. (2002). *Alcácer Quibir e D. Sebastião na Alemanha. Representações historiográficas e literárias (1578-ca. 1800)*. Coimbra, MinervaCoimbra / CIEG / Universidade de Aveiro.

Martines, E. (ed.) (1998). *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença*. Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Coelho, M. H. da C. / Homem, A. L. de C. (eds.) (1999). *A Génese do Estado Moderno no Portugal Tardo-Medieval (séculos XIII-XV). Ciclo Temático de Conferências Organizado pela Universidade Autónoma de Lisboa no Ano Lectivo de 1996/97*. Lisboa: Universidade Autónoma Editora.

Mingocho, M. T. D. / Gil, M. de F. / Castendo, M. E. (coords.) (2011). *Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Manuela Gouveia Delille*. 2 vols. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / CIEG / MinervaCoimbra.

Diogo, A. T. (1991). O Cavalo de Sol. *Colóquio de Letras*, Lisboa, n.ºs 121-122, Julho/Dezembro, pp. 258-259.

Schulze, H. (1997). *Estado e Nação na História da Europa*. Trad. de M. Augusta Júdice e A. Hall. Lisboa: Presença. [Ed. original: (1992). *Staat und Nation in der europäischen Geschichte*. München: Beck].

Mexia, P. (2011). Parque da Pena. *Expresso / Atual*, 10-09, n.º 2028, p. 3. URL: <http://aeiou.expresso.pt/parque-da-pena=f672148> (Acesso em...).

Lucas, I. (2007). Saramago acusado de ser “incapaz de defender Portugal”. *Diário de Notícias*, 16.07. URL: <http://dn.sapo.pt> (Acesso em...).

c) When referring to articles with multiple authors in a collection of essays, abbreviate the bibliographical references. Example: Silva, R. (2007). John Steinbeck and Ernest Hemingway's Attitudes towards Otherness. In George, S. K. / Heavilin, B. A. (eds.), *John Steinbeck and His Contemporaries*. Lanham / Maryland: The Scarecrow Press, pp. 69-76.

d) When there are two or more references of the same author and the same year, add to the date the letters a, b, etc. The date of the first work by the same author must be followed by the letter a.

e) The dates of the first edition, if relevant, may be indicated. Include these indications at the end of the respective reference, in square brackets. Example: [2nd ed., 1999].

Ellipses: highlight ellipses by way of using square brackets [...]. When an original text that was quoted includes an ellipsis, use three dots inside square brackets [...]. Foreground any omissions using three dots inside square brackets [...].

Footnotes: Times New Roman, font 10, single spaced, and numerated sequentially. The superscript number for the footnote should appear right after the punctuation mark.

Identification: each author must indicate which institution he or she is affiliated with.

Illustrations / Graphs: numbered and with an explanatory caption.

Italics: italicize phrases in foreign languages and titles of books, journals, newspapers and other published works.

Number of pages: texts should not exceed 17 pages, including the notes and the bibliography.

Page numbers: these should appear on the lower right hand side.

Paragraphs: paragraphs in the entire essay should be indented 1.25 cm.

Parentheses: use parentheses inside square brackets [(...) text]. See information in the Quotes section.

Quotes: up to three lines, run the quote along with the text using quotation marks; longer ones should be indented (1 cm from both the left and right hand margins), Times New Roman, font 12, without quotation marks. If the text is written in Portuguese, use «...», in English or any other language »...« or "...".

Quoted material which has been translated must be followed by the original quote in parentheses (without quotation marks).

References: to something already alluded to: inside the body of the text, use the appropriate Latin phrases (cf. / *vd. supra*, cf. / *vd. infra*) in italics.

Titles: please center the title of the paper in bold letters, Times New Roman, font 14, followed by the respective English translation.

Titles of books are italicized and titles of articles are in quotation marks. The use of quotation marks depends on the language in which the paper has been written (see Quotes above). Titles of books included in the title of an article should be italicized.

Translations: in the translation of the quotations, insert a line between the quotation and the respective translation. When the translation of the quotation is incorporated into the text. When the translation of the quotation is incorporated into the text, it should be placed after the original in square brackets, without using quotation marks again (see above Quotations). On bibliographical citations of translations, please see Bibliographical references above.

Chamada de artigos para a RUA-L (2023)

O Papel das Indústrias Criativas nas Relações e Mercados Internacionais

Data limite para a submissão de artigos: 30 de novembro de 2022

Coordenador: André Rui Graça

Enviar submissão de artigos para o seguinte endereço eletrónico: fjfe@ua.pt

Áreas temáticas: Indústrias Criativas; Marketing; Relações Internacionais; Sociologia da Cultura; Economia da Cultura; Interculturalidade; Estudos Culturais.

A presente chamada de artigos pretende captar textos que trabalhem na interseção entre os campos das indústrias criativas e das relações internacionais, interligando-os. Neste caso, assumem-se conceções expandidas de indústrias criativas (tais como: cinema e audiovisual, artes performativas, artes visuais, literatura e design) e de relações internacionais (vertentes de relações negociais, culturais, políticas, sociais, entre outras). O objetivo é promover reflexão em torno das formas como estes dois tópicos, normalmente acantonados no seu âmbito disciplinar, se têm relacionado na prática e como teoricamente se poderão vir a articular no futuro.

Por um lado, as indústrias criativas têm sido um espaço de acolhimento de manifestações de interculturalidade, levando ao esbatimento do quadro de referência que ainda hoje são as nações enquanto “espaços culturais” (e.g. português, alemão, britânico, etc...). Por outro lado, as proveniências afiguram-se enquanto “marcas”, com todas as ramificações que essa categoria implica (nomeadamente: características associadas, prestígio, peso cultural, valor nos mercados internacionais, relação centro/periferia, etc...). Com efeito, os produtos culturais parecem ter a capacidade de moldar a imagem que os indivíduos de um país criam a propósito de outros países e sociedades. Mais ainda, é, também, cada vez mais relevante discutir e investigar as dinâmicas internas da produção cultural de cada país, bem como o seu direcionamento e acolhimento (doméstico ou internacional) e a capacidade de enfoque sobre realidades e idiosincrasias locais. O questionamento destas tensões e relações é importante não só para compreender os circuitos internacionais e a forma como estes valorizam silos ou plataformas de transdisciplinaridade e interculturalidade, como também para explicar o modo como os mercados e as sociedades

constroem significâncias e significados em torno dos produtos culturais e os agregam a um contexto mais vasto – normalmente associado a uma nacionalidade, ou espaço cultural.

Procuram-se textos originais que abordem as formas como os produtos das indústrias criativas se interligam com o âmbito mais vasto das relações internacionais e da sua circulação pelos mercados – domésticos, regionais ou globais. As propostas podem abordar assuntos presentes, propor perspectivas de futuro ou dar conta de fenómenos/eventos históricos.

Todos os manuscritos são submetidos a uma avaliação prévia duplamente cega por parte de membros de uma Comissão Científica / Arbitragem, constituída por investigadores e docentes afetos à Universidade de Aveiro e a outras instituições de Ensino Superior e centros de investigação portugueses e estrangeiros. A RUA-L publica um volume anual, em papel e em modo eletrónico de acesso aberto, sem custos acrescidos para autores e leitores.

As seguintes línguas podem ser utilizadas para a submissão de manuscritos: português, inglês, alemão, espanhol e francês. (*vd.* Normas de Aceitação / Publicação).

Call for papers (2023)

The Role of Creative Industries in International Relations and Markets

Deadline for submission of papers: November 30, 2022

Coordinator: André Rui Graça

Submit papers : fjfe@ua.pt

Thematic areas: Creative Industries; Marketing; International Relations; Sociology of Culture; Cultural Economics; Interculturality; Cultural Studies.

This call for papers intends to capture texts that work at the intersection between the fields of creative industries and international relations, interconnecting them. For this issue, expanded concepts of creative industries (such as cinema and audiovisual, performing arts, visual arts, literature and design) and international relations (business, cultural, political, social, among others) will be assumed. The overriding goal is to reflect on how these two topics, normally contained within their disciplinary scope, have been related in practice and how they could theoretically be articulated in the future.

On the one hand, the creative industries have harboured manifestations of interculturality, thus leading to the fading of the “national” and “cultural spaces” frames of reference (e.g. Portuguese, German, British, etc...). On the other hand, the origin of a specific product appears as a “brand”, with all the ramifications that this category implies (namely: associated characteristics, prestige, cultural weight, value in international markets, centre/periphery relationship, etc...). Indeed, cultural products seem to be able to shape the images that people from abroad have about certain countries and societies. Furthermore, it is also increasingly relevant to discuss and investigate the internal dynamics of each country’s cultural production, as well as its direction and reception (domestic or international) and the ability to focus on local realities and idiosyncrasies. Questioning these tensions and relationships is essential not only to understand international circuits and the way they value silos or platforms of transdisciplinary and interculturality but also to explain how markets and societies construct significance and meanings around cultural products and add them to a wider context – usually a nationality, or cultural space.

We seek manuscripts that address how the products of the creative industries interconnect with the wider scope of international relations and domestic, regional and global markets/circulation. Proposals can address current issues, propose future perspectives or provide accounts of past phenomena/events.

All manuscripts are subjected to a prior double-blind evaluation process by members of a Scientific/Arbitration Committee, made up of researchers and professors from the University of Aveiro and from other Portuguese and international higher education institutions and research centres. RUA-L publishes an annual volume, in paper and in open access electronic mode, at no cost to authors and readers.

Manuscripts may be submitted in the following languages: Portuguese, English, German, Spanish and French. (See Acceptance/Publication Rules).